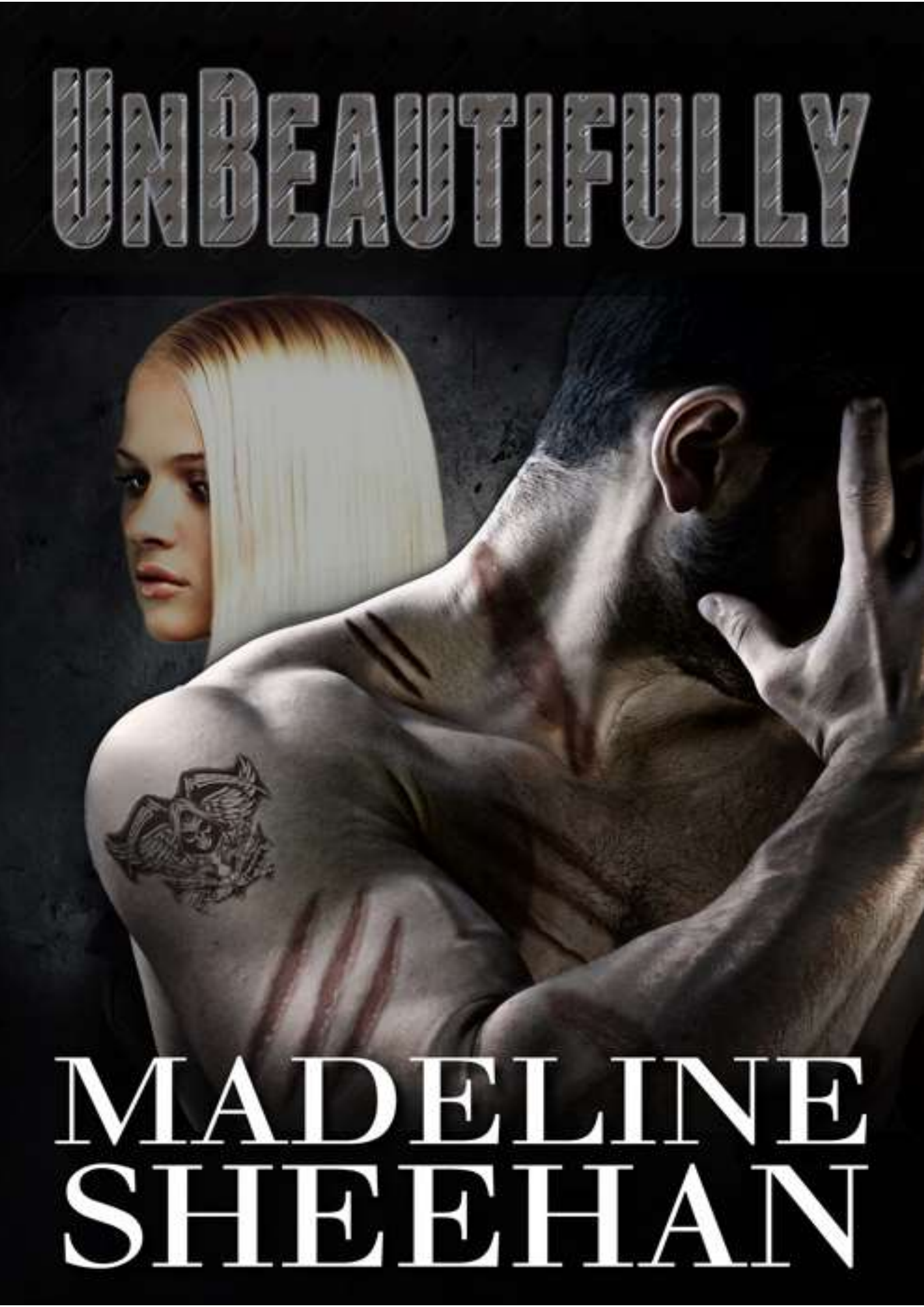
UnBeautifully



MADELINE SHEEHAN

ABOMINÁVEL

Inegável 2

Madeline Sheehan



Envio: Soryu

Tradução: Cartaxo

Revisão Inicial: Emilia Firmino, J., Ju Pompeo, Rayssa, Gladys

2ª Rev. Inicial: Gi Vagliengo

Revisão Final: Dani Marjorie

Leitura Final: Luisinha

Formatação: Cartaxo



Resumo

Aviso: Esta não é uma história sobre o destino. Esta é uma história sobre a dor, tristeza e sofrimento. Este é um rápido romance impulsivo entre dois amantes que não estão destinados a ficar juntos. A eles não é destinado um mundo de sol e rosas. Em vez disso, seu amor floreceu em um mundo secreto cheio de crime, violência e morte. A história é sobre o que pode nascer de pesadelos.

Danielle — Danny West é a filha de Deuce West, presidente do Moto Clube Cavaleiros do Inferno. Uma menina doce e bonita, ela perde seu caminho em busca de coisas que estão sempre fora de seu alcance. Erik — Ripper — Jácobs é o Sargento de Armas dos Cavaleiros do Inferno. Uma vez um homem que sempre tinha um sorriso no rosto, sua vida dá uma guinada para o pior quando uma tragédia se abaté sobre ele, deixando-o cheio de cicatrizes e quebrado. Durante uma noite de verão, os caminhos de Danny e Ripper se cruzam, mudando para sempre suas vidas. Apressadamente, seu desejo se transforma em amor até que outra tragédia os atinge. Em uma viagem que está marcada com a feiúra e o caos, Danny e Ripper devem descobrir se sua conexão improvavel pode encontrar beleza em seu mundo.

Esta é a história de Danny e Ripper.

Tudo tem beleza. Mesmo o feio. Especialmente o feio.

Porque sem feio, não haveria beleza.

Nota aos leitores

Abominável começa onde o epílogo de Inegável termina. A história então recua para os anos que se passaram entre o último capítulo e o epílogo de Inegável e continua até o presente. Divirta-se!

Agradecimentos

Agradecimentos especiais a:

Jovana na edição imprevistas;

Alyssa a precisão Copyediting e Revisão por Alyssa;

Pam Berehulke de edição Bulletproof;

Amanhecer, Meredith, e Kim em Anjos do autor;

Christina em cocaína e Cupcakes Livro Blog (garota, você balança minhas meias);

Jenny & Gitte em Totalmente Reservado;

Neda e as meninas na SubClub Livro Blog;

As meninas na Primeira Classe Livros;

Sali P. e Amy E;

Karinna B. e cristal C;

Todos os meus bebês em Babes Grupo de Deuce;

Griffin AKA The Hulk AKA Madaliffin, e todos os seus Griffettes;

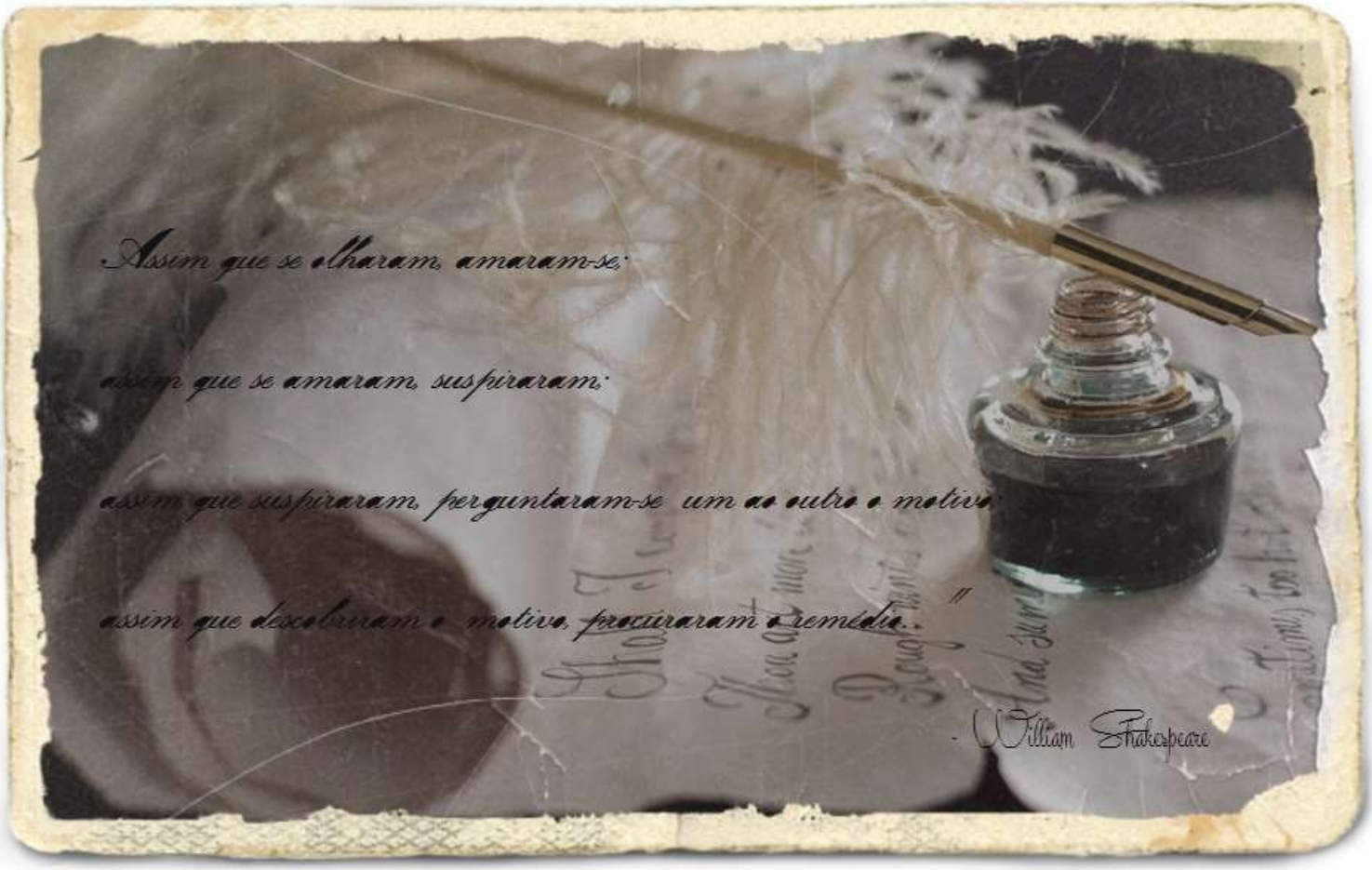
Meu grupo de escritores: Ana, Antoinette, Barbie, Calia, Cindy, Claribel, Elaine, Emma, Emmy, Gail, Karina, Katjá, as duas Lauras, LB, as duas Melissas, Michelle, Mimi, as duas Nikkis, Rose, Stacey, Syreeta e Trevelyn (não é ninguém tem tempo para dat!);

Os Labsters! (Foi divertido enquanto durou!);

Minhas meninas fabulosas: Courtney, Ellie, a urzes (Maven e Pará), Hillary, e Virgínia;

Marissa e meus dois Danielles, para as bebidas, jántares e filmes, para manicures, pedicures, e fofocas, para bagels e sorvetes e ouvir-me chorar, reclamar, e puta, mas principalmente por estar lá, não importa o quê;

E a minha família, pelo seu amor incondicional e apoio contínuo.


Assim que se olharam, amaram-se.
Assim que se amaram, suspiraram.
Assim que suspiraram, perguntaram-se um ao outro o motivo.
Assim que descobriram o motivo, procuraram o remédio.
- William Shakespeare


Por Favor Não Publicar Nossos Arquivos no Facebook
Se você viu algum livro do PL no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.
Se você gosta dos livros do PL ajude!!!
Quem gosta, respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no Face, expondo o grupo de forma desnecessária!


NÃO ACEITAREMOS RECLAMAÇÕES SOBRE AS TRADUÇÕES DO GRUPO! SE NÃO GOSTOU, LEIA O LIVRO NO IDIOMA ORIGINAL
Equipe Pegasus Lançamentos

Aviso

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo *Pégaus Lançamentos* de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

PRÓLOGO

Eu não acredito em destino. Acredito firmemente que a vida é o que você faz dela, que a vida vai reagir a suas ações, e que o seu destino final não tem nada a ver com o destino, mas em vez disso tudo a ver com as escolhas que você faz ao longo do caminho.

Com uma exceção.

Amor.

Não existem regras quando se trata de amor.

O amor não é uma reação ou uma ação, e nem uma escolha do destino.

O amor é um sentimento, uma emoção real, cru, e de modo improvisado sensacionalmente puro, incapaz de ser maçante, mesmo sob a pressão do mundo contra ele, forte o suficiente para curar o que foi quebrado e aquecer o mais frio dos corações.

Inato.

Inevitável.

Inegável.

E, às vezes, o amor não é convencional e quebra todas as regras, ultrapassa todas as linhas e se deleita em sua gloria. Assumidamente tão brilhante quanto o sol, mesmo sob os olhares e opiniões da sociedade, a moral hipócrita, repreendendo e julgando o que não entende.

A primeira vez que eu me apaixonei, foi por um par de olhos azuis e um sorriso largo e covinhas.

— Seu velho ama você, pequena Danny — ele sussurrou. — Você nunca, nunca se esquecerá disso, não é?

Eu nunca o fiz. E eu nunca pensei que poderia amar alguém tanto quanto amava meu pai. Mas à medida que crescemos, mudamos, começamos a tomar nossas próprias decisões e, assim, tornamo-nos independentes e

autossuficientes, e começamos a nos afastar de nossos pais e nos voltamos para outros. Começamos a experimentar a vida fora da bolha em que crescemos, e formamos amizades, laços fortes e inquebráveis.

E nos apaixonamos... pela segunda vez.

A segunda vez que eu me apaixonei foi por um rosto com cicatrizes, a essência dos pesadelos, o tipo de deformação que as mães orientam seus filhos a ficar longe. Feio, barras irregulares marcavam a pele a partir do topo de seu crânio, para baixo sobre o olho direito, um olho que tinha sido cavado de seu rosto com uma lâmina serrilhada. As cicatrizes continuavam por seu rosto, nos lábios e no seu pescoço, terminando no topo de seu ombro. Seu peito era cem vezes pior, tantas cicatrizes, tanto quanto os olhos podiam ver.

— Baby — ele disse rispidamente. — Um homem como eu não tem negócios com uma garota como você. Você é nada além de merda de beleza e tenho um monte de merda feia, o que já é meio caminho para o inferno.

Mas ele estava errado.

Tudo tem a beleza. Mesmo o feio. Especialmente o feio.

Porque sem feio, não haveria beleza.

Porque sem beleza, não sobreviveríamos a dor, e ao nosso sofrimento.

E no mundo em que vivi o mundo em que ele vivia, um mundo secreto de crime constante e crueldade, um mundo frio cheio de desespero e morte, não havia quase nada, mas somente o sofrimento.

— Você pode não ser lindo do jeito que era antes — eu sussurrei, tocando seu rosto arruinado. — Mas você ainda está bonito para mim.

O nosso, foi o mais distante possivel da imagem perfeita de um romance, era mais como um acidente de carro, um desastre de sangue e metal retorcido, que não deixara sobreviventes, apenas lembranças ruins e dor de cabeça.

Mas era nosso.

E porque era nosso... eu não mudaria nada.

Capítulo um

Deslizando sobre um par de óculos de sol, saí do clube para o brilhante sol do meio dia de Montana e examinei o quintal onde a minha família, ambos relacionados por sangue ou não, estavam desfrutando de um churrasco. Se o sol estava brilhando e o clima decente, esta era a forma como o Miles City, Montana, Motoclube Cavaleiros do Inferno, ou MC, aproveitava sua tarde de sábado.

As vozes de Willie Nelson, Waylon Jennings, Johnny Cash e Kris Kristofferson cantavam a letra de "Highwayman" através dos alto-falantes, os aromas de carne flutuando tentandoramente pela cozinha ao longo da brisa morna, e as crianças correndo pela praia brincando com bolas infláveis e armas de água.

Meu pai, Deuce, presidente dos Cavaleiros, se acomodou durante a festa, bebendo cerveja com seu sogro, Damon "Pregador" Fox, presidente do notório Demonios de Prata Motoclube de Nova York. Do outro lado do quintal, a minha madrasta Eva, com suas amigas Kami e Dorothy, e alguns motociclistas e suas senhoras conversavam.

Fui falar com meu pai.

— Ei, querida — disse ele, passando seus braços pesados sobre meus ombros e me puxando para um abraço, esmagando meu rosto contra seu colete de couro, mais velho em idade do que em uso.

O cheiro de fumaça de moto, couro manchado de suor, e fumaça de cigarro encheram minhas narinas e eu respirei fundo. Eu adorava aquele cheiro. Era o cheiro da minha infância, o cheiro de segurança e casa.

Minha primeira lembrança era de ter três anos de idade, o metal das asas de uma Harley Davidson brilhando a luz do sol, o forte cheiro da fumaça de escapamento, nuvens de fumaça de cigarro, a camisa branca manchada de amarelo pelo suor velho, o odor amargo do álcool enchendo minhas narinas, o gasto e rachado couro macio contra minha bochecha, mãos manchadas de graxa me levantando no ar, acompanhado por altas gargalhadas.

Eu sorri para o meu pai. — Amo você, papai.

Sorrindo, ele plantou um grande beijo molhado na minha testa.

Mesmo aos cinqüenta e três anos, meu pai era um grande cara bonito. Ele era alto e largo, musculoso, com um par de olhos azuis cintilantes de gelo idênticos aos meus. Seu cabelo grisalho era comprido e loiro, geralmente puxado para trás, e uma barba curta emoldurava seu rosto. Mas era o seu sorriso que lhe causava problemas. Meu pai sorria e as mulheres desmaiavam.

Honestamente, eu não tinha ideia de como Eva lidava com toda a atenção feminina que ele recebia no clube. Sempre que eu perguntava, ela sempre dava de ombros e dizia: - É típico.

Eva e eu eramos garotas motociclistas, mas Pregador a criou dentro de seu motoclube, ao lado de seus meninos e eu, eu fui criada em casa. Eu freqüentava o clube na ocasião, mas não tinha me tornado integrante do estilo de vida, até que meu pai trouxe Eva para casa com ele, grávida da minha irmã mais nova, Ivy, cerca de cinco anos atrás. E foi então, que tudo mudou.

Por causa de Eva, fui capaz de começar a gastar mais tempo no clube, finalmente tendo a chance de conhecer os homens que eu conhecia durante toda a minha vida, mas nunca tinha tido a chance realmente até agora. Eu tinha estabelecido relações com todos eles, Tap, Balde, ZZ, Marsh, Falcão, Mick, Freebird, Cox, Blue, Chip, Worm, Dimebag, Dirty, e Jase. E também Danny Dom e Danny L., que, por terem o mesmo nome que eu, acabei chamando, DD e DL, que eles amavam, e eventualmente os nomes pegaram.

Estavam todos tão diferentes, jovens e velhos, suas aparências variavam tanto quanto as suas idades, mas todos eles tinham uma coisa em comum.

Irmandade.

Ela era tudo para eles, pois eles levariam um tiro um pelo outro, tão rápido quanto eles tomariam outra respiração. E o meu pai, o seu presidente, em troca de sua lealdade cuidava deles e de suas famílias. Era um ciclo interminável de lealdade, respeito e... amor.

Mesmo assim, eu sabia que esta vida não era somente sol e rosas. Sendo filha de um criminoso, eu sabia que a luz do sol e as rosas faziam parte do que eles realmente eram. Poucos e distantes entre si. Especialmente na minha família.

Quando eu tinha sete anos, meu pai participou de uma reunião de pais e professores com a minha mãe. Sua primeira e última. Meu professor da segunda série tinha cometido o erro de informar a meus pais que eu estava ficando para trás na sala de aula e, provavelmente, precisaria repetir a segunda série. Nem preciso dizer que o meu pai tomou isso como uma ofensa contra mim, e um insulto pessoal a sua patérnidade. O Sr.Steinberg nunca me fez repetir a série, depois de ter se recuperado de seus ferimentos.

Quando eu tinha doze anos meu irmão encarou quatro rapazes que estavam pegando no meu pé e acabou com eles. Quando terminou, ele saiu mancando para longe, cuspiu um dente e sorriu para mim. — Eles vão pensar duas vezes da próxima vez, irmanzinha — disse ele, jogando o braço por cima dos meus ombros. — Ninguém vai mexer com a garota que tem um irmão louco o suficiente pra bater em quatro caras ao mesmo tempo.

E eu pensei... isso é que é o amor.

Para alguns, a ideia de violência sendo interpretada como o amor é ridículo, mas para mim, era a minha realidade. Era a minha realidade.

— Hiya, Danny — disse o pregador, estendendo os braços.

Meu pai me deixou ir, e eu abracei o pregador pela cintura com força.

— Linda como sempre, querida — disse ele em sua voz áspera e rouca. Ele me deu um beijo rápido na bochecha e me liberou.

Pegando uma cerveja do refrigerador, atravéssei o gramado e fui até Eva, que estava conversando com Kami, Eva fez uma pausa para me atirar um sorriso rápido. Eva e Kami eram opostos em todos os sentidos. Kami era casada e tinha dois filhos com Cox, e meu pai era um sexy motoqueiro, tatuado e com piercings, Kami tinha olhos azuis era loira, alta e magra como uma modelo de passarela, enquanto que Eva tinha olhos cinza esfumaçados, o cabelo longo e escuro, e era cheia de curvas. Eram espíritos compatíveis, tinham sido amigas por mais de trinta anos, e muitas vezes me vi tendo inveja do relacionamento que elas compartilhavam e sua capacidade de dizer uma à outra tudo e qualquer coisa, estando lá sempre, não importasse o que.

Eu nunca tive isso. Com ninguém.

E eu queria. Desesperadamente.

Mas eu queria um monte de coisas ao longo dos anos que nunca tinha conseguido, finalmente aprendi a aceitar o fato de que algumas coisas estariam para sempre fora do meu alcance.

Eu dei um passo ao lado de Dorothy, coloquei minha mão em sua barriga inchada, e lhe fiz um leve carinho. Soltando um longo suspiro, ela empurrou seu cabelo vermelho dos olhos e cobriu minha mão com a dela.

— Só mais algumas semanas, Danny. — Ela suspirou. — Eu não posso esperar para ver este bebê sair. Estou velha demais para estar grávida.

Eu dei-lhe um sorriso simpático.

Aos trinta e seis anos, Dorothy não tinha idade, mas ela era uma alma velha. Ela havia ficado grávida aos dezesseis anos, casou-se aos dezoito, e viveu por muito tempo em um mau casamento com um homem que não queria nada com ela. Em seus vinte e poucos anos que ela conheceu Jase, um dos condenados do meu pai e começou a vir ao clube para ficar com ele, quando ele não estava em casa com a sua esposa Chrissy, e seus três filhos.

Dorothy Kelley não era como o resto das prostitutas que se reuniam no clube MC. Ela realmente amava Jase e Jase a adorava. Só não o suficiente para deixar a esposa. Agora ela vivia permanentemente no clube. Ela era paga para cozinhar, limpar e lavar a roupa, uma vez que deixou o marido e vivia em um apartamento pago por Jase na cidade. Sua filha, Tegen, dois anos mais nova do que eu, estava na faculdade em San Francisco. Agora Dorothy passava praticamente todo o seu tempo no clube. Ela e eu tínhamos convivido muito ao longo dos últimos quatro anos, e apesar de eu não aprovar o triângulo amoroso em que estava envolvida, eu a amava com todo meu coração.

Um braço familiar me pegou pela cintura e me puxou para perto.

— Hey, baby — ZZ sussurrou , deslizando as pontas dos dedos no cós da minha calça jeans. Com a outra mão, ele agarrou minha cerveja e tomou um longo gole.

Eu me virei em seu corpo grande e duro, e coloquei meus braços em volta de sua cintura. — Ei, você — eu sussurrei de volta, beijando seu peito.

ZZ era outro condenado, trinta anos de idade, grande e forte, longos cabelos castanhos, olhos castanhos correspondentes, um belo rosto quadrado, e uma perpétua sombra de cinco horas. E ele era um amor. Conforme os namorados foram passando, eu nunca acertei o jackpot. Gentil e aténcioso, educado e bem decidido, fiel em um clube constantemente cheio de prostitutas, ZZ era tudo que uma garota poderia desejar em um homem.

— Evie — Kami riu. — Grande sexy e assustador está olhando de novo.

Todos nós viramos para encontrar o meu pai assistindo Eva do jeito que ele sempre assistiu Eva. Intenso. Totalmente possessivo. Sexual à enésima potência.

Curiosa, eu me virei.

— Veja isso — Eva sussurrou, e inclinou-se para pegar o filho de um ano de idade, de Kami, Diesel. Seu jeans puxado para baixo, sua camisa puxada para cima, e Deuce, tatuado acima da bunda dela em letrás grandes, foi certeiro na linha de visão do meu pai.

Eu não tinha que olhar para saber que meu pai atravessaria o gramado em menos de dez segundos e a jogaria por cima do ombro. Ele era um homem das cavernas, quando se tratava de Eva, pra dizer o mínimo. Eu era muito feliz, ao ver o quão felizes eles estavam, mas ver o meu pai sempre tateando minha madrasta o tempo todo estava fora de cartaz.

Mas tudo o que sei, é que meu pai e Eva tinham percorrido um longo caminho. Há alguns anos atrás, pouco antes do meu aniversário de dezoito anos, o marido já falecido de Eva, Frankie " Louco" Deluva, tinha brutalizado ela na frente de meu pai. Toda a provação terminou com Eva sendo forçada a matar seu marido, o que tinha deixado a sua relação com o meu pai terrivelmente danificada. Tinha sido um longo caminho, e vê-los assim, felizes e ainda muito apaixonados, era realmente uma bênção.

— Você é terrível — Adriana repreendeu Eva, rindo.

O marido de Adriana, Mick, era o vice-presidente e o melhor amigo do meu pai, ele a puxou para mais perto e beijou sua bochecha.

— Baby — ele rosnou. — Eu estou pensando que você precisa começar a ser mais terrível.

Adriana deu uma risadinha.

— Já volto querida, — ZZ sussurrou, beijando meus lábios enquanto ele apertava a minha bunda. Agarrando Mick, ele me deu um sorriso de merda e saiu pelo gramado.

— Volte aqui, sua pequena louca de merda! — Cage berrou, correndo atrás de Ivy. — E devolva as minhas chaves!

Rindo como uma maníaca, Ivy continuou correndo. Cage correu mais rápido, se atirando na frente dela, Ivy tentou ir embora, mas Cage foi mais rápido e agarrou-a.

— Te peguei! — Disse ele quando ela gritou e riu até que ele a colocou no chão.

— Ivy Olivia West! — Eva gritou. — Dê a seu irmão suas chaves!

— Aqui — Ivy murmurou, batendo as chaves em sua mão estendida. As mãos de Cage se fecharam em torno dela e a puxaram para um abraço de urso.

—Amo você, Sua pequena louca de merda — ele rosnou. — Não poderia ter pedido por uma irmã melhor. Porque, você sabe, Danny é meio que uma vaca.

Revirando os olhos, eu dei a volta e recebi dois grandes sorrisos iguais ao meu.

Eu balancei minha cabeça. Ivy estava aprendendo todas as suas lições de vida de nosso arrogante, mulherengo, e brincalhão irmão. A arrogância. Eu não podia culpá-lo por isso. Ele era um cara grande e bonito, uma versão mais jovem, e menos dura de nosso pai. Alto e musculoso, com um longo cabelo loiro e olhos cor de chocolate, as garotas o amavam. E ele as amava. No entanto, mulherengo e brincalhão eu podia culpá-lo, e Ivy estava seguindo seus passos. Ela sempre sabia a coisa certa a dizer para conseguir o que queria, colocando no rosto um beicinho perfeito e batendo os grandes olhos azuis... ugh. E Eva, sempre mantendo seus cabelos com tranças e cachinhos, fazendo o coração tanto do meu pai quanto do meu irmão derreter, cada vez que punham os olhos nela. Blech. Blargh. Blah. Eu não tinha dúvida de que quando fosse mais velha ela daria a nossos idosos pais, dezenas de ataques cardíacos.

— Ela é um pequeno monstro — disse Eva, sorrindo com carinho para Ivy.

— Um monstro adorável — acrescentou Kami.

— Ha — Eva zombou. — Você só acha que ela é adorável e porque você faz H.

Acabada a conversa, coloquei as mãos nos bolsos e fiz meu caminho através dos grupos de motociclistas, mulheres e crianças que estavam conversando, rindo, dançando. Era calmo. A imagem perfeita.

Bem, quase perfeita.

— Danny!

Encolhendo-me, Me virei pronta para correr na direção oposta, mas não fui rápida o suficiente. Minha amiga de longa data Anabeth me pegou pelos braçaos e me puxou para o lado. Eu tropecei e a encarei. Como eu, Anabeth era loira, de olhos azuis, e bonita. Nós duas estávamos em forma, mas enquanto Anabeth era magra, eu era mais muscular. Dez anos de ginástica e quatro anos como lider de torcida faz isso com você. Eu mantive o meu cabelo comprido, destacado, e com estilo, e Anabeth tinha o dela curto, cortado em uma franja lisa e reta. Atualmente, ela estava usando um mini vestido azul profundo e sapatos azuis grossos. Em suas orelhas usava aros azuis gigantes, muito parecidos com mais cinquenta que ela usava em seus braços. Alguns anos atrás, eu teria elogiado a sua roupa, teria vestido algo semelhante, o mais provável é que seria rosa. Mas esse não era o caso. Anabeth e eu estávamos em mundos separados. Na verdade, todos e eu éramos de mundos diferentes...

Eu havia perdido alguma coisa dentro de mim, algo importante, algo especial que me fez ser quem eu sou, e lentamente, a cor tinha escoado para fora do meu mundo.

Anabeth olhou para o meu jeans escuro e minha blusa com decote V por um longo tempo. Seu olhar pousou em meus pés e ela estreitou os olhos. — Você está usando verde... tênis Converse?

Suspirando, eu olhei para os meus pés. Eu estava. Todos estavam Eva usava somente um par de chinelos de dedos, isso aconteceu quando por sua vez, Ivy e eu fomos comprar sapatos com Eva no shopping. Combinados, eu diria que nós três tínhamos uma centena de pares em uma ampla variedade de cores.

— Eu meio que gosto deles — eu disse, e dei de ombros.

— Eu adoro — disse Freebird. Freebird era um motociclista de idade, que tinha deixado seu cérebro em 1965. Ele tinha sua velha senhora com ele hoje, a Apple Dumplin, que, como ele, tinha o cabelo grisalho comprido e mais rugas que um pedaço de papel amassado.

— E aí, Danny? — Tap disse, estendendo o punho. Bati meu punho no dele e sorri.

Tap estava em seus quarenta e tantos anos, não era excessivamente alto, mas compensava o que lhe faltava em altura com músculo. Construído como um boxeador, seus músculos, juntamente com seus longos cabelos negros e cavanhaque eram intimidantes a menos que você o conhecesse. Ele era um dos cavaleiros mais bem sucedidos.

— Hannah disse ola. Ela espera que você possa ir visitá-la em Atlanta logo.

Hannah era filha de Tap. Quando a esposa de Tap, Tara, o havia deixado, ela pegou Hannah e mudou-se para Atlanta. Hannah era mais velha do que eu, mas nós duas éramos filhas de cavaleiros, e sempre nos conhecemos.

— Eu liguei para ela na semana passada — eu disse, sorrindo. — Ela me disse as boas noticias.

Ele sorriu. — Não posso acreditar no meu bebê tendo — um bebê.

— Aqui vamos nós, querida — disse Ripper, empurrando entre Tap e Apple, oferecendo uma garrafa de cerveja para Anabeth.

— Obrigada — disse Anabeth, sorrindo para ele.

Ripper olhou para Anabeth, seus lábios curvando-se num sorriso, sua expressão satisfeita.

Meu estômago embrulhou e eu rapidamente me virei, querendo fazer uma saída apressada, antes que ele percebesse que eu estava ali. Ripper e eu estávamos... Só que não havia palavras para o que e onde Ripper e eu estávamos.

Eu tinha três anos quando meu pai conheceu Erik “Ripper” Jácobs em um comício de Moto durante uma corrida em San Antonio. Ripper tinha apenas dezessete anos na época, depois de ter acabado de perder seus pais em um acidente de carro com um motorista dirigindo bêbado na volta para casa em Los Angeles. Ele saiu da cidade dois dias depois do funeral em uma motocicleta roubada, apenas três semanas antes de sua formatura do ensino médio.

Os meninos gostaram dele imediatamente, e quando os Cavaleiros do Inferno voltaram a Montana, ele estava com eles.

Depois de apenas três meses fazendo trabalho pesado no clube, ele foi eleito por unanimidade e recomendado como um irmão. Um ano mais tarde, o meu pai o promoveu a sargento em armas e o cunhou "Ripper" depois de "Jáck, o Ripper" por ser tão talentoso com uma lâmina como ele era.

Sendo tão jovem e novo no clube e na vida, movendo-se depressa era praticamente desconhecido. Mas Ripper era especial e todos sabiam disso. Ele sempre tinha um sorriso no rosto, uma piada na ponta da língua. Ele era bom com as pessoas, poderia falar com quase qualquer um sobre qualquer coisa apenas pelo brindar de um sorriso.

— Ei você aí, Ripper! — Disse a Apple feliz. — Danny estava apenas dizendo-nos que ela conversou com Hannah na semana passada. Diga-nos o que mais ela disse Danny.

Parei de recuar e virei-me lentamente. O olhar azul profundo de Ripper encontrou o meu.

Ele tinha seu olho de vidro hoje, uma cópia muito realista do que tinha sido dolorosamente tirado dele, junto com sua personalidade divertida, carinhosa, pelo mesmo homem que quase arruinou o relacionamento de meu pai com Eva. Frankie.

Mas Ripper não se preocupava com sua aparência, a menos que...

Voltei a olhar para Anabeth.

A menos que ele estivesse tentando impressionar alguém.

Eu empurrei meus óculos de sol por cima da minha cabeça. — Ripper — eu o cumprimentei uniformemente.

Olhamos um para o outro.

Puta, eu pensei amargamente.

Sua expressão ficou fria. *Não comece Danny*, seu olhar me dizia.

Meus punhos cerraram. Eu odiava nossas conversas silenciosas, mas desde que nenhum de nós poderia ser civilizado com o outro, ficar em silêncio era a única forma de comúnicação que tínhamos. E mesmo em silêncio nós não poderíamos manter nossas emoções atadas.

— Ripper vai me levar para um passeio hoje à noite! — Disse Anabeth animadamente.

Eu olhei para ele. *Eu aposto que você vai.*

Ele olhou para trás. *O que há de errado, querida? ZZ não esta lhe dando o que você realmente precisa?*

Cale-se.

Ele levantou uma sobrancelha. *Bateu em um nervo, hein?*

Não. Anabeth, eu implorei a ele com meus olhos. *Por favor. Não. Minha. Amiga.*

Sua boca se virou, a cicatriz do Ripper torceu em um sorriso zombeteiro. *Ah, então agora existem regras? Você pode transar com os meus amigos, mas não posso foder os seus? Não parece exatamente justo, baby.*

Ripper manteve seu olhar em mim enquanto deslizava o braço em volta dos ombros de Anabeth e começou a traçar sua clavícula com a ponta do seu dedo.

— Vamos ao passeio, menina bonita, aonde você quer ir?

Anabeth, ouvindo as palavras “menina bonita” em referência a ela, sorriu para ele.

Eu, ouvindo aquelas palavras “menina bonita” sair da boca de Ripper para uma pessoa que não fosse eu, fez doer as minhas entranhas. Vendo isso, Ripper olhou triunfante.

O que há de errado, Danny? Você parece chateada. Foi algo que eu disse?

Eu cobri minha boca com a mão e tentei manter a calma. Olhando para qualquer lugar, menos para Ripper, eu peguei os olhos de Kajika, uma jovem mulher americana nativa de uma reserva indígena vizinha que Cox e Kami tinham empregado como sua babá.

Ela era bonita, com longos e inesquecíveis cabelos negros, com características exageradas. Seus olhos, quase pretos e emoldurados com grossos e exuberantes cílios.

Sorrindo gentilmente para mim, ela só fez as minhas emoções já combativas muito piores. Ela podia ver através de mim, tudo o que eu tentava esconder. Eu odiava estar ao seu redor. Ela me fazia dúvidar de todas as decisões que eu tinha tomado durante os últimos três anos. Com apenas um maldito olhar.

— Com licença — disse ZZ, esgueirando-se ao meu lado e pegando a minha mão na sua. — Eu preciso da minha menina.

Quando Ripper endureceu, e afastou seu braço de Anabeth, vislumbrei a dor que ele escondeu debaixo da raiva.

Engolindo em seco, me afastei do grupo e deixei ZZ levar-me para o centro do gramado, onde ele me puxou para um abraço de urso.

— Não me odeie — ele sussurrou. Olhei para ele, confusa.

—O quê? Por que eu odiaria você?

Ele sorriu, em seguida, caiu de joelhos.

Correção. Ele caiu de joelhos. Com o coração acelerado, sem respirar, eu olhava para ZZ, observando quando ele tirou uma pequena caixa preta de seu bolso. Ele olhou para mim.

— Você é a mulher mais linda que eu já vi — disse ele em voz baixa. — A mais doce e a mais gentil, também. Você me faz tão fodidamente feliz baby, você faz a vida tão fodidamente boa. Então, eu estou perguntando se você vai se casar comigo e me deixar passar o resto da minha vida tentando fazer o mesmo por você.

Abriu a caixa e revelou o maior anel de diamante que eu já tinha visto.

— Ah... meu deus... — eu sussurrei com a voz rouca, colocando minhas mãos tremendo sobre o meu coração. Percebi, então, que o estaleiro estava em silêncio. Alguém tinha desligado a música e toda a conversa tinha cessado.

Dei uma olhada rápida ao redor do quintal. Todo mundo estava sorrindo, sorrindo, e olhando diretamente para mim.

Isso era ruim. Muito, muito ruim.

— Filha! — Minha cabeça virou ao som da voz do meu pai. — Você diz a palavra e eu vou jogar esse babaca no próximo caralho da porra da semana! Fato, se você disser sim ou não, eu ainda vou bater a porra da merda fora dele!

Eva se juntou a ele, plantou as palmas das mãos em seu estômago e divertidamente empurrou para ele. Ele capturou-a ao redor de seu pescoço e puxou-a contra ele, o tempo todo sorrindo para mim.

ZZ já devia ter perguntado a ele. Não havia nenhuma maneira que meu pai teria apreciado esta situação estourando em surpresa na cara dele. Meu pai era o tipo de homem que tinha que preparar-se mentalmente para coisas como sua filha estar sendo pedida em casamento.

O que significava... meu pai estava ok, comigo me casando com ZZ.

Na verdade, olhando para todos os rostos felizes, todo mundo era OK comigo casar com ZZ.

Mais do que bem. Exultante, realmente.

Todos, exceto um.

Menos o Ripper, que sob a luz do sol, sua pele estava em um interessante tom de verde.

Nossos olhares se encontraram.

E por um momento eu pensei que... Eu vi o homem que eu amava.

• • •

Ripper olhou para Danny. Olhou para ZZ ajoelhado na grama em frente a ela, pedindo-lhe para casar com ele.

Ele estava indo para virar sua merda.

Esses babacas todos ao seu redor não percebiam isso, mas eles estavam prestes a se pulverizarem com sangue, ossos e cérebro quando sua cabeça fosse explodir o que aconteceria em cerca de cinco segundos filhos da puta.

Cinco...

Quatro...

Três...

Dois...

Um...

Foda-se ele.

Casamento.

ZZ estava pedindo Danny para se casar com ele.

Ah, foda-se. O que estava acontecendo com ele? Tudo dentro dele, de repente estava todo fodido e errado. Seu coração começou a bater mais rápido e sua pele começou a formigar, irritada. O ar em torno dele ficou mais denso, abafado, tornando difícil respirar. Sentia-se tonto, seu nariz picava, e seu estômago se apertou dolorosamente.

Antes de começar a rasgar o seu próprio corpo em pedaços, só para ter todos esses sentimentos malditos desconfortáveis e indesejaveis indo embora, ele agarrou Anabeth e puxou-a contra ele. Ela respondeu imediatamente se enrolando sedutoramente em torno de seu corpo.

Sentindo-se como dez vezes um idiota, ele manteve seu olhar sobre Danny e apalpou o tráseiro de Anabeth.

Os belos olhos azuis de Danny estavam cheios de dor e seu olhar caiu para ZZ.

Ele parou de respirar. Ela ia dizer que sim.

Diga alguma coisa, seu cérebro gritou. Detenha!

PORRA detenha!

Mas ele não o fez.

Ele nunca fez.

Porque ele era um covarde inútil, que não merecia porra nenhuma.

Assim, ele apenas ficou lá como um idiota, empurrando seu amigo, e assistindo com fascinação horrorizada com os lábios entreabertos e...

FODA ESTA MERDA.

Foda-se o clube e o código, e foda-se a fraternidade.

Ele daria tudo por ela. Por sua mulher. Porque era certo que ela era dele, e que ele iria para o inferno e de volta dez vezes antes de perdê-la para sempre.

Ele empurrou Anabeth de lado, deu um passo a frente, se moveu e...

— DANNY —, ele gritou. — BABY!

CAPÍTULO DOIS

Três anos antes...

Noite do baile. O culminar de 13 anos de escola terminaria com a noite do baile.

Toda a minha preparação, dirigindo por quatro cidades com Kami apenas para encontrar o vestido rosa perfeito e os sapatos combinando, às duas horas no salão fazendo meu cabelo, unhas e maquiagem e...

Tudo parecia tão... anticlímax.

Mas talvez seja porque eu estava do lado de fora olhando para dentro

Porque eu não podia mais me relacionar com as pessoas felizes que, estavam rindo e dançando dentro do ginásio.

Considerando tudo dentro deste edifício, minha escola, uma vez parecia tão importante, minhas notas, meus amigos, voltar para casa, os comitês de dança, lideres de torcida, e baile... Haviam sido todo o meu mundo, eles não eram mais. Não desde...

— Ele me fez vê-lo estuprá-la! — Meu pai gritou. — Você entendeu isso caralho? Eu estava acorrentado a uma porra de um radiador, assistindo minha mulher sendo agredida por um maldito psicopata, e eu não podia fazer nada sobre isso!

Eu apertei meus olhos fechados, rangendo os dentes através da horrivel lembrança.

— Como eles acabaram com ele? — perguntou Tap.

— Eles não o fizeram — disse o agente do FBI. — A mulher fez. Ela cortou sua cabeça fora com um punhal. Ela veio andando para fora da sala segurando-o, semi-nua e coberta de sangue.

— Ela está bem, Prez — disse Mick. — Ela está viva.

— Ela está viva — respondeu meu pai. — Mas eu posso te dizer agora, com toda certeza, como ela não esta bem.

Meu pai tinha razão, sua mulher não estava bem. Eva parecia bem no início, ela estava mais calma, ela chorou muito, então eles partiram para Nova York para enterrar Frankie. Depois disso, ela parou de falar por completo, parou de comer, tomar banho. Ela passou a maior parte de seu tempo na cama, catatônica, olhando para o nada. Meu pai não estava melhor. Na maioria dos dias, ele se sentava no chão ao lado da cama, com a cabeça entre as mãos, sem falar, não fazia muita coisa além de ocasionalmente, andar pela sala, redecorando as paredes com os punhos.

Cage e eu tentamos manter a casa funcionando por conta própria, por amor a Ivy. Que ainda não tinha dois anos de idade, ela não entendia o que estava acontecendo, por que mamãe não saia da cama, por que papai não estava brincando com ela.

E isso só piorou.

Cage não podia fazer tudo o tempo todo. Meu irmão tinha trabalho para fazer, e houve momentos em que ele tinha que estar no clube, só para garantir que as coisas estavam funcionando perfeitamente na ausência do nosso pai. Eu fui forçada a abandonar todas as minhas atividades extracurriculares, o meu instrutor de ginástica, depois de semanas de falta prática, me tirou da lista. Na primavera, eu perdi tantas aulas que minhas notas estavam caindo, o que me levou a ser chutada para fora da equipe de torcida. Tive a sorte de me formar, e acabei me ressentindo com minha irmãzinha inocente por causa disso.

Eu não tinha tido o prazer de conviver com a minha verdadeira mãe. Quando eu tinha oito anos , ela nos deixou, mudou-se para Forsyth, a quarenta minutos de carro de Miles City, mas pelo que eu e Cage sabiamos, ela poderia estar vivendo em outro país. Ela trabalhava em turnos de dez horas como garçonete em um restaurante, depois passava suas noites bebendo com o namorado esfarrapado que ela tinha na época. Ela nos procurou com pouca freqüência e raramente mantinha datas para vir nos ver.

E agora...

Eva estava fora da cama. Ela estava comendo, tomando banho, mais uma vez, cuidando de si mesma e de sua filha.

Meu pai estava de volta em sua Moto, de volta ao clube, fazendo o que precisava ser feito.

Mas as coisas não eram as mesmas. Quando eles estavam juntos em casa ou no clube, a sua relação parecia tensa. Eles nunca faziam nada mais juntos, eles raramente se falavam, somente o que dizia respeito a Ivy, e eventualmente, o meu pai voltou ao seu antigo comportamento. Não voltava para casa por dias, e mesmo quando ele o fazia, ainda dormia quase todas as noites no clube. E Eva, ela não parecia se importar com o que ele fazia. Ela passou a maior parte de seu tempo com Kami e Devin, e suas viagens para a casa de sua família em Nova York tornaram-se mais freqüentes.

Cage tinha facilmente voltado para seu velho status de idiota, brincando, bebendo, e mulherengo. Ele sempre estava ou no clube ou fora em uma corrida.

E eu...

Por causa das minhas notas, a Universidade Estadual de Montana já não era uma opção para mim, até que eu completasse dois anos na Universidade Comunitária de Miles. O que era uma porcaria.

Minhas duas amigas mais próximas, Anabeth e Ellie, estavam indo para MSU. Nós três tínhamos planejádo há anos ir para a faculdade juntas, para a classe juntas, fazíamos tudo juntas. Até a minha família se desfazer e eu ter sido forçada a assumir as responsabilidades, o que me privou da vida que eu queria.

A vida que eu não tinha mais.

Olhei para o ginásio, decorado com o tema, Sonho de Uma Noite de Verão. O chão estava coberto de gigantes e multicoloridas árvores de papel marché cobertas de lantejoulas, estrelas de prata e luas penduradas no teto coberto canto a canto com balões de cor pastel. Era lindo, era tudo o que eu queria que fosse, quando eu ainda estava no comitê de formatura. E em vez de apreciá-lo, eu estava de pé no corredor observando o meu par se esfregar com a puta da escola.

Pior ainda, eu não me importei.

— Danny?

Finalmente. Eu tinha ligado para o clube a mais de uma hora pedindo uma carona.

Olhei por cima do ombro e encontrei Ripper, como de costume, vestindo couro da cabeça aos pés. Calças de couro, botas de couro, uma camiseta apertada com o logo da banda Metallica, e o colete dos cavaleiros de couro cortado. Seu cabelo loiro estava preso em um coque masculino, ele tinha um palito entre os dentes, e um par de óculos aviador, que escondia o olho que ele havia perdido.

— O que diabos você está fazendo aqui fora, em vez de lá com todo o seu... — Ele parou enquanto inspecionava o ginásio. — Com todos aqueles merdas mal vestidos — completou, fazendo uma cara de nojo. — Não importa. Eu sei exatamente por que você não quer estar aqui.

—Você não foi ao seu baile de formatura? — eu perguntei.

— Não. Eu deixei a California aos dezessete anos. Nem sequer terminei o ensino médio.

Eu balancei a cabeça. — Tudo bem. — Eu suspirei, virando as costas para o que era suposto ser a minha última memória feliz da escola. —Vamos.

— Danny — disse Ripper tranquilamente, não tendo se mexido uma polegada. — Garotas querem dançar durante seu baile. E com essa aparência

você merece uma última dança. — Ele estendeu a mão. — E o fim de uma era, você sabe.

Eu olhei para seu rosto bonito, arruinado, me perguntando como ele fez isso. Como é que ele conseguiu se manter depois do que Frankie tinha feito para ele. Frankie não tinha feito nada para mim, nada bom de qualquer maneira. Eu não tinha me envolvido com Frankie, mas suas ações tinham causado um efeito dominó, em que eu tinha sido a última peça a cair, com todos os outros empilhados em cima de mim. Eu não tinha tanta certeza de que eu havia me reerguido desde então.

Eu não tinha tanta certeza de que qualquer um de nós tinha.

— Ok — eu disse, encolhendo os ombros. — Mas eu realmente não vejo o ponto.

Ripper me levou para a pista de dança o início de Sarah McLachlan cantando — I Will Remember You.

— Porra de musica horrivel — ele murmurou, puxando-me contra seu peito e segurando firme a minha cintura. Meus saltos de dez centímetros me deram altura suficiente para por meus braços ao redor de seu pescoço, e descançar minha bochecha contra seu colete de couro desgastado.

Do outro lado da sala, eu podia ver Anabeth e Ellie me encarando.

Não me importei. Fechei os olhos. Eu não ligava para o que elas pensavam. Eu não ligo para o que ninguém pensa mais.

E... isso realmente não foi tão ruim. Nós não estávamos realmente dançando, apenas balançando ligeiramente. Ripper parecia tenso, e eu tenho a sensação de que ele nunca havia dançado antes, mas foi bom e eu comecei a relaxar pela primeira vez, desde que tudo havia desmoronado.

Deus, quanto tempo se passou desde que alguém havia me segurado? Me tocado? Eu não conseguia nem me lembrar da última vez em que alguém me abraçou. Foi tão bom, tão reconfortante estar nos braços do Ripper, segurando firme em seu pescoço, apertando-me contra seu peito largo, e eu o segurei com mais força, buscando uma conexão. Eu não sabia que eu a estava procurando até

que eu senti suas mãos apertarem minha cintura. A tensão em seu corpo começou a diminuir e, em vez de segurar minha cintura, suas mãos deslizavam pelas minhas costas. Deixei escapar um suspiro trêmulo e me apertei ainda mais contra ele.

— Danny — Ripper sussurrou em meu ouvido. — Três músicas já se passaram e há um velho me olhando como se eu estivesse estuprando você.

Eu olhei para cima e encontrei o meu diretor encarando Ripper. Suspirando, eu me afastei dele e quase fui pisoteada por minhas amigas.

— Oi, Ripper — Anabeth murmurou, sorrindo docemente para ele. Ao lado dela, Ellie cruzou os braços sobre o peito e revirou os olhos. As duas não poderiam ser mais diferentes. Ellie tinha cabelos negros, uma beleza curvilínea de olhos azuis com a herança mista caucasiana / Africano-Americana, que estava mais preocupada com notas que qualquer outra coisa e sempre teve o nariz em um livro, enquanto Anabeth estava preocupada com meninos, roupas, e festas. Eu estava em algum lugar entre os dois, não sei exatamente em qual catégoria eu me encaixava.

—E aí — disse Ripper, levantando o queixo para Anabeth.

— Você pode dançar comigo também — continuou ela.

— Vagabunda — Ellie murmurou.

— Puritana — Anabeth revidou.

— Adeus — disse a ambas, agarrando o braço do Ripper. — Chame-o amanhã.

— Quer dar um passeio, antes de eu te levar para casa? — ele perguntou, segurando a porta aberta para mim. — Eu tenho que fazer uma devolução.

— Eu realmente não quero ir para casa — eu disse, olhando para as estrelas. A ideia de passar a minha noite de baile em casa, com toda a probabilidade sozinha, era mais do que deprimente. Era inaceitável.

Ripper montou em sua moto e me jogou seu capacete. — O clube?

Eu balancei minha cabeça. Hoje era sábado, e os sábados no clube consistiam em bebidas e mulheres livres para todos. Os rapazes estariam completamente bêbados, pessoas se agarrando, e com toda a probabilidade, Freebird estaria dançando em uma mesa de bilhar. Nu. Não era a minha ideia de um bom tempo.

Ripper puxou uma caixa de cigarros da mochila e puxou um com os dentes. Acendeu-o e deu uma longa tragada. — Me de uma dica — ele disse, com fumaça saindo de suas narinas. — Eu não leio mentes.

Pegando o meu vestido, eu subi em suas costas e coloquei o material extra entre as pernas antes de envolver meus braços ao redor de sua cintura. — Surpreenda-me — eu disse. — Eu estou pronta para qualquer coisa.

Ele riu. — Qualquer coisa? É isso aí.

• • •

Em resposta acelerei, e sai a toda velocidade em linha reta, deixando a polícia local de Miles City para trás, e ela estava pronta para ir.

Surpreende-la, hein? Como diabos eu iria fazer isso? Miles City era um monte de nada. O lugar perfeito para dirigir um motoclube que estava envolvido em um monte de merda; lugar não tão perfeito se você fosse uma adolescente, querendo ter um bom tempo.

Pensando em suas opções, Ripper acabou decidindo pelo Parque Riverside. Um, porque o rio Yellowstone ficava para trás no caminho, e dois, porque estava sempre deserto depois de escurecer.

Ele parou perto das árvores, e eles caminharam lado a lado em direção ao rio. Danny, que já tinha tirado os sapatos, encontrou uma pedra de tamanho decente para sentar, permitindo-lhe ficar com os pés na água do rio. Ele parou ao lado dela, puxando um pedaço de grama e recostou-se nos cotovelos. E agora?

Ele olhou para Danny. Curvada, ela olhava com tristeza para a água abaixo dela. Ele sentia por ela, ele sabia que a merda não era boa em casa, porque a merda não foi boa para o clube também. Deuce parecia mais um

psicopata recentemente, preferindo socar ao invés de falar, ou ele ficava meditando em silêncio com uma garrafa. E todo mundo sabia o porquê.

Eva cadela Fox.

Ele odiava Eva. Não apenas porque tinha sido casada com o idiota que tinha cortado seu rosto e corpo, a cada vez que ele olhava para ela, tudo o que podia ver era Frankie. Não apenas porque quando eles finalmente encontraram Frankie, foi por causa de Eva que eles não puderam matá-lo. Não apenas porque Frankie tinha matado toda uma porrada de gente tentando chegar a Eva , colocando todo o clube e todos nele em perigo.

Não, ele odiava Eva por tudo isso. Tanto quanto lhe dizia respeito, Eva ser estuprada e sequestrada, sendo forçada a matar Frankie, tinha sido o que ela merecia por ser uma idiota de merda. Mas ele manteve seus sentimentos para si. E os manteve por muitos anos.

Ambos Deuce e Cox tinham enlouquecido por aquelas duas cadelas de Nova York, e enquanto os dois estavam com elas, ele simplesmente não entendia o conceito de perder a cabeça como um louco por uma mulher. Não quando você pode simplesmente substituir uma cadela com outra quando ela o chateia, e isso pode ser feito sem todo o drama e a baboseira. E Eva Fox veio cheia de besteiras e bagagens, e um serial killer doente como a porra de um marido.

Tudo de ruim em suas vidas veio com aquela cadela. Por que Deuce não a largou muito tempo atrás, ele nunca iria entender. Então eles tiveram um filho juntos. Quem se importava? O cara tinha dois filhos com essa vagabunda da Christine e ele atirou-a na rua. Esperavamos que ele fizesse o mesmo com Eva. Como eles não estavam se falando, ou passando qualquer tempo juntos. Eva raramente vinha ao clube e Deuce estava sempre lá.

O negócio era esperar.

Puxando seu cantil de dentro do colete, ele tomou um longo gole.

— Posso ter um pouco?

Ele olhou para ela e sorriu.

— Baby, seu velho me mataria.

— Dúvido — ela murmurou. — Ele não parece se preocupar com nada recentemente.

Eeeeeeee... o que era apenas mais um motivo para odiar Eva.

Mas que diabos? Era sua noite de formatura e ela estava gastando seu tempo, sentada em uma rocha com um sósia do Freddy Krueger. Ela merecia um pouco de bebida alcoolica. Ele entregou-lhe a garrafa e pegou outra nova para si.

— Você acha que meu pai e Eva vão arrumar essa bagunça? — ela perguntou.

Ele deu de ombros. Ele pedia a Deus que não. Mas Danny gostava de Eva. Foda-se, todos gostavam dela. Todos, exceto ele.

— Você nunca sabe — ele murmurou.

Ela suspirou e tomou outro gole de tequila, seguindo com uma leve tosse e uma careta. Longo caminho a percorrer, Danny.

— Eles se amam... certo?

— Eu não sei porra.

— Alguma vez você já se apaixonou?

Ele bufou. — Eu amei meus pais. Amo correr. Amo o clube. E nunca amei uma mulher. Não o suficiente para me colocar na mesma merda que o seu velho se colocou por Eva. — Ele deu de ombros e tomou outro gole. — Nenhuma mulher vale a pena o suficiente para fazer um homem sofrer assim por amor de qualquer maneira. — Disse ele, com a voz ofegante enquanto ele segurava a fumaça antes de soltá-la.

Ele sentiu a mão de Danny na sua, e percebeu que ela desceu da pedra e estava sentada ao seu lado.

— Ripper — disse ela em voz baixa. — Não há nada de errado com a sua aparência.

— Claro — ele disse sarcasticamente, afastando-se. — Eu sou a porra de um supermodelo.

— Ripper você ainda é bonito — ela continuou. — Então você tem algumas cicatrizes. E daí?

Ele olhou para ela, sua doce figura, seus grandes olhos azuis, o nariz bonitinho, e os grandes labios cor de rosa. Que porra é essa que ela tinha acabado de dizer a ele? Ele era lindo? Ha - ha. Não, ele não era. Ela era linda, e vendo como ela achava que ele era bonito, ela aparentemente era louca também.

—Baby — disse ele. — Ouça-me. Não sou bonito, você que é. Você é tão bonita que deixa um brilho por onde você passa, brilho este que ofuscou seu pensamento e faz você achar que eu sou bonito, quando eu não sou. Estou muito longe disso.

Seus lábios se separaram e seus olhos se arregalaram e seu mundo parou. Ele simplesmente parou porra. Bateu em uma parede de tijolos e ficou completamente imóvel.

Ele conhecia aquele olhar. Ele tinha visto centenas de vezes em uma centena de mulheres diferentes. Mulheres com quem ele estava tentando fazer o seu caminho, para descobrir onde foi que tudo havia desmoronado. Mas vendo o mesmo olhar em Danny... Danny.

— Obrigada — ela sussurrou e por um momento eles apenas se olharam.

— Aqui — ele murmurou, entregando-lhe o cantil. — Chega de conversa.

Porque, merda, Danny não era uma buceta com quem ele deveria foder. Danny era filha de Deuce. Uma bala na cabeça.

Antes que ele pudesse detê-la, ela deu uma longa tragada, e ele acabou batendo em suas costas enquanto ela se engasgava.

— Curtos goles — disse ele, batendo em suas costas. — Assim.

Uma hora mais tarde, ele foi o maior filho da puta, e Danny estava...

— Eu quero ir nadar. — Danny riu, tentando se levantar.

Ele balançou a cabeça, rindo. — Beber e nadar, nunca são uma boa...

Ele parou de falar, um, porque Danny começou a tirar a roupa, e dois, porque Danny começou a tirar a roupa.

Ele olhou fixamente.

E ele não parava de olhar.

Olhou para nada além de quilometros de pernas bronzeadas e suaves, músculos tonificados e os peitos dela... Jesus, ele estava certo de que nunca tinha visto um par de seios mais perfeitos. Punhados de carne altos e apertados, cobertos com mamilos marrons.

Ela era loira. Em todos os lugares.

O cérebro dele deslizou direto para seu pênis.

Espere, ela estava dizendo alguma coisa...

— O quê? — Perguntou ele, olhando para o seu rosto.

— Eu disse — disse ela arrastada — vamos nadar! — Ela se inclinou seus seios agora a poucos centímetros de seu rosto, e estendeu a mão para ele.

De repente, seu cerebro cozinhou, em colaboração com o seu pau, ele decidiu que, sim, natação era uma ótima ideia.

— Rock and Roll ' porra — ele murmurou, agarrando-lhe a mão.

CAPÍTULO TRÊS

Os olhos de Ripper se abriram e ele derrapou em uma posição sentada, com a cabeça chicoteando para a esquerda e direita, enquanto suas mãos tocavam seu corpo nu.

Nu?

Foda-se.

Ele passou mal naquele lago.

Foda-se.

Ele olhou para o lado.

FODA.

E de repente as lembranças voltaram, batendo-lhe na cara, cada uma mais difícil, e mais dolorosa do que a outra.

Ele olhou para seu pênis flácido. — Parabéns — disse ele — você acabou de se foder até a morte.

CAPÍTULO QUATRO

Olhei para o meu reflexo no espelho.

Será que eu pareço diferente?

Não. Ainda loira. Ainda de olhos azuis. Eu ainda pareço comigo. Mas eu, definitivamente me senti... diferente.

Eu me senti dolorida e usada e... deliciosa.

E cada vez que eu fechava os olhos...

Minha cabeça foi para trás, quando ele pegou meu peito entre os dentes e chupou dentro de sua boca, sugando, puxando, mordendo. Em seguida, sua mão estava entre as minhas pernas e um dedo estava dentro de mim, depois dois, depois eu estava segurando a cabeça dele, choramingando, balançando meu corpo para trás e sobre sua mão.

Meu sexo se apertou em resposta aos meus pensamentos e eu caí contra a parede, sentindo o impulso irresistível de me tocar.

Seus quadris estavam entre as minhas coxas e eu podia senti-lo, exatamente onde eu queria, duro e pronto, empurrando dentro de mim. Agarrando seu rosto, eu o beijei, beijei forte e profundo, acariciando a minha língua contra a dele, chupando e mordendo os lábios, derramando tudo o que eu tinha para ele e...

Era semelhante a nada que eu já tivesse experimentado antes, não que eu tivesse experimentado muita coisa, mas isso... isso era algo que eu nunca tinha sonhado que existia.

Nós viemos juntos em uma corrida frenética de pele e membros, minha vivacidade necessitava queimar e consumir tudo, precisava... precisava... Deus, eu só precisava dele, me tocando toda.

Eu nunca me senti assim antes, a necessidade, não dessa magnitude, este incrível ardor e desejo. Talvez tivesse sido o álcool, talvez tivesse sido Ripper. Ripper. Eu fiz sexo com Ripper.

Foi surreal, foi confuso, foi...

Suas mãos estavam em cima de mim, e em todos os lugares ao mesmo tempo, fazendo o seu caminho para cima e para baixo no meu corpo. Ele foi amassando, agarrando, e espremendo, me fazendo gritar incansavelmente quando empurrou os meus limites de dor e prazer, acalmando meus gritos com doces beijos e carícias suaves e, em seguida, mais dor e mais prazer e muito mais prazer, mais e mais rápido, até que minha pele estava queimando, meus músculos tremendo, minhas entranhas em agonia, e eu estava arranhando o corpo de Ripper enquanto ele agarrava o meu, levando-me forte e rápido e mais e mais rápido, até que esqueci onde eu estava, esqueci quem eu era, e apenas senti... tudo isso.

Certamente não foi nada parecido como a primeira e única vez que eu tive relações sexuais, primeiro ano, com o meu primeiro e único namorado, que eu tive durante uma semana toda, antes de meu pai assustá-lo. Algo que ele ainda nega ter feito. Mas durante essa semana eu consegui perder minha virgindade no bosque atrás da escola, foi horrível, e não apenas porque eu estava deitada sobre paus e folhas molhadas, mas porque ele não sabia o que estava fazendo e...ugh.

Mas com Ripper...

Macacos me mordam!

A volta para casa foi estranha. Na verdade, tudo após eu ter acordado foi estranho. Ele não iria fazer contato visual direto comigo e quando ele falou, suas frases eram curtas, suas palavras cortadas, não dizendo absolutamente o que precisava.

Eu sabia que ele se arrependeria e, provavelmente, queria esquecer o que tinha acontecido, e eu não podia culpá-lo por isso. Se meu pai descobrisse, Ripper estaria em sérios apuros e eu provavelmente acabaria trancada no porão para o resto da minha vida.

Mas, mesmo sabendo de tudo isso, eu não conseguia parar de pensar nisso.

Sobre ele.

Sobre como senti ele... dentro de mim.

Saciada, eu estava deitada nua na grama, ele ao meu lado, sentado, Ripper acendeu um cigarro. Olhando para baixo, ele apontou o queixo para cima e sorriu para mim. — Pronta para a segunda rodada?

Minha respiração me deixou conforme eu sorria.

— Por favor — eu sussurrei e sua expressão mudou. Endurecida, tensa e com desejo ardente tal como eu nunca tinha visto em um homem antes. Pelo menos, não de um homem olhando para mim.

— Não é como se eu fosse realmente te dar uma escolha — disse ele, manobrando-se entre as minhas pernas e espalhando-as. Sua mão áspera correu meu corpo, parando em meus seios para espremer e rolar, antes de enrolar no meu pescoço.

Eu não tenho certeza de quanto tempo fiquei ali, com a minha mão pressionada contra a minha barriga, minhas pálpebras tremulando, respirando superficialmente, só de lembrar a noite anterior quando “sem aviso” a porta do meu quarto se abriu e eu dei um salto, ficando na posição vertical.

Corando de vergonha, eu me vi cara a cara com o meu pai.

— Onde está Eva? — Ele exigiu.

Eu fiquei boquiaberta. — Bateu muito? E se eu tivesse mudado?

Ele resmungou. — Você não mudou, por isso, quem se importa? Onde está Eva?

Exasperada, joguei minhas mãos para cima. — Como eu vou saber? Eu não sou sua babá! Ela não me diz onde está indo!

Seus olhos se estreitaram. — Será que ela voltou para casa ontem à noite?

Dei de ombros. — Eu não sei.

— Por que não?

— Eu estava no baile — eu cai fora.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Oh.

Em seguida, as sobrancelhas foram para baixo e seus olhos se estreitaram. — Espere, você está dizendo que não voltou para casa, afinal?

Ah, então agora ele se importava. Depois de meses e meses de não dar a mínima para onde eu ia ou o que eu estava fazendo, de repente ele se importava.

Eu cruzei os braços sobre o peito e dei-lhe, um semelhante olhar estreito. — Cheguei em casa muito tarde — eu disse. — Eu não verifiquei se Eva estava em casa.

— O que é muito tarde? — ele rosnou.

Ah, era isso. Eu sabia. Ele não podia entrar aqui depois de nove meses de ser emocionalmente e fisicamente ausente e de repente começar a exigir detalhes da minha vida.

Marchando até ele, agarrei a borda da minha porta. — Nadinha da sua conta — Eu cuspi irritadamente e bati, fechando em seu rosto.

Eu esperei que ele explodisse em um discurso inflamado. Esperei por ele, segurando a minha respiração, mas ele não o fez. Após alguns momentos de silêncio, eu pressionei meu ouvido à porta e escutei como suas botas bateram no chão de madeira, pisoteando cada vez mais longe.

Com um suspiro pesado, sentei-me na minha cama. Meu pai, o único que eu conhecia e amava, teria ficado todo Incrível Hulk em cima de mim e arrebentado qualquer porta que eu batesse em seu rosto. Ele teria amaldiçoado e gritado e agido como um grande e desajeitado idiota. Em seguida, ele teria pedido desculpas, me abraçado, e diria que me amava. Este homem não era meu pai. Ele estava quebrado e triste e eu o odiava.

Merda, agora eu estava chorando. Eu estava tão cansada de chorar.

• • •

Alguém estava batendo na porra da porta de Ripper. Alguém que estava prestes a morrer. Deitado de bruços em sua cama, com a cabeça abaixada em seu travesseiro, ele estendeu a mão para a direita, batendo em torno de sua mesa de cabeceira... onde estava... chaves não... maço de cigarros, não... preservativos, não...

Seus dedos se enroscaram em volta do cabo de sua 9mm.

— Ei, idiota! — Hawk gritou. — Você vai sair do seu quarto do caralho em algum momento deste século?

— Vá embora! — Ele gritou de volta, o volume abafado por seu rosto enterrado no travesseiro.

Como o barulho continuou, seu polegar encontrou a 9mm.

Puxou-a de volta.

Clique.

Indicador sobre o gatilho.

Mais uma vez, idiota...

— Ripper! Tire seu traseiro, desculpe...

A bala se fragmentou em toda a sala, em que direção, não sabia, uma vez que ele ainda não tinha se dado ao trabalho de levantar a cabeça.

— Você disparou contra mim?

Ripper sorriu em seu travesseiro. Mesmo com cara de bêbado, cego, com as mãos atrás das costas, ele ainda podia apontar.

Ele deixou outra volta completa. Apenas para a diversão dele.

— Foda-se! — Hawk rugiu. —Eu juro por Deus, idiota, você é...

Outra bala explodiu pelo ar.

— Tudo bem! Eu estou indo! Está feliz, miserável de merda?

Feliz?

Ha! Porra. Ha! Ha!

Apesar da impressionante imagem mental de Hawk, 1,88m, 104 kg de músculos rompendo, braços tatuados, e geralmente, ostentando um moicano de três polegadas, ele estava correndo do projétil no corredor, e estava longe de se sentir feliz.

Ele não tinha estado feliz em... quanto tempo tinha se passado, desde que Frankie Deluva o esculpiu como um maldito Jack Lanterna?

Quatro anos? Cinco? Quem diria? E realmente, quem se importava?

Não importava quantos anos tinham se passado, ele ainda poderia perder o olho direito, ainda parecia que ele tinha corrido dez ou vinte voltas com um leão da montanha desnorteado, e ele ainda seria um maldito miserável por causa disso.

E agora... ele tinha fodido Danielle West e estava esperando morrer. Ele estava esperando para morrer durante todo o dia e quando um homem sabe que vai morrer, mas não sabe quando ou como, ele se prepara para uma espera muito desagradável.

E ele sabia. Esta foi a segunda vez em sua vida que ele esperava morrer.

Gemendo, amaldiçoando o sol e sua vida e seu pênis estúpido, Ripper puxou o travesseiro que estava embaixo dele e usou para cobrir a cabeça. Puta merda, ele era um idiota.

E ele não só transou com ela, ele tinha estado em tudo nessa merda, boca e mãos em todos os lugares, fazendo praticamente tudo o que um homem poderia fazer para uma mulher, com a exceção de algumas performances de escolha.

Ele tinha fodido Danielle West.

E ele ia morrer por causa disso.

Ele sabia que Danny era uma maldita tagarela. Ela estava sempre divagando e falando sobre música, roupas e algum imbecil chamado Chan alguma coisa Tatér Tots. Ela iria extravasar com alguém e, então, alguém iria extravasar a outra pessoa e, em seguida, ele seria comida de verme.

Sem entusiasmo, ele rolou seu corpo e balançou as pernas para fora da cama. Logo que as botas bateram no chão, ele fez um esforço combinado para se sentar. Não conseguiu. Ele tentou de novo, espalmando o colchão, ele foi capaz de se colocar em uma posição ereta.

Ele estava de pé. Encantador.

Tequila 0 X Ripper 1.

Agora, se ele pudesse dominar a arte complexa de andar.

E assim começou seu singular e embaraçoso espetáculo de circo.

Tequila 1 X Ripper 1.

Quando ele finalmente conseguiu encontrar seu banheiro, o que não deveria ter sido tão difícil já que estava em seu exíguo quarto de nove por dez, bem, assim que localizou o banheiro ele decidiu que estava bêbado demais para urinar em pé. Então ele, um auto-proclamado bêbado, arma em punho, motociclista extraordinário, estatelou seu traseiro no assento, enfiou seu pau entre as pernas, e urinou como uma menina.

Tequila 1 X Ripper 1.5.

Agora, ele tinha que se levantar. Mais uma vez.

Surpreendentemente, ele se fixou em pé, mas quando a necessidade de caminhar surgiu, ele caiu para frente, incapaz de suportar seu próprio peso, e foi tropeçando até a pia.

Segurando a borda do balcão, Ripper olhou seu maldito reflexo embaçado. Olhou para o buraco onde o olho direito estava sete feridas em toda a sua bochecha direita, o braço direito mutilado, e...

— Por que você não podia ter apenas me deixado morrer? — ele sussurrou para um Deus que, obviamente, não se importava com ele.

Ele esteve pronto para morrer.

Mas Deus não lhe concedeu a paz, o filho da puta tinha lhe dado o inferno na terra em vez disso. E o rosto de um demônio para combinar.

Ripper engasgou enquanto Frankie enfiou sua espada em seu peito, rasgando sua pele. Mais uma vez.

Nu. Amarrado no chão de um antigo armazém, sangrando de muitas feridas para contar, Ripper sabia que ia morrer e, silenciosamente, embora com um pouco de raiva, fez as pazes com Deus.

— Não olhando tão bonito outra vez, Cavaleiro — disse Frankie, rindo. — Olhando muito do caralho fodido.

Ele piscou, tentando ver através do sangue e lágrimas. — Foda-se — ele murmurou. — Foda-se.

— Desculpe babaca, você não é meu tipo. Mas eu vou fazer um acordo com você. Você me diz que porra de negócio Deuce tem trabalhado com a equipe de Bannon, quanto lucro ele está segurando e eu vou deixá-lo se masturbar antes de eu cortar a porra da sua garganta.

Ele sufocou um soluço. Ele não queria morrer e ele definitivamente não queria morrer assim, nas mãos de um louco, que fazia as pessoas sangrar e gritar, antes de executá-las. Mas não havia nenhuma maneira no inferno, dele desistir de sua sociedade ou de sua presidência. De jeito nenhum.

— Faça o seu pior, porra, chupador de pau, pedaço de merda — ele engasgou, encolhendo-se quando disse isso. Você não diz a um homem como Franklin "Louco" Deluva para fazer o seu pior e depois esperar coisa nenhuma, mas absolutamente seu pior e pior, e o pior de Frankie foi...

Ripper gritou quando a lâmina de Frankie furou seu globo ocular.

Sentado em cima de seu corpo amarrado, impedindo-o de se debater, Frankie torceu lentamente sua lâmina.

Simples.

Muito quente.

Chama.

Ele gritou e chorou, até que, felizmente, seu cérebro escolheu aquele momento para apagar e ele desmaiou.

Não que ele não merecesse o que Frankie lhe tinha feito, ele entendia o que tinha feito. Quando você rouba tantas vidas quanto ele tinha roubado ao longo dos anos, infligido tanta dor quanto ele tinha, sem dar um segundo pensamento ao que esteve fazendo... bem, então, você não tem o direito de se sentir surpreendido quando Deus decidia deixar o destino te foder a bunda com um tridente.

Mas isso não significava que ele estava feliz com isso.

Na verdade, com o passar dos anos ele foi tornando-se mais irritado, cada vez mais miserável, incapaz de esquecer, mas tentando desesperadamente. Ele estava bebendo mais, batendo em coisas que não devia, fazendo seja o que for ou com quem for sentindo-se tal como, porque... realmente... quem daria a mínima para o que ele fazia.

Ripper não tinha família para apoiá-lo, não tinha uma namorada com quem transou aproximadamente duas vezes, e se seus irmãos soubessem o que realmente tinha acontecido com Frankie, o verdadeiro motivo que o fez apto para fugir, eles perderiam todo o respeito por ele.

Então, sim, o que significa ele ter sorte de merda, merda.

E agora ele poderia adicionar Danny à longa lista de erros que ele tinha cometido em sua vida.

Danny.

Porra, a filha de Deuce.

Ele tinha fodido com a filha de Deuce.

Ele estava ferrado.

Ele estava tão ferrado, caralho.

Talvez isso fosse como sua vida miserável estivesse finalmente acabando: morte por sexo.

Que, quando ele pensava sobre isso, fazia sentido. Foi por causa de sexo que você veio gritando ao mundo, poderia muito bem ser o sexo que te tirasse do mesmo.

Olhando para seu reflexo, Ripper começou a rir, porque, que merda, esta merda não era real. Isso não poderia ser sua vida.

E então ele teve que desviar o olhar, porque a porra do homem adulto que era, não queria se assistir chorar.

CAPÍTULO CINCO

Deuce se inclinou para frente em seus guidões, observando o playground do parque, até que ele encontrou o que estava procurando. De pé ao lado de Kami, perto da caixa de areia Ivy estava tocando em Eva.

Cox estava a cerca de vinte metros de distância, jogando bola com Devin e Maria Catherine, olhando cada centímetro do pai dedicado tanto a filha como o filho que ele não sabia que tinha tido até ... Jesus , já havia se passado dois anos?

Deuce nunca foi um pai dedicado.

Ele tinha sido um pai de merda.

Nunca em casa, sempre perdendo a paciência , não dando a mínima para o que a cadela de uma mãe estava fazendo, sem saber o que diabos estava acontecendo com Cage ou a vida de Danny .

Ele prometeu a si mesmo que ia ser diferente com Ivy, com Eva. E tinha sido. Merda tinha sido muito bom.

E depois...

Em sua visão periférica, Deuce viu Frankie levantar-se de joelhos e elevar os quadris de Eva. A mão de Frankie serpenteou em volta da cintura e mergulhou entre as coxas. Eva perdeu a batalha. Conteve o fôlego, seus olhos reviraram, mesmo enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto. Suas pernas tremiam, ela foi de cara no travesseiro, chorando baixinho através de seu orgasmo. Frankie seguiu para baixo, gemendo alto, seu corpo sacudindo. Então Frankie virou para ele. E sorriu.

O peito de Deuce foi apertado. Foda-se ele, não podia sequer pensar nisso sem querer matar alguém. Ele tinha sido impotente. Frankie tinha tomado o que era seu, bem na frente dele. E riu disso. E Eva, filha da puta maldita Eva, tinha gozado com o pau de outro homem dentro dela. Estuprando-a. Na frente dele.

Toda a porra dessa coisa fez mal a seu estômago.

Ele não podia passar por isso.

Ele não podia esquecer.

Ele ficou ao lado de Eva através de toda a sua besteira. O luto por Frankie, culpando-se, então choque tinha, em conjunto seguida de depressão do tipo que ele nunca tinha visto antes. Por um tempo ele pensou que ela nunca sqairia dessa, e ele ficou se cagando de com medo por causa disso. Porque, foda-se ele, nunca amou uma mulher que ele amava essa mulher, e o pensamento de perdê-la era inconcebível para ele.

Mas ele perdeu.

Ela estava bem ali. Talvez a quinze metros de distância dele, mas ele tinha perdido.

Ele tinha perdido ela no momento em que ela tentou beijá-lo, tocá-lo, estar com ele de novo, e ele não pôde.

Ele não podia porque não podia olhar para ela sem ver Frankie. Sem querer vomitar. Sem querer estrangular Eva porque, porra, ela porra tinha gozado sobre ele.

Kami o viu primeiro. Ela cutucou Eva, disse alguma coisa, e empurrou o queixo em sua direção.

Eva não se virou de imediato, em vez disso, ela olhou para a grama e seus ombros caíram, e ele sentiu que merda toda até seus ossos. Ela não queria vê-lo.

Foi um processo lento quando ela arrastou os pés na direção dele. Ela parou uns bons cinco metros de distância dele, mas parecia uma milha, e seu peito doía ferozmente por causa disso.

Ele queria dizer a ela que ele não a culpava, que ele ia acabar com esta merda. Ele queria dizer a ela toda uma porrada de coisas, nenhuma das quais nunca disse, porque ele sinceramente não sabia se mais algum deles era verdade.

Ele sabia que ele a amava. Mas nunca disse a ela o que queria.

Ele deveria dizer a ela, ele poderia dizer a ela. Tudo o que ele tinha a fazer era abrir a boca e dizer três palavras pequenas, e talvez merda poderia começar a se mover para a frente em vez de recuar no ciclo feio no qual os dois sempre pareciam estar presos dentro.

Estava na ponta da língua, ele estava indo dizer-lhe...

Mas, então, ele encontrou-se perguntando por que ela tinha tanta maquiagem e por que seu vestido estava tão curto e onde diabos ela estava gastando suas noites. Então, ao invés de dizer que a amava, ele abriu a boca com raiva — Onde diabos você está? — Saiu em seu lugar.

— Kami — disse ela em voz baixa.

Ele observou os olhos, à espera de algum tipo de sinal de que ela estivesse mentindo. Mas ela manteve os olhos grandes cinzas apontados para ele, até sem piscar, e ele sabia que ela estava dizendo a verdade. O que, por algum motivo ímpio, o irritou ainda mais.

— Você não dá a mínima por Danny estar sozinha em casa? — Continuou ele, desejando engolir as palavras de volta no momento em que tinha arrojado de sua boca.

— E você? — ela perguntou , e ele fez uma careta internamente.

—Eu tenho coisas para fazer — ele disparou de volta.

Ela olhou para ele e ele olhou para trás. Foda-se, ela era linda e ele a queria. Queria abraçá-la, tocá-la, ele queria estar dentro dela, mas no segundo em que pensou nisso, ele viu Frankie... dentro dela... e seu estômago apertou.

— Foda-se — ele murmurou, esfregando uma mão sobre os olhos, tentando pensar em algo para dizer a ela, algo que não resultasse em seu choro e ele sentindo-se como um idiota depois. — Ouça, o aniversário de Danny é no sábado. Você vai estar lá ?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você trará Ivy?

Ela assentiu com a cabeça novamente.

E, sim, ele estava fora de merda a dizer.

— Estou fora — ele murmurou, sentando-se em linha reta. — Merda tem a ver.

E ele saiu. Sentindo-se como um idiota.

• • •

Sentindo um arrepio que não tinha nada a ver com o clima, Eva voltou para Kami com seus braços em torno de si mesma.

As coisas estavam ruins, muito ruins, e ela não sabia como corrigi-los. Ela não tinha certeza de que, desta vez eles poderiam ser corrigidos.

O que não era justo. Ela e Deuce tinha ido através do inferno e eles mereciam um pouco de paz. E ela queria a paz com ele. Tudo o que ela queria era ele.

— Ah, Evie — Kami sussurrou depois de dar um olhar para ela, provavelmente, vendo em seu rosto como se sentia com o coração partido. — O que você vai fazer?

Por um momento ela não disse nada, apenas olhou para a cara de seu pai com seu cabelo branco-loiro, olhos azuis gelados, e o sorriso multi-covinhas sua filha. Ela via Ivy como um presente, o ponto culminante de sua vida e os anos desperdiçados de empate, a Phoenix renascendo das cinzas de sua devastação, o bem que brilhou tão brilhantemente contra todo o mal, ela fazia o mau suportável.

Ela encolheu os ombros. — Eu vou esperar. Eu só vou esperar e torcer para que ele volte para mim.

Porque ele tinha que voltar.

— Ele é um homem orgulhoso, Evie. Homens como ele, eles não... — Kami parou e respirou fundo. —E se ele não passar por cima disso, o que você vai fazer?

Eva engoliu em seco. Ele tinha que voltar.

Simplesmente não havia qualquer outra opção para ela. Ela o amava muito.

CAPÍTULO SEIS

Eu não tinha certeza se Ripper estava olhando para mim ou me encarando. De qualquer forma, eu podia sentir seu olhar furar no fundo da minha cabeça em chamas, e por causa disso eu tinha começado a suar frio durante numa tarde perfeitamente suave.

— Você está bem? — Eva me perguntou, colocando a palma da mão na minha testa. — Você se sente úmida.

Engoli em seco e assenti. — Tudo bem — eu botei pra fora.

Bolas. Eu estava bem. Era uma festa e eu estava perfeitamente bem. Eu não estava pirando ou qualquer coisa. Então, eu tive um caso de uma noite. Qual era o problema? Mas, geralmente, quando as pessoas tinham um caso de uma noite, elas nunca viam a pessoa de novo, certo? Mas essas pessoas provavelmente não tinhma tido uma noite só com um homem 14 anos mais velho do que elas, que trabalhava para seu pai, um pai que, provavelmente, não definitivamente piraria se ele descobrisse. Então, o que eu deveria fazer? Eu deveria agir como se tudo entre nós fosse o mesmo que era antes ?

Que praticamente não tinha sido nada, além de uma conversa aleatória ocasional que aconteceu na passagem.

E aí , Danny garota?

Ei, Ripper.

É isso aí, isso foi tudo, sem paquera, sem bate-papos excessivamente longos, e então de repente tivemos sexo e agora?

Deus, eu deveria falar com ele? E com Nikki aqui, sua namorada, pendurada em cima dele, como eu poderia? De repente, eu não conseguia entender o que Ripper já tinha visto nela. Por que ele tinha desperdiçado anos estando com um clube de prostitutas. Ela era falsa e suja e usava roupas horríveis que não faziam nada, mas exacerbar quão suja ela realmente era. E foi assim que, de repente eu odiava a mulher para qual nunca tinha dado meio pensamento antes.

Oh Deus, eu estava tão desconfortável, sentindo-me estranhamente constrangida e exposta, desejando que estivesse em qualquer lugar, menos no clube. Ripper pararia olhar - me encarando.

Estupidamente, eu por acaso olhei, e é claro que ele estava olhando para mim. Era gritante. Eu me virei e tentei me concentrar na conversa acontecendo ao meu redor.

— Tegen — disse Dorothy, deslizando um braço sobre os ombros de sua filha e puxando-a para perto. — Conte a todos sua notícia.

A filha de Dorothy era uma bagunça quente. Quase 16 anos de idade e ainda não tinha crescido fora de seu constrangimento de ensino médio. Ela herdou os cabelos vermelho flamejante de Dorothy, mas os dela tinha mais de uma tonalidade alaranjada. Considerando que os de Dorothy era grosso e longo , com ondas suaves, os de Tegen eram simplesmente crespos e geralmente saindo por todos os lugares. Seus verdes olhos amendoados estavam sempre escondidos por um par de quadros pretos grossos, em seus dentes eram um conjunto completo de chaves que, por algum motivo ela decidiu parecia bom com elásticos laranja brilhante. E sua roupa...

Apesar dos melhores esforços de Dorothy, Tegen se recusava a se vestir como uma menina. Não que o visual moleque não poderia ser sexy, era. Em mulheres como Eva. Tegen parecia um pouco estranha em roupas feias dois tamanhos muito grandes para ela.

— Tegen?

Tegen não respondeu, na verdade, ela nem tinha sequer ouvido falar de sua mãe. Ela estava muito ocupada olhando pelo gramado para...

Eu segui sua linha de visão. Cage.

Eu teria rido se não me sentisse tão mal ao meu estômago. Quando ela não estava sentada em um canto escuro ouvindo paralamas Confessional, ela poderia ser encontrada olhando para o meu irmão.

Não era nenhum segredo que Tegen tinha uma queda grave por Cage; ela nunca tinha escondido e na minha opinião, ela o seguia como um cachorrinho triste o tempo todo, era apenas triste. Mas ainda mais embaraçoso. Para mim.

— Baby? — Dorothy deu-lhe uma sacudida.

Tegen olhou para cima. — O quê?

— Sua notícia—, Dorothy repetido. — Conte a todos.

As bochechas de Tegen ficaram rosa. — Mamãe — ela murmurou. — Sério? Não é assim tão importante.

Dorothy ficou de boca aberta para ela. — Sua história foi publicada em um jornal de circulação nacional e não é importante?

Eva puxou o cabelo de Tegen e sorriu. — Isso é tão impressionante, bebê. Eu estou orgulhosa de você.

Revirando os olhos, Tegen encolheu os ombros. — Foi apenas um concurso estúpido — ela disse e voltou a olhar não tão secretamente meu irmão. Dorothy e Eva continuaram a conversa e eu voltei para o meu suor frio porque Ripper ainda estava olhando - me encarando.

• • •

— Baby — Nikki murmurou, passando a mão até a coxa de Ripper. — O que está errado com você?

O que estava errado com ele? Ele ainda estava à espera de morrer, isto é o que estava errado com ele.

Filho da puta, ele estava uma bagunça. Ele não dormia há quase uma semana, a menos que você contasse desmaiar frio de envenenamento por álcool.

Porra , o que ela tinha dito a ele?

Ripper, você ainda é bonito. Então você tem algumas cicatrizes. Então o que?

Ela transou com ele, literal e figurativamente. Ele tinha sido feito para o momento em que ela o chamou de bonito.

Jesus , ele era apenas humano.

Com as mãos tremendo, Ripper agarrou seu maço de cigarros fora da mesa de piquenique em frente a ele, sacudiu um fora e, quando ele trouxe-o para sua boca, voltou seu olhar através do gramado.

Qual diabos era o seu jogo?

Ela o odiava. Ela tinha que odiar. Ela queria que ele morresse .

Mas por que ela o odiava? Ele nunca tinha feito nada para ela. Ele mal tinha tido alguma coisa a ver com ela.

Até agora.

Ela não tinha dito sobre ele também.

Mas por que ela? Ela tinha se dado de todo o coração para ele, se a memória servisse.

Ripper fechou os olhos e viu Danny espirrando nua no lago, a água só alcançando sua cintura, seu longo cabelo loiro molhado e colado ao seu corpo, as gotas de água que se agarram a seus cílios, lábios e seios.

— Oh meu Deus. — Ela riu. — Eu estou tão bêbado!

Sim, e ele tinha um tesão do inferno que estava tornando-se difícil pensar em qualquer coisa, mas agarrá-la, atirando-a para baixo, e foder a merda fora dela.

— O que está errado, Sr.Mal-humorado? — Ela riu, atirando os braços ao redor de seu pescoço, pressionando seus seios contra seu abdômen e seu estômago em sua ereção. Prendeu a respiração, manteve as mãos em punhos em seus lados. Ele não ia tocá-la. Ele não ia tocá-la...

— Ripper?

Ele olhou para baixo e encontrou-a olhando para ele através de cílios molhados. Jesus.

— Sim?

— Obrigado por dançar comigo — disse ela em voz baixa, quase timidamente. — E por não me levar para casa.

— Sim — disse ele com firmeza. — Não é grande coisa.

Sua mão deslizou de seu pescoço até o peito e ele fechou os olhos enquanto ela traçou uma das muitas cicatrizes lá. — Foi para mim — ela murmurou.

— Danny — ele rosnou, recusando-se a olhar para ela. — Se você continuar me tocando assim eu não vou ser responsável pelo que eu acabar fazendo.

Então ele sentiu. Seus lábios deram um beijo suave no centro do seu peito, sobre a pior das cicatrizes e permaneceram ali, beijando suavemente.

E então ele ouviu. Cinco pequenas palavras que desligaram o cérebro e estimularam o seu corpo em ação. — Ripper — ela sussurrou contra sua pele arruinada. — Faça a minha noite de baile perfeita.

Ela wham, bam, obrigado por seus serviços, Ripper, e eles tinham seguido caminhos separados. Não havia necessidade de dizer a ninguém, não havia necessidade de fazê-lo novamente.

O que trazia outra questão. Por que diabos ela tinha feito isso em primeiro lugar?

Porque ela estava bêbada? Para dar a seu pai uma foda de lição?

Com Deuce e Cage constantemente respirando no seu pescoço, a garota não tinha um monte de liberdade para fazer o que quisesse. Assim, de maneira que fazia sentido que ela acabasse na cama com um irmão, os únicos seres humanos com paus que Deuce tinha de bom grado de deixar ela se associar.

Mas ultimamente Deuce tinha estado ausente do mundo, e Cage estava geralmente enterrado em mulheres.

Se ela só queria uma foda, havia outros irmãos, mais novos, muito menos fodidos.

Puta merda... ela tinha sido uma virgem?

Oh Deus, ele ia vomitar.

Por que ela fez isso com ele? Que porra é essa que ele já tinha feito com ela ?

— Olá? — Nikki estalou os dedos na frente do rosto. — Esta é uma festa, lembra? Solte-se.

É. Tanto faz. Havia sempre uma festa. Entre os membros do clube e suas famílias, era sempre o aniversário de alguém, um casamento, um bebê nascendo. Ele congelou. Aniversários. Puta merda, que idade tinha Danny?

Ripper digitalizou suas memórias, pensando nos aniversários durante o ano passado e...

Seus ombros caíram quando ele suspirou de alívio. Ela tinha dezoito anos. Legal. Obrigado, Deus. Ela tinha feito dezoito algumas semanas antes de ele se fazer trinta e dois.

Empurrando a mão de Nikki para fora de seu rosto, ele olhou para o outro lado do gramado.

E... ela ainda não estava olhando para ele.

Ele passou uma semana inteira pensando sobre nada, mas ela, perguntando se ela tinha derramado o feijão, perguntando se ela estava indo mostrar seu rosto no clube, perguntando por que ele daria a mínima se ela mostrasse seu rosto no clube ou não, o pânico, foda-se cada vez que via Deuce, pensando que a qualquer momento ele estaria vindo para ter suas bolas arrancadas.

Ele apagou o cigarro na mesa de piquenique, pegou sua mochila, e sacudiu o outro.

Foi com isso?

Ele poderia simplesmente esquecer toda a foda e seguir em frente?

Ele desejou que alguém lhe dissesse.

Assim sendo Danny, que, por sinal, ainda não estava olhando para ele.

E foda-se, ele ainda estava olhando para ela .

Ele não conseguia parar.

Danny era a versão natural de Nikki. Naturalmente loira, naturalmente bronzeada, não tinha que usar uma porrada de maquiagem.

Nove anos atrás, quando ele conheceu Nikki, ele gostou dela o suficiente para considerá-la sua namorada. Ela era quente pra caralho, cheia de curvas como o inferno, e uma aberração na cama. O único problema era que ele nunca chegou a esse ponto onde ele queria desistir da buceta na lateral, e por incrível que pareça , Nikki estava bem com isso. Então, quando ele chegava em casa, todo fodido de Frankie, ela nem sequer piscava. Ela não tinha dado a mínima.

Foi quando Ripper soube que ela era como qualquer outra prostituta de clube, só em sua cama para que o clube pudesse lhe dar. Mas ele não se importava. Ela era apenas uma cadela, ele jogou um par de contas de uma só vez em quando. Ela tinha o clube e ele tinha uma buceta sempre que ele queria. Funcionou.

Ele olhou para Nikki e franziu a testa. Seu cabelo loiro tingido estava seco e crespos, sua maquiagem vaporosa, com os olhos cansados. E todas essas curvas se expandiram. A cadela parecia mais velha do que ele, e, infelizmente, ainda tentando balançar essas saias de couro minúscula que ele usava para o amor.

Sim, não estava mais funcionando.

Ele olhou para Danny. Naquele corpo assassino, o vestido rosa furtivo cobrindo-o, seu longo cabelo loiro pendurado pelas costas em ondas suaves e ...

Ele tinha estado dentro disso.

Ele tinha sido dentro disso.

Foda-se ele. Ele ainda não estava registrando. Ele sabia que tinha acontecido, tinha as memórias, mas não conseguia entender isso. Ele não tinha estado com uma mulher tão bonita desde antes de Frankie.

Ripper não conseguia nem se lembrar da última vez que tinha estado com alguém como Danny. Limpa e boa... e praticamente intocada. Porque ela não era virgem, certo? Ela não agia como uma virgem. Deus, ele esperava como o inferno que ela não fosse virgem.

— Vai ficar assim o dia todo? — perguntou Nikki.

Ele a ignorou. Danny estava em movimento, caminhando na direção do clube, todo o material rosa agarrado ao seu corpo, avançando até as coxas. Coxas que ele se lembrava enroladas na suacintura, suas unhas cavando em seus ombros, ela gritando seu nome enquanto ele batia nela.

Ele olhou e olhou e... ela lançou um olhar em sua direção, e sim, ela teve uma reação. Seus olhos se arregalaram, seu rosto ficou vermelho, e ela rapidamente desviou o olhar.

Então ... o que diabos isso significava?

Ela estava envergonhada que tivesse transado com ele? Uma garota como ela, ele não iria culpá-la.

Mas ... ela implorou por seu pênis. Ela gemia e pedia, moendo sua buceta contra sua boca, arrancando os cabelos de sua cabeça.

— Ripper — ela gritou, debatendo-se embaixo dele. — Agora, por favor, por favor, agora ...

E se não tivesse sido ele quem a tivesse pegado?

E se tivesse sido Bucket ou sujo ou ZZ?

Teria ela os fodido em vez disso?

Será que ele se importava?

Não. Buceta era buceta. Ele não deu a mínima cuja vagina estava dando ao pau dele um lar temporário, enquanto estivesse molhada, quente e apertada.

Nem ele daria uma foda a quem mais estivesse mergulhando dentro dessa merda.

Mas Danny ... E de repente ele estava dando a mínima para uma buceta?

Não. Não, ele não se importava.

Mas sim, ele meio que fez.

O que filho da puta estava errado com ele ?

Nada havia nada de errado com ele.

Ele não dava a mínima. Nikki, o clube, a cadela de pé pelo gramado, a morena em um banheiro de um bar algumas semanas atrás, nenhuma delas importava porque buceta era buceta.

Ripper, faça a minha noite de baile perfeita.

Ele não tinha certeza o quão perfeita ele fez a noite, mas com certeza ela pra caralho fez a sua muito foda espetacular.

Espetacular. Quando foi a última vez que ele tinha usado uma palavra como espetacular para descrever o sexo?

A puta loira com a qual ele tinha perdido a virgindade? Tiffany ou coisa assim?

Não. Isso tinha consistido em — Puta que pariu, este se sentia incrível — e um minuto depois, tudo estava acabado.

Dez anos atrás, quando Eva e Kami tinham aparecido do nada e ele e Cox passaram três dias trancados em um quarto com aquela vadia magra e rica?

Não. Essa bagunça só poderia ser considerada apenas isso. A bagunça. Uma transa hard-core, sim, mas ainda uma bagunça considerando que Cox era casado com a cadela agora e Kami amava usar Ripper para fazer Cox ter ciúmes quando ela estava brava com o cara. O que era a cada cinco segundos e assim maldito irritante que ele começou desejando que a merda da festa de três dias nunca tivesse acontecido.

Então, não. Ele nunca tinha tido relações sexuais antes de espetacular.

Até agora.

Puta merda, o que estava errado com ele?

Ele estava ficando louco, isso é o que estava errado com ele.

Ele finalmente perdeu a cabeça.

CAPÍTULO SETE

— Você está agindo de forma estranha — disse Anabeth, sem tirar os olhos das unhas dos pés que estava pintando. — Mais estranha do que o normal, quero dizer.

Ellie tirou os olhos do livro que estava lendo, e olhou para mim. — Ela está certa. Você está agindo estranho, desde o baile.

Revirando os olhos, voltei-me para o meu espelho, e apliquei uma leve camada de gloss cor pêssego, apenas o suficiente para dar um pouco de brilho e um impulso de cor natural. Então eu alisei meus longos cabelos loiros, reaplicando meu delineador, verifiquei novamente o zíper da minha saia jeans, e ajustei minha camiseta rosa. Talvez o meu cabelo ficasse melhor liso hoje?

— Sério, Danny, o que há errado com você? E por que você está colocando tanta maquiagem? Você parece uma prostituta.

O que havia de errado comigo? Eu era uma bagunça. Tudo o que eu conseguia pensar era em Ripper e o que tinha acontecido no lago.

Desde a festa de aniversário de Dorothy quase duas semanas atrás, eu tinha evitado o clube como uma praga. Eu não me importava que não houvesse ninguém em casa para sair comigo, eu estava com medo de correr para Ripper novamente.

Por que eu não conseguia parar de pensar nele?

— Danny, o que há de errado?

Eu me virei. — Eu dormi com Ripper — eu soltei, logo em seguida batendo minha mão sobre a minha boca.

A boca de Ellie se abriu uma reação totalmente diferente do sorriso de Anabeth.

— Ripper — disse Ellie lentamente. — Como Ripper, Ripper? Sargento Pau pra toda obra do seu pai?

Eu balancei a cabeça.

Anabeth soltou um grito animado. — Finalmente! — Ela gritou. — Eu pensei que você ia morrer virgem!

Eu olhei para ela. —Eu não era virgem.

Ela fez uma careta. — Shawn O'Brian não conta. Isso foi como, o quê? Cinco minutos no inferno? Então não conta.

— Oh Deus, Anabeth — Ellie murmurou. — Toda a sua vida é baseada em torno do sexo.

— E daí — ela disparou de volta. — É melhor do que ter relações sexuais com personagens de ficção!

Ellie levantou-se da minha cadeira. — Eu não tenho relações sexuais com personagens de ficção!

— Oh poooor favor, eu vi os livros que você lê. Todos aqueles homens, grandes e musculosos e as mulheres virgens, e o incrível sexo ardente. Por qual outra razao você lê essas porcarias, se não para se aliviar?

Ellie estava prestes a explodir. Seus olhos estavam esbugalhados, e suas narinas dilatadas.

Ignorando-a, Anabeth virou-se para mim. — Foi bom? — Ela perguntou.

Eu enterrei meu rosto em minhas mãos e olhei para minhas amigas através dos meus dedos. — Sim.

O sorriso de Anabeth se tornou malicioso.

Ellie voltou seu olhar assustado para mim. — Você realmente gosta dele? Ele é tão... velho.

Se eu gosto dele? Hum, eu não gostava dele, eu gostava... Eu?

Anabeth riu. — Oh, quem se importa. Ele tem o que, trinta?

— Trinta e dois, eu acho — eu disse , encolhendo-me quando olhei para Ellie que tinha uma cara de nojo.

— Ignore-a — disse Anabeth com desdém. — Ripper é quente. Todo grande e mau e cheio de cicatrizes. E por falar em grande, quão grande ele é?

— Cicatrizes? — Ellie ficou boquiaberta com Anabeth. — O homem tem a metade de um rosto!

Deixei minhas mãos cairem e olhei para as duas.

— O quê? É uma questão válida!

— Não é da sua conta! E ele não tem meia cara! — Gritei.

O sorriso de Anabeth se tornou mal. — Oh. Meu. Deus. Você gosta dele!

— Nojento — Ellie murmurou. — Não só ele é deformado, como é velho o suficiente para ser seu pai.

— Isso faz com que ele seja ainda mais quente — disse Anabeth, balançando a cabeça com força.

— Ele não tem idade suficiente para ser meu pai! — Eu gritei. — Meu pai tem tipo, cinquenta!

— Seja como for — disse Ellie. — Esse não é o ponto. O ponto é que você gosta de um homem mais velho, deformado, que trabalha para seu pai louco. Você realmente vê a si mesmo namorando ele?

Namorá-lo? A ideia de ir a um encontro com Ripper era absurda. Ele não era o tipo de cara que você leva para assistir um filme, e depois para o jantar.

Ele era o tipo de cara que te arrastava para fora do lago, que te joga no chão, tocando e rosnando todas as coisas sujas que ele planeja fazer com você... e depois as faz. No vale-tudo, invandindo e entorpecendo sua mente, com movimentos pertubadoramente impressionantes. Eu fechei os olhos, lembrando-me...

— Foda-se — ele continuou resmungando, entre beijos que foram se tornando, cada vez mais frenéticos. — Porra, Danny, foda... Eu vou foder você tão forte... que você vai gritar, baby.

Ele me puxou para fora do lago, e caimos em cima de um monte de galhos secos, seu corpo pressionado contra o meu, apertando sua ereção em meu estômago. Por instinto, agarrei seus bíceps duros, com uma necessidade que corria através do meu corpo.

— Eu quero essa buceta, baby — ele rosnou com voz rouca, chupando e mordendo meu corpo. — Me dê essa buceta porra.

Meus olhos se abriram. O que havia de errado comigo? Ele me tratou como uma prostituta, e eu estava fantasiando sobre ele? Ugh.

Anabeth soltou uma gargalhada. — Quem disse alguma coisa sobre namoro? Somente tenha sexo, sexo quente e suado, mas em segredo, e se livre dele quando você ficar entediada.

Olhei meu reflexo no espelho, meu estômago em nós, e peguei meu brilho labial. — Ele não me quer — eu murmurei.

Anabeth bufou. —Ele está com medo do seu pai. Tudo que você tem que fazer, é mostrar o que você tem na frente dele. Mostra o que ele tá perdendo.

E o que exatamente ele estava perdendo? Olhei para o meu reflexo, pensando em Nikki. Ele tinha que gostar dela, ele a tinha mantido por perto por muito tempo. Além de ter o cabelo loiro e olhos azuis, ela era tudo o que eu não era. Ela era alta, e eu tinha altura mediana. Ela tinha um corpo em forma de ampulheta, e eu era magra com curvas leves. Ela tinha um monte de tatuagens, usava couro, muito batom vermelho e unhas compridas, enquanto eu não tinha

tatuagens, nunca, nem morta usaria couro, gostava de cores mais claras, e mantinha minhas unhas curtas e bem cuidadas.

— Eu não acho que sou o tipo dele.

— Oh, por favor, você é linda, você é o tipo de todos. Mesmo eu quero você.

Eu pensava nele olhando para mim, o imaginei me culpando pelo que tinha acontecido, e soltei um suspiro. — Eu tenho certeza que ele não me quer de novo — eu sussurrei.

Anabeth apareceu ao meu lado.

— Você o quer de novo?

Olhei para seu reflexo.

Será que queria? É por isso que eu não conseguia parar de pensar nele? Ou quão incrível era a sensação de ser tocada por ele.

— Sim — eu sussurrei, sentindo-me ridícula.

Ela sorriu para mim no espelho.

— Então, nós vamos fazê-lo querer você.

• • •

— Eu não tenho certeza, mas acho que Prez está tentando nos punir. — disse Bucket, recostando-se na cadeira do pátio, olhando para o quintal do clube.

Ripper olhou pelo gramado para onde Danny e suas duas amigas, a loira sexy e cheia de curvas, e a gostosa mulata de cabelo curto, tomavam banho de sol. Em biquínis fio dental. E o de Danny era rosa. Rosa quente e fio dental. Mas. Que Porra. Ela estava fazendo essa merda de propósito.

E Bucket a estava fodendo com o olhar. O cara tinha idade suficiente para ser seu pai, mas tinha boa aparência o suficiente para que as cadelas mais jovens

se oferececem a ele. Tanto quanto sabia Ripper, Bucket nunca tinha fodido uma cadela com mais de vinte e cinco.

Algo que ele nunca tinha se importado, até agora.

Até que Danny tinha saido para o quintal, basicamente nua, mostrando seus peitos e bunda, e agora, Bucket estava olhando. Mas que porra.

— Sim — ele murmurou. — Eu definitivamente deveria parar de ficar encarando, ou Prez vai acabar com a minha raça.

Ou ele mesmo o faria. Sim, ele estava a dois segundos de acabar com Bucket.

Rangendo os dentes, ele desviou o olhar de Danny e tentou realmente pensar em outra coisa. Qualquer outra coisa.

— Quantos anos vocês acham que elas têm? — Perguntou Bucket. — Danny dezoito anos, não é? Suas amigas devem ter.

— Cara — disse Tap. — Minha filha é apenas alguns anos mais velha. Cale a boca.

— Não é da sua filha que estou falando — Bucket revidou.

— Nem pense nisso — disse Eva, tomando um assento ao lado dele, com Ivy no colo.

— O que é isso, Foxy? — Bucket disse, sorrindo. — De repente, você é uma fodida preconceituosa? Eu tenho que te lembrar de que seu velho deu uma surra em Prez por mexer com você.

Os grandes olhos cinzentos de Eva se estreitaram. — Cale a boca — ela atirou de volta. — Eu só estou pensando em Danny. Vocês agindo como pervertidos, so vão conseguir aborrecê-la.

— Pervertidos! — Bucket gritou ofendido. — Há três cadelas quentes deitadas seminuas no quintal do meu maldito clube, e eu tenho que agir como se eu fosse a porra de um cego? Foda-se isso. Prez é mau. Especialmente agora. Por que diabos Danny não está em casa?

Porque, ele pensou, olhando para Eva, alguém tem as bolas de Deuce, dentro de sua bolsa.

— Porque — Eva suspirou. — Ninguém mais está em casa, então por que ela deveria estar em casa?

— Você poderia estar em casa — eu disse. —Deveria estar em casa.

Não ficando em MCs o tempo todo, não dando lugar para adolecentes dentro do MC, forçando-o a vê-las usando biquinis, deixando-o vulnerável a acidentalmente fodê-las. De novo.

Tap lançou-me um olhar duro. — Deixe de ser um idiota, irmão — disse ele.

— Está tudo bem — disse Eva calmamente. — Mas vamos deixar uma coisa bem clara, tudo bem, Ripper?

— E o que seria, querida? — zombou.

— Eu não sei — ela disse uniformemente. — Se eu soubesse o que ele tinha feito para você, eu teria...

— Você teria o que? — Ele gritou, pulando e derrubando sua cadeira para trás. — Você teria feito o quê, vadia? Teria cantado a porra de uma canção de ninar? Teria dito que tudo ia ficar bem, porra? Você estava sem sentido, quando ele veio para cima de mim! Você não teria feito porra nenhuma para ajudar, merda!

Ivy começou a chorar e Bucket de repente apareceu em sua frente, o puxando para longe. — Dê um passeio cara — ele assobiou. — E esfrie a porra da sua cabeça, antes que Prez acabe com você por falar com ela desse jeito.

— Ela não teria feito merda nenhuma! — Ele repetiu, inclinando-se sobre Bucket e apontando para Eva. — Eu vi você com ele, Eva! Dizendo-lhe um monte de besteiras, dizendo que não podia dormir sem ele, justificando porque ele estava mandando ver em você, e você chorando como um bebê, dizendo a ele que ficaria tudo bem!

— Sai daqui! — Bucket gritou, empurrando-o para trás.

Eva apareceu ao lado de Bucket. — Eu sinto muito que Frankie levou a porra do seu olho — ela sussurrou. — Ele também levou vinte e dois anos da minha vida! Se alguém entende o que é a sensação de perder algo nas mãos de Frankie, esse alguém sou eu!

— Foda-se — ele cuspiu com raiva. — Você poderia ter ido embora, poderia ter chamado Prez, poderia ter dito algo ao seu velho. Você tinha uma escolha porra! Eu não tive esse luxo Eva, eu não poderia ter ido embora! Eu não podia sair porra!

— Eu também não — ela sussurrou.

Ele olhou para ela, tentando descobrir o que diabos ela quis dizer com isso.

— Atenção — Bucket murmurou, movendo-se à medida que Deuce saía para o pátio dos fundos, olhando-os com cautela.

— Que porra esta acontecendo aqui? — Deuce rosnou.

— Nada — disse Eva olhando para ele. — Ripper e eu estávamos tendo uma pequena discussão sobre qual das amigas de Danny parece melhor em seu biquíni.

Os olhos de Deuce foram direto para onde Danny estava deitada, seus olhos tornaram-se gigantes e suas narinas dilatadas. — Danielle Elizabeth West porra — ele gritou e empurrou-os, dirigindo-se para a filha. — Que porra você não está VESTINDO?

Eva lhe deu um pequeno sorriso, triste. — Dois pássaros, uma pedra — disse ela em voz baixa e se afastou. Após pegar Ivy de Tap, ela desapareceu dentro do clube.

— Cara — disse Tap, levantando-se. — Você é um idiota de primeira classe.

— Além disso — disse Bucket, olhando para ele. — Fox não merece o seu ódio, irmão. Frankie merece.

Ignorando-os, sentindo-se como um idiota, um idiota justificado, Ripper atravessou o quintal e entrou no clube. Ele nunca deveria ter aberto a boca. Ele havia conseguido manter sua opinião sobre Eva, mas ele estava ficando cada vez mais tenso, com toda essa merda que tinha acontecido com Danny. Sentia-se viciado metade do tempo e a outra metade...

Ele a queria. Ela era malditamente bonita. E ele era um merda. Não havia uma parte de seu corpo que ele não tivesse tocado, que sua boca não estivesse sobre.

Ele queria mais.

Ah, foda-se, o que ele estava fazendo?

Ele deveria esquecer o que houve, e não ficar fantasiando sobre ela. Fantasiar sobre ela só ia levar a transar com ela de novo, e transando com ela novamente levaria a transar com ela de novo e de novo e de novo.

Foda-se, ele queria que ela fosse embora. Que ela fosse para casa, fosse para qualque outro lugar, viver com a mãe, ir para a faculdade ou para a França.

Ripper tinha sua chave na porta quando o som de risadas lhe chamou a atenção. Virando a cabeça, ele encontrou Danny com suas duas amigas, e Deuce escoltando as três no corredor. Suas amigas estavam olhando para ele, a loira estava rindo e a mulata de cara fechada, e Danny se tornou de um vermelho brilhante, olhando para qualquer lugar, menos para ele.

Foda-se. Ela não havia contado para elas. Ela não havia aberto sua grande boca e contado para suas amigas idiotas.

Ele estava tão ocupado olhando para ela, que nem percebeu que Deuce havia parado ao lado dele, até que ele bateu na parte de trás da sua cabeça.

— Que porra você está olhando? — Deuce exigiu e bateu-lhe novamente.

— Nada — ele murmurou. Virando a chave, ele abriu a porta e fechou-a rapidamente atrás dele. Deslizando pela porta, ele bateu no chão e escondeu o rosto entre as mãos. Que diabos havia de errado com ele? Por que não conseguia parar de pensar nela?

Ele não tinha dado a mínima para nada em tanto tempo que ele havia se esquecido como era. Esqueceu como era horrível não sentir absolutamente nada.

A última vez que ele tinha dado a mínima foi...

Ripper voltou à consciência em chamas. Em todos os lugares. Ele estava amordaçado, estava quente e úmido, o fogo caía sobre seu rosto e peito. Cuspindo e gritando, ele tentou se afastar, mas estava preso, e não conseguia se mover.

— Acorde bela adormecida. — Frankie riu e Ripper ouviu a lâmina afiada de uma faca, então sentiu a mudança no ar, quando Frankie ajoelhou-se ao lado dele. Com a boca cheia de mijo, ele engasgou a procura de ar.

— Vou tentar essa merda uma última vez, Cavaleiro. Se você não me der o que quero, vou acabar com você.

Seu corpo tremendo, sua pele queimando, incapaz de ver o que ia ser o golpe final, Ripper permaneceu em silêncio, rezando para que fosse em breve.

Xingando, Frankie puxou a corda de ligação de seus tornozelos para os pulsos e começou a serrar através dele. Não mais limitado na posição fetal, Ripper caiu de lado, deitado de costas. Agarrando suas bolas, Frankie apertou e torceu.

— Fale seu merda — ele rosnou.

Respirar. Ele só tinha que continuar respirando. Ele só tinha que respirar, dentro e fora, até que Frankie finalmente terminou.

— FALE! — Frankie gritou e torceu ainda mais.

Uma dor lascinante em sua virilha, que explodiu em suas entranhas. Ele não poderia falar agora, mesmo que ele quisesse.

Respire.

Apenas respire porra.

RESPIRE, droga. Respire.

— Ei Frankie! — Uma voz gritou.

Frankie o soltou e seu corpo trêmulo foi negligente. Engasgando, ele virou a cabeça e lançou para fora de seu estômago saliva, urina e bile.

— O quê? — Frankie rosnou.

— Eva acabou com a porra do meu telefona, irmão.

Ripper ouviu Frankie ficar de pé, ouviu seus passos pesados pelo chão, ouviu uma porta abrir, e então se fechar.

Levou um momento para perceber que ele estava sozinho.

Sozinho...

Ele tinha duas escolhas. Ele poderia continuar ali mentindo, nu e sangrando no chão a espera da morte, ou ele poderia tentar.

Ele não podia deixar sua vida terminar assim.

Ele não podia morrer como um cara que abandonou a escola, um criminoso que nunca tinha feito merda alguma com sua vida, sem mulher ou filhos que se importassem quando ele se fosse.

Ele tinha que tentar.

Arfando, lágrimas escorrendo pelo seu rosto, ele lutou tentando rolar para o lado. Respirando com dificuldade, ele dobrou seu corpo ao meio.

Respire.

Apenas respire porra.

Cerrando os dentes com a dor alucinante que sentia, ele abaixou seu corpo com seus pulsos amarrados...

Seus dedos roçaram a corda em seus tornozelos.

Com um suspiro e um grito de dor, com toda a energia que tinha, esticou o corpo um pouco mais e agarrou o nó.

É. A última vez que ele tinha dado a mínima foi quando ele pensou que ia morrer nas mãos de um filho da puta louco. Depois disso, ele começou a desejar que nada daquilo tivesse acontecido, desejou muito, e não ligava para mais nada.

Até agora.

Até que ele acidentalmente havia fodido uma putinha loira com o rosto de um anjo e um corpo que levava qualquer homem a loucura. Danny era o sonho molhado de qualquer homem, cara de menina doce, mas fodia como uma prostituta.

Se fosse qualquer outra pessoa, filha de qualquer um, ele teria gasto uma semana com ela, transando com ela até a morte, aproveitando, tomando o seu tempo. E foda-se, como ele queria esse tempo.

Ele queria.

Mas ela não era a filha de qualquer um. Ela era filha de Deuce, que seria tão letal, quanto Frankie havia sido.

• • •

Vestindo um moletom, eu olhei para Anabeth. — Este foi um plano terrivel.

Ela me dispensou. — Oh, por favor, ele estava olhando para você o tempo todo. Se o seu pai não tivesse ficado furioso Danny, eu garanto que você estaria em cima de sua motocicleta, agora mesmo.

Certo. Ao invés disso, eu havia recebido uma bronca do meu pai, o que só conseguiu me deixar mais constrangida. Na verdade, eu tinha certeza que este foi o dia mais constrangedor, de toda a minha vida.

— Oh. Meu. Deus. — Ellie fechou a porta do quarto atrás dela e recostou-se contra ela.

— O que há de errado com você? — Perguntou Anabeth.

— Um cara cujo nome é Dirty, e posso apenas dizer parabéns a seus pais por nomeá-lo apropriadamente, me pediu para chupá-lo. Ordenou-me, na verdade.

— E você disse o que? — Perguntou Anabeth.

—Você não acabou de me perguntar isso!

— Sim, senhorita Puritana, eu fiz.

— Hum, ew. Ele está realmente sujo.

Anabeth bufou. —Você está realmente chateada? Então ele fez um movimento, e daí?

Ellie cruzou os braços sobre o peito. — Eu não tenho certeza de que "cadela caia de joelhos e comece a me chupar", deve ser considerado um movimento. Foi humilhante.

— Você gostou! — Anabeth zombou.

— Você sabe o que eu gostei? — Ellie gritou, com os olhos esbugalhados. — Eu gostei quando Cage me disse que eu sou uma foda melhor do que você!

Fiquei de boca aberta, Anabeth soltou um grito, e Ellie se abaixou, quando um travesseiro saiu voando.

— Sua vadia! — Anabeth gritou.

—Eu? — Ellie gritou. —Você dormiu com metade da cidade!

— Vocês duas são vadias! — Eu gritei. — E traidoras!

— Oh, por favor, Danny, você não pode ficar brava. Seu irmão é o cara mais quente desta cidade.

— Não! Ele é um prostituto e um idiota, e eu estou convencida de que ele poderia ter algum problema mental, mas ele definitivamente não é quente!

— Desculpe Danny — disse Ellie secamente. — Ele realmente é.

Eu fiquei boquiaberta. — Você percebe o que fez? Você arruinou a nossa amizade! Você não pode ser amigo de alguém, enquanto está dormindo com o irmão da pessoa!

Anabeth concordou e voltou a pintar as unhas dos pés. —Vamos lá Danny. Sabe, Cage nunca fode alguém duas vezes.

— Não, eu não sabia disso, e você sabe por que eu não sei disso? Porque ele é meu irmão!

— Bem, agora você sabe — disse Ellie, voltando-se para o seu livro. — Então, acalme-se.

Eu desabei ao chão com um baque alto, e enterrei meu rosto em minhas mãos. — Oh meu Deus — eu murmurei. — Eu odeio a minha vida.

— É por isso que você não tem um namorado — disse Anabeth incisivamente. —Você é tão dramática.

• • •

Segurando uma garrafa de tequila, Ripper enfiou a cabeça pelo corredor, olhou para a direita, depois à esquerda. Nem sinal de Deuce ou Danny, ele andou pelo clube, antes de decidir ir para a cozinha, onde encontrou Dorothy inclinada sobre a pia, lavando pratos, e Hawk sentado à cabeceira da longa mesa de madeira, Bebendo uma cerveja.

Hawk ergueu o queixo. — O que foi?

— Nada — ele murmurou, sentando-se na cadeira ao lado dele.

Dorothy olhou por cima do ombro e franziu a testa. —Você quer um café?

Ele olhou para ela. — Eu por acaso pareço que quero café, porra? — Disse ele, acenando com a garrafa de tequila no ar.

Com um revirar de olhos exagerado, Dorothy continuou a lavar os pratos.

Tanto faz. Ela poderia pensar que ele era um bêbado. Ele não dava à mínima.

— Eu estou entediado, porra — Dirty anunciou entrando na cozinha. — Qualquer outra pessoa ficando louca por aqui?

Levantando a mão, Ripper assentiu. —Sim.

Puxando uma cadeira para si, Dirty se sentou. — Eu não transo já faz um mês. Eu acho que estou ficando louco, meu cerebro está derretendo.

Dorothy olhou para Dirty, com nojo. — Por quê? — Ela perguntou. — Por que você tem que ser tão nojento?

Dirty a ignorou. — Eu preciso de uma chupada, ou uma foda, antes que minha cabeça exploda.

Hawk começou a rir, e Dirty o encarou.

— Não cara, de verdade. Se eu continuar assim, meu pau vai murchar e morrer.

Não Ripper. Ele estava tendo o problema oposto. Seu pau ia explodir. Com o que havia acontecido no lago, o momento se repetia em sua mente, ele não conseguia esquecer. E agora, toda aquela besteira de ontem, com aquele biquini rosa. Maldita Danny.

— Talvez você devesse tomar um banho de vez em quando, sabe? — Dorothy sugeriu. — As mulheres gostam desse tipo de coisa.

Dirty sorriu para ela. — O que há de errado, D? Você não gosta de mim no meu estado natural?

— Estado natural — Dirty era uma bagunça do caralho. O longo cabelo castanho do cara era todo gorduroso, as mãos e as roupas estavam manchadas de preto, óleo de motor, suas unhas eram longas e amareladas, cobertas de sujeira, e ele sempre estava fedendo, como um mês de lixo guardado. As únicas mulheres do clube que foram para a cama com ele, ou estavam bêbadas, ou ele as tinha drogado.

— Vamos jogar — disse Dirty. — Dar o fora de Miles, e procurar algumas bucetas por ai.

Talvez fosse o que precisava. Carne fresca, para poder tira Danny de sua cabeça.

— Eu estou desanimado — Hawk murmurou, e logo que essas palavras deixaram sua boca, uma tigela de cerâmica veio voando. Todos eles se abaixaram, a coisa bateu no muro e quebrou com o impacto. Cacos voando em todas as direçoes. Hawk levantou-se, fazendo com que a cadeira fosse ao chão.

— Mulher — Hawk rosnou, olhando para Dorothy. — E estou ficando enjoado de toda essa sua besteira.

Confuso, Ripper olhou entre os dois.

O pano de prato de Dorothy bateu no balcão com um tapa molhado, e ela o encarou de volta.

Teria sido engraçado, se não fosse tão confuso, como Dorothy era tão pequena, e ele tinha certeza que tinha visto Hawk comer bifes maiores do que ela.

— Você não tem o direito de estar enjoado!

O rosto de Hawk em uma expressão mortal e os punhos cerrados. — Claro que eu posso porra— ele rosnou.

— Você não! — Ela chorou.

— Vadia, você está joganto vasilhas na droga da minha cabeça como uma louca enciumada, e tem a coragem de dizer que eu não tenho o direito de me cansar de toda essa merda.

Dorothy olhou horrorizada para Dirty, e então para Hawk.

— O que há de errado com você? — Ela gritou. — Você já não fez dano o suficiente, e agora quer piorar!

Surpreso, Ripper estava percebendo que ele estava perdendo algo.

Hawk chutou a cadeira caída e deu um passo ameaçador em sua direção. — Dano — ele rugiu. — É como você chama isso? Porque eu...

As portas da cozinha se abriram, e Cage entrou correndo na cozinha, segurando uma mochila roxa sobre sua cabeça.

— Idiota! — Tegen gritou, correndo atrás dele. — Me devolve!

—Olha a boca — Dorothy adivertiu.

Ainda segurando a mochila sobre a cabeça, Cage sorriu para ela. — Ah, Teaganzinha, qual é o problema?

— Não me chame assim! — Ela gritou, pulando para cima e para baixo como um coelho viciado, tentando alcançar sua bolsa quando era óbvio que, a menos que ela crescesse cerca de seis centímetros nos próximos cinco segundos, não havia nenhuma maneira no inferno que ela ia sequer chegar perto. — Eu não sou mais uma garotinha!

— Não? — Ele riu. — Você já enche um sutiã?

— Cage — Dorothy gritou. — Inapropriado!

O rosto pálido e sardento de Tegen ficou vermelho de raiva, e assim quando Ripper pensou que ela estava prestes a explodir, Cage foi mais rápido, e passou por ela, correndo de volta para o corredor novamente.

Soltando um grito frustrado, Tegen foi gritando atrás dele.

— Droga — Dorothy murmurou, seguindo-os. Pouco antes de partir, ela lançou um olhar gritante na direção de Hawk, um olhar que prometia todo o tipo de dor, na região genital.

— No caso de você esquecer — disse Dirty. — Essa é a mulher de Jase.

— Não — Hawk rosnou, ela é a prostituta de Jase. Ele nunca vai deixar Chrissy.

Dirty balançou a cabeça. — Irmão, não se envolva nisso, não com D. Jase não vai desistir dela.

Hawk encarou Dirty. — Cara — ele murmurou, sorrindo tristemente: — Você está um par de anos atrasado, sobre toda essa merda.

Surpreso, Dirty olhou para Ripper e ele encolheu os ombros em resposta. Ele não havia previsto essa merda também, mas a verdade da questão é que Dorothy não era a mulher de Jase, ela era a mulher de todos, sempre foi. Então, se Hawk queria arrumar confusão com Jase, por aquela cadela ruiva, ele não dava a mínima.

— Então, eu estou achando que isso significa, não, a caça a bucetas — disse Dirty secamente.

— Sim — Hawk murmurou. — Não estou realmente no clima pra isso.

Dirty virou-se. — Ripper?

Ele olhou para a garrafa. Se fosse honesto, ele realmente não queria qualquer buceta. Exceto a que ele não deveria querer. A do biquíni rosa com a bundinha firme e seios perfeitos e apertados, uma buceta muito doce.

Internamente, ele gemeu. Ele tinha que parar de pensar nessa merda.

Então, como se o universo inteiro conspirasse contra ele, para tornar sua vida mais miserável, Danny escolheu aquele momento para entrar na cozinha. Ela deu uma olhada para ele, ficou vermelha, e caminhou para fora da cozinha.

Suspirando, ele olhou para Dirty.

— Não cara — ele murmurou. — Eu tenho um encontro com um verme morto.

CAPÍTULO OITO

Deuce chegou em casa e desligou o motor de sua moto. Seu caminhão estava aqui, ou seja, Eva estava aqui, algo que ele queria evitar. Ele não a tinha visto desde que ela apareceu no clube com Ivy, o que tinha sido há semanas.

Suspirando, ele desceu da moto e se dirigiu para a porta. Ele não tinha muita escolha. Ele teve que fazer uma corrida até Manhattan, o Pregador queria uma prova de que os negócios estavam indo mal na costa oeste, que seus meninos lá afundaram com seus lucros. Prova que ZZ tinha gravado em um telefone celular descartável que ele estava mantendo em seu quarto.

Ao entrar na casa, encontrou o andar de baixo da casa escura e silencioso. O alívio o encheu. Talvez ela não estivesse em casa. Talvez Kami a tivesse buscado, talvez...

No topo das escadas, encontrou Eva colocando Ivy em seu berço. Inclinando-se sobre o parapeito, suavemente acariciando seus cabelos, deu um beijo de boa noite em sua filha, e sussurrou: — Eu te amo.

Observando sua mulher e filha, o peito de Deuce começou a doer. Ele perdeu as duas. Ele perdeu tudo. Voltar para casa para sua família, vendo seus filhos interagindo uns com os outros, o riso, as brigas, até mesmo os gritos, apenas apreciando tudo isso, tudo o que construiu. Então mais tarde Ivy estaria dormindo, Danny em seu quarto ao telefone e Cage saindo a noite, ele levaria Eva para o andar de cima, tiraria sua roupa, e a foderia até o amanhecer.

— Você está em casa.

Seus olhos se abriram.

— Você também — disse ele, odiando que suas palavras soassem como uma acusação.

— Por alguma razão, Danny não tem ido ao clube ultimamente — ela disse suavemente, apontando para a porta fechada do quarto de Danny. — E como você disse, ela não deve estar em casa sozinha.

A culpa o inundou. Ele disse isso, e ele ainda não tinha feito nada a respeito.

— Você está indo embora?

Ele olhou para Eva.

— Sim — ele murmurou. — Tenho uma entrega para fazer.

— Está tudo bem?

— Sim.

Ela esperou um momento, esperando que ele fosse oferecer mais informações e, quando não o fez, ela balançou a cabeça e se afastou. Ele a seguiu pelo corredor até o quarto, vendo quando ela se abaixou e abriu uma gaveta. Ela pegou um moleton e uma camiseta velha, jogou-as na cama e começou a despir-se.

Ele ficou observando até que ela estivesse nua, olhando para as tatuagens de flores por todo o seu braço, seu seios bonitos, as curvas de um corpo do qual nunca se cansaria, a ligeira curva de seu estômago, as tatuagens de estrelas que o rodeavam, e um rabo perfeito em forma de coração.

Aquilo o acertou de uma só vez: a menina que ele conheceu na sala de visitas familiar em Rikers, cantando Janis, vestindo Chucks, roubando o que restava de seu quebrado coração. E quando mais velha, ouvindo-a divagar sobre trajes de Halloween, pensando que nenhuma criança tão doce como ela, deveria estar nessa vida, e sempre desejando o melhor para ela. Depois as memórias foram mudando, assim como os seus sentimentos por ela. Carinho e adoração transformaram-se em luxuria, e ele tinha sido o seu primeiro beijo, aquele primeiro gosto, o primeiro toque. Dois anos depois, o desejo aumentou e ele foi

o primeiro a experimentar daquela buceta também. Quatro anos se passaram, e ele não tomou apenas seu corpo, mas ela. Porque a necessidade se transformou em amor.

Ele a tinha agora, ele era dono dela, de seu corpo, de seu bebê, seu futuro era dele, e sabendo que com isso, tinha feito a cada encontro ao longo dos anos, cada foda, cada luta, cada decepção...

Ele tinha feito valer a pena.

Deuce estava duro como pedra, no momento em que ela acabou de se vestir. Duro e dolorido por ela.

Ela olhou para ele e sabia, ela sempre soube. Esses malditos olhos percorreram seu corpo com fome, até chegar a seus quadris. Aqueles lábios suculentos se separaram, sugando uma respiração afiada, um som que ele conhecia muito bem. Um som que o deixava louco.

— Eu sinto sua falta — ela sussurrou.

— Baby — disse ele em voz baixa. — Sim.

Ela deu um pequeno passo a frente, depois parou. — Posso... Posso te tocar?

Ele não gostava desta versão de Eva, esta mulher tímida e insegura, que não era nada como a garota peculiar e extrovertida que havia conhecido, ou a adolecente que não dava a mínima para o que os outros pensavam, ou a jovem que não aceitava desaforo dele e nem de ninguém.

Mas agora, aquela garota, a adolescente, a jovem... Elas se foram.

Ele não poderia culpar Frankie ou a vida por isso. Esta merda era culpa dele. É verdade que a vida tinha a sua parcela de culpa, assim como Frankie que tentou derrubá-la, mas ela foi feroz, e venceu.

Ele não havia sido ele mesmo, se recusando a esquecer de tudo o que houve, recusando-se a amá-la do jeito que um homem deveria, o que foi o golpe mortal.

Deuce poderia consertá-lo, ele sabia que podia. Ele poderia trazer a mulher que amava de volta à vida. Ele sabia que tinha este poder em mãos.

Ele queria corrigi-lo.

— Venha aqui, querida — disse ele com voz rouca. Em um segundo Eva estava em seus braços, e ele a estava levantando e a jogando na cama, suas mãos em seus cabelos e em sua boca.

— Esta boca é minha porra — ele rosnou, beijando-a com força. Ele rasgou suas roupas, tirando-as violentamente, agarrando seus seios, dizendo-lhe uma e outra vez, que cada parte dela era dele. Sempre tinha sido sua.

Foda-se, ele precisava dela, ele precisava estar dentro dela novamente. Ele libertou-se e empurrou contra ela, ela estava pronta para ele, molhada e choramingando, precisando dele.

Fazia tanto tempo desde que ele tinha estado dentro dela, uma vez que tinha sido capaz de tomar o que era dele, que tinha...

Ela respirou fundo, lágrimas decendo por seu rosto. Suas pernas tremendo, ela tapou o rosto com um travesseiro, chorando baixinho através de seu orgasmo. Frankie seguiu dentro dela, gemendo alto, seu corpo sacudindo.

Ele lutou contra a memória, lutou com tudo o que tinha. Eva era dele. Ela era dele porra. Frankie estava morto, ele não poderia levá-la para longe dele mais. Ela era sua. Ela era sua...

Então Frankie olhou para ele. E sorriu.

Ele não tinha fodido ela desde antes de Frankie. Frankie foi o último homem dentro de sua mulher. Sorrindo. Isso é tudo o que ele podia ver aquele babaca sorridente.

— FODA ! — Ele rugiu saindo da cama e se afastando.

— Espere — ela gritou, tentando alcançá-lo. —Baby, o que...

Raiva e dor se apoderando dele. — Cale a boca — ele rosnou, puxando sua calça jeans para cima. — Cale a boca.

— Deuce.

—Não — ele gritou. — Você gostou, você gostou caralho! Você gozou quando estava sendo estuprada por ele!

Ela bateu com os punhos no colchão. — Eu o amava! — Ela gritou.

A raiva ferveu dentro dele. — Você o amava? Você amou o homem que não fez nada além de prejudicá-la? Há quanto tempo ele machucava você, Eva? Diga-me, há quanto tempo PORRA.

Ela olhou para ele com lágrimas nos olhos. — Não importa — ela sussurrou. — Ele já morreu.

Ele olhou para ela. — Morto? — ele perguntou com voz rouca. — Ele não morreu caralho. Ele ainda está entre nós, rindo da nossa desgraça.

Num piscar de olhos ela estava fora da cama e o empurrando. — Só porque você está deixando — ela gritou. — Você não me deixa corrigir isso!

Deuce agarrou-lhe os pulsos com força. — Nunca deveria ter havido nada para corrigir— ele rosnou. — Dez anos atrás, você apareceu aqui me querendo cadela, você sabia que eu queria você, você sabia que nunca precisaria voltar para aquela merda! Não deveria ter sido desse jeito, Eva, porque você me tinha caralho, eu sempre fui seu!

Ele a sacudiu com força. — Diga-me, por que eu deveria ligar pra você tentando consertar toda essa merda, quando você passou toda sua vida de merda tentando consertar ele e não a nós? E por que você o ama mais? Você amava mais aquele filho da puta do que a mim?

— Ele precisava de mim — ela sussurrou.

Com um forte empurrão, ele a jogou para longe dele. — CADELA — ele rugiu. — EU TAMBÉM PRECISAVA, PORRA!

Atavessando o quarto, ele digitou o codigo de seu cofre de parede, pegou o que precisava, e saiu para o corredor fazendo o seu melhor para ignorar Danny olhando para ele da porta de seu quarto, o choro de Eva vindo de seu próprio

quarto. Ele voou pelas escadas e saiu pela porta da frente, foda-se, ele não podia lidar com essa merda, ele não sabia como.

De repente, ele queria sair. Ele queria sair do clube, sair de toda essa bagunça com Eva, de ser pai, de tudo isso, porque se ele fosse embora, todos ficariam bem. Seus meninos, Eva, seus filhos... Eles não precisavam de um idiota fodido em suas vidas. Eles precisavam de estabilidade, alguém que estivesse lá para eles, não importasse o quê.

Alguém que pudesse pôr de lado os seus próprios problemas e colocar as pessoas que amava em primeiro lugar.

E esse alguém não era ele.

Ele nunca foi assim.

Ele esteve sonhando durante todos esses anos, achando que toda esta merda ia ser esquecida. Ele teve apenas breves momentos de felicidade. Momentos felizes, fodendo com ele, dançando na sua frente, mas sempre ficando fora de seu alcance.

Era como seu pai sempre dizia... Ele era um fodido

CAPÍTULO NOVE

Ripper, Tap, e Cox desligaram suas motos proximos a um complexo de condominios abandonados, na periferia da cidade. Olhando para a escuridão diante deles. Cautelosamente olharam para a paisagem decrépita a sua frente.

— Você confia nessa puta? — Tap perguntou a Cox.

Cox riu friamente. — Eu não confio em nenhuma cadela, muito menos agora, mas ela entrou em contato conosco, quando poderia ter nos enganado, não nos entregado Marcus, e feito uma tremenda bagunça.

Foda-se Marcus. Um de seus principais distribuidores. Eles tinham um carregamento, então eles cortaram, ensacaram marcaram e enviaram as embalagens em várias direções diferentes. Marcos fodeu tudo. Ele roubou tudo. Ele se deixou enganar.

Por uma maldita mulher.

Olhando ao longe, Cox disse. — Lá esta ela.

Ripper seguiu o dedo de Cox para uma mulher negra, jovem e atraente com um cabelo afro que deveria ser do tamanho de uma casa.

— Você tem que estar brincando comigo — ele rosnou, olhando-a.

Jaqueta de couro de pele apertada. Calças jeans justas. Botas de couro altas, com saltos de no mínimo seis polegadas.

— Puta merda — Tap respirava com dificuldade. — Puta merda porra... Olha aquela bunda.

Cox riu. — Ela se autodenomina Mama Vi.

Mama Vi? Merda. Por que diabos aquilo lhe parecia tão familiar?

— Olá meninos — ela cumprimentou-os, dando um sorriso branco, austero contra seus lábios vermelhos brilhantes.

— Diana Ross, porra — ele respondeu, olhando com horror para o cabelo. — Onde diabos esta a nossa merda?

Ela sorriu. — Tenho uma proposta para você primeiro — ela disse.

— Estou escutando — disse Tap, olhando a cadela de cima a baixo com um sorriso idiota na cara.

— Não é um olhar doce, garotinho branco — ela murmurou , dando um passo à frente e colocando a mão no peito de Tap. Ripper viu suas unhas, três centímetros de comprimento, curvadas como garras, e também de um vermelho brilhante.

Olhar doce? Garotinho? Toque?

Agarrando o pulso de Mama Vi, Tap bateu a mão sobre seu pênis. — Não há nada de pequeno em mim — ele rosnou.

Seu sorriso cresceu.

— Ok, Big Jay tinha dito que motociclistas não eram nada, além de merda, um bando de caipiras.

O coração de Ripper acelerou.

Big Jay.

Merda. Merda, merda, merda.

Cox rosnou. — Eu pareço um caipira pra você porra?

Afastando-se de Tap, ela olhou para Cox. — Não querido — disse ela suavemente. — Você parece um belo pedaço de carne para mim pandillero.

— Gracias, niña — disse Cox, em uma reverencia.

— El placer es mío. — Ela riu.

Ripper olhou para Tap apaixonado, e Cox, que parecia estar tendo algum tipo de crise de identidade. — O que diabos está errado com vocês babacas? — Ele exigiu. —Vocês não ouviram o que essa puta disse? Big Jay! Ela trabalha para o Big Jay, porra! Ela não é uma de suas prostitutas. Ela é sua irmã maluca, Vivian Jones. Conhecida por matar garotos brancos que tentam foder com seu irmão.

Ambos olharam para ele confusos.

— Quem?

—O quê?

O profundo, riso de Mama Vi ecoou pelo estacionamento vazio. — Você é de casa menino branco, não é?

— Sim — ele rosnou. —Nascido, criado e ainda trabalhando no territorio da california. Agora, começa a falar, porra. O que diabos um chefe de Los Angeles como Big Jay quer, bagunçando as coisas com meu clube?

— Pra encurtar a historia — disse ela. — Pregador deixou todo o trabalho de ciências por conta dos Cavaleiros. Vocês garotos tiveram muito tempo, e agora precisam pagar o pato.

Pregador. Outra coisa que ele poderia colocar a culpa em Eva. Se não fosse a aliança de Deuce com os Demônios, esta merda não estaria acontecendo.

— Eu estou percebendo que não vamos ter nossas coisas de volta? — Cox rosnou.

— Não desta vez — disse ela. — Vocês estão marcados. Pense nisso como um pagamento de boa fé.

— Foda-se! — Cox gritou. — Não tenho que ouvir porra nenhuma dessa puta.

— Não — Ripper interrompeu, antes que Cox fosse morto. — Nós não estamos interessados .

— Você tem certeza disso? — Perguntou Mama Vi docemente, seus olhos escuros sobre ele. Apreciando. Avaliando. O assustando mais a cada momento. As histórias que ouvira sobre ela... Suas habilidades e especialidades afiadas estavam muitas acima das besteiras doentes de Frankie.

— Eu tenho certeza — disse ele, já sabendo que Deuce não iria jogar com gangues de rua, não importa quão alto na cadeia alimentar elas estivessem. A maioria delas era desorganizada, a sua distribuição era bagunçada, cheia de bêbados e drogados, o que tornava muito mais facil o trabalho da policia.

—Você está cometendo um erro.

A mandíbula de Tap se apertou. — Você tá tirando uma com a nossa cara, né?

Mama Vi sorriu maldosamente. — Estou. Você não joga do nosso jeito, Deuce vai ter uma guerra em suas mãos.

Foda-se. Deuce ia ficar puto. Primeiro, porque ele estava em Nova York e não era capaz de lidar com essa cadela ele mesmo, e segundo, por ameaçar o clube. Nunca ninguém ameaçou o clube e viveu para contar historia. Deuce ia querer sangue. E falando em querer sangue...

— Você quer uma guerra cadela, então você terá uma, caralho. Agora, onde está o nosso garoto? — ele perguntou.

— Menino branco, você está cometendo um erro.

Ele puxou sua arma momentos antes dela puxar a dela. Meio segundo depois, Cox e Tap apontaram suas armas para ela, mas ele não acreditava que nenhum deles estava seguro. A cadela tinha reflexos mortais, e deveria estar armada com um arsenal inteiro.

— Cadela — ele rosnou. — Você vai aprender que ninguém ameaça meu prez, meu clube, ou qualquer um dos meus irmãos, e sai vivo dessa. Em segundo lugar, eu não sou branco, eu sou um maldito moreno. Terceiro, ou você me diz onde o nosso garoto está, ou eu vou colocar uma bala nessa sua grande bunda negra.

Durante vários momentos de tirar o fôlego, ninguém se moveu até Mama Vi colocar sua arma de volta em sua jaqueta.

— Cara de cicatriz — ela disse. — Primeiro, se Deuce não acha que Jay pode derrubá-lo, ele é um infeliz filha da puta.

Ela olhou para os condomínios. — Em segundo lugar, o seu garoto está amarrado lá dentro.

Em seguida, seu olhar escuro se voltou para ele e ela sorriu um pouco doce demais. — Em terceiro lugar, querido, nenhum homem jamais apontou uma arma para mim, e viveu muito para se vangloriar disso.

Ela inclinou-se para ele. — Eu vou acabar com você — ela sussurrou. — Conte com isso.

Eles continuaram se encarando, e tomou cada gota de seu autocontrole, para não puxar o gatilho e mandaar essa puta para o inferno.

— Olha só pra isso — ele resmungou baixinho.

Ninguém disse uma palavra quando ela se afastou.

— Tap — ele latiu. — Fique aqui, caso ela volte. — Olhou para Cox, e apontou para os edificios. —Vamos lá cara.

— Mas que merda — Cox murmurou, dando um passo na linha ao lado dele.

— Sim é.

— Você acha que Prez vai declarar guerra?

— Yeah. — Deuce não ia mexer nisso. Foi como ele conseguiu tudo o que ele é hoje. Isso e o fato de todos morrerem de medo dele. Já fazia um longo tempo. Ripper não conheceu Deuce enquanto seu velho ainda estava vivo, o Ceifador, ele já estava morto, mas ainda se ouvia falar sobre ele. Muitos ainda fofocavam sobre como Deuce ordenou que Ceifador tivesse uma morte lenta e dolorosa.

Ripper não podia imaginar querer matar seu próprio pai, mas novamente, seu velho tinha sido um cara bom. Ambos os seus pais tinham muitas qualidades. Ele sempre quis saber onde ele estaria se não os tivesse perdido em uma idade tão jovem. Ainda surfando? Andando de skate? Na praia com seus amigos, e um suprimento infinito de gatas loiras de olhos azuis?

Ele sentiu uma onda de saudade, uma saudade que não sentia há anos, e começou a pensar em sua casa, comendo carne assada e torta de maçã com sua mãe, assistindo TV com seu velho, o ouvindo reclamar sobre o declínio moral da sociedade. Ambos constantemente reclamando que seu cabelo era muito longo, que skate era muito perigoso, mas ele via os seus sorrisos discretos e ele sabia. Eles estavam orgulhosos dele.

Ele tinha bastante certeza de que se eles estivessem vivos, eles não estariam nada orgulhosos.

Cristo, o que diabos estava errado com ele ultimamente?

Ele precisava encontrar uma maneira de desativar toda essa merda que estava vindo dele ultimamente.

— Merda, isso vai virar uma bagunça— Cox meditou.

— Sim.

Alcançando a porta número um, eles pegaram suas armas, se entreolharam, e Cox chutou a porta aberta. E lá estava Marcus. O idiota, o italiano filho da puta, estava amarrado a um canto. Idiota.

— Por favor — disse Marcus com a voz rouca. — Por favor...

— Por favor é o caralho — Ele gritou, espreitando dentro da sala. — Você perdeu um carregamento inteiro! Para uma mulher porra!

— A cadela me enganou. — Marcus murmurou, lutando contra as cordas. — Levou tudo, tomou o resto da merda, levou todo o dinheiro. Você sabia que ela joga estrelas?

Com as sobrancelhas levantadas, Cox olhou para ele e balançou a cabeça em resposta. Marcus fez uma grande confusão e foi derrubado. Não importava

se Mama Vi tinha usado um canhão para roubar ele, Marcus tinha uma responsabilidade e falhou. Agora ele estava morto.

Suspirando, ele se inclinou e colocou a arma na cabeça de Marcus.

Sabendo que estava morto, Marcus começou a gritar. — Cara! Por favor! Dê-me duas semanas e vou trazer de volta o que eu devo! Por favor, cara, eu tenho filhos, porra!

Ripper bufou. Marcus sabia como era o jogo, viveu nele a sua vida inteira, e sabia que mesmo tendo filhos, não haveria misericordia.

Prestes a puxar o gatilho, seu bolso começou a vibrar.

— Dê-me um segundo — disse ele, colocando a arma de volta em suas calças e pegando o telefone.

— E aí?

— Onde você está? — Deuce latiu.

— Fora da cidade, nos condominios abandonados. — Usando seu ombro, ele segurou seu telefone no ouvido, enquanto tirava um cigarro do bolso e o acendia. — Prester a resolver as coisas com Marcus.

— A mulher?

— Não é nenhuma mulher, Prez — soltando uma lufada de fumaça. — É a irmã mais nova de Big Jay.

Deuce amaldiçoou. — Você resolveu essa merda?

— Sim.

— O que isso me custou?

— Guerra. E ela adoraria me plantar debaixo da terra.

Porque Mama Vi não estava brincando. Ele reconhecia um sociopata quando via um. A cadela tinha um olhar semelhante ao de Frankie, olhos que se iluminavam como loucos quando via um rio de sangue.

— Isto não vai acontecer — Deuce rosnou. — Não no meu turno. Eles querem uma guerra, eles vão ter a porra de uma guerra, caralho. Dê a palavra, o clube está em confinamento.

— Ok.

— E Ripper?

— Sim?

— Falei com Dimebag antes. Eva está no clube assim como Cage, mas Danny está em casa sozinha. Preciso que você vá até lá, e a pegue no seu caminho de volta ao clube.

O quê? Não. Foda-se. NÃO!

— Será que, qualquer outro pode ir buscá-la?

— Você tem algo mais a fazer?

Foda-se.

—Não.

— Sim, bem, os meninos têm famílias para cuidar, você não. E quanto menos tráfego pelo portão melhor, droga. E é fato, que você já sabe de toda essa merda, sendo que não preciso te explicar isso. Então cale a boca e vá buscar a minha filha.

— Sim — ele murmurou. — Ok.

Ele colocou o telefone de volta no bolso, deixou cair o cigarro sobre o tapete sujo, apagou-o com a bota, e puxou sua arma.

— NÃO! — Marcus gritou. — Não! Não! N...

A bala rachou o crânio de Marcus. Calma instantânea.

— Isso é pela porra do meu tempo.

— Você poderia ter feito isso, então pare de choramingar, caralho.

— Foda-se. Isso foi Prez ao telefone?

Ripper assentiu. — Nós estamos em confinamento. Vai pegar seus filhos e aquela puta louca.

Cox deu-lhe um olhar de soslaio e sorriu. — Ciumes?

Depois de guardar sua arma, Ripper usou sua camisa para limpar os respingos do sangue de Marcus da sua cara.

— Cara, não há ninguém com ciúmes de você. Trocar Anna por Kami, foi como trocar uma doce gatinha, por uma tigresa raivosa.

— Sim — Cox falou lentamente, sorrindo. — Metade do tempo não sei se devo rir ou chorar, mas foda-se pois ela vale a pena.

Ele observou Cox caminhar para fora do predio, imaginando que tipo de cadela valia toda a besteira de Kami. Essa cadela estava em um nível só dela.

CAPÍTULO DEZ

Eu estava encolhida no sofá com o meu cobertor de lã cor de rosa, vestindo um pijama da Hello Kitty, passando os canais da TV quando a campainha tocou. Olhei para o relógio 01h34 o que podia significar somente duas coisas, ou Eva perdera suas chaves ou havia algum problema no clube. Eu estava apostando no último, já que Eva não tinha voltado para casa depois que meu pai a tinha a deixado nua e chorando no chão do quarto, me obrigando a limpar novamente sua bagunça. Levantando-me rapidamente, corri pela sala até chegar ao hall de entrada.

Na ponta dos pés, olhei através do olho mágico... e congelei.

Ripper.

O que ele veio fazer aqui?

Coloquei as mãos tremulas sobre o coração, tentando me acalmar, ou eu teria um infarto.

Ele estava aqui para me ver? Ou será que o mandaram até aqui?

E se ele estivesse aqui para me ver, mas para quê? Para se certificar de que eu não tinha contado a ninguém sobre o que aconteceu no lago? Para fazer sexo comigo de novo?

Fechei os olhos com força, me repreendendo mentalmente pela resposta do meu corpo diante de tais pensamentos, e como o meu corpo tinha aquecido com a mera sugestão de seu corpo... e meu corpo... e...

— Danny — Ripper chamou, parecendo irritado, batendo com força na porta. —Eu sei que você está aí parada, e eu não tenho tempo para esta merda. O clube está em confinamento, e vim para levá-la.

Oh.

Oh.

Sentindo-me estupida e estranhamente magoada, destranquei a fechadura e abri a porta. Com todo aquele tamanho e braços musculosos, ele ocupava toda a porta.

— Eu preciso mudar de roupa — eu murmurei, me virando rapidamente antes que ele pudesse ver meu embaraço.

Eu tinha um pé no primeiro degrau, quando ele agarrou meu braço.

— Precisamos conversar — disse ele em voz baixa.

— Tudo bem — eu sussurrei, com lágrimas se formando em meus olhos. Eu sabia o que estava por vir e eu não queria ouvir. No ano passado minha vida tinha sido uma porcaria, uma decepçao atrás da outra, e eu não tinha certeza se poderia aguentar mais uma. A noite no lago tinha quebrado o ciclo aparentemente interminável de decepções. Eu me senti livre, feliz e jovem novamente pela primeira vez em muito tempo, e agora ele iria arruinar o momento.

Eu odiava que Ripper tivesse essa capacidade. Que de alguma forma o que havia acontecido entre nós, tivesse lhe dado poder sobre as minhas emoções. Eu queria pegar isso de volta, queria não me importar, mas mais do que isso, queria entender porque me importava tanto.

— Hey — ele murmurou, me virando para encará-lo. — Por que diabos você está chorando?

Sentindo-me patética, pisquei tentando afastar as lágrimas. — Eu odeio ficar em confinamento — eu murmurei.

Sua sobrancelha se levantou. — Você está chorando porque você odeia o confinamento?

Oh meu Deus, essa era oficialmente a pior conversa que já tive em toda a minha vida. Eu queria que o chão se abrisse e me enviasse para outra dimensão. Uma dimensão onde Ripper não existia.

— Sim — eu disse, tentando me afastar dele, mas seu aperto se intensificou ao redor do meu braço.

— Danny, fala comigo, porra — disse ele com a voz rouca. — Eu estou ficando louco de não saber o que está acontecendo.

Eu fiquei boquiaberta. Ele era o que? Louco? Por quê? E o que isso significava? Louco, pois desejava que nunca tivesse acontecido? Ou louco, porque ele queria que isso acontecesse de novo? Ou louco, porque...

— Danny — ele gritou, me balançando. — Você tá chapada?

Eu voltei ao presente. — Não. Eu estava pensando.

— Se importa em compartilhar? — Ele rosnou.

Não, eu não o faria.

— Não.

— Não? Tá brincando comigo porra? — Ele olhou para mim. —Primeiro você me provoca, e agora me deixa no escuro, com medo de que seu velho vai quebrar a porra da minha cara a qualquer maldito momento, e agora você está explodindo em lágrimas e não me diz o que caralho está acontecendo!

Fiquei de boca aberta. Será que ele realmente disse isso? Será que ele a sério apenas disse que eu...

— Provoquei você! — Eu gritei, arrancando meu braço de seu aperto, lhe batendo quando tentou me agarrar novamente. — Você me arrastou para fora do lago!

— Só porque você estava implorando por isto, caralho! — Ele gritou.

Minha mente corria depressa, e minha raiva só aumentava. Ripper, ao que parecia, tinha um talento especial para acabar com todo o meu autocontrole, deixando-me incapaz de ser coerente em sua presença, tanto sexualmente como emocionalmente. De alguma forma, ele tinha a capacidade de incitar o pior de mim, deixando-me irracional, dizendo e fazendo coisas que normalmente não faria.

Foi completamente e totalmente injusto.

— Você está louco! — Eu gritei. — Só porque você se arrepende, não significa que tem que colocar toda a culpa em mim!

Ele estava em mim antes que eu tivesse a chance de piscar, obrigando-me a sentar nas escadas, segurando ambos os lados do meu corpo. Ele se inclinou até que nossos narizes estavam praticamente se tocando.

— Baby — ele rosnou. — Eu não estou colocando toda a culpa em você. Eu estou culpando esse seu corpo de matar, e esse rosto bonito.

Abri a boca, mas logo a fechei. O que alguém diz a isso de qualquer forma? Obrigado? Foda-se? Não que eu pudesse falar. Eu estava muito ocupada concentrando-me na proximidade de nossos corpos, que estavam se tocando em alguns lugares, quase tocando em outros, e antes que eu soubesse o que eu estava fazendo, eu estava arqueando meu corpo e me empurrando contra ele. Quase que instantaneamente ele saiu de perto de mim, murmurando maldições e passando as mãos freneticamente pelo cabelo solto.

— Não olhe para mim desse jeito — disse ele por entre os dentes, olhando para mim.

Meu rosto estava vermelho. Isso poderia ficar pior? Eu acho que não.

— Aquilo com o biquini, foi por isso toda aquela besteira, né? Você estava tentando chamar minha atenção. Você faria tanto por um pau, Danny? Você poderia ter apenas dito alguma coisa. Você já sabe baby, eu não sou tão dificil assim.

Aparentemente, ele poderia ficar pior. Senti-me completamente humilhada, lágrimas queimavam nos meus olhos. — Você poderia ser mais nojento? — Eu disse amargamente.

— Sim — ele respondeu. — Eu poderia. Então por que você não me responde, o porque de uma garota como você, estar correndo para uma foda com um cara como eu?

— Porque eu gostei! — Eu gritei, levantando os braços em frustração — Porque até um minuto atrás, quando você decidiu ser um idiota total, eu gostei de você também!

Ripper ficou imóvel. — Você gostava de mim — ele sussurrou.

— Não mais! — Eu gritei, ficando de pé. — Agora eu te odeio!

Ele piscou e eu mordi meu lábio inferior, com raiva de mim mesma por expor meus sentimentos, sabendo que ele iria pisar por cima deles.

— Diga alguma coisa — eu sussurrei. — Por favor.

Anos se passaram ao que parecia, antes que Ripper falasse novamente.

— Você é uma mentirosa — disse ele em voz baixa, me observando de perto — Eu não entendo, agora tenho absoluta certeza, de que você tá chapada ou quevocê levou uma pancada na cabeça recentemente, mas de qualquer de jeito, querida, você com toda certeza não me odeia. Nem um pouco.

Eu me senti murchar em derrota, completamente humilhada. Por que ele estava fazendo isso comigo? Eu não tinha feito nada para ele.

— Você realmente quer isso de novo — continuou ele, sorrindo. — Você quer?

Minha voz era um gemido rouco. — Pare de gozar da minha cara.

Sua diversão desapareceu e ele balançou a cabeça. — Não, querida, eu não estou rindo de você. Eu estou tentando descobrir se eu vou tentar dar algum sentido a você, ou se vou te foder até você gritar.

Fiquei de boca aberta. Agora, o que isso significava? Deus, ele era tão confuso.

— Merda — ele murmurou, esfregando uma mão sobre o rosto. — Merda, eu não deveria ter dito isso... — Ele parou, murmurando um arco-íris de maldições.

Sua mão caiu de seu rosto e meu estômago tremulou nervosamente. Ripper tinha acabado de admitir que ele me queria de novo.

Ele me queria.

E eu o queria mais que tudo.

A julgar pela expressão de seu rosto, ele não ia dizer mais nada. O que acontecesse a seguir, se algo acontecesse, partiria de mim. Ele propositalmente estava se mostrando mais aberto, vulneravel, do jeito que eu queria.

Eu só precisava de coragem para sair da minha zona de conforto, e fazer o proximo movimento. Algo que eu nunca, nunca havia feito antes.

Se eu não aproveitasse essa oportunidade, eu dúvidava que fosse ter outa chance como esta.

Oh meu deus, eu não poderia fazer isso.

Anabeth poderia fazer isso, mas eu não podia.

Eu não sabia como. O que eu diria? O que eu faria?

Enxuguei o suor das minhas mãos em minhas calças de pijama e engoli em seco.

O que Anabeth diria?

Ha. O que Anabeth faria?

— Me fode — eu soltei sem fôlego.

Ripper respirou com dificuldade, eu não queria perder mais tempo esperando por sua resposta. Pulei da escada e agarrei sua camisa.

— Eu quero você — eu sussurrei fechando os olhos, sentindo o cheiro de couro e cigarro misturados, deixando o cheiro de sua pele preencher minhas narinas.

— Foooda — ele gemeu, afastando-se, empurrando-me para trás. — Eu... Merda... Seu velho... Baby, eu...

— Ele não vai descobrir — eu disse rapidamente, me pressionando firmemente contra ele.

Mesmo hesitante, ele levantou a mão para tocar meu rosto. Tomando a decisão por ele, inclinei-me em seu toque, sentindo-me tanto exausta quanto aliviada. O que eu disse tinha tomado cada grama de minha força de vontade.

Ele olhou para mim e eu olhei para ele, sabendo o momento exato em que tomou sua decisao. Sua expressão dura e atormentada, a tensão em seu corpo, se evaporou imediatamente.

— Jesus — ele sussurrou, correndo o dedo ao longo da minha boca, puxando e acariciando delicadamente meu lábio inferior. — Por que não posso dizer não para você?

Minha respiração ficou presa. Oh meu Deus, isto estava mesmo acontecendo? Ripper e eu íamos acontecer novamente?

Sua mão se moveu, deslizando lentamente pelo meu rosto, minha orelha, e em seguida, seus dedos estavam deslizando pelo meu cabelo e sua outra mão estava viajando pela minha espinha, me hipnotizando, fazendo-me delirar com essa necessidade.

Em seguida, sua mão estava se movendo pelos lados do meu corpo, ao longo de minhas costelas, deslizando sobre o meu peito. Ele roçou o polegar sobre meu mamilo e...

Eu sentia meu corpo queimar. Eu queria isso, queria tanto, meu corpo começou a doer por mais dele.

— Se fizermos isso — ele resmungou baixinho. — Significa que você está na minha cama e na de mais ninguém, certo?

O ar ficou preso em meus pulmões, e senti meu estômago doer.

Ele queria mais... Depois disto? Ou... Ele queria somente a mim Ele queria que eu ficasse somente com ele... O quê? É isso o que ele quis dizer? Deus, eu realmente precisava começar a fazer algumas destas perguntas em voz alta, para não ficar somente o encarando sem dizer nada. Mas novamente, eu realmente me importava com o que ele quis dizer? Isso era o que eu queria, certo? Eu o queria aqui e agora, e todo o resto era apenas detalhes, que podiam ser resolvidos mais tarde. Ou não, porque neste exato momento eu não me importava com os detalhes, mas sim sobre as mãos em mim, em cima de mim.

— Ripper — eu gemia, arqueando as costas, me empurrando em suas mãos. —Por favor.

Sua boca caiu sobre a minha e oh meu deus... A sua língua e a minha língua e... Oh Deus, oh Deus, oh Deus...

De repente, Ripper foi se afastando de mim e se virou. Entrei em pânico, fiquei confusa e preocupada, até que eu o vi puxar o celular do seu bolso e trazê-lo ao ouvido.

— Sim, eu estou aqui agora... Sim... Sim... Ela está se arrumando, Prez ... Porra... Sim, eu sei o que significa o confinamento foda, eu vou levá-la pra lá.

Prez. Ele estava conversando com meu pai.

Eu estremeci, sentindo-me como se tivesse sido pega em flagrante, que de alguma forma o meu pai saberia o que eu estava fazendo.

— Danny — Ripper me chamou. Olhei para ele. Ele estava segurando o telefone longe dele e gesticulando para as escadas. Opa. Virando-me, corri pelas escadas e entrei no meu quarto completamente sem folego, rapidamente mudei de pijáma e coloquei um vestido cor de rosa curto e minhas botas de cowboy. Depois de jogar algumas roupas e maquiagem na minha mochila, verifiquei meu reflexo no espelho, escovei meu cabelo, e corri de volta para a porta.

Ripper já estava do lado de fora. Eu podia ouvir o ronco de Harley na entrada da casa.

Correndo, ativei o alarme da casa, apaguei as luzes e tranquei a porta atrás de mim.

Ele me observava enquanto eu corria para ele, sua expressão desconcertante. E se ele tivesse mudado de ideia? Usaria o meu pai como desculpa?

Senti raiva do homem que recentemente ocupava o segundo lugar em minha vida, por sua própria decisão. Ele estava arruinando tudo em minha vida, e agora ele iria arruinar isto também.

— Ripper? — Eu sussurrei, parando ao lado dele. Seu olhar duro sobre mim, e senti meu estômago tremer. Ele parecia completamente diferente de quando estávamos dentro de casa. A fome que vi em seus olhos momentos antes, simplesmente desapareceu.

— Foda-se — ele murmurou, me assustando quando estendeu a mão e passou o braço em volta da minha cintura, me puxando para ele.

— O que eu disse foi — disse ele, baixando a cabeça, pressionando sua testa na minha. — Você está comigo, apenas comigo. Eu não vou dividir você com algum babaca adolescente cujo pau nem fica duro.

Babaca adolescente? Ha. Sem chance. Meu pai tinha arruinado qualquer chance de eu namorar qualquer homem da minha idade, quando ele ameaçou meu primeiro e unico namorado. Não sei o que ele fez, mas depois disso nenhum cara da cidade queria nada comigo. Mas Ripper não precisa saber de nada disso. Ele era ciumento e eu gostava dele dessa maneira.

— E quanto a você? — Eu perguntei, antes que pudesse me lembrar de que os detalhes não importavam, mesmo que fosse isso o que eu queria, não tinha o direito de ser exigente com um homem como Ripper. Mas dane-se, a quem eu estava querendo enganar, como eu poderia pensar que ficaria tudo bem com ele, se ele fosse ficar com outras pessoas.

Eu não queria compartilhar.

Não poderia isso era a prova do quanto eu o queria, mas eu não queria ter que dizer isso a ele. Eu queria que ele quisesse isso.

Eu queria ser o suficiente para ele, mas ao mesmo tempo eu não era estúpida. Eu sabia o que os meninos faziam no clube, ou nas corridas, enquanto suas esposas estavam em casa com os filhos.

Se eu quisesse esse homem, já sabia o que seria esperado de mim. Eu estava preparada para tudo o que vinha com ele? Não. Mas eu aprendia rápido, e tudo sobre Ripper tinha meu corpo gritando que ele valia a pena, ele valia a pena.

Ele se afastou de mim, sua expressão séria, mas cheia de necessidade.

E assim, sabendo que aquele olhar era para mim, que sua atenção era toda minha detalhes já não importavam.

— Eu nunca fiz essa merda antes — ele disse baixinho e eu podia ouvir a sua hesitação, a insegurança atando suas palavras. E, Deus, ela só me fez querê-lo ainda mais.

— Mas eu nunca quis uma buceta como eu quero a sua e... Danny, eu não vou tocar em outra cadela, e nem quero. Foda-se, baby, desde aquela noite no lago, eu não faço mais nada, além de me masturbar pensando em você.

Como alguém tão rude e bruto poderia ser tão suave ao mesmo tempo? Ripper era perfeito. Perfeitamente falho e tudo o que eu não sabia que queria em um homem até que isto... Ele... Nós.

Ele só queria a mim. Só a mim.

— Gostaria de saber o que você esta pensando — disse ele em voz baixa.

— Nada — eu sussurrei. —Eu só estou... Eu acho... Eu sou...

Basta de dizer isso. Diga! Basta de dizer isso!

— Feliz — eu terminei sem fôlego. Animada e nervosa, quase a ponto de explodir.

CAPÍTULO ONZE

Ripper adorava correr. Foi uma das poucas maneiras que ele encontrou, para esquecer as horas que passou na Mão de Frankie. Então, quando ele não estava trabalhando ou dormindo ou comendo, ele estava correndo. Constantemente. Nenhum plano, sem destino, sem horário... Apenas ele, sua moto, e a estrada. Correr dava-lhe a paz de espírito que nada mais podia, nem drogas, bebida alcoólica ou sexo, nada. Correr limpava sua cabeça confusa e sua alma manchada de sangue. Mas isso por pouco tempo.

Com nada além de estrada a sua frente, era apenas ele e sua garota, em perfeita sintonia um com o outro. Não existia passado, o seu futuro não importava, somente aquele momento, onde os dois estavam juntos, homem e maquina uma só alma.

Aquilo era liberdade, e não existia nada mais belo que a liberdade.

E toda aquela liberdade tinha acabado de ir para o espaço.

Tudo o que podia sentir era os braços em volta de sua sintura, com as mãos descansando um pouco acima de sua virilha, seu pequeno corpo apertado pressionado contra o dele, suas coxas musculosas fechadas em torno de seus quadris.

A partir do momento em que Danny subiu em sua moto, ele se tornou consciente de tudo sobre ela, cada movimento, cada parte dela que estava tocando uma parte dele.

Ele sentia seu coração bater forte, e calor inundou seu corpo, o deixando cego. Ele tinha certeza de que estaria fora da estrada se não conseguisse controlar isto.

Foda-me, ela disse.

Ele tinha noventa por cento de certeza, que era a primeira vez que Danielle West dizia essas palavras, o que faziam dessas duas pequenas palavras ainda mais irresistiveis.

Então Deuce o chamou, para saber o porque ele ainda não tinha chegado ao clube com Danny. Foi quando ele decidiu que esta merda entre eles, o que fosse acontecer entre eles, ia ter que esperar até depois do confinamento, até que pudessem estar sozinhos novamente...

... Até que suas coxas se apertaram e seus dedos começaram a rastejar por seu abdômen, até a borda da sua camiseta, onde ela fez uma pausa, tocando o material puído.

Seu pau virou pedra. Provavelmente fez um buraco em suas calças de couro.

Não. Não, não, não. Agora não. Ele tinha que levá-la ao clube antes que Deuce o chamasse novamente. Se ela continuasse com essa merda, ia jogar a precaução ao vento e estar dentro dela em cerca de três segundos.

Não? Quem ele estava enganando? Ele estava fodido. Completamente fodido.

Ele não ia levá-la para o clube. Ele queria tanto sua buceta, que já podia sentir o gosto. Ele não podia continuar fingindo que era apenas sobre sexo. Era mais do que sexo. Era Danny. Sua buceta, sim, e algo mais.

Ripper andava chateado, não dando a mínima para nada, até que ele cometeu o erro de foder uma garota, uma garota que ele nunca antes havia pensado em foder, e de repente tudo mudou. De repente, ele se preocupava com o que ia acontecer a seguir, se perguntando quando Deuce iria descobrir se ia ser morto ou não, se perguntando aonde Danny ia quando não estava no clube... O que ela estava fazendo, se ela saía com algum outro homem, ele sentiu-se

assassino somente com este pensamento. Queria saber se ela estava tão desesperada quanto ele.

Ele não estava mais chateado. Era algo completamente diferente. Era...

Quem diabos ele pensava que era?

Foda-se. Tudo o que ele estava sentindo, ele não queria ignorar. Ele queria mais, ele queria tudo.

E ele queria agora.

Foda-se aquela cadela que o estava ameaçando, foda-se o confinamento.

Ele não iria perder essa chance.

Com cuidado ele foi para uma estrada deserta e escura, parou a moto e desligou o motor.

Nenhum dos dois falou.

Ou se moveu.

Eles só respiravam.

A dela era rápida e curta.

A dele era alta e pesada.

Apenas respiravam.

— Ripper — ela sussurrou.

Ah, Jesus, que voz doce, tão doce...

...E o rosto angelical e o maldito corpo que possuía aquela voz.

— Sim, baby? — Ele perguntou, sua voz rouca.

Suas mãos deslizaram sob sua camisa, suas unhas se enterraram em seu abdomem, e ele parou de respirar completamente.

— Por favor — ela sussurrou.

Ripper se moveu rápido, pulou da moto e parou em frente a ela. Ela puxou seu vestido para cima, e ele arrancou sua calça de couro, colocando-a em cima dele, moveu sua calcinha de lado e se posicionou em sua entrada.

Havia apenas algumas merdas que você não deveria dizer.

Ele sabia melhor do que a maioria.

Ele perdeu seus pais aos dezessete anos, sua única família.

Aos vinte e sete anos, tinha sido capturado por Frankie, torturado por 12 horas . Ele perdeu seu olho, um monte de pele, e praticamente toda a sua autoestima.

Ambos os eventos tinham mudado drasticamente o curso de sua vida, como uma bola de destruição, destruindo seu mundo, forçando-o a ver como tudo o que amava se quebrou bem diante de seus olhos.

Era assim que essa merda iria ser com Danny.

Foi um acidente, um erro, o lugar errado na hora errada, e essa merda havia se transformado em uma catástrofe de proporçoes épicas.

Se ela fosse apenas uma transa, se ele tivesse transado com ela no lago e esquecido...

Mas Danny era diferente.

Uma mudança no jogo.

Ela não era uma buceta qualquer, ela era tão malditamente linda, e tudo o que ele sempre quis em uma mulher, mas não havia percebido isso até que a segurou em seus braços.

Ela era a razão do porque seu mundo estava prestes a se quebrar novamente.

— Ripper... Oh meu Deus. — Ela empurrou contra ele, tentando recebê-lo completamente dentro dela.

Sim, ela o queria, a bola de destruição.

E foda-se ele, ele a queria mais do que já quis qualquer outra coisa no mundo.

Então ele agarrou suas coxas com força, e bateu forte e duro dentro e fora dela.

Deus, porra, era melhor do que ele se lembrava. Ela era apertada, molhada e quente e ajustava-se como uma luva a ele, ela o beijava e tocava como se ele não fosse coberto de cicatrizes, ela não as evitava e não dava tanta atenção a elas, ele começou a pensar que ela não podia vê-las.

Ela o fazia se sentir inteiro novamente.

Sim, de jeito nenhum ele iria perdê-la.

— Ripper — ela chorou. — Ripper... — Sua cabeça pendeu para a direita e seus olhos reviravam.

Sabendo que ela estava prestes a vir, ele agarrou seus quadris enterrando os dedos em seu traseiro, e começou a bater dentro dela a cada vez mais forte, batendo contra ela cada vez mais rápido até que seu corpo tremeu e seus gritos se transformaram em ofegantes gemidos, ela se apertou em volta torno de seu pênis, de novo e de novo. Então ele continuou duro e rápido, ordenhando seu orgasmo.

E... Ah Deus, ela estava vindo de novo, seus músculos se contraindo em torno dele, aquela sensaçao incrível o estimulando a aumentar seu ritimo.

Foi quando tudo aconteceu.

Seu cabelo estava encharcado de suor, com a mandíbula travada, os dentes cerrados, seu aperto em seu ferimento, seus quadris balançando, batendo forte dentro e fora dela, uma e outra vez.

Aquilo foi tão bom, ela parecia um maldito anjo do sexo, com o rosto corado e respirando com dificuldade, gemendo e chorando enquanto ele a levava forte e duro, fazendo com que ela se sentisse no céu, flutuando nas nuvens.

Ele sentiu as paredes do seu mundo começarem a tremer e os tijolos começarem a cair... Um por um até que estava livre e conseguia respirar novamente, quando ele nem havia percebido que o estava fazendo. Respiração esta que estava segurando há cinco malditos anos.

Livre das cordas, e sem o olho direito, Ripper cambaleou tentando ficar de pé. Todo o armazém era apenas um borrão, olhou até que viu uma porta. Mancando correu arrastando a perna direita o mais rápido que pode, quando chegou à porta, tremendo forçou a maçaneta, a porta se abriu. Olhando em volta, ele não tinha ideia de onde estava. A última coisa que ele se lembrava, era estar em Las Vegas supervisionando uma devolução, quando Frankie o pegou.

Xingando, arrastou-se do lado de fora pelo caminho de cascalho.

Um rangido soou de dentro do armazém, e segurando a perna direita ele tentou andar mais rápido.

— Frankie! — Uma voz gritou. — O Cavaleiro está fugindo!

Foda-se, foda, foda! Ele mancou mais rápido.

Ouviu passos se aproximando rapidamente.

Uma estrada. Ele podia ver a estrada. Tomou mais velocidade, gritando mordeu seu labio tentando afastar a dor.

Ele podia ver as árvores, podia ver os faróis ao longe, quando sentiu o cano de uma arma em sua nuca.

— Onde você pensa que está indo? — Frankie riu. — Nosso encontro ainda não acabou. Nem sequer chegamos a melhor parte. Aonde você vai me implorar para não acabar com você.

Os faróis ficaram mais próximos, o motor do caminhão roncava mais alto.

Ele nunca pediria nada. Não pediria nenhuma maldita coisa a esse filho da puta. Nem mesmo por sua vida.

— Vire-se devagar — disse Frankie. — E...

Ripper no fim de suas forças e pela pura determinação em morrer do seu jeito, saltou para a estrada, direto para o caminhão e o impacto foi imediato. Enquanto seu corpo voava pelo ar, ele fechou os olhos e pensou: Foda-se você, Frankie.

Ele estava pulando na frente do caminhão de novo, só que desta vez ele não estava tentando morrer em seus próprios termos.

Ele estava tentando começar a viver novamente. Assim, ele cravou os dedos ainda mais fundos em sua pele, beijou-a mais forte do que jamais havia beijado, e a fodia com uma determinação que não conseguia compreender e...

... E algo dentro dele começou a doer. Foi doloroso, mas foi dolorosamente bom.

Ele queria mais.

Mais e mais, até que não restasse nada de seu antigo mundo, se sentiu tão bem dentro dela, como ela se encaixava perfeitamente, então fechou os olhos e pensou: Foda-se você Frankie.

Foi quando tudo aconteceu.

Ele perdeu o controle pela primeira vez durante o sexo e terminou duro, ainda dentro dela.

Quais seriam as repercussões disso, ele não se importava. Ele estava muito ocupado olhando para a menina bonita sentada em cima dele, se sentindo livre, mais livre do que jamais se sentiu em toda a sua vida.

Os olhos de Danny se abriram lentamente, Jesus Cristo, ela estava coberta de suor, com lágrimas escorrendo pelo rosto, a maquiagem borrada e com o rosto corado de sexo, e ela estava sorrindo, o sorriso mais doce com covinhas que ele já tinha visto.

Ela era bonita e sexy como o inferno, ela era boa, uma garota muito boa. Ela era tudo o que um homem como ele não tinha o direito de ter.

— Eu gosto de você, Ripper — ela sussurrou, passando seus braços por seu pescoço, causando arrepios e uma onda agradavel de calor dentro dele, causando algo que ele nunca havia sentido antes.

— Sim, menina bonita — ele sussurrou. — Estou sentindo você também.

Ele queria dizer isso. Ela estava sob sua pele. Ele não queria somente transar com ela, ele não a queria somente em sua cama.

Ele a queria montada em sua moto, com ele.

Sim, ele queria reivindicar Danielle West, marcar seu nome em seu corpo. E ele queria que o mundo soubesse disso.

Foi nesse momento que Ripper soube que seu mundo havia se quebrado pela terceira vez, se desintegrado e se transformado em pó.

Nada de agora em diante jamais voltaria a ser o mesmo.

CAPÍTULO DOZE

Eu odiava o confinamento. Cada um deles, eu odiava.

Os irmãos, suas esposas, seus filhos, jovens e velhos, todos amontoados dentro do clube, mal dava para respirar. Não havia nenhum assento desocupado, nenhuma cama vazia em um armazém gigantesco.

Mas desta vez...

Já era o quarto dia de confinamento, e eu não queria estar em nenhum outro lugar no mundo senão ali, trancada em um edificio lotado... Com Ripper.

Sentada no bar do clube, com os cotovelos no balcão, apoiando o rosto em minhas mãos, eu estava assistindo Ripper. Ele estava sem camisa, descalço, vestindo apenas uma calça de couro. Seu cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo bagunçado e tinha um cigarro nos lábios. Meu olhar viajou por seu corpo e persistiu no caminho de pelos loiros que desaparecia dentro de suas calças, e meu coração começou a bater mais rápido.

Eu nunca estive tão intensamente atraída por um homem antes, nunca me senti tão excitada em toda a minha vida, e não era só quando ele estava me tocando, era o tempo todo. Tudo o que eu tinha que fazer era pensar em estar com ele, e eu estava cruzando as pernas e apertando minhas coxas juntas.

Ele era um homem incrívelmente bonito. As cicatrizes só te faziam procurar pelo o que ainda havia por baixo, e o que ainda estava lá, era uma forte estrutura, o rosto de um deus grego, musculos de um boxeador e um sorriso diabolicamente sexy.

Havíamos passado os últimos três dias fugindo juntos, habilmente evitando as câmeras de segurança do clube, e encontrando lugares secretos para ficarmos juntos. A despensa da cozinha, os chuveiros coletivos, o galpão atrás do clube...

Eu estava esperando o sinal de Ripper, aguardando ansiosamente ficarmos juntos hoje.

— Isso é uma merda — Tegen fez beicinho, subindo ao meu lado e cruzando os braços sobre o peito. Assustado Ripper olhou para mim, olhei para ele e fiz uma careta.

Sua tentativa de se vestir como uma garota estava dando terrivelmente errado. Seu vestido preto liso estava largo, as alças caiam de seus ombros, revelando um sutiã branco, ela havia derramado algo sobre o vestido e não fez questão de limpá-lo, eu olhei para seus pés. Ela estava usando chinelos, não os bonitos, mas um par simples de chinelos pretos que eu não usaria nem morta, nem mesmo na praia.

— O que eles vêem nessas malditas putas? — Tegen assobiou.

Sabendo que ela estava falando de Cage, eu comecei a revirar os olhos, até perceber que não era somente Cage que estava conversando com um par de prostitutas, Ripper também. Levantei-me imediatamente. Ele não estava me mandando um sinal, pois estava muito ocupado conversando com essas putas?

O ciúme me inundou, seguido pelo pânico. Ele havia mentido. Ele ainda estava interessado em outras mulheres, e aqui eu era forçada a me sentar e ver isso acontecer bem na minha frente, assim como Dorothy tinha que assistir Jase com sua esposa enquanto ela ansiava por ele de longe. Oh Deus, eu não poderia fazer isso. Eu não poderia ser a mulher em segundo plano, ou pior, a mulher que ninguém sabia que existia.

Sem aviso, ele olhou na minha direção, um pequeno sorriso em seu rosto que sumiu, no momento em que olhou em meus olhos. Mordi meu lábio inferior e tentei controlar minha expressão, esperando que minha agitação não transparecesse.

Eu sabia que tinha falhado quando seus olhos se estreitaram.

A próxima coisa que eu soube era que Ripper estava atravessando a sala, vindo em direção ao bar, vindo até mim. Ele se inclinou para frente, colocando os braços em cima do balcão. Fiquei rigida de repente, completamente sem saber o que fazer ou para onde olhar. Deus, eu nem sabia o que fazer com minhas mãos ou como deveria me sentar. Ele fazia questão de não ficar a menos de vinte passos de mim, e esta aproximação repentina havia me pegado completamente desprevenida.

— Ei — ele disse para ZZ que como de costume, estava como bartender, enquanto ficava de olho nos monitores de segurança.

ZZ ergueu o queixo. — Tequila?

— Não cara, me dá uma cerveja.

Concordando, ZZ pegou em baixo do bar uma cerveja. Estalando a tampa no bar, ele a entregou a Ripper, que tomou um longo gole, durante o qual eu mudei a posição de minhas mãos do bar para o colo. Fiz isso duas vezes.

— Uh, você está bem? — Perguntou Tegen, olhando-me de maneira estranha. A expressão em seu rosto mostrava claramente que ela pensou que eu tinha perdido completamente minha mente.

Eu balancei a cabeça bruscamente. — Sim.

Ela franziu o nariz. — Sim, claro. Então você começa a agir como se tivesse Tourette assim, sem qualquer razão?

Eu olhei para ela. Só porque eu não estava vestida com roupas de segunda mão, e parecia que tinha levado um choque, e fazendo beicinho pelos cantos por um cara que nunca olharia para mim. Não significava que ela tinha que me odiar.

— Eu estou bem — eu disse agressiva.

— Certo — ela murmurou. — Tudo bem, não me interessa não precisa me olhar com essa cara feia.

Eu fiquei boquiaberta, furiosa, a proximidade de Ripper completamente esquecida. Quem ela pensava que era?

— O que há de errado com você? — Eu exigi. — Porque você não pode ser apenas... Normal?

Seus olhos se estreitaram. — Normal — ela perguntou, seu tom mordaz. — Que porra é normal, Danny? Isto? O clube? Minha mãe chorando pelos cantos, olhando para Jase e Chrissy? Ou Adriana — disse ela apontando para onde a esposa de Mick estava sentada. — Ela está falando com a prostituta favorita dele no clube e ela nem sabe disso. Isso é normal?

Se Tegen realmente se preocupava com os motociclistas e a falta de moralidade que se passava dentro do clube, era discutível. Seus maus humores eram de nove a cada dez vezes relacionados a somente um motociclista. Meu irmão. Se ela não estava com raiva, o que era raro, ela estava triste.

— Meninas.

A voz de Ripper era baixa, mas dura e nós duas olhamos para ele. Apontando para nós com a cerveja disse. — Cansadas do confinamento, não é?

Tegen suspirou ruidosamente. — Se, cansadas você quer dizer que estamos a beira da loucura, por ter que assistir a todos vocês bebendo até desmaiar, arrotar, peidar e transar com tudo o que se move, então sim, eu diria que estou um pouco cansada.

Ambos ZZ e Ripper começaram a rir. Inclinando-se sobre a barra para despentear o cabelo dela, ZZ sorriu para ela. — Você é uma mal humorada filha da mãe, você sabia disso?

Ela golpeou seu braço, tentando se livrar de sua mão. — Cai fora! — Ela gritou, jogando uma garrafa em ZZ, errando por vários metros.

— Danny.

Engolindo em seco, Olhei para Ripper.

— Você está pensando de novo — disse ele em voz baixa. — E o que você está pensando que está te fazendo mal?

— Eu não estou — eu protestei. — Eu estou totalmente, completamente, cem por cento bem!

— Não está não — disse ele. — Você está pensando em merda, está pensando em todos os tipos de loucura, nessa sua cabeça.

Maldito.

— Tudo bem — eu assobiei, batendo a mão sobre o balcão. —Você quer saber o que eu estou pensando, eu vou te dizer. Eu não gosto de ser um segredo. Eu não gosto que essas putas estúpidas fiquem perto de você pensando que podem te tocar. Se soubessem sobre mim, isso não iria acontecer enquanto eu estivesse por perto.

Percebendo o que eu tinha acabado de falar, o que não foi nem um pouco baixo em uma sala repleta de pessoas, que sem dúvida alguma estariam interessados em saber por que eu estava tendo uma conversa tão pessoal com Ripper. Eu tapei minha boca e fechei meus olhos com força.

Quando olhei para cima novamente, encontrei o clube exatamente do mesmo jeito. Ninguém estava prestando atenção em mim, Tegen ainda estava gritando com ZZ, Ripper ainda estava ao meu lado inclinado sobre o bar, ainda olhando diretamente para mim. Sorrindo.

— Está tentando me dizer que você é minha mulher, Danny?

Sim.

— Não — eu sussurrei, e vi seu sorriso ocupar todo o seu rosto.

— Mentirosa — ele sussurrou de volta.

— Eu te odeio.

— Mentirosa.

— Agora eu realmente odeio você.

Levantando-se ele deslizou a garrafa vazia pelo balcão em direção a ZZ, usando a ação para se apoiar em mim. — Cinco minutos — ele sussurrou. — Seu quarto.

Então ele me deixou ali sentada, olhando para ele, sentindo-me como uma idiota, completamente em pânico.

Pelos proximos cinco minutos eu fiquei onde estava meu estômago vibrava em antecipação, e eu encarava o relógio na parede. Após os cinco minutos mais longos da minha vida inteira se passar, eu desci lentamente do meu assento e comecei a andar, através das pessoas. Uma vez que cheguei ao corredor, cheia de alegria e expectativa, comecei a correr para onde eu sabia que ele estava me esperando. Meu quarto. Eu não sei como ele fazia isso, evitar as câmeras, de alguma forma saber onde pisar e quando o fazer por isso a sua entrada em meu quarto não seria registrada, e eu não me importava. Tudo o que importava era que ele estava no meu quarto esperando por mim e eu estava...

Rompi pela minha porta e quase colidi com ele. Agarrando o meu braço, ele me empurrou para dentro e fechou a porta com a bota, trancando-a rapidamente.

— Por que você faz essas merdas? — Ele perguntou, me olhando de cima a baixo e me empurrando para trás.

— O que eu fiz? — Eu perguntei me fazendo de boba.

— Você sabe o quê — ele murmurou, me empurrando para trás, já tirando sua calça de couro.

Eu caí para trás em minha cama, puxando minha saia até a cintura e tirando minha calcinha.

— Camisa — ele rosnou, olhando para a metade inferior nua do meu corpo, e lentamente acariciando-se. Eu o assisti tocar-se, ficando mais duro, enquanto ele continuava a olhar para o que eu estava oferecendo a ele livremente.

Uma vez que minha camisa se foi, Ripper olhou por meu corpo com paciência, me deixando ainda mais exitada.

— Não sei por que você acha que vou querer qualquer bunda do clube, quando eu tenho tudo isto esperando por mim.

— Desculpe — eu disse. —Eu só... Fiquei com ciúmes.

— Sim — ele murmurou, ficando por cima de mim e enfiando um dedo dentro de mim. —Eu sei.

Gemendo, passei meus braços ao redor de seu pescoço, tentando puxá-lo para poder beijá-lo, mas ele se virou.

— Eu quero ver você — disse ele em voz baixa, adicionando outro dedo.

Pura luxúria ivadiu minhas coxas e subiu pelo meu corpo, me fazendo tremer e apertar em torno dos seus dedos.

As coisas que este homem me fazia sentir apenas falando era surreal. Às vezes eu queria chorar, por sentir coisas que nunca antes havia experimentado.

— Porra, você é linda — ele murmurou, aumentando a velocidade de seus dedos.

— Você vai para Dakota do Norte? — Eu ofegava.

— Não.

— Mick disse que meu pai vai, assim que ele voltar de Nova York.

— E... Danny?

— Hmm?

— Será que podemos não falar sobre o seu pai agora?

— Mas eu estava pensando... — Eu parei, sem fôlego.

— Nunca é bom — ele murmurou e acrescentou outro dedo.

Minhas pálpebras vibraram enquanto eu tentava permanecer na tarefa.

— Olhos em mim — ele rosnou.

— A maioria já vai ter ido embora — eu sussurrei, tentando concentrar-me em seu rosto. — Então, eu estava... Oh meu Deus...

Meu orgasmo me atingiu duramente e por um momento eu esqueci tudo sobre o que eu estava falando. Eu nunca tinha tido um orgasmo antes de Ripper, antes daquela noite no lago, que não tinha sido um resultado do uso de minha própria mão. A diferença entre um orgasmo auto-induzido e um orgasmo dado por um homem é como comparar um dia chuvoso e uma tempestade. Chuva era uma coisa certa, você sabia exatamente o que você estava esperando: uma experiência doce e refrescante, limpa e nítida. Mas as tempestades eram imprevisíveis, elas estavam cheias de surpresas, era algo sobre o qual você não tinha controle.

Tempestades te deixam de joelhos, te afogando em uma necessidade incontrolável, relâmpagos piscam através de seus olhos, enquanto você tenta se segurar à terra, incapaz de dizer o que era mais alto... O rugido do trovão em seus ouvidos ou o bater de seu coração.

Ripper foi minha tempestade, não tinha para onde correr, tudo o que podia sentir era sua força explodindo através do meu corpo, queimando e amançando ao mesmo tempo.

Voltei à consciência quando ele me pegou pela cintura e levantou meus quadris.

— Você estava pensando — ele perguntou, rindo baixinho enquanto ele se posicionava na minha entrada.

Eu tive que trabalhar rápido. Ele estava quase dentro de mim e uma vez que ele estivesse se movendo dentro de mim, tudo estaria perdido.

— Que nós poderíamos passar alguns dias juntos em sua casa e...

Eu chorei quando ele bateu dentro de mim e sua mão tampou minha boca.

— Shh — ele sussurrou, puxando para fora de mim só para bater duro. Gritei de novo, desta vez o som foi abafado por sua mão, só para chorar de novo e de novo, quando seu corpo se chocava com o meu , mais e mais rápido, mais e mais forte, até que eu estava gritando contra sua mão, outro orgasmo pulsava através do meu corpo.

Virando-me, ele deslizou para dentro de mim, mas antes que eu pudesse reagir, sua língua desparou, roubando todo o som da minha boca e todo o ar de meus pulmões, mais rápido e com mais força ele trabalhava em meu corpo com histérica necessidade, fazendo-me implorar para ser saciada.

E ele fez exatamente isso.

Olhando para mim, Ripper estava rosnando, sons guturais saíam de seu peito, vibrando contra os meus seios, e eu tinha certeza que era o som mais maravilhoso que eu já tinha ouvido em toda a minha vida, olhava para ele, sentindo...

Apenas sentindo.

Sentia-me tonta, embriagada com a necessidade, bonita, querida e mais do que nunca, eu me sentia viva.

E não queria que isso acabasse nunca.

• • •

— Deus — Ripper gemeu, sentindo seu orgasmo chegando. Meu Deus Danielle.

— Oh meu Deus — Danny estava ofegante, esfregando seus quadris contra ele, agarrando-o, levando-o até o fundo. — Oh meu Deus...

Ele apertou seus dedos em seu cabelo. — Eu... Vou... baby , eu...

Mordendo o lábio inferior de Danny, ele engoliu seus gemidos e gozou forte, ainda empurrando.

Ele esperou um momento, ainda dentro dela, observando seus belos olhos azuis piscando, sua respiração estava pesada e sentiu a umidade de sua boca contra a dele.

Quando sua respiração voltou ao normal, ele saiu dela, observando sua buceta encharcada, Observando como tudo o que havia derramado dentro dela, se derramava em suas cobertas cor de rosa. Não importava o quão narcisista parecesse, mas foi a coisa mais quente que já tinha visto em toda a sua vida.

E porra, sem preservativo. Foda-se, era tão bom, não que ele nunca o tivesse feito antes com as putas sujas do clube. E não estava preocupado com Danny, ela era limpa, qualquer idiota saberia disso, e ela estava tomando pilula. O que aparentemente era um segredo, pois somente ela e Eva sabiam disto, e agora ele. Ela o fez prometer que não contaria nada a Deuce ou Cage.

E claro. Essa foi a primeira coisa que passou por sua cabeça. Diga ao irmão e pai da puta que eu estou fodendo que ela está secretamente no controle de natalidade.

Claro... Talvez se ele quisesse morrer.

Rolando fora dela, ele caiu de costas ao lado dela. — Jesus — ele murmurou, olhando para o teto. — Foi...

— Incrível — ela sugeriu.

Ele olhou para ela e sorriu.

— É sempre assim? — Ela suspirou feliz, sorrindo para ele. — Tão... tão... maravilhoso?

Ele quase riu, mas percebeu que não, não foi sempre assim.

Sexo nunca foi tão malditamente bom antes.

— Porque o outro cara que eu...

— Não — ele rosnou, franzindo o cenho para ela. A última coisa que ele queria pensar era em algum babaca dentro do que era dele. — Não é sempre assim.

O sorriso dela aumentou. — Então, nós tivemos muita sorte — ela sussurrou.

Ripper olhou para ela, sentindo todos os tipos de coisas estranhas acontecendo dentro dele, sentimentos se acumulavam rápido demais, o que deveria estar assustando seu lado nada amoroso.

Mas não estava.

— Sim, querida — ele sussurrou de volta , puxando-a para si. — Tenho certeza que sim.

— Então, podemos ir para a sua casa? — ela perguntou, beijando seu peito.

Colocando os dedos em seus cabelos, ele fechou os olhos, apreciando o gosto de sua boca. Sua casa? Sua casa, ou melhor, o trailler de um quarto no meio das montanhas, lá era o seu santuário. Era pra onde ele ia quando queria se afastar de toda a merda do clube, todo o barulho e todas aquelas pessoas.

Agarrando seu cabelo, ele a beijou com força. — Falaremos sobre isso mais tarde — ele murmurou contra sua boca, enquanto pensava se queria transar com ela de quatro primeiro e depois fazê-la monta-lo, ou se a faria montá-lo e depois a fodia de quatro. — Tenho coisas mais importantes a fazer e não tenho muito tempo.

CAPÍTULO TREZE

Desconfortável Deuce sentou irritado em uma das duas cadeiras de madeira de encosto alto que o Pregador tinha em seu escritório.

Com as mãos unidas à sua frente, com os cotovelos apoiados no topo de sua monstruosa e arcaica, mesa de madeira, o Pregador assentiu gravemente. — Eu concordo. Big Jay tem que ir. Eu sobre esta porra de jogos e agora essa merda, quebrando os cavaleiros quando eu estou pagando-os mais do que suficiente, apenas para deixar nossos meninos atravéssar a porra de rua em seu território.

Deuce olhou para ele, sua cabeça não estava realmente para a conversa, mas em vez disso se perguntou como seus meninos se sentiam sobre ele entregá-los para o Pregador e a consolidação de ambos os clubes. O Pregador era um líder forte, ele cuidou muito bem de seus filhos e suas famílias. Ele faria o mesmo com os Cavaleiros.

Ele poderia sair em seguida. Pegando a estrada sabendo que Eva, seus filhos, e seu clube seriam cuidados.

— Eu vou matar você — o Pregador rosnou e sua cabeça se ergueu.

— O quê?

— Eu disse, eu vou “caralho” te matar se você ferir qualquer uma das minhas meninas.

Que porra é essa? Como diabos? O cara era uma merda de vidente?

— O que diabos você está falando?

— Você acha que eu não sei o que um homem parece quando ele está pensando em fugir? Vi uma centena de diferentes épocas em uma centena de homens diferentes. A vida começa tomando seu pedágio, eles já viram muita merda, fizeram muita merda, e de repente eles estão afogando suas besteiras na bebida e buceta, e seus casamentos estão caindo aos pedaços, e estão quebrando as garrafas ainda mais duro, e então eles estão mergulhando em merda que não devem. Tudo o que querem fazer é chegar em sua moto e pegar a estrada, começar de novo, ou encontrar um lugar calmo para se enrolar e morrer.

Deuce não disse nada. Ele não tinha nada a dizer. O Pregador estava certo e ele estava malditamente cansado de tudo para discutir com o homem.

— Você acha que eu não quis correr? — O Pregador balançou a cabeça. — Você acha que eu queria criar uma filhinha sem sua mãe em um clube cheio de idiotas? E depois que descobri o que Frankie estava fazendo para o meu bebê, bem debaixo do meu nariz? Mas que porra de escolha eu tinha? O dia que eu segui esse caminho... O dia que você seguir esse caminho será o dia em que você entregará a sua vida. Você não é apenas o prez, Deuce, não está apenas administrando um clube, liderando aqueles meninos. Não é apenas uma responsabilidade. É você, irmão, seu clube, seus meninos são você. Você começa a sangrar e eles todos vao sangrar com você. O clube vem em primeiro lugar, você sabe disso, eu sei que, cada homem que segue esse caminho sabe disso. Não importa o quão ruim a merda fique com a sua velha senhora, suas amantes, seus malditos filhos, você tem que continuar andando. Aqueles garotos e suas famílias, são a sua família também. Eles não só o respeitam ou se espelham em você, eles estão contando com você para fazer o bem por eles. Você sabe desta merda, Deuce, o clube sempre...

— Vem em primeiro lugar — ele rosnou, interrompendo o Pregador. — Eu sei porra.

— Sim, você sabe, mas pregar isso não é o mesmo que viver. Hora de voltar a viver isso.

Foda-se. Por mais que ele odiasse o Pregador, principalmente porque o filho da puta tinha atirado nele duas vezes, não poderia discutir uma única palavra do que o homem havia dito.

— Não me interprete mal, eu não gosto de você mais do que gostei de você quando o vi pela primeira com a minha filha menor de idade — o Pregador rosnou. — Mas, por algum maldito motivo ela te ama, significando que estou mantendo minha boca fechada.

Deuce estreitou os olhos. — Você chama isso manter sua boca fechada?

O Pregador encolheu os ombros. — Eu estou mantendo o meu dedo fora do gatilho, não estou?

Jesus Cristo, se Eva decidisse que odiava o pai dela, seria o primeiro na fila para colocar esse idiota no chão. Ele poderia fazê-lo de qualquer maneira, diria a Eva que não tinha ideia do que aconteceu com o Pregador e para tudo o que sabia, alienígenas do espaço exterior haviam sequestrado o bastardo escorregadio.

— Você sabe — o Pregador continuou — eu e seu pai nos conhecemos há muito tempo. O conheci quando eu era apenas um garoto. Conheci sua mãe também, tive uma maldita queda por ela... e aquele caralho de covinhas dela.

— Existe um ponto para esta merda toda? — Ele cuspiu. A última coisa que ele queria ouvir era sobre paixão do pregador por sua mãe que ele nunca chegou a conhecer.

— Sim, imbecil e eu estava chegando a ele. Teria chegado a ele, se você mantivesse sua maldita boca fechada.

Os dois olharam um para o outro até que o Pregador falou primeiro, balançando a cabeça e suspirando.

— Meu ponto é, Reaper não dava a mínima para o clube, não deu a mínima para a sua mãe, ou a mãe do seu irmão, ou qualquer um de vocês. Tudo o que ele deu a mínima foi para ele próprio e o clube ou o que suas cadelas poderiam fazer por ele. Ele queria poder e dinheiro, usou o clube para obtê-lo, ele queria filhos para passar o bastão, e usou essas meninas para tê-los. Mas quando chegou a hora, nunca deu a mínima. E Deuce, isso não é você. Eu sei que você tem amor por seus filhos e sua família e é por isso que você está pensando que fugir é melhor a fazer para todos eles, mas estou te dizendo que

não é. Você sai e esses meninos vão cair aos pedaços. Quanto a essas crianças que você estará deixando para trás, você me diz como se sentia amadurecendo com um velho que não queria você? Tudo o que tinha era seu irmão e quando você perdeu Cas, então o que diabos você tem?

Merda, pensar em seu velho pai, sua mãe e seu irmão mais novo que foi morto ficou de difícil respirar. Deuce esfregou a palma da mão sobre o peito em um grande círculo.

— Você tinha o clube — disse o Pregador. — E você teve a bagunça que seu velho deixou para trás e virou essa merda em uma fraternidade. Você jogou fora o lixo, teve seus meninos melhorando juntos, e então você começou a fazer melhorarias, melhor do que qualquer MC que eu já conheci . Fiz o dever de casa com todos os seus meninos, eu sei que Dirty e Hawk estavam morrendo de fome nas esquinas das ruas antes de você encontrá-los. Conheci Cox roubando carros para sua próxima refeição, e Ripper, aos dezessete anos, sem família, não sabia porra nenhuma sobre motos, e que você fez? Trouxe-os todos para casa com você e deu a eles uma família. Se você deixá-los, estará puxando o tapete debaixo de todos eles e os seus filhos nem vão mesmo ter o clube para voltar a cair. Ninguém vai ter nada.

Com os braços cruzados sobre o peito, Deuce deu ao Pregador um olhar estranho. — Eu realmente odeio você porra — ele rosnou.

Seus olhos sábios apontaram para ele, o Pregador puxou um cigarro de trás da orelha e acendeu-o.

— Deuce — disse ele, exalando. — O sentimento é mútuo. Agora, vou te dizer o que digo a todos os meus filhos quando eles estão agindo como tolos. Vai pegar uma garrafa e uma cadela e foda toda essa merda venenosa fora de seu sistema. Então vá para casa com a minha filha e minha neta e seus filhos e seus meninos, e vá corrigir o que diabos está quebrado. E se você não fizer isso, eu vou recolher as minhas meninas, talvez tirar Kami longe dessa porra suja com quem ela se casou enquanto o resto eu deixo o problema para você.

— Sim — ele disse secamente. — E enquanto eu estou bebendo e fodendo, que merda você vai fazer sobre Big Jay?

O Pregador deu outra tragada no seu cigarro e sacudiu a cabeça. — Estou postando o assassinato esta noite. Você não tem que fazer nada.

• • •

Com seu bebê adormecido apoiado em seu quadril, Eva tentou navegar pela frente do clube para o corredor de trás, querendo deixar para trás o barulho de várias conversas em andamento, as crianças chorando ou reclamando, homens rindo, as mulheres rindo. Depois de cinco dias, o barulho constante estava dolorosamente a saltitar dentro de seu crânio, fazendo a sua cabeça ansiar por paz e tranquilidade, e fazendo seu estômago tremer constante.

Ela nunca tinha se importado com os bloqueios. Em Nova York, ela geralmente os passava em seu quarto, ouvindo música com Frankie ou mais tarde, quando eles eram mais velhos...

Seus olhos começaram a arder e seu aperto em Ivy ficou mais forte.

Frankie.

Afastando-se de todos, ela fechou os olhos...

Inclinando-se para trás contra o exterior de arenito dos Demônios imaginou-o, alto e largo, seus musculosos braços tatuados fortemente cruzados sobre o peito, esticando o matérial de sua camiseta preta, seu longo cabelo castanho puxado firmemente para trás, com a cabeça inclinada para um lado, os olhos famintos escuros focados nela, um sorriso brincando em seus lábios.

— Baby — ele disse em voz baixa, áspera quando ele entortou dois dedos. — Venha aqui.

Um grito brotou de seu coração dolorido e apresentou-se dolorosamente em sua garganta. Ela cobriu a boca com a mão, abafando-o.

Não. Ela não ia pensar em Frankie. Esse capítulo de sua vida tinha acabado. Teve certeza disso, quando ela colocou uma faca no seu pescoço. Não havia qualquer outra opção. Frankie tinha ido longe demais, causando muita dor para todos que ele entrou em contato, ele tinha sido uma bomba-relógio ambulante.

De alguma forma, Eva tinha conseguido superar a culpa paralisante que matá-lo havia causado. Ela puxou-se para fora de sua dor, e assumiu o controle de sua vida novamente.

Era Deuce que se recusava a deixá-lo ir.

Frankie tinha feito a pior coisa que poderia fazer para um homem como Deuce, um homem que teria tomado qualquer tipo de punição física que Frankie pudesse ter imposto, ele teria preferido. Mas Frankie sabia disso e em vez disso tinha imobilizado Deuce, obrigou-o a assistir a mulher que amava ser fodida por outro homem, em seguida, levá-la, deixando-o com a pergunta se ele a veria viva novamente.

Para um homem como Deuce, o que Frankie tinha feito era um castigo muito pior do que a morte.

Também era algo que um homem como Deuce não ia esquecer.

Ela tentou...

E tentou...

Mas ela não podia mais fazer isso. Quando veio para Deuce, ela sentiu como se tivesse correndo em círculos toda a sua vida.

Não era mais apenas ela, não podia se dar ao luxo de ser egoísta para fazer o que quisesse ou para deixar o homem em sua vida fazer o que quisesse. Para ficar esperando por algo que poderia nunca acontecer. Ela tinha uma filha que merecia a melhor vida que Eva pudesse lhe dar.

Ela estava indo embora.

A decisão foi tomada na noite que Deuce foi para Nova York. Ela estava indo para casa, de volta ao seu pai e os Demônios, de volta para o que ela pensou que tinha deixado para trás para sempre em troca de uma vida de felicidade com o homem que amava. Ela não tinha contado a ninguém, no entanto, não tinha tido a chance. Na noite seguinte, o clube tinha sido bloqueado e agora ela estava presa aqui.

— Você quer que eu fique com ela por um tempo?

Dorothy apareceu ao lado dela e estendeu os braços. Grata, Eva sorriu enquanto passava Ivy, que piscou sonolenta quando foi deslocada entre elas, mas se estabeleceu de imediato voltando a dormir no ombro de Dorothy.

— Eu preciso de algo para manter minha mente fora de Jase e Chrissy — Dorothy sussurrou, esfregando pequenos círculos nas costas de Ivy. — Ela está lá fora, falando sobre suas próximas bodas.

Eva parou de ouvir. Dorothy era um disco quebrado quando se tratava de Jase. Constantemente chateada, mas ainda mantendo a esperança de que um dia Jase deixaria sua esposa, quando era claro para todos, exceto para Dorothy que ele nunca faria isso.

Perdendo-se em seus próprios pensamentos, ela viu quando Ripper veio através das portas da cozinha balançando e ligado à esquerda em direção a eles. Ela se preparou para o seu olhar mortal de costume.

— E aí — ele disse, passando por ela e uma Dorothy ainda falando.

Seus olhos se arregalaram de surpresa. Não foi amigável, mas... Não foi horrível também.

Ele estava finalmente pronto para perdoá-la por ter sido casada com o homem que o havia machucado? Ela esperava que sim. Ela ficou devastada vendo suas cicatrizes, o que Frankie tinha tão insensivelmente feito para ele.

Meu Deus, como se não tivesse percebido o que seu próprio marido tinha sido capaz de fazer, até que fosse tarde demais?

Eva sacudiu a cabeça, ainda tentando limpar Frankie de seus pensamentos, quando as portas da cozinha se abriram novamente e Danny saiu, indo na direção oposta.

— Ei, você — ela gritou e Danny virou-se, um olhar assustado no rosto.

— Uh, hey — Danny gaguejou, seu rosto cor de rosa.

Estudando, ela notou que a menina não estava só ruburecida, mas suada... E despenteada. Realmente despenteada. Sua blusa rosa estava ao contrário e sua saia jeans estava parcialmente aberta.

Desenhando as sobrancelhas juntas, Eva olhou por cima do ombro para o final do corredor onde Ripper fez uma pausa para falar com Mick e Bucket e então olhou para Danny. Seu coração deu uma queda livre para baixo em seu estômago.

Danny e...

Oh meu Deus, ela não podia sequer pensar, era muito bizarro. Esquisito e... Deuce ia virar a merda. Tudo o que podia imaginar eram balas e sangue e corpos empilhados muito alto.

Okay.

Okay.

Ok, ok, ok... Ela tinha que pensar sobre isso... Sobre o que ela ia fazer sobre isso.

Sim, certo. Que diabos ela deveria fazer sobre isso?

Uma coisa era certa, ela não podia deixar Danny no meio de seu irmão e seu pai nesta confusão que ela se meteu com Ripper.

Deus, como isso aconteceu?

E o que diabos estava pensando Ripper?

Se Deuce descobrisse, ele iria matá-lo. Matar.

Pela segunda vez no espaço de apenas alguns minutos, seu coração caiu.

Ripper queria morrer. Ele finalmente perdeu o último resquício de juízo, droga e pulou do penhasco sem retorno. Ela tinha visto isso acontecer, toda a gente viu isso chegando, mas todo mundo estava segurando a esperança de que, depois de ter passado tempo suficiente ele eventualmente iria se recompor.

Em vez disso, o oposto aconteceu. Ele havia piorado ao longo do tempo, amargo e frio.

O que estava fazendo Danny com um homem como ele? Um homem quebrado e irritado, mais velho, que estava com toda a probabilidade usando-a para se matar.

Ela fechou os olhos.

Ela não estava em posição de julgar Danny. Ela teve sua cota de erros ao longo dos anos, alguns muito piores do que qualquer coisa que Danny jamais faria.

E Danny podia legalmente ter relações sexuais com quem ela quisesse.

Mas Danny ainda era adolescente, uma combinação mortal de imaturidade e sentimentos. Um grande e gordo cofre de banco, confuso cheio de emoção que você precisava de uma britadeira só para romper a superfície.

Que, obviamente, não estava pensando claramente. Ou em tudo.

— Cale a boca, vadia! — Cox rugiu, assustando a todos quando ele apareceu no final do corredor.

— Nunca! — Kami gritou seus calcanhares clicando pesadamente no chão de cimento quando ela marchou atrás dele. O segundo em que Kami avistou Ripper, Eva se encolheu , sabendo exatamente o que estava por vir.

— Ripper — Kami ronronou, encabeçando seu caminho. — Hey, baby.

— Para trás! — Ele gritou — Eu me recuso a levar um tiro por causa de sua bunda louca!

Ela sorriu. — Você já preferiu minha bunda, não é, querido?

Atrás de Cox, Danny fez um pequeno ruído dasfixiado e Eva assistiu o olhar de Ripper disparar para ela, seguido de um apertamento de mandíbula.

— Ripper — Cox berrou — Eu vou enterrá-lo!

Suspirando, Ripper agarrou a arma na parte de trás de sua calça e agitou-a no ar — Algum de vocês que der mais um passo em minha direção e vou tampar no joelho.

— Você me quer de joelhos? — Disse Kami suavemente. — É isso aí.

— Kami — Eva sussurrou, agarrando o braço de sua melhor amiga antes que ela pudesse ficar mais perto de Ripper — Pare com isso!

— Cristo — Ripper murmurou. — Você me toca Kami e eu vou colocar uma bala em cada um desses joelhos ossudos.

Ignorando Eva, sem se importar que Ripper não tivesse nenhum problema em atirar nela e Cox estava a dez segundos de estrangulá-la, Kami continuou sorrindo sensualmente para Ripper.

— Você é uma louca, cadela! — Cox gritou, arrancando Kami fora do aperto de Eva e prendendo-a contra a parede.

— E você é um puto — ela gritou.

— Eu sorri para ela, cadela! Isso foi tudo o que eu fiz porra! Pelo amor de Deus, você insana do caralho, eu casei com você porra! Eu não estive dentro de outra cadela em tempos!

Kami trouxe seu joelho para cima em linha reta nas bolas de Cox e ele caiu como um saco de batatas, ajoelhando-se e gemendo. Mãos nos quadris, Kami olhou para ele. — Você quer uma medalha, Cox idiota — ela sussurrou. — Eu já sei que você não tocou outra mulher! Eu tenho seguido você!

— Você... Louca... Cadela — Cox engasgou. — Assim... Como eu posso... Eu vou... Foder... Você... Até a morte!

Kami bufou. — Promessas, promessas.

— Vocês dois se esqueceram de tomar seus remédios hoje — perguntou ZZ, cutucando sua cabeça ao virar da esquina.

— Cale a boca! — Eles gritaram ao mesmo tempo.

Girando nos calcanhares, Kami saiu, deixando Cox em posição fetal no chão.

— Eu odeio bloqueio — Dorothy murmurou.

— Eu também — disse Cox com um gemido.

ZZ soltou uma gargalhada. — Cara — ele gritou. — Você trouxe essa merda para si mesmo. Você casou com a louca, loucura é o que você vai conseguir.

Ripper quase derrubou Dorothy quando passou por eles, amaldiçoando enquanto se dirigia na direção de Danny que tinha desaparecido. Supôs, agora que Danny sabia apenas agora grosseiramente sobre Ripper e Kami, ele tinha algum controle de danos a enfrentar.

Franzindo a testa, Eva olhou para o corredor atrás dele. Não, ela não podia sair. Não nos olhos de uma grande tempestade de merda. Se ela fosse para casa agora, quem estaria aqui para ser o amortecedor entre Danny e Deuce quando a merda batesse no ventilador? Cage? Não. Cage amava sua irmã, mas ele era tão articulado com confrontos emocionais como seu pai e preferia usar os punhos quando as coisas ficavam aquecidas. Deuce e Cage iriam acabar batendo o inferno fora de si, e Ripper ainda acabaria morto, e Danny...

Quem estaria aqui para pegar os pedaços de coração partido se Ripper acabasse o quebrando?

Ela ia ter que arquivar seus próprios problemas por um tempo e certificar-se que a família que amava ficasse junta depois que ela fosse embora.

CAPÍTULO

QUATORZE

Ripper pulou Cox e saiu para o corredor atrás de Danny. Filha da puta louca, Kami. Sempre a correr de sua boca. Usando ele para tentar fazer ciúmes em Cox de algo que aconteceu há dez anos. E dava certo. Toda maldita vez. Se essa era sua cadela tentando fazê-lo com ciúmes, sempre dando joelhadas em seu pau, quando ela estava chateada, golpearia a merda fora dela.

Ele encontrou Danny se atrapalhando com a chave de seu quarto. Um olhar para ele perseguindo seu caminho e ela ficou em nervos.

— Danny — ele rosnou, aumentando seu ritmo. — Caralho espere!

Alcançou-a assim quando ela girou a chave. Agarrando seu braço, ele puxou-a para o corredor de volta e em um canto escuro, sem ser visto pelas câmeras montadas nas paredes.

— Eu sei o que você está pensando — ele sussurrou — mas não é assim. Eu e Kami...

— Cale a boca! — Ela sussurrou. — Eu ouvi exatamente o que você fez com a Kami!

Seu aperto forte em seu braço, apertando o membro. — Não faça isso — ele trincou fora. — Não agora, não aqui no clube caralho. O que aconteceu com Kami foi há dez anos, Danny. Que merda você estava fazendo há dez anos?

Com suas bochechas transformando-se em rosa, ela olhou para baixo, recusando-se a fazer contato visual.

— Sim, querida — ele sussurrou. — Então me dê alguma folga porra.

— Desculpe — ela murmurou. — Eu acho que não estava pensando. Eu pensei...

Ele a cortou com um beijo, sabia que não deveria estar arriscando, não com tantas pessoas enfiadas dentro do clube. Mas, merda, ele não queria que ela o odiasse, com Danny sentia necessidade sempre avassaladorora.

Seu braço livre deslizou ao redor de sua cintura sob a camiseta e as unhas rasparam levemente sobre sua pele. Ele fechou os olhos e beijou-a com mais força.

— Devemos ir para o meu quarto — ela sussurrou, gemendo baixinho enquanto seus lábios desceram pelo seu pescoço e as mãos para cima em sua caixa torácica. — Ou de volta na despensa.

Eles deveriam. Eles deveriam pelo menos dar o fora do corredor. Mas ele não podia esperar tanto tempo. A iluminação fraca, o seu tamanho em comparação com ela, convencido de que seu cérebro ex-viciado em luxúria que se alguém passasse e os visse por este corredor, nos próximos cinco minutos, incapaz de ver o rosto de Danny, quem quer que fosse acharia que ele estava transando com uma vagabunda do clube e deixaria-o em paz. Não era a primeira vez que ele comia uma cadela no corredor.

Não por um longo tiro.

— Não — ele murmurou, elevando sua bunda. — Agora...

— Ripper... Não...

Ele já estava levantando, puxando a calcinha, ainda encharcada de seu último encontro, para o lado e empurrando dentro dela.

— Você não pode dizer não — ele rosnou, batendo a mão sobre sua boca. — Não é permitido.

— Sim, eu posso — ela murmurou. —Eu posso dizer... Oh deus... Oh Deus...

A arrogância masculina bateu nele como um raio e sua mão apertou, abafando ainda mais seus gritos e gemidos. Ele sorriu para si mesmo, não podia dizer não a ele mais do que ele poderia dizer não a ela.

— Baby — ele disse em voz baixa durante uma série de pequenos e duros golpes empurrando para dentro dela. — Tomei a decisão. Estou levando você para casa comigo. Já estou doente de ficar com a minha mão sobre sua boca. Eu quero ficar surdo ouvindo você gritar o meu nome, ok?

Ela não podia responder, mas ele podia sentir a onda de seus lábios debaixo de sua mão e, porra, se isso não o estava levando para o ponto de combustão interna.

Ripper bateu os quadris para frente, rolando-os com seus corpos conectados, seu pênis pulsando contra suas paredes enquanto ele moía dolorosamente dentro dela. Com os olhos arregalados, ela estava ofegante, respirações molhadas contra sua mão, seus calcanhares estavam cavando as costas de suas coxas, as unhas perfurando a pele do seu pescoço.

Era tão gostoso, transando com ela em campo aberto onde qualquer um poderia encontrá-los. Ela sempre foi tão gostosa, apenas deixá-lo tomar e tomar e tomar dela, de sua boca e seu corpo, de sua buceta doce, ele levou tudo isso, ele levou tudo, mastigando, cuspindo de volta para fora, e, em seguida, levando tudo de novo.

Ele. Levou. Tudo.

Ele não estava dando-lhe de volta.

Danny era dele.

Agora ele só tinha que descobrir como iria convencer o pai disso.

• • •

— Pare de olhar para mim desse jeito — eu sussurrei, sentindo-me perturbada e corando enquanto puxava minha saia para baixo.

Ripper, não teve de corrigir suas roupas, porque ele não teve que fazer muito, exceto desabotoar sua calça, estava sorrindo para mim, vendo-me tentar me arrumar.

— A camisa está do avesso. — Ele riu. — Deve ter sido da dispensa.

Olhei para baixo e, caramba, minha blusa estava do avesso. Envergonhada, eu fechei os olhos, pensando em todos que tinham visto depois que tinha deixado a cozinha. Será que eles sabiam? Teria sido óbvio o que eu estava fazendo? Se eu tivesse esperado o suficiente após Ripper ter deixado a cozinha? Eu não sabia. Quem sabia quanto tempo Eva e Dorothy estavam paradas lá fora.

— Ripper.

Eu quase pulei para fora da minha pele, mas Ripper, ao ouvir o seu nome, tinha ficado serio, seu sorriso escorregando fora do rosto. Levou um segundo para a expressão ficar como aço, em seguida, ele se virou para enfrentar Hawk.

— Sim?

Os olhos apertados de Hawk pousaram em mim e eu engoli em seco. Como era suposto parecer indiferente quando sentia o oposto?

— O que está acontecendo? — Perguntou Hawk com cautela, olhando entre nós dois.

Puxando os cigarros de seu bolso, Ripper acendeu um e deu de ombros. — Nada demais porra. E você?

Hawk flexionou sua mandíbula, seu olhar duro agora em Ripper.

Ele sabia.

Ele sabia mesmo.

— Só espero que você saiba o que está fazendo, irmão.

O punho de Ripper apertou ao redor de seu cigarro aceso. Cinzas e tabaco cairam por entre os dedos, descendo a seus pés. Eu olhei para a mão dele, em estado de choque ele não parecia se importar que estivesse propositadamente queimando a si mesmo.

— Como D está indo? — Ripper trincou fora. — Bem? Ou será que ela ainda joga pratos em sua cabeça?

Minha cabeça disparou. D? Jogando pratos? O que Dorothy ou pratos tinham a ver com alguma coisa?

A resposta de Hawk foi quase imperceptível, apenas um pequeno vacilo, uma contração realmente um piscar de olhos extra, algo que eu não teria notado se não estivesse olhando diretamente para seu rosto. Alguma coisa estava acontecendo, algo que envolvia Dorothy e Hawk.

Os dois homens não disseram nada, pois continuaram a olhar um para o outro.

Em seguida, Hawk deu um leve aceno de cabeça. — Justo o suficiente — disse ele com a voz rouca. — Não é da minha conta de qualquer maneira.

Quando Hawwke saiu, Ripper virou para mim. — Vá para o seu quarto, querida. Eu tenho essa merda.

Fiz o que ele disse, nervosa ainda confiante de que Ripper sabia o que estava falando, e chamei Anabeth.

Ela respondeu, depois de três toques. — Você ainda está no bloqueio?

Eu suspirei. — Sim.

— Eca.

— Sim.

— Então, o que está acontecendo?

— Preciso de um favor.

— Um favor sexual?

Revirei os olhos — Cale a boca.

— Bem, o que então? — Ela perguntou, parecendo entediada.

— Após o bloqueio, quero passar alguns dias com Ripper. Você vai me dar cobertura?

— Na verdade — disse ela, tirando o chiclete — se for na próxima semana, funciona perfeitamente. É a famosa "viagem anual para os Poconos".

Eu sorri. Isso era perfeito. Anabeth desapareceria por uma semana inteira, o que significava que toda aquela semana eu poderia ficar a sós com Ripper. Sozinha.

Prevendo todas as coisas que poderíamos fazer enquanto sozinhos, sem a preocupação de sermos pegos, meu estômago deu pulos.

— Obrigada — eu disse incapaz de esconder a excitação saindo da minha voz.

Sua gengiva estalou. — Eu quero algo em troca.

Eu fiz uma careta. — O quê?

— Eu quero saber o quão grande é o Ripper.

— Anabeth — eu disse, exasperada. — Por que você se importa?

— Porque — disse ela incisivamente. —Se você ficar cansada do seu grande, cheio de cicatrizes, e sexy traseiro eu quero saber se ele vale o meu tempo.

Só de pensar Ripper com outra mulher, e muito menos uma das minhas amigas mais próximas, me fez mal do estômago. Mas tanto quanto eu queria dizer-lhe para ir para o inferno, eu sabia que ela não iria deixar.

— Ele é grande — eu admiti. — Mas eu não tenho muito para compará-lo.

— Eu quero polegadas e circunferência — disse ela, seu eu de conhecedora.

— Oh meu deus, Anabeth, sério?

— Sério.

— Tudo bem. — Eu suspirei. — Ele é, hum, tão grande como... — Eu parei, olhando ao redor do meu quarto, tentando encontrar algo para comparar o pênis de Ripper. — O controle remoto do DVD. Ou, quase tão longo — eu terminei, pegando o controle remoto para estudá-lo.

— Mmmm — Anabeth murmurou. — bom. E quanto a circunferência? Quando você o segura, os dedos se sobrepõem?

— Oh. Meu. Deus. — Eu gemi. — Eu te odeio. Não, eles não se sobrepõem, eles nem sequer tocam.

— Perfeito — ela ronronou. — Será que ele te come fora?

— Eu vou desligar agora!

— O quê? É uma pergunta legítima e um disjuntor do negócio para mim. Se um cara não vai descer no...

Eu desliguei.

Dois segundos depois meu celular vibrou, sinalizando uma nova mensagem de texto.

E quanto à resistência? Ele resiste a várias?

CAPÍTULO QUINZE

Eu estava no céu.

Dois dias atrás, meu pai tinha voltado de Nova York, o que terminou oficialmente com o bloqueio. O clube tinha entrado em modo de reunião secreta e eu tinha ido para casa com Eva e Ivy. Na manhã seguinte, meu pai e Cage, juntamente com a metade do clube, foram para Dakota do Norte.

E agora... Eu estava no céu.

E o meu céu era uma casa simples, e você poderia até chamar minúscula, de um quarto, a cabana de Ripper no meio do nada. Ele nem sequer tinha louça de verdade, apenas pratos de plástico e copos e, sim, garfos de plástico. Não havia cortinas ou tapetes, sem imagens ou pinturas nas paredes, nada era pessoal a não ser uma pequena imagem de seus pais que ele tinha sobre sua mesa de cabeceira. Eles eram pessoas conservadoras na aparência, bem vestidos, com um ar de importância sobre eles. Sua mãe era uma mulher belíssima e seu pai, uma versão mais antiga do corte limpo de Ripper menos o cabelo comprido e as cicatrizes. Eles não se pareciam em nada com o que eu achava que os pais de meu motociclista rude e arrogante teriam parecido.

Meu motociclista.

Meu motociclista, cujas mãos, maravilhosamente grandes e deliciosamente ásperas, estavam me apalpando enquanto eu estava deitada nua em minhas costas. Esgueirando pelas ripas das persianas, os raios quentes do sol estavam aquecendo a minha pele onde eles tocavam. Céus.

— Está com fome? — Ripper sussurrou, lambendo o lado do meu pescoço.

Eu estava com fome? Oh meu Deus, quem se preocupava com a comida? Fiquei com dores em todos os lugares, eu estava animada e nervosa e insanamente feliz e com medo...

— Baby — ele disse, sorrindo — você tem que estar com fome. Eu sei que eu estou com fome. Nós não deixamos esta cama em vinte e quatro horas, porra. Vamos para o chuveiro, e então você pode nos fazer alguma coisa para comer.

— Mmm — eu murmurei, enganchando os braços em volta de seu pescoço. —Tudo o que você disser.

—Tudo o que eu disser? — Ele riu quando me arrastou para fora da cama e para o corredor. — Cuidado, menina bonita, eu poderia acreditar seriamente nisso.

Como se eu fosse me importar. Tudo o que ele queria que eu fizesse, tudo o que ele queria fazer para mim, eu já sabia a resposta seria mil vezes sim. Eu estava no ponto sem retorno, tinha me apaixonado por um homem com quem eu tinha tido mais relações sexuais do que conversas. Mas por alguma razão, ele não parecia estranho para mim.

Toda vez que ele se movia dentro de mim, olhando com seu olhar, sentia como se já tivesse falado um milhão de palavras em um milhão de momentos diferentes.

Existíamos em um mundo onde as palavras não eram necessárias. Tudo o que eu precisava saber, tudo o que ele estava sentindo, eu já podia ver em seu rosto e sentir através de seu toque.

E o que eu vi, o que eu senti, foi...

Ele me amava.

Eu não sei como eu sabia, porque nunca tinha sido amada por um homem que não fosse meu pai ou meu irmão, me amavam só por obrigação familiar. Nunca, jamais, como isto, nunca na minha vida me senti assim, mas de alguma forma eu sabia... Eu sabia.

No banheiro, dentro do chuveiro, de olhos fechados, eu me alegrava com seus toques, seus beijos, enquanto a água quente caía sobre nós, lavando horas e horas de suor e sexo que eu estava determinada a colocar em volta de nós.

— Você está me matando. — Ele gemeu quando eu segurei-o e começei a acariciá-lo de volta à vida.

— Ripper — eu implorei, me sentindo como se eu fosse explodir se eu não tivesse este homem dentro de mim. Certo. Agora.

— Por favor... Agora... Por favor...

Eu não conseguia o suficiente.

Eu nunca teria o suficiente.

Empurrando-me contra a parede, ele agarrou meu lado com uma mão, sua outra deslizou pela minha perna e agarrou a parte de trás do meu joelho. Levantando minha perna, ele situou-a bem alto em torno de sua cintura e, em seguida, ele estava lá, exatamente onde eu precisava dele entre as minhas coxas, duro e pronto e empurrando para dentro de mim.

Gemendo, segurando em seus bíceps, deixei meu corpo ir macio e mole, deixando Ripper assumir o controle total.

— Baby — Ele gemeu, deslizando dentro de mim. — Ah, Deus, Danny... Eu tenho que ver o seu rosto, baby, por favor...

Ele parou, parou para escovar vários pedaços grossos de cabelo molhado dos meus olhos, e com pálpebras pesadas e visão turva a água, eu pisquei para ele.

— É isso aí — ele sussurrou, puxando para fora. Meus quadris se ergueram, não querendo perdê-lo. — Você olha direto para mim, menina bonita. Eu preciso ver, eu tenho que ver a maneira que você olha para mim caralho.

Ele empurrou para dentro e fechei os olhos, quando todo o ar saiu do meu corpo.

— Olhe — ele pediu, puxando para fora e batendo para dentro. — Olhe para mim, Danielle.

Eu mantive o meu olhar fixo com o dele. Mesmo quando era quase impossível fazê-lo. Mesmo quando meu útero estava queimando, tremendo, e apertando com a minha libertação, mesmo quando ele me levou mais e mais rápido, mesmo quando as minhas pernas tremiam, meu corpo era geléia, minha mente era mingau, ainda assim eu mantive meus olhos nele.

— Ripper — eu sussurrei, agarrando-me ao seu pescoço enquanto ele me levava do banheiro para quarto. — Eu acho que eu te amo.

Deitando-me suavemente para baixo em sua cama, ele subiu por cima de mim e me cobriu com seu corpo.

— Sim, querida — ele sussurrou , deslizando de volta para dentro de mim. — Não há outra explicação para o que uma garota como você está fazendo na cama com um homem como eu.

• • •

Ela estava tentando matá-lo. Ela estava tentando transar com ele até a morte.

Ou talvez ele já estivesse morto e isto era o céu, ou o inferno, dependendo de como você olhava para ele.

— Mais — Danny gemeu, contorcendo-se em cima dele.

Jesus, ele não podia. Ele não estava nem mesmo duro. Ele não tinham feito nada, além de foder, uma vez que tinham chegado a sua casa.

E agora o seu pau estava morto.

— Shh — ele sussurrou contra sua boca, beijando os lábios, beijando o canto de sua boca e suas bochechas enquanto a movia e puxava contra ele, de costas para sua frente.

— Por favor — ela sussurrou, tentando torcer ao redor. — Eu não posso... eu preciso...

Ripper mordeu o pescoço e chupou sua pele macia em sua boca. — Eu estou quebrado, bebê — disse ele, lambendo onde ele tinha mordido.

Gemendo, ela arqueou o pescoço para lhe dar melhor acesso, e ele beijou o seu caminho através de seu pescoço e seu ombro.

Lançando em torno de seus braços, Danny olhou para ele, sorrindo. Seu cabelo estava emaranhado com suor, o rosto corado, os olhos azuis brilhando, e ele apenas olhou. Ela era a coisa mais perfeita que já tinha visto, tocado, sentido, beijado. Ela era a coisa mais perfeita que ele já tinha conhecido.

Puxando-a por cima dele, ele enterrou o rosto em seu pescoço e apertou com força. Foda-se, ele não se sentia assim em...

Foda-se ele, ele nunca tinha se sentido assim.

Ela gritou quando ele virou-a de costas.

— Baby — ele disse, sorrindo , subindo por cima dela, abrangendo seus quadris. — Eu estou morto.

Enfiando as mãos pelos cabelos, puxou seu rosto para baixo dela. — Você não está — ela sussurrou.

— Durma um pouco — ele disse suavemente, saindo dela e puxando o cobertor até o queixo.

— Só mais uma vez — ela sussurrou, chutando as cobertas de cima dela para chegar a ele. — Por favor...

— Porra, Danny, não — ele murmurou, mesmo quando seu corpo respondeu ao seu toque.

Inconscientemente ele se viu rolando-a, deslizando por seu corpo e abrindo as pernas. Olhando para o seu preenchimento, sua cabeça caiu para frente e deu-lhe uma longa lambida, lenta, molhando-a ainda mais. Em seguida, empurrando-se para trás, ele se posicionou, agarrou suas coxas e, exausto e dolorido, cresceu dentro dela.

— Dói — ela murmurou, suas pálpebras tremulando.

Sim, ele fez. Ele estava tão dolorido e ainda...

— Mais duro — ela sussurrou.

Ele obedeceu, ela tanto gemeu e gemeu.

— Mais rápido — ela exigiu.

Mais duro... Mais rápido... Mais...

O suor escorria na testa e seus músculos queimavam. Mas ele não deu a mínima. A única coisa que ele dava a mínima estava embaixo dele, segurando os lençóis, respirando em pequenos soluços irregulares e olhando para ele com um belo par de olhos azuis, sem foco.

— Eu quero rasgá-la aberta porra — disse ele, a respiração mais difícil enquanto seus impulsos se tornavam brutais — Eu quero tudo de mim dentro de você, não só o meu pau porra, baby, mas tudo de mim. Tudo de você.

— Sim — ela choramingou. — Eu quero tudo seu.

Cristo. Sim, ela queria. Danny queria ele muito, tanto que ele podia sentir porra, senti-la precisava de tudo ao seu redor, disfarçando-o de seu inferno e confortá-lo em sua pura doçura suave e sedosa.

Ele não podia perdê-la.

O pensamento rebelde o horrorizou.

Perdê-la iria acabar com ele.

Um homem como ele, uma menina como ela... Ripper sabia que haveria um caminho sem volta para ele. Não depois dela. Ele ganhou a porra do jáckpot e nenhuma cadela que veio em seu rastro jamais estaria altura.

Determinado a ficar com ela, fazê-la de forma irrevogável dele, ele a fodia com tudo o que ele tinha deixado dentro dele.

Mas ele não podia chegar a uma profundidade suficiente, ele não podia foder rápido o bastante, forte o suficiente... Nada de que ele fazia parecia ser suficiente.

Ele ainda estava tentando quando o sol se pôs de novo, não mais capaz de uma ereção, ele ainda estava tentando. Tentando deixar um pedaço de si mesmo para trás, aquele que não podia ser apagado, que iria ficar com ela sempre, um que iria fazê-lo assim Danny seria sempre dele. Somente sua.

Jesus... Ele a amava.

Ela já tinha dito. Mais do que algumas vezes, a maioria das quais ele duvidava que ela tivesse tido conhecimento do mesmo, com falha, delírio, exaustão e orgasmos induziram às lágrimas. Mas, então, houve outros momentos em que ela estava olhando diretamente para ele, seus olhos claros, sua voz forte.

Ele não sabia o que fazer. Não era a primeira vez que uma cadela tinha lhe dito que o amava, mas era a primeira vez que ele queria dizer de volta.

Apenas...

Tudo tinha acontecido tão rapidamente e ainda era tão confuso.

Eles mal se conheciam.

Apenas...

Ele não se sentia assim. De repente, ele não conseguia se lembrar de uma vez que não estivesse olhando para aqueles olhos azuis gelados bonitos e não se sentia completamente em paz. Ou talvez ele só não quisesse se lembrar de nada diante dela, porque nada diante dela valia pena lembrar.

Agarrando seu rosto, Ripper forçou-a a olhar para ele.

— Eu te amo — ele murmurou, então congelou, esperando que o arrependimento nauseante o lavasse.

Quando isso não aconteceu, quando ele apenas continuou a olhar para ela, sentindo nada, mas uma exaustão pacífica, o tipo só obtido de um dia inteiro gasto dentro de uma bela mulher, a sua mulher, ele sabia que era verdade. Erik Jacobs finalmente tinha caído por uma mulher. E ele tinha caído rápido e duro.

O sorriso que ele recebeu em troca fez seu coração dividir em um milhão de pedaços diferentes. Então, quando o órgão começou a tricotar-se de volta, sentindo-se mais completa e mais forte do que antes...

Ele conseguiu.

Só assim, ele finalmente conseguiu.

Sabia agora por que Cox era um idiota trapalhão quando se tratava de Kami. Ele entendeu por que Jase se recusava a deixar Dorothy ir embora, soubesse que sua relação fodida estava lentamente matando-a. Ele entendeu por que Deuce nunca tinha sido capaz de ficar longe de Eva... Apesar da diferença de idade... Apesar das mãos no gatilho do Pregador, apesar dela ser casada com um filho da puta louco.

Por que eles nunca poderiam esquecê-las.

Porque uma vez que você tinha o gosto de uma boa mulher, de repente, nada mais importava, apenas ela.

Nada.

Sim, ele tinha agora. Não havia nada mais doce. Nem mesmo andar.

Foi nesse exato momento, uma ninharia no espaço de sua vida, que depois de ter perdido Danny, se tornaria sua memória mais feliz, aquele Ripper iria realizar mais próximo ao seu coração e amar acima de todos os outros. A única que ele ficou acordado durante a noite jogando em repetição.

Desejando...

Desejando...

Desejando...

... Ela ainda o amava.

CAPÍTULO

DEZESSEIS

Deitada sobre as costas de Ripper no sofa vestindo uma T- shirt rasgada do Metallica, cinco tamanhos maior do que eu, eu sorria para a televisao enquanto Johnny oferecia sua mão a Baby, e a puxava para fora de seu assento.

Ninguém põe Baby no canto.

— Eu amo filmes antigos — eu disse com um suspiro. — Dirty Dancing é o meu favorito.

O grande corpo de Ripper se sacudiu com seu riso. — Filmes antigos? — ele repetiu — Você sabe que essa merda saiu quando eu era criança?

Apertando os lábios, enterrei meu rosto em suas costas, sobre sua tatuagem dos cavaleiros do inferno. Ele levava muita tinta em seu corpo, embora não tanto quanto Cox, que tirando seu rosto, eu tinha certeza que não existia nenhuma parte de seu corpo que ainda não havia sido tatuada.

Do seu pulso esquerdo até o cotovelo, Ripper tinha um belo mosaico de tatuagens com os rostos de seus pais, as datas de nascimento e obito, e uma lapide nos minimos detalhes ao fundo.

Uma garota pinup de seios nus ocupava o espaço de seu ombro direito até seu cotovelo, até que havia sido cortado e preenchido com tecido cicatricial. Em seus dedos, escrito em letrás havia E.S.T.R.I.P.A.D.O.R -4- 1.

Por fim, em seu pulso direito ele tinha um rosario de contas transpassado várias vezes, e uma cruz na extensão de sua mão.

Quando eu terminei de contar as contas, dezessete no total, levatei meus olhos e o encarei.

— Você é religioso? — Perguntei.

Ele riu — Não, querida, eu não. É apenas um lembrete, porque às vezes eu preciso me lembrar.

— Lembrar-se de quê?

Ele acendeu um cigarro e tomou várias tragadas longas antes de responder. — De que tipo de homem eu sou.

Na época, eu não tinha entendido o que ele quis dizer, mas por causa da mudança em sua expressão, de relaxado para sério, eu deixei pra lá e segui em frente.

— Você parece muito bem para um cara velho — eu sussurrei contra sua pele quente, tentando não rir.

— Pirralha — ele sussurrou de volta e eu ouvi o sorriso em sua voz.

Este era o quarto dia juntos na casa de Ripper, mas esta foi a primeira vez que deixamos o quarto para algo além de comer ou ir ao banheiro.

— Você quer assistir a um filme antigo, podemos assistir O Ódio Será a Sua Herança. É um filme bom pra caralho.

Eu torci o nariz. — O quê?

— Pike — questionou. — Velho Sykes?

— Quem?

— Jesus, Danny, é apenas o melhor faroeste de todos os tempos.

Revirei os olhos. — Filmes de faroeste são horriveis.

— Sim, e ninguém coloca Baby em um canto não é?

— Não é! — Eu protestei, batendo na parte de trás de sua cabeça. — É romântico. Melhor citação de todos os tempos.

Ripper bufou.

— Sim, é merda realmente profunda. Tente isso por uma mudança — disse ele, limpando a garganta. — "A terra havia mudado. Eles não. A terra poderia esfriar. Eles não".

— O que isso quer dizer?

— Significa que toda merda foi mudando ao redor deles, mas eles não mudavam, eles continuavam os mesmos. Homens que levavam a vida de certo modo, fazendo suas merdas do seu jeito, e não poderiam fazê-lo mais, pois viviam em um mundo cheio de putas fazendo regras.

— Parece com o clube — eu disse, pensando no meu pai e Mick, sobre Bucket e Freebird e suas reclamações sobre a sociedade e a vida por suas próprias regras, o código da estrada e fraternidade.

E falando de meu pai...

Antes que eu pudesse falar, Ripper se virou e me prendeu com seus braços. Em um movimento rápido ele me tinha presa debaixo dele.

— Menina esperta — disse ele suavemente, cobrindo meu queixo, inclinando a cabeça para trás enquanto ele se movia para um beijo.

— Espere — eu disse, virando a cabeça para longe dele.

— Não — ele rosnou, mordendo meu pescoço exposto.

Eu bati em sua cabeça. — Sim!

Ele levantou a cabeça e fez uma careta para mim. — Que porra é essa, Danny, diz rápido.

— Meu pai vai estar de volta em breve — eu disse, esquivando-me de outro beijo.

— Sim?

— Você vai falar com ele? Contar a ele sobre nós?

Depois de passar tanto tempo sozinha com Ripper, eu sabia que não ia ser capaz de voltar a me esgueirar pelo clube para estar com ele. Eu queria estar com ele em todos os lugares e eu queria que todos soubessem disso.

Ripper se afastou de mim e se sentou. Sentei-me e peguei sua mão.

— Eu não vou dizer-lhe nenhuma merda — disse ele, dando de ombros.

Eu fiquei boquiaberta.

— Mas por que não? — Eu sussurrei.

— Por quê? — Ele disse com sua expressão dura. — Porque o clube vem em primeiro lugar, você sabe disso caralho. E toda essa merda entre seu velho e a fodida Eva, o que significa que seu velho está fodido. Eu conto o que está acontecendo entre nós a seu pai, e toda essa merda vai ficar feia muito rápido, para mim, para você e para o clube.

O clube. O clube vem em primeiro lugar.

Deus, eu tinha ouvido o suficiente ao longo dos anos e mesmo se eu não tivesse ouvido isso eu certamente sentia. Meu pai sempre ter passado mais tempo no clube do que em casa. Ele quase nunca tinha vindo as reuniões da escola, e não houve uma vez em que ele foi a um jogo para me assistir na torcida, ou a uma única competição de ginastica. Sua desculpa? Negócios no clube.

— Você disse que me amava! — Eu gritei. — Eu devia saber que você não era melhor do que ele! Fazendo-me pensar que você gosta de mim, mas realmente tudo o que importa é o seu clube estúpido!

Ripper ficou de pé em um salto, assustando-me. — CLUBE ESTÚPIDO — ele rugiu. —Você tem qualquer ideia de onde vem o seu sustento, porra. O que durante todos esses anos vem mantendo você e seus luxos?

Fiquei de boca aberta.

— Sim vadia, isso tudo veio do estúpido clube.

Fiquei de pé, furiosa. — Eu odeio quando você me chama de vadia! E se você considerar ter uma bêbada como mãe e um pai que nunca está em casa, que prefere sair com Cage e me deixar pra trás, na minha como você disse "boa vida", então você tem uma visão muito errada do que é ter uma boa vida!

— Isto não é sobre a puta da sua mãe, ou seu pai e irmão. Isso é sobre eu e você e o clube. Você está na porra da minha cama, e isso significa que você é minha mulher, e se você diz que me ama você tem que amar o clube também. E se você ama o clube, isso significa que não vai dizer porra nenhuma a seu velho.

— Então talvez eu não queira ser sua mulher — eu gritei.

— Pare de criancice, Danny. Você não decide isso. Eu sim. Então pare com essas besteiras e traga essa bunda gostosa até aqui.

Não sorria, não sorria, não sorria.

Só porque ele achava que sua bunda era gostosa, não significava que você o tinha perdoado por não querer contar a seu pai sobre vocês.

— Por que você tá fazendo essa cara, baby? Você tem que cagar ou algo assim?

Senti minhas orelhas queimarem. — Você é muuuito nojento! — Eu gritei, sem conseguir tirar o sorriso do meu rosto.

Ripper zombou. — Você gosta disso.

— Não — eu respondi.

— Sim você gosta.

— Não.

— Você, menina bonita. Você gosta de mim sujo, e de todas as coisas sujas que eu digo e faço com você.

— Isso é diferente — eu disse olhando para frente de suas calças, onde ele começava a endurecer rapidamente.

Ele sorriu. — Como quando você está me beijando com força sentindo seu gosto em minha boca como se estivesse faminta, logo depois de eu comer sua buceta. Ou quando eu estou fodendo sua bunda perfeita com dois dedos e você chora e implora por um terceiro dedo.

Eu o detive. — Ok! — Eu gritei, me sentindo vermelha de vergonha. — Você fez o seu ponto!

Ele deu um passo em minha direção, ainda sorrindo. — Você quer que eu dirija esse ponto para casa?

Eu queria, queria muito. Bastava olhar para o seu corpo grande e bonito, que eu ficava louca. Mas eu ainda estava brava com ele.

— Não — eu respondi. —Eu não quero.

Ele suspirou. — Para de brincadeira Danny. Eu não gosto desses joguinhos de mulherzinha.

Meu queixo caiu. Depois do meu pai, Ripper era facilmente o homem mais irritante que eu já conheci.

— Eu odeio você — eu gritei, empurrando-o para fora do meu caminho.

— Não, você não odeia — ele gritou.

— Agora eu realmente odeio você! — Eu gritei por cima do meu ombro.

— Não.

— Sim!

• • •

Ripper observou Danny sair da sala, perguntando-se o que diabos ela esperava que ele fizesse.

Como diabos ela acha que ele poderia explicar essa bagunça para Deuce, sem ser morto?

Não iria importar o que ele dissesse ou como ele dissesse. Deuce ira matá-lo de qualquer jeito.

Prez, eu estou realmente gostando de Danny e pensei se eu poderia levá-la para sair?

Quase podia ouvir a arma disparando.

Prez, Danny e eu estamos saindo, e eu quero mais.

É. Claro.

Jesus, o que diabos ele deveria dizer?

Cara, eu tenho fodido sua filha desde a noite de seu baile de formatura, eu só queria que você soubesse, porque eu não pretendo parar.

Sim, ele morreria.

Deuce merecia seu respeito, ele merecia a verdade. Na realidade ele devia a Deuce muito mais que isso, ele o havia resgatado quando ainda era um garoto, deu-lhe um lugar para morar, uma familia e um emprego. Deuce era como um pai para ele quando já havia perdido os seus.

E como ele o estava pagando? Ele estava transando com sua filha pelas suas costas, algo que Deuce deixou bastante claro para todos os caras do clube. Danny estava fora do limite, e ninguém se arriscaria a dizer o contrario.

E ele não teria.

Se Frankie não houvesse fodido com sua vida, e toda a bebedeira que se seguiu. Ele nunca teria tocado em Danny.

Tarde demais, pensou ele.

Não só a tinha tocado muitas vezes por dentro e por fora, como ela estava sob sua pele. Ele não estava desistindo dela. Não estava, mas não queria continuar a manter este segredo.

Nunca iria acontecer, mas isso não o impediu de fantasiar ter Danny no clube em seus braços, vestindo couro e saltos, o encarando sempre com aquela fome nos olhos. Ele queria que todos a vissem com ele, o reclamando. Ele queria que eles soubessem que ele era o unico que ocupava seus pensamentos.

Ele queria que cada filho da puta soubesse que sua buceta era dele, que quando ele fosse dormir a noite seria com ela em seus braços.

Sim, ele queria poder dizer a todos que, Danielle West de dezoito anos de idade, era a mulher mais bela que ele já havia posto os olhos, que já havia amado, que...

Jesus, ele estava duro novamente. Como se já não estivesse ferrado o suficiente. A porra de sua buceta era como Viagra, em uma embalagem de carne rosa e macia.

Mas não havia nenhuma maneira...

— Que porra é essa! — Ele gritou, vendo Danny sair de seu quarto, totalmente vestida de rosa da cabeça aos pés, uma bolsa ridicula com um gato na frente pendurada no ombro, saindo em direção à porta da frente. Movendo-se rapidamente ele correu antes que ela saisse.

— Saindo — ela gritou. — Eu estou indo embora.

— Não, você não vai.

— Tudo bem — ela sussurrou, olhando para ele. — Então eu vou chamar meu pai para um passeio!

Ripper rangeu os dentes. Cadelas loucas. Todas elas.

Deixando sua bolsa no chão, ela se abaixou para pegar o celular, levantando sua saia e lhe dando uma bela visão de seu traseiro.

— Você quer jogar dessa maneira, Danny? — Ele rosnou, lutando contra a vontade de jogá-la na parede e fodê-la por trás. —Tudo bem. Você pode fazer o que eu digo e continuamos em segredo, ou você pode agir como uma vadia estúpida do caralho, e dizer ao seu pai. Então eu vou dizer a ele somente que você ficou correndo atrás de mim, implorando por meu pau.

Ela meditou por um momento, e ele pensou que havia ganhado qualquer que fosse essa porra de jogo que ela estava fazendo.

Então, ela olhou em seus olhos e falou. — Vá em frente — ela disse. — E eu vou dizer-lhe tudo o que você fez comigo! Em detalhe!

Santo inferno. Se fosse qualquer outra pessoa tendo essa atitude pra cima dele, ele acabaria com sua raça.

— Você faz isso querida — ele gritou — e é o meu funeral. É isso que você quer porra? Ver-me debaixo da terra?

— Tenho certeza que Kami ficaria devastada — ela sussurrou.

— Pelo amor de Deus, vadia! — Ele gritou. — Quem está falando de Kami aqui! A única buceta que eu quero e a sua, sua vadia louca do caralho. E agora mesmo eu quero lhe provar isso.

— Você é o único que não quer que ninguém saiba sobre nós — ela chorou e ele meio que esperava que ela se jogasse no chão e gritasse como uma criança.

Ele iria matá-la. Agora. Ele estava perdendo a paciência.

— Ripper — ela gritou quando ele a levantou e a colocou sobre seu ombro. —Deixe-me ir!

— Você ouviu o que eu disse porra? — Ele gritou, batendo em sua bunda. — Você não está indo embora!

— Você não pode me dizer o que fazer — ela gritou.

Em seu quarto, ele a jogou na cama e se inclinou sobre ela, tocando seu nariz com o seu.

— Eu posso e vou, porque você tá agindo como uma cachorra louca tentando me matar. E puta, se o seu pai me matar, é melhor você estar no meu funeral chorando sebre o meu caixao, até seus olhos derreterem.

Ela ficou em silêncio e a raiva em seu rosto desapareceu.

A próxima coisa que ele sabia, era que ela estava rindo.

— Pode rir — ele disse com raiva.

E a cadela louca começou a rir ainda mais.

Uma vez que não parecia que ia parar tão cedo, ele imaginou que tinha duas escolhas para que se calasse. Espancá-la ou...

Ele abaixou seu rosto e bateu sua boca contra a dela com força, ignorando seus protestos e sua patética tentativa de lutar com ele, até que ela estava beijando-o de volta com maior ferocidade e desespero.

— Você vai me deixar louco, não vai baby? — Ele murmurou contra sua boca, enquanto abria suas pernas e se posicionava entre elas.

— Como e que é? — ela exigiu, cravando as unhas em suas costas. — Eu? Deixá-lo louco?

Ripper tirou sua camiseta, expondo seu corpo. — Estamos lutando ou fodendo? — Ele rosnou, acariciando seus firmes e perfeitos seios. Picos perfeitos, implorando para serem sugados.

Seus olhos azuis queimaram de desejo, e seu pau criou vida. Danny iria deixá-lo louco, mas foda-se se ela não iria valer cada maldito momento.

— Nós estamos transando — ela sussurrou.

— Com certeza — ele murmurou e se afundou em toda a sua doçura.

CAPÍTULO

DEZESSETE

— Onde diabo está Ripper? — Deuce exigiu, olhando em volta para seus rapazes, ele alvejou Mick com um olhar. — Eu lhe disse que queria todos aqui, quando eu voltasse.

Com os braços cruzados sobre o peito, seu VP deu de ombros. — O chamamos por seis malditas vezes, Prez. Ele não parece muito interessado em aparecer.

— Ele deu o fora daqui bem rápido, depois que o confinamento acabou. — disse Hawk — Provavelmente está fora da cidade, comendo alguma puta enquanto falamos.

Deuce balançou a cabeça. —Se ele não pode arrastar a sua bunda para fora da cama quando eu convocar uma reunião, eu não vou repetir merda nenhuma para ele, um de vocês babacas terá de fazê-lo.

— Isto é sobre Big Jay? — perguntou Tap.

Ele acenou com a cabeça. — Hit caiu ontem à noite. Os Demônios o limparam, e metade de seus homens também. Alguns foram capturados, outros estão sendo interrogados enquando falamos, e alguns fugiram.

—E quanto à cadela da irmã? — Cox rosnou, sua mão indo automaticamente para sua arma.

Deuce olhou para ele. Cox e Ripper sempre foram unidos, haviam sido trazidos para o clube na mesma epoca, com apenas um ano de diferença, sem familia, nem amigos. Eles haviam crescido juntos dentro do MC, e Mama Vi havia ameaçado Ripper.

Ele balançou a cabeça. — Ninguém sabe. Mas ela não apareceu, e Pregador acha que nem vai, não sem ser forçada. Ela não era o cérebro da operação, apenas uma isca, e quando eu digo isca, eu quero dizer que a maldita faria qualquer loucura, para fazer o que fosse necessário. Ainda não, já que Big Jay, não está dando ordens, mas ainda assim é melhor manter o olho nela, nela e em qualquer um de LA que possa querer uma vingança.

— Você tem certeza disso, Prez? — perguntou Jase, com os olhos na porta, obviamente ansioso para ver Dorothy depois de uma semana na estrada.

— Respeite seu Prez, babaca — Hawk murmurou, encarando Jase com um olhar assassino.

— Irmão, qual diabos é o seu problema? — Perguntou Jase, o encarando de volta.

— Não sou seu irmão — Hawk revidou.

A sala ficou estranhamente quieta. Era golpe baixo dizer isto para qualquer outro cavaleiro condenado, lealdade era necessário. O que quer que estivesse acontecendo entre eles, Deuce tinha que descobrir.

Xingando baixinho, Deuce empurrou sua cadeira para longe de sua mesa e se levantou.

— Explique-se — ele olhou para Hawk. — Agora.

Hawk ficou boquiaberto, Dirty de repente o estava empurrando para fora da sala.

— Hawk passou por muita merda enquanto vocês babacas estavam fora — Dirty disse por cima do ombro, batendo em Hawk, enquanto ele tentava encarar Jase. — Teve muita febre, e vomitou suas tripas, eu estive sempre com ele, segurando seu cabelo e esfregando suas costas, e ele ainda tem um pouco de febre.

A porta bateu atrás deles e Jase virou-se para ele. — Que porra é essa? — Ele gritou. — Prez, você vai deixar essa merda assim?

Sentindo-se mais como um diretor de escola primária do que um presidente de MC, Deuce se virou para o VP. — Tem alguma coisa acontecendo por aqui, que eu precise saber?

Mick deu um encolher de ombros. — Foda-se eu não sei o que esses filhos da puta estão fazendo da vida deles. Eu tenho filhos pra cuidar, não vou ser babá de um monte de homens.

— Saia — disse ele irritado, apontando para as portas do escritório. — Todos vocês, deem o fora.

Um por um foram saindo, Blue permaneceu.

Deuce olhou para o velho. — Precisa de algo?

— Estou preocupado com você rapaz — disse Blue calmamente.

Ele ficou de boca aberta. Quem diabos chama um homem de cinquenta anos de idade de rapaz? Mas na realidade, ninguém sabia a real idade de Blue. Nunca ninguém o conheceu de outra forma que não fosse com uma longa barba branca, e cabelos compridos da mesma cor. Os olhos do homem eram uma bagunça, cheios de catarata, seus dentes há muito já não existiam. No entanto, ele era saudável como um cavalo e poderia facilmente beber como alguém com vinte e cinco, quando ele provavelmente tinha cento e sessenta.

—Você está bagunçando tudo — Blue continuou. — Ninguém o está culpando por isso. Você e Eva têm passado por muita merda. Mas Deuce, nada

disso é culpa sua, não é culpa de ninguém, exceto Frankie. Mas ele está muito longe agora.

Cansado de todo esse discurdo, Deuce sentou em sua cadeira, e orou para que fosse rápido.

— Eu entendo — disse Blue. — Frankie sempre foi um bastardo louco, todos nós sabiamos disso, e todos nós vimos você crescer lutando por sua vida. Você sempre lutou mesmo com Eva você continua lutando. Você nunca soube fazer diferente. Você não tem que fazê-lo mais.

— Eu não estou — ele rosnou. — Você...

— Você tem fantasmas — interrompeu Blue. — Eu sei disso. Inferno, todos nós sabemos porra. Eles o seguem aonde quer que você vá. Você sempre teve Frankie nas suas costas, e mesmo agora ele não o deixou em paz. Você não vai seguir em frente, a menos que você enterre toda essa historia. Caso contrário você não será bom para ninguém, inclusive para você mesmo.

Fodaaaa-se esta merda.

— Cala a boca — ele gritou. — Eu tive filhos da puta o suficiente tentando me dizer o que fazer últimamente.

— Ela ama você — Blue continuou, ignorando-o. — Qualquer idiota pode ver isto. Você a está afastando, escreva minhas palavras Deuce. Desta vez ela vai embora, e não vai voltar.

— Ela não está indo embora — disse ele por entre os dentes. Será que ela estava? Será que ele se importa?

Sua mandíbula se apertou. Sim ele se importava, e não havia maneira no inferno que ele permitiria que ela se fosse.

Blue olhou para ele.

— Você é estúpido? Ela não é o tipo de mulher que se assusta fácil, só porque você é louco, ou porque seu emprego é uma merda. Tudo isso provavelmente a faz amá-lo mais. Mulheres são estúpidas assim. Se você não

começar a dar valor a ela, escreva o que te digo, ela vai embora e você nunca vai encontrar uma mulher como ela novamente.

Deuce fechou os olhos, lembrando-se.

Curvando-se na frente de Eva, ele olhou em seus olhos. — O que você quer, querida?

Ela se afastou dele e se escondeu atrás de seu cabelo, mas não antes que ele a visse ficar vermelho brilhante.

Ele se encheu de satisfação masculina. Ela o queria. Ela, um anjo, queria um demonio.

— Diga isso — disse ele asperamente.

Foda-se. Que diabos ele estava fazendo?

Ela se virou para ele e colocou o cabelo atrás das orelhas. Deus, aquele rosto. Aquele rosto doce, perfeito.

— Você é virgem, Eva? — Ele já sabia a resposta.

— Sim — ela sussurrou. Cristo.

Ele se inclinou mais perto, perto o suficiente para sentir o cheiro da nicotina e cerveja em seu hálito. — Você nunca foi beijada, querida?

Ela chupou em uma respiração afiada. — Não.

Bom. Bom pra caralho.

Ele virou a cabeça e esfregou sua bochecha contra a dela, inalando seu cabelo com aroma de morango.

— Você quer ser beijada? — Ele sussurrou em seu ouvido.

Ele lambeu a pele atrás de sua orelha e ela estremeceu. Ele chupou sua pele, e mordeu de leve.

Ela estava respirando com dificuldade, seu pulso acelerado. Ele começou a chupar com vigor e suas pernas se abriram. Ele aproveitou e enfiou-se entre elas.

Ele espalhou beijos através de seu pescoço e debaixo do queixo, até seu rosto, beijando uma linha para sua boca. Seus lábios se encontraram. Ela tremeu.

— Mais uma vez, querida — disse ele — Você quer ser beijada?

— Sim — ela choramingou.

Sim, ele estava fodido, arruinado por uma menina de dezesseis anos de idade, na escadaria do MC Demonios de Prata. Nem um dia se passou que ele não tivesse pensado nela, e ainda nada havia mudado. Ao lado do clube, Eva era todo o seu mundo.

Blue deu de ombros. — Mas o que diabos eu sei. Minha senhora morreu a mais de trinta anos atrás. Dificilmente me lembro do que é olhar para uma mulher, e sentir tudo novamente.

Deuce mal se lembrava de Gladys, mas ele tinha visto a velha fotografia em preto e branco dela e Blue, nos dias em que Blue ainda tinha dentes. Ela havia sido malditamente bonita, bonita demais para um idiota como Blue. O câncer a pegou aos cinquenta, e Blue nunca mais subiu em uma moto novamente. Na verdade, ele ficou surpreso que ele houvesse vindo para a reunião.

— Vá para casa, meu filho — disse Blue indo em direção a porta. — Vá para casa tenha de volta sua mulher.

Soltando sua cabeça em suas mãos, Deuce fechou os olhos. Blue estava certo. O filho da puta estúpido estava sempre certo. E o Pregador, aquele filho da puta estúpido, tinha razao em apenas uma parte. Dizendo-lhe para ir foder seus problemas longe de casa.

— Meu nome é Heather — a prostituta disse.

— Roupas — ele latiu, desafivelando o cinto. — Fora. Agora.

Sorrindo, ela balançava bêbada, e tentou saudá-lo. — Sim, sim, capitão. Ou devo chamá-lo de Sr. Presidente?

— Que tal — ele rosnou, empurrando para baixo a cueca — você calar a boca, arrancar o resto das suas roupas, e ficar de joelhos.

Rindo, ela empurrou sua calça jeans e as chutou para fora, deixando-a em uma camiseta roxa e saltos. E isso era bom o suficiente.

Agarrando-a, inclinou-a sobre a mesa e abriu suas pernas. Chegando entre elas, ele puxou sua calcinha de lado, e tentou empurrar para dentro.

— Foda-se — ele murmurou enquanto sua ereção parcial ficou completamente flácida. — Foda-se!

Agarrando a parte de trás do pescoço dela, ele a pôs de joelhos — Chupe-o — disse ele, empurrando seu rosto em sua virilha.

Agarrando sua coxa, ela agarrou seu pênis, enchendo sua boca, e ele fechou os olhos, tentando pensar em outra coisa senão Eva.

Frankie gemendo em cima de Eva.

Eva choramingando.

Eva chorando.

Eva...

Vindo.

Frankie sorrindo.

Sorrindo.

Foda-se.

Eva.

Eva.

Eva.

Foda-se ele.

— Isso não está dando certo, querida.

Ele olhou para baixo, para a prostituta.

Sem brincadeira, não estava funcionando. Nada na sua vida estava funcionando.

Agarrando sua cueca e calça jeans, ele se vestiu rapidamente.

Ainda abotoando as calças jeans, ela olhou para ele. — Eu não me preocuparia com isso — disse ela. — Acontece com todos na sua idade.

A raiva de Frankie e Eva, a raiva de todo o maldito mundo, ele reagiu, pegou a puta pelo cabelo, e acertou seu rosto contra a parede. Ainda segurando o cabelo dela, ele a arrastou para longe da parede e com um forte empurrão, empurrou-a pelo corredor.

— Que porra é essa! — Ela gritou, lutando para ficar de pé. Timidamente, ela tocou os lábios e nariz e nas mãos dela saiu sangue. Ao vê-los, ela olhou para ele e começou a gritar.

Filha da puta.

— Cala a boca! — Ele rugiu, puxando a arma de dentro de sua calça, e apontou para ela. — APENAS FECHE A BOCA!

Ela não o fez. A cadela ficou ali, coberta de sangue, e com seu nariz quebrado, gritando, soando como algo saído de um filme de terror ruim. Foda-se. Ela era irritante.

Segurando a arma, ele deslizou o dedo indicador sobre o gatilho, e inclinou.

— Deuce — o Pregador gritou, pulando na frente dele. — Guarde a maldita arma agora!

Ele não o fez. Ele não podia.

Ele queria alguém para machucar.

Alguém que não ele.

Agarrando-o pelos ombros, o Pregador inclinou-se para ele. — Deuce, deixa eu cuidar dessa vadia.

Quando ele não respondeu, o Pregador deu-lhe um aperto duro. — Vá para casa meu irmão — disse ele com firmeza. — Você precisa ir para casa, porra.

Ele o fez.

Ele precisava ir para casa logo, e ter de volta sua mulher.

• • •

Eva olhou para seu celular, para a mensagem de texto que Deuce tinha enviado apenas momentos atrás.

Está em casa?

Não. Estou com Kami. Por quê?

Encontre-me em casa.

Por quê?

VÁ. PRA CASA.

— Foxy?

Assustada, ela olhou para cima e encontrou Cox, olhando para ela.

— Quando você chegou em casa? — ela perguntou.

— Só agora — Ele acenou com a cabeça em seu telefone. — Prez?

Ela podia sentir a raiva na voz de Cox, via-o nas linhas apertadas de seu rosto, e não entendia o que ela poderia ter feito para justificar qualquer tipo de reação negativa dele.

— Sim — ela disse com cautela.

— O que ele quer?

— Cox, eu não tenho certeza que seja da sua conta.

Ao seu lado, com os punhos cerrados Cox disse. — O caralho que não é — ele gritou. —Você acha que eu sou estúpido? Você acha que eu não sei o que você está aprontando? Não me interprete mal Eva, eu não quero culpá-la, mas puta, se você for embora, Kami vai segui-la. E eu não vou deixar isto acontecer.

— Cox — disse ela em voz baixa. — Kami está casada com você. Vocês tem um filho juntos. Ela não vai sair.

Ele respirou fundo. — O caralho que ela não vai. Eu a conheço. Ela te ama mais do que me ama, eu já entendi isso, aceito essa merda, mas não existe nenhuma maneira no inferno que eu vá deixar você levá-la de mim. Eu estou vendo isso vindo a quilometros de distândia, e não vou mais ficar calado. É melhor você consertar toda essa merda com Prez, e o fazer rápido, por que eu juro por Deus cadela, se você não o fizer eu...

— Cox! — Kami gritou, entrando no quarto — Cala a boca mexicano estúpido!

Cox olhou para ela. — Puta, eu sou porto-riquenho!

Ela acenou com a mão com desdém. — Tanto faz. Você não tem alguns gramados para cortar?

— EU. SOU. PORTO. RIQUENHO. PUTA!

— TANTO. FAZ!

— Cadela! Você não tem nenhum riquinho pra chupar por um par de sapatos? — porra?

— Vai se foder!

— Não, vadia, foda-se você! Eu sou a porra de um PORTO RIQUENHO! Diga, Kami, diga porto-riquenho!

— Não!

— Diga!

— Índio americano!

Eva rapidamente se levantou. — Eu estou indo...

Cox olhou para ela. — Você vai consertar essa merda! — Ele gritou. — Não é só Prez que está caindo aos pedaços, mas toda minha familia, e o maldito clube!

— Não se atreva a culpá-la por tudo! — Kami gritou.

— Veja! — Cox rugiu. — Você está sempre do lado dela! Você pularia de uma ponte se ela o fizesse!

— Sim, eu iria! — Kami gritou. — Você realmente acha que haveria alguma chance de eu escolher seu traseiro cubano ao invés de minha Evie?

— Porto-riquenho!

Enquanto eles estavam ocupados gritando um com o outro, Eva foi capaz de escapar da sala de estar, e descer o corredor até o quarto de brinquedos de Devin. Ela encontrou as duas crianças no sofá, dividindo fones de ouvido. Ela parou na porta, e não pode reprimir as lembranças...

Em cima de uma mesa de piquenique, ela e Frankie estavam sentados lado a lado, dividindo um fone de ouvido, cabeças coladas enquanto ouviam Led Zeppelin. Tinha seus braços em volta dos ombros de Frankie, e ele, suas mãos subindo e descendo em sua coxa no ritimo da música.

— Senhorita Fox?

Eva olhou para a babá de Devin, Kajika.

— Está tudo bem? — ela perguntou.

— Desculpe — Eva murmurou se livrando da memória. — Só estava pensando.

— Podemos aprender muito com as crianças — disse Kajika sorrindo para Devin e Ivy. — Eles vêem o mundo como ele é, com inocência, como um playground pronto para ser explorado.

— Sim — Eva sussurrou, olhando para a filha. — Eles vêem.

— Posso compartilhar algo que meu avô me disse uma vez senhorita Fox? — Perguntou Kajika em voz baixa.

Eva assentiu.

— Há uma velha história transmitida através das gerações de um avô Nativo Americano aconselhando seu jovem neto, dizendo-lhe que ele tem dois lobos que vivem dentro dele, constantemente lutando entre si pelo domínio. Um deles é o lobo da paz, amor e bondade. O outro representa o medo, a ganância, e o ódio. O menino pergunta: — Qual lobo vai ganhar Vovô?— E o velho sábio responde: — Qualquer um que eu alimentar.

Eva olhou para ela, perguntando-se do que a mulher estava falando.

— Sinto muito — disse Eva — mas eu não en...

— Posso ser franca — perguntou Kajika.

— Claro —

— Não é nenhum segredo que você está com dor. Nesta casa nada é segredo.

Eva bufou. Nada era segredo na casa de Cox e Kami. Todos os vizinhos podiam ouvir os gritos a quilômetros de distância. Eva estava surpreendida por Kajika permanecer.

— Você está com medo — ela continuou. — E se eu o conhecece, diria que ele também.

Deuce.

— Este medo vai continuar a crescer se você não o parar. Antes que você perceba, já não se conhecerão mais.

Os olhos escuros de Kajika a encararam. — Você tem que alimentar o lobo de paz e amor, antes que seja tarde demais.

Eva não disse nada, não havia nada a dizer. Kajika estava certa. Ela estava com medo. Com medo e pronta para fujir, assim como ela sempre tinha feito.

Depois de plantar um beijo na bochecha de Devin, ela pegou Ivy, Eva deu a Kajika um pequeno sorriso e saiu.

Uma vez que ela e Ivy entraram no carro, ela ligou para Deuce de volta.

Ele respondeu depois de apenas um toque. — Onde você está?

Ela engoliu em seco. — Ainda com Kami.

Ele limpou a garganta, algo que ele nunca fez. Ele estava hesitando. Seu estômago tremia com medo, Eva prendeu a respiração e esperou o que viria a seguir.

— Você foi para casa?

— Você realmente quer que eu vá? — ela sussurrou.

— Sim — ele disse rispidamente. — Eu quero.

Não tenha medo, ela se lembrou. Não tenha medo. Mas ela não podia ajudá-lo. Ela estava atérrorizada com o que poderia acontecer, mas muito mais do que pode não acontecer.

— Deuce.

— Apenas faça Eva. Temos que conversar.

Mordendo o lábio, ela olhou para fora da janela, para o belo jardim de Kami. Ela não podia lidar com mais uma tentativa fracassada de estarem juntos. Ele iria quebrá-la.

Ela tomou uma respiração profunda. — Ok — ela sussurrou. Ela mal disse antes de ele desligar.

— Mamãe?

Colocando seu telefone em sua bolsa, ela olhou para a filha. — Sim, baby?

— Você triste?

Eva enxugou as lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Só um pouco, bebê — ela sussurrou, inclinando-se sobre o banco para depositar um beijo no rosto com covinhas de sua filha, em seguida, correu os dedos por seus cachos loiros. — Mas vai ficar tudo bem querida. Eu prometo.

Com um profundo suspiro, ela colocou o caminhão em marcha e foi para casa.

CAPÍTULO DEZOITO

Torcendo a maçaneta da porta, Deuce abriu a porta lateral e entrou na casa. Fechando a porta suavemente atrás dele, ele trancou-a, ligou o alarme, tirou suas botas e caminhou calmamente até a cozinha escura, dirigindo-se para as escadas.

Ele encontrou Eva em seu lado da cama, com o corpo enrolado em torno de seu travesseiro dormindo profundamente. Ele olhou para ela por alguns instantes, sua mão pairando sobre sua cabeça, querendo tanto tocá-la, senti-la novamente sem pensar...

Ele não podia fazer isso. Ele podia tocá-la e isso só seria sobre ela e ele e mais ninguém. Só ela, só ele... Só ela...

Foda-se.

Ele se afastou, xingando, e foi para o banheiro. Ligou o chuveiro e tirou suas roupas, entrou de baixo do jato de agua quente e fechou os olhos com força, desejando, rezando para ter forças para unir sua familia novamente.

O Pregador podia ser o maior infeliz que já andou sobre a terra, mas em uma coisa ele estava certo. Depois de toda a bagunça com Frankie, tudo estava caindo aos pedaços.

Ele tinha que consertar essa merda.

Ele só não sabia como.

Deuce nunca tinha sido bom em limpar a bagunça. Normalmente, ele apenas ignorava e eventualmente a esquecia. Algumas coisas ele nunca havia

sido capaz de esquecer. A maior delas sendo a mulher bonita dormindo em seu lado da cama. Eva tinha sido a melhor bagunça que ele já tinha feito e agora...

Ele ainda estava fazendo uma confusão de coisas entre eles.

Então, como se ela soubesse, como se ela pudesse sentir o quanto ele estava doendo por ela, a porta se abriu, e Eva ficou nua diante dele. Seus olhos percorreram seu corpo, seus seios pesados suas curvas perfeitas, e ele endureceu instantaneamente, querendo ela.

— Posso acompanhá-lo — ela sussurrou.

Ele balançou a cabeça, movendo-se de lado para deixá-la entrar.

Eles olharam um para o outro. Aqueles grandes olhos cinza, cheios de dor e confusão, e ele, olhando para ela, observando seu cabelo emoldurando seu rosto, enquanto a água derramava sobre ela.

— Eu estraguei tudo, Eva — ele disse. — Eu estava me sentindo um merda, eu tentei transar com uma puta, mas...

Ele nunca viu isso acontecer.

O punho de Eva bateu em seu queixo com um estalo audível e sua cabeça virou para a direita.

— Foda-se — ele murmurou, segurando seu queixo.

— Seu merda! — Ela gritou, virando e chutando aberta a porta do chuveiro.

Ele correu até ela, agarrando-lhe os pulsos, ele a prendeu contra a parede do banheiro, e sussurrou em seu ouvido.

— Eu não poderia fazer isso — ele rosnou. — Eu nem queria fazer.

— Você nunca vai parar! — Ela gritou, lutando contra ele. — Você nunca vai mudar!

— Eu não fiz merda nenhuma!

— Será que você a tocou? Será que ela tocou em você?

Ele calou-se e fechou os olhos. —Baby — ele murmurou — Foi somente...

Eva ficou louca, batendo e chutando, gritando do fundo de seus pulmões.

— Pare! — Ele rugiu, tentando manter um bom controle sobre ela, mas ambos estavam molhados do chuveiro, e Eva conseguiu torcer a mão livre de seu aperto. Ela virou-se, sua mão voou pelo ar e ele só teve tempo suficiente para recuar de seu tapa, que acertou sua bochecha.

— Filho da puta — ela gritou, soltando sua outra mão, e acertando-lhe outro tapa, desta vez, em seu ouvido.

— Você quer me bater? — Ele gritou, curvando a mão em um punho enquanto ela continuava batendo e empurrando-o. — Então me bate, EVA! CARALHO realmente me bata! CARALHO ME FIRA, CADELA. MACHUQUE-ME!

Ele bateu com seu próprio punho em sua cabeça, e podia jurar que ouviu seu cerebro balançar.

Ele bateu-se mais cinco vezes, socos rápidos, um em cada lado de seu rosto, um após o outro, bam-bam-bam, antes de perceber que Eva tinha caído em silêncio, olhando para ele, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Isso nunca vai acabar — ela sussurrou. — Não é mesmo? — Segurando seu rosto, ela o confortou. — Nós estávamos condenados desde o início, não estávamos baby?

Anos de sofrimento e dor, torceram em seu peito.

— Não — ele rosnou, agarrando seu rosto. — Você não está indo embora, nem sequer pense nisso.

Ela tentou sacudir a cabeça em sinal de protesto e ele apertou com mais força, recusando-se a deixá-la interrompê-lo. — Cala a boca e me escute — ele exigiu. — Está tudo fodido agora, mas isso não significa que sempre vai ser assim. Já tivemos muita merda antes, e descobrimos como sair, não foi?

Quando ela não respondeu, ele olhou para ela. — Não foi?

Ela assentiu com a cabeça.

— Sim, nós fizemos. E vamos fazê-lo novamente. Vou corrigi-lo, Eva. Cheguei em casa hoje à noite para começar a consertar isso, e eu estou te dizendo que eu não fodi a cadela . Eu não poderia transar com ela, não quando tudo o que eu quero é você, querida.

Ele observou as lágrimas rolarem por seu rosto.

— Vou corrigi-lo — disse ele ferozmente. — E então eu vou corrigi-lo novamente e continuar arrumando até que todo o mal desapareça, e só restem coisas boas. — Você me entende, Eva? — Ele perguntou, acariciando seu rosto.

Ela assentiu com a cabeça novamente. — Prometa — ela disse em voz baixa, cheia de dor e desespero.

— Eu prometo — ele rosnou, agarrando a parte de trás de sua cabeça e esmagando sua boca com a dela. Um minuto, um segundo, um beijo e Eva estava se agarrando a ele, agarrando seu cabelo e envolvendo suas pernas em volta de sua cintura.

Ele lutou desesperadamente contra as imagens que o agrediram, enquanto lutava contra a náusea subindo em seu intestino, enquanto tentava dar a ela o que ela precisava o que tanto precisava... E falhou.

— Foda-se — ele sussurrou, afastando-se de sua boca, as lágrimas ardendo em seus olhos. — Eu não posso... Ainda não.

— Não — ela gritou, segurando seu rosto, forçando-o a olhar para ela. — Não, não, não, por favor, Deuce , por favor... eu sou sua, baby, eu sempre fui. Por favor baby, por favor, faça-me sua de novo... Por favor.

Suas lágrimas transbordaram e ele cerrou os dentes, sentindo-se patético, odiando o fato de que ele estava chorando, odiando estar indefeso, odiando tudo e todos.

— Por favor, não pare — ela engasgou com suas próprias lágrimas caindo. — Por favor.

Ele agarrou-a antes que pudesse pensar duas vezes, determinado a cumprir sua promessa. Ele agarrou-a e beijou-a, e ela o beijou de volta, forte e rápido, e por sua vez ele a beijou mais e ela agarrou-o mais apertado e tornou-se uma batalha por controle, pelo poder, mas não o poder sobre o outro, o poder sobre a sua vida juntos, o poder de recuperar o controle sobre o que tinha sido tão brutalmente arrancado deles.

—Diga isso — ele disse asperamente. — Caralho, diga Eva, diga agora.

—Eu te amo — ela chorou baixinho. — Ninguém mais, baby, não desse jeito, não do jeito que eu sempre te amarei.

— Quanto você me ama? — Ele perguntou com a voz rouca, pegando seu peito e o apertando.

— Você já sabe — ela choramingou. — Você é tudo para mim, tudo, você sempre foi, baby... — Ela parou e olhou para ele com aqueles malditos olhos cinza. Olhando diretamente para a sua alma podre, sobrecarregando-o com a necessidade.

Ele precisava reivindica-la de uma vez por todas, para ter novamente seu espirito, para mantê-lo seguro, protegido dentro de si, de modo que ninguém, nem uma única pessoa poderia levá-la para longe dele novamente.

— Você é minha razão, Deuce — ela sussurrou em meio às lágrimas. — Você sempre foi.

Ele parou de se mexer e olhou para ela.

Sua razão.

Ele.

O conhecimento disto o acertou em cheio, e ele viu-se empurrando dentro dela, lagrimas rolando por seu rosto e caindo em seu peito, enquanto ele estremecia ante as memorias indesejadas, e querendo, precisando estar dentro dela.

E depois...

Ele gemeu quando ela estremeceu, gemendo enquanto ela o apertava.

Foda-se, ela era apertada e molhada e sua, ela era toda sua.

— Eu te amo — ela gemeu, sua cabeça caindo para trás. — Eu te amo tanto, tanto, Deuce.

Foda-se ele.

— Eva — ele murmurou, pegando a parte de trás de sua cabeça e forçando-a a olhar para ele. — Case-se comigo, querida.

Um soluço escapou de seus lindos lábios e seus olhos se encheram de novo. Ele tomou sua boca na dele e beijou-a suavemente, lentamente, fazendo o seu caminho através de sua bochecha até a orelha, onde ele fez uma pausa.

— Mais uma vez, querida — ele sussurrou. — Case-se comigo?

— Sim — ela suspirou.

Ele fechou os olhos.

Ele estava em casa.

Levou meio seculo para estar lá, mas ele conseguiu.

Ele finalmente estava em casa.

— Deuce?

— Sim?

—Você vai ter que chamar Christine.

Seus olhos se abriram e ele olhou para baixo, para Eva, perguntando-se por que diabos ela estava falando sobre sua ex quando estava afundado até as bolas dentro dela, pedindo-lhe para casar com ele.

— Por que diabos eu tenho que...

Ela colocou um dedo sobre os lábios e sorriu. — No caso de você ter se esquecido, baby, você ainda está casado. O que torna meio difícil querer se casar comigo.

— Foda-se — ele murmurou, fechando os olhos de novo. — Foda-se, foda, foda-se.

— Ela vai querer dinheiro — Eva refletiu.

— Sim.

— Um monte de dinheiro.

— Sim.

— Ela...

— Jesus Cristo, mulher, cala a boca. Aqui estou tentando transar com você e você está tentando explodir um buraco na minha cabeça.

— Desculpe. — Ela riu.

Deuce olhou para ela, seu rosto sorridente, até que não aquentou mais, e sorriu junto.

— Eva?

— Sim?

—Eu vou foder você agora.

— Ok — ela sussurrou, correndo o dedo indicador por baixo de seu lábio inferior. — Mas, Deuce?

— Baby?

— Eu quero lento.

Ele sorriu.

Então ele deu a ela lento.

CAPÍTULO

DEZENOVE

— Alô — eu disse sem fôlego, quase caindo da cama tentando pegar meu celular do criado-mudo.

— Eva me disse que você está acampando com Anabeth e sua família?

Meu cérebro parou.

Pai.

Meu pai estava no telefone.

E eu havia me esquecido completamente de tudo, exceto tudo o que tinha a ver com Ripper, e a última semana que passamos juntos.

— Sim — eu disse sem folego, minha mão sobre meu peito, meu coraçao parecendo que ia sair pela boca, eu tentava controlar a ansiedade que me dava falar com meu pai nesse momento.

— Tudo bem, eu estou de volta, então quando você vem pra casa?

— Amanhã — eu disse rapidamente.

Houve uma longa pausa. — Gostaria de passar algum tempo com você, menina — disse ele com a voz rouca. — Eu sei que eu fui...

— Não — eu sussurrei, apertando os olhos fechados, segurando minhas lagrimas.

— Danny querida — disse ele em voz baixa. — Eu...

— Por favor, papai, não faça isso agora, não por telefone.

Eu não queria ouvir suas desculpas, não quando eu me sentia feliz pela primeira vez em mais de um ano. Eu não ia deixá-lo estregar o meu momento.

Ele limpou a garganta. — Eu só quero ver a minha filha, Danny, isso é tudo. Eu sei que tenho algum tempo para compensar.

Entre seu recente abandono do papel de pai, e sua incapacidade de salvar a sua relação com a única mulher no mundo que ele realmente amou, apesar de suas muitas falhas, de repente ele queria fazer alguma ligação pai / filha?

O que mudou?

Mas não importa o quanto eu quisesse gritar com ele, dizer que ele não merecia passar um tempo comigo, eu não podia. Ele cuidou de mim e de meu irmão, quando minha mãe foi embora, sem perguntas, e sem reclamar. Ele sempre cuidou para que fossemos cuidados em sua ausência, e ele estava quase sempre ausente. Ele era um cara durão, um cara que preferiria correr a expressar seus sentimentos.

Mas ele era meu pai.

E eu o amava.

— Eva está em casa — continuou ele, quando eu não disse nada.

Ela estava? Com ele? Será que ele encontrou sua conciência de volta em Dakota do Norte?

— Vocês estão... Juntos? — Eu perguntei, esperando e rezando para que ele dissesse sim!

Eu senti os braços de Ripper me envolverem, e me puxarem para junto dele. Sentindo suas cicatrizes, quando seu peito foi deslizando por minhas costas nuas. Ele deu um beijo no meu cabelo e uma lágrima escapou pelo canto do meu olho. Eu rapidamente limpei-a.

— Estamos juntos — disse meu pai em voz baixa. — Eu a pedi em casamento na noite passada.

Todo fôlego fugiu meus pulmões.

— O que ela disse? — Eu sussurrei.

— Que porra você acha que ela disse?

Eu sorri. Agora soou mais como meu pai. — Sim?

— Sim, querida — disse ele com a voz rouca. — Ela disse que sim.

Respirei fundo. Ela disse que sim. Ela disse que sim. As coisas finalmente iam voltar ao normal. Eu ia ter minha família de volta. Nada de noites solitárias, e assistir televisão sozinha!

— Eu estarei em casa amanhã — eu disse, minha voz mais firme.

— Bom — ele disse, e desligou.

Eu desliguei o telefone, e o guardei novamente.

— Seu pai? — perguntou Ripper.

— Sim — eu sussurrei, virando-me, e me aconchegando em seus braços. — Ele pediu Eva em casamento.

— Sério? Droga. Não vi essa merda vindo.

Espalhei beijos ao longo da cicatriz em seu peito. Uma de suas mãos encontrou minhas costas e a outra deslizou por meus cabelos, segurando minha cabeça. — Nem eu — eu murmurei. — Mas você sabe o que isso significa?

— Nós vamos foder de novo?

— Não — eu sussurrei. Isso significava que o meu pai estava feliz novamente, Ripper poderia ser capaz de dizer a ele sobre nós sem se preocupar em ser baleado.

— Baby — ele disse, me estudando. —Você está pensando de novo.

— Eu não.

— Nariz torcido, olhos desfocados, os lábios entreabertos. Sim, você está pensando de novo.

Fiz uma careta para ele. — Você acha que sabe tudo.

— Não — ele disse suavemente. — Eu não sei de nada, nunca o faço. Mas baby, por algum motivo, porra, eu te conheço. Louco né?

— Ripper — eu sussurrei, olhando em seus olhos, de um azul profundo e bonito, um real e um feito de vidro, pensando sobre o quão certo era estar com ele. — Nós podemos dizer-lhe agora — eu disse, me sentindo esperançosa. — Podemos esperar um pouco, e então...

Ripper soltou um suspiro exasperado e me empurrou para longe dele. Rolando de costas, ele encarou o teto.

— Não, Danny, quantas vezes tenho que te dizer, não vamos contar nada para ele. Não vai importar se ele e Eva estão bem, ele nunca vai nos deixar ficar juntos. Ele me deu um tapa só por ter olhado para você. O que você acha que vai acontecer se ele descobrir que eu estive fazendo muito mais do que olhando? — Balançando a cabeça, ele fez uma careta. — E na sua noite de formatura. Jesus, eu sou um canalha do caralho.

— Obrigado pela parte que me importa — eu murmurei.

— Baby — ele disse, virando-se para olhar para mim. — Estar com você, vale a pena, ok? Agora esqueça isso sobre dizer a seu velho, não vai acontecer, não até que você tenha pelo menos trinta anos.

— Tudo bem — Eu suspirei, sabendo depois de passar quase uma semana com ele que era inútil continuar discutindo.

— Que bom que estamos de acordo. O que você precisa fazer é arrumar um apartamento para você.

— Hum... Não é preciso dinheiro para se ter um apartamento?

— Sim. Consiga um emprego porra.

— Olá? Eu começo a faculdade no outono. Não vou ter tempo.

Ele balançou a cabeça. — Mimada — ele murmurou.

Ofendida, eu dei um soco em seu ombro. — Ow — disse ele ironicamente.

— Eu te odeio.

— Não, você não odeia. Faz alguma coisa pra gente comer, tô morrendo de fome.

— Não há comida Sr. Mandão. Nós comemos tudo.

— Há tequila.

— Tequila não é café da manhã.

— Isso é o que você diz.

• • •

Ripper estava feliz.

Fazia tanto tempo, que ele não respirava o ar puro da felicidade.

Quase.

Mas então ele se lembrou de como se sentiu da primeira vez em que pegou uma onda, e não caiu de sua prancha.

Ou a primeira vez que ele pegou uma moto, e acelerou sem olhar para trás.

Ele sorriu. Ele estava realmente ansioso pelo futuro. Contanto que esse futuro incluisse Danny.

O que no momento, ia ser difícil, mas...

Se ela não podia pagar seu próprio apartamento, ele iria ajudá-la. Ele não sabia como iria explicar a Deuce, mas Ripper precisava dela fora daquela casa, e mais acessivel a ele. Talvez se ela dividisse apartamento com uma de suas amigas...

Isso poderia funcionar.

Eles poderiam fazer funcionar. Sim, ele ia fazer isso encondido, mas não ia durar muito. Apenas dez, talvez vinte anos. Ou até Deuce estar muito velho e fraco para poder criar caso. Ou talvez esperar até Deuce morrer. O cara já estava velho, e ninguém com mais de setenta fazia esse trabalho. Exceto Blue.

— Foda-se — ele gemeu. Ele não queria que Deuce morresse. Ele queria que Deuce o aceitasse como o homem de Danny.

O que nunca iria acontecer. Deuce sabia todos os seus segredos sujos, incluindo quantas cadelas ele tinha fodido e quantas vidas ele tinha tirado. Não havia nenhuma maneira no inferno, que ele ia querer um homem como ele para sua filha. Era hipocrisia, mas Ripper entendia. Se ele tivesse uma filha, não ia querer um idiota com a mão no gatilho, e que tivesse o propósito de foder quantas cadelas conseguisse em sua vida.

Foda-se. Eles teriam que se esconder. Não havia nenhuma outra maneira. Danny ia ter que alugar um apartamento, e arrumar seu próprio carro, talvez até se mudar pra alguma cidade vizinha. Ela poderia ir a algumas viajens com ele, para que pudessem sair em público juntos, em algum lugar bem longe de Montana, sem terem que se preocupar em serem pegos. Ele faria o que pudesse para fazê-la feliz, e garantir que Deuce não os descobrisse.

— Ripper?

Ele virou-se de costas, com a expectativa de encontrar Danny carregando algo parecido com o café da manhã. Em vez disso, encontrou-a de pé na porta do quarto, tremendo e com os olhos arregalados de medo.

— Baby — ele perguntou, sentando-se. — O que...

Danny tropeçou na sala e Nikki apareceu atrás dela, seu olhar feroz o encarando, e uma arma apontada para a cintura de Danny e...

Tudo parou. Tudo. Seu cérebro, sua respiração, o seu coração.

— Seu babaca idiota do caralho. — Nikki gritou. — Você está me ignorando, sem responder aos meus telefonemas, e eu pensando que algo havia acontecido com você! Eu estava realmente preocupada com você!

Usando a arma, ela empurrou Danny ainda mais no quarto.

— Mas ao invés disso eu o encontro em casa? E com ela!

Mais uma vez ela empurrou Danny e seu corpo inteiro tremeu com a vontade de saltar da cama, e espancar Nikki até a morte.

— Nikki — disse ele, tentando manter a voz baixa e calma. — O que diabos você está fazendo? Deixe-a ir — ele disse com os dentes cerrados. — Isto não é o que você pensa.

Nikki o olhou com odio. — Não é o que eu estou pensando? Então você não está fodendo a porra da filha do Deuce?

— Ela estava apenas ficando por aqui — ele disse calmamente. —Não é assim.

— Besteira! — Nikki cuspiu. — Você não me liga há meses! E agora eu encontro Danny em sua cozinha, seminua, e você está tentando me dizer que não é o que eu estou pensando? Eu ouvi você a chamando de baby, Ripper! É sim o que eu penso!

— Então o que você vai fazer, vadia? — Ele rosnou, sua paciência diminuindo rapidamente. — Você vai abrir um buraco na filha do Deuce, porra? Você faz isso, e o inferno todo vai pra cima de você.

— Eu não dou a mínima! — Ela gritou. — Eu aguentei suas besteiras por quanto tempo, hein? Desde os meus vinte e dois anos de idade Ripper, esperando para ser sua mulher! E ao invés disso, o que eu recebo em troca? Você fodendo menininhas pelas minhas costas!

Foda-se. Ele ia machucar essa vadia.

— Eu tenho comido meninas pelas suas costas desde o começo. — ele gritou.

— Protitutas — ela gritou. — Você tem comido prostitutas, e Danny não é nenhuma puta! Eu não sou estúpida!

Ele olhou para Danny e seu coração apertou. Ela estava apavorada. E era tudo culpa dele.

— NÃO OLHE PARA ELA! — Nikki gritou. — OLHE PARA MIM! EU MEREÇO ISSO!

Seus olhos dispararam de volta para Nikki, que estava apontando uma arma para a mulher que ele amava. Então ele fez o que tinha que fazer para mudar a mira da arma para ele.

— Você é louca, em que diabos você esta pensando. Sim, Danny não é nenhuma puta, mais isso não quer dizer que eu dou a mínima. Ela é quente, uma buceta gostosa e jovem. E você vadia, esta velha e sem graça. — Ele encolheu os ombros. — Não me interessa mais.

Ambas as mulheres suspiraram, mas ele manteve seu olhar sobre Nikki e forçou uma risada debochada. — Cadelas loucas, pensando que eu ligo a mínima pra vocês.

Assim como ele esperava, qualquer vestígio de sanidade existente em Nikki se foi. Seu braço atirou para frente e...

Ripper saltou para fora da cama e para a esquerda, na esperança de evitar a bala, mas ele não foi rápido o suficiente e sentiu uma dor lascinante em suas costelas, assim como mais dois tiros foram disparados.

Ele se virou, esperando encontrar Danny machucada, ou pior, mas encontrou Nikki amassada em uma pilha no chão, sufocando com sangue.

E de pé acima dela Danny, a arma de Nikki em suas mãos.

CAPÍTULO VINTE

Ripper abriu a porta do escritório de Deuce, onde ele encontrou o seu Prez sentado atrás de sua mesa, Cox estava sentado do lado dele, e do outro lado da sala, Mick e ZZ estavam em extremos opostos de um sofá de couro.

Com a bile em sua garganta. Ripper fechou a porta atrás de si e cruzou os braços sobre o peito.

Deuce olhava fixamente para ele. — Freebird disse que precisava falar comigo?

Ele balançou a cabeça, sentindo-se como um idiota com o que estava prestes a fazer, a Deuce e ao clube. Mas ele não tinha muita escolha.

Ele tinha pensado muito sobre o assunto. Sentou-se no chão do banheiro durante doze horas seguidas, apenas fumando e pensando.

Isso precisava ser feito.

Pelo bem de Danny.

Pelo bem do futuro de Danny.

Eventualmente ela iria superar isso, sem ele por aí como uma nuvem escura, sempre a lembrando, a cada segundo que ela matou uma pessoa, por causa dele. Ela iria odiá-lo e o pensamento daqueles olhos azuis gelados olhando para ele com ódio, o fazia doente.

Limpando a garganta, ele disse — Isto não é fácil para mim, Prez. Eu o conheço desde que eu tinha dezessete anos, já estou com o clube há muito tempo agora.

Cox ficou de pé. — O que diabos você está fazendo Ripper?

Ele olhou para o amigo. Seu irmão.

— Eu tenho que ir — disse ele em voz baixa.

— Foda-se! — Cox gritou. — Diga-me por que você tem que ir, porque eu não estou vendo um motivo aqui!

Como se tivesse sido chutado nas bolas, sua respiração falhou, a bile subiu em sua garganta, e sua visão ficou turva. Cristo, Cox não ia deixá-lo ir facilmente. Havia muita história, eles eram amigos há muito tempo, passaram pelo inferno juntos. Cox não era apenas seu irmão, Cox era seu melhor amigo.

— Prez — ele disse entredentes, ignorando Cox. — Eu não posso fazer o meu maldito trabalho, eu preciso pôr minha cabeça no lugar. Eu tenho que ir.

— Ripper — disse Mick, inclinando-se para frente, descansando os braços sobre os joelhos. — Você não tem estado exatamente bom da cabeça, desde que Frankie fodeu sua vida. Por que você está decidindo isso agora?

Ele não disse nada. O que ele poderia dizer? Ele não podia dizer-lhes sobre estar com Danny. Deuce iria matá-lo na hora, e ninguém além de Cox sabia sobre Nikki. De qualquer maneira, se alguém descobrisse sobre isso, não ia demorar que alguém ligasse os pontos, e ele não podia deixar isso acontecer. Ele não deixaria essa merda cair sobre Danny. Este era seu problema, todo ele. Apenas mais um, em sua longa lista de pecados.

Suas costelas queimavam, Ripper grunhiu de dor enquanto ele gentilmente pegava Danny e a colocava em sua cama. Ele se ajoelhou na frente dela e ela olhou para ele com lágrimas nos olhos.

— Eu... Eu... Eu matei — ela sussurrou com a voz rouca, os olhos arregalados, sua expressão uma mistura de descrença absoluta e horror.

— Não! — Ele gritou, agarrando seus braços. — Não, você não fez isso! Esta merda foi minha culpa, baby! Eu deveria ter terminado essa merda com ela há muito tempo. Eu ser um idiota a matou! Você me entende?

Ela balançou a cabeça. — Não... Eu atirei nela... Ela...

— Não — ele rugiu. — Caralho, me escute! EU A MATEI. NÃO VOCÊ!

Ela não disse nada, apenas olhou para ele, tremendo violentamente.

Xingando, ele se levantou e pegou seu telefone celular do criado-mudo.

Cox respondeu imediatamente.

— Tenho um problema — disse ele.

— Tenho os meus próprios — disse Cox e Ripper podia ouvir Kami gritando ao fundo.

— Cox irmão, eu não pediria, mas eu tenho Nikki morta com um buraco de bala, no chão do meu quarto.

Silêncio.

Então — Dê-me uma hora e eu estarei ai. Você precisa de ZZ?

ZZ, o único irmão que poderia arrumar qualquer merda, por pior que fosse.

— Não, é coisa rápida.

— E Nikki? Um trabalho pra dois?

— Sim... E, Cox?

— Sim?

— Você sabe o que tem que trazer, sim?

— Não se preocupe, eu cuido disso. Nada dessa cadela vai ser deixado pra ser encontrado.

Nem brincando. Ele não ia deixar nenhum fragmento de evidência de que Danny esteve envolvida.

Ripper voltou à realidade, quando Deuce levantou-se, colocou as mãos sobre a mesa e se inclinou para frente. — Este é o meu clube, e você faz parte dele, o que significa que você faz parte da minha familia, porra. Então é assim que vai ser. Você vai tirar o tempo necessário, e então vai conseguir sua bunda de volta ao lugar que você pertence.

Ripper baixou os olhos. Pela primeira vez em muito tempo, ele não estava pensando sobre o que Frankie tinha feito para ele. Na verdade, ele não havia pensando em Frankie recentemente.

— Cale a boca! — Cox rugiu, assustando todos na sala. Para espanto de todos, Cox se inclinou sobre a mesa e empurrou o seu rosto no espaço pessoal de Deuce.

— Eu entendo por que você o está deixando ir, mas se você deixá-lo ir e alguma merda acontecer, nos não vamos estar lá para ele, então o que diabos vai acontecer?

Foda-se. Como se isso não fosse o bastante.

Com uma expressão triste, Deuce segurou o lado do rosto de Cox. — Diga adeus ao seu irmão. — disse ele em voz baixa, dando a bochecha de Cox um tapa suave. — Então vá para casa para sua família.

Família.

A garganta de Ripper se fechou. Ele estava deixando a única família que tinha.

Antes de quebrar, ele tirou seu colete, puxou o punhal que levava em sua bota e começou a cortar os pontos que mantinham seu emblema de sargento de armas. No momento em que terminou, todos os olhos estavam sobre ele. Caminhado à frente, ele bateu com o remendo para baixo sobre a mesa de Deuce e com uma sensação de vazio no estômago, virou-se para sair.

— Ripper — Deuce rosnou.

Relutantemente, ele se virou.

— Este ainda é o seu clube, irmão. Este será sempre o seu clube e você ainda é o meu menino, e isso nunca vai mudar. Coloque sua cabeça no lugar e volte, seu lugar vai estar esperando, você me entende?

Jesus Cristo, ele tinha que sair desta sala.

— Sim — ele murmurou e deixou o escritório. Um punhado de irmãos jogando sinuca, todos pararam para vê-lo ir embora. Apressou o passo, dirigindo-se a porta.

— Ripper — disse Cox, agarrando seu braço.

Ele fechou os olhos e soltou um suspiro de frustração. O irmão não ia fazer isso fácil para ele.

— Não faça isso — disse Cox em voz baixa. —Não corra só pelo o que aconteceu com Nikki. Eu não vou dizer uma palavra e você sabe, ela nunca vai ser encontrada. Não depois do que nós fizemos.

Ele não estava fugindo, e ele não dava a mínima para Nikki. Nikki era somente para preencher o tempo. Ele queria transar e ela estava sempre disponivel. Só isso.

Até Danny.

E como tudo em sua vida, isso também tinha se perdido realmente rápido.

Se Ripper tinha aprendido algo em seus anos trinta e poucos anos de vida, era que as estradas escuras apenas ficavam mais escuras.

Então, ele estava dando a Danny a única coisa boa que ele poderia dar a ela, o que ele não podia dar-lhe se ficasse aqui. Quanto mais cedo ele se fosse, mais cedo ela poderia voltar a ser uma garota normal, ter uma vida normal, uma que não incluísse seus demonios interiores e namoradas psicopatas. Uma vida sem um homem que poderia matar sem pensar duas vezes. Sim, sua garota merecia o melhor, e isso era o melhor que ele poderia lhe dar.

— Irmão — ele engasgou. — Neste momento, eu e a estrada, temos que nos reconectar.

Cox olhou para ele, seus olhos escuros se estreitando.

— Eu preciso ir — ele disse com firmeza.

Balançando a cabeça, Cox o soltou.

E ele saiu.

Deixou seus irmãos.

Deixou o clube.

Deixou a cidade de Miles.

Deixou Montana.

Deixou... Danny.

CAPÍTULO VINTE E UM

— Danny — Cage sussurrou, suavemente escovando meu cabelo dos meus olhos. — Danny.

Pisquei várias vezes, tentando afastar as lágrimas e as memórias que eu queria esquecer.

— Você tem que sair da cama, irmãzinha.

— Vá embora — eu sussurrei com a voz rouca.

Afastei-me de seu toque, e virei para o outro lado.

Duas semanas. Quatro dias. E algumas horas.

Ripper havia partido há duas semanas, quatro dias e algumas de horas.

No início, quando ele não respondia minhas mensagens ou telefonemas, logo após me deixar na casa de Anabeth, incapaz de dormir, comer ou fazer qualquer coisa, exeto tremer. No dia seguinte fui com Eva para o clube.

Foi aí que eu vi os rostos tristes, ouvi as conversas. Foi quando eu soube.

Ripper havia partido.

Eu tirei meu capuz e olhei para Tegen.

— Ele simplesmente se levantou e saiu — continuou ela dando de ombros. — Nem sequer deu uma razão. Isso não é tipo, contra as regras ou algo assim?

— O quê? — Eu sussurrei, minha voz embargada.

Tegen me olhou de forma estranha. —Você está bem?

Eu não respondi. Eu não podia. Eu não podia falar, eu não conseguia nem respirar.

Ele se foi.

Ele simplesmente, se levantou e me deixou.

E agora...

Eu estava morrendo.

Pelo menos parecia que estava.

Eu mal podia comer. Quando eu consegui dormir, meu sono estava infestado de pesadelos, imagens do corpo ensanguentado de Nikki... Em todos os lugares.

Eu sempre acordava chorando ou à beira de chorar. Eu nunca me senti tão horrível tão só, tão desolada.

Vazio.

Dor.

Oh Deus, doía... Doía tanto.

E foi tudo culpa minha.

Eu o pressionei para nos assumir, e... E eu...

Eu atirei em Nikki.

Eu.

Eu a matei.

Agora Ripper foi embora, porque eu fui egoísta. Eu o queria tanto, que não me preocupei com as consequências que ele iria enfrentar por mim.

— Danny — Cage implorou. — Você está ficando doente, por favor.

— Saia do meu quarto! — Eu gritei, puxando meus cobertores por cima da minha cabeça. Eu não queria sair da cama. Eu não queria fazer nada. Eu não queria nada... A não ser afastar a dor, deitar na minha cama e definhar. Ou morrer, eu não me importava.

• • •

Agarrando a borda do vaso sanitário, o rosto de Ripper caiu para frente. Engasgando, ele vomitou mais uma rodada de tequila. Quando terminou, ele cuspiu, levantou-se e agarrou a borda da pia, se enclinou e lavou a boca.

Ele queria voltar. Ele queria Danny de volta. Ele só conseguia pensar nela. A única coisa que o impedia de gritar em desespero, era a garrafa que mantinha sempre ao seu lado, e as putas que trazia para esquentar sua cama. Ajudava, mas somente por um momento. Então o desespero voltava.

Ele precisava de algo mais, uma distração maior e verdadeiro conforto, do tipo que só vem da familia.

O tipo que vinha de sua família.

Família...

Ele poderia ir para casa, de volta para a Califórnia, voltar para casa de sua familia, para casa que ele nunca retornou desde a morte se seus pais.

Pela primeira vez desde que ele tinha perdido as duas únicas pessoas no mundo que o amavam incondicionalmente, Ripper queria ir para casa. Eles não estariam lá, mas as suas memórias. A casa em que havia crescido estaria cheia de lembranças de tudo o que havia perdido. E isso era algo.

Tropeçando para fora do banheiro, segurando nas paredes, ele fez o seu caminho de volta para o quarto do motel. Protegendo os olhos, ele amaldiçoou

tanto o sol e a cadela nua deitada sobre a cama que ele havia pagado para fodê-la. Pegando-a pelo braço a arrastou para fora da cama, e a jogou no chão, para que pudesse se sentar na cama. Outra cadela, ele nem sequer conseguia se lembrar de seus nomes. Ela se levantou e se deitou ao seu lado, ele a empurrou e pegou a garrafa quase vazia da cabeceira.

— Você vai compartilhar? — A cadela gemia, subindo em cima dele novamente, passando a mão por seu corpo, e agarrando seu pênis.

Ele deu uma cotovelada com força, empurrando-a de cima dele, ela caiu para trás e começou a rir.

Um insuportaval e estridente, riso bêbado.

Sua cabeça latejeva com raiva.

Mas ele pegou-a por uma razão. Porque ela era loira, uma verdadeira loira, com o cabelo quase branco, corpo bem tonificado e pele bronzeada.

— Bêbado demais para foder. — Ela riu.

— Foda-se — ele rosnou.

Ela riu mais ainda e ele estendeu a mão para ela, agarrou seu cabelo, e puxou seu rosto perto do dele. — Cala a boca, porra!

Ela não o fez.

Ainda segurando o cabelo dela, Ripper rolou em cima dela e jogou o resto de tequila em seu rosto. — Você vai calar a boca agora, sua puta suja. — ele gritou enquanto ela se debatia embaixo dele.

Ela não respondeu, porque ela não podia.

Porque ele tinha seu rosto enfiado embaixo do travesseiro.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Uma enfermeira loira que esfregava as pequenas rugas ao redor de seus olhos castanhos profundos apareceu na minha linha de visão. — Como estamos indo? — Ela perguntou gentilmente.

Combatendo minhas lágrimas, eu assenti bruscamente e tentei me concentrar por sua vez nas cólicas, uma sensação ondulante em meu abdômen e o rugido maçante da máquina que estava sugando a minúscula vida crescendo dentro de mim. Eu devia ter optado pelas drogas que tinham me oferecido. Mas não teria nenhuma carona para casa, e eu pensei que seria melhor ter a cabeça clara.

Mas ter a cabeça limpa significava que eu estava plenamente consciente do que estava acontecendo comigo...

Com o meu bebê...

Eu nunca tinha dado muita aténção a se ter filhos, diga-se de passagem, eu gostaria de tê-los... Algum dia. Mas agora, aterrorizada como eu estava, agora que eu o tinha dentro de mim, o bebê de Ripper, eu queria mantê-lo lá, mantê-lo seguro, senti-lo crescer, segurá-lo em meus braços. Ser uma mãe.

Só que não sem Ripper.

E se o bebê saísse se parecendo uma versão menor dele...

Não sendo mais capaz de mantê-las para mim, minhas lágrimas começaram a cair.

— Quase pronto querida. — disse a enfermeira, esfregando o meu braço. — Quase pronto.

Sugando uma respiração, eu fechei os olhos e me afastei dela.

Eu estava um desastre, a minha vida era um desastre, tudo só estava... Errado.

Irreparável.

E tudo que eu conseguia pensar era em Ripper .

Eu o amava e sentia falta dele e o odiava por me deixar. Deixou-me sozinha com a minha família, ferrou tudo. As minhas belas e terríveis lembranças dele e de nós e toda a dor horrível e a culpa angustiante que veio com elas. Tudo isso estava empilhado pesadamente em cima de mim, eu mal podia suportar mais.

Eu estava cansada o tempo todo, física e emocionalmente, e, eventualmente, estava cansada demais para ter a minha vida em alguma aparência de ordem e cansada demais para voltar à pista. Tomava banho quantas vezes eu comia, que foi quase nunca, porque eu não conseguia manter nada no estômago.

Então, em cima de tudo o resto, há duas semanas, eu descobri que estava grávida. Depois de compartilhar meu segredo com Anabeth, ela tinha me dado o número e endereço de uma clínica em Billings que aceitava pacientes sem seguro de saúde, ou no meu caso, os pacientes que tinham seguro de saúde e ainda não podiam usá-lo sem que os pais descobrissem.

Então, eu tinha pegado algum dinheiro emprestado do cofre dos meus pais e tomei um ônibus para fora da cidade.

E tudo isso aconteceu em apenas três meses. Noventa dias. Levaram meros 90 dias para toda a minha vida desmoronar.

— Aqui vamos nós — disse a enfermeira, segurando meu cotovelo enquanto eu lutava para sentar-me. Balançando as pernas, eu a segui para fora da sala de procedimento, para a sala de recuperação, e deslizei para uma cadeira reclinável para qual ela fez um gesto.

— Posso beber um pouco de água? — Eu disse com voz rouca.

— Você precisa de suco, querida— ela respondeu. —Eu vou conseguir alguma coisa.

Eu balancei a cabeça e ela saiu. Uma pesquisa rápida da sala me mostrou outras três mulheres, também sentadas em cadeiras de recuperação, evitando contato com os olhos, enquanto várias enfermeiras ocupadas andavam para trás e para frente. Fechando os olhos, eu deixei minha cabeça rolar para o lado.

— Aqui está seu suco — disse a enfermeira, entregando-me um pequeno copo de papel. Ela começou a folhear um gráfico enquanto eu bebericava o suco de maçã.

— Lembre-se de que a hemorragia e coágulos de sangue são normais, como cólicas, mas se você estiver sangrando excessivamente...

Olhei para a enfermeira gentil, não realmente ouvindo, pensando em Ripper, me perguntando onde ele estava e o que estava fazendo. Querendo saber se ele sabia que eu estava grávida, se teria feito alguma diferença. Ele teria voltado para casa? Queria saber por que ele havia me deixado em primeiro lugar e por que não respondia às minhas chamadas.

Querendo saber se ele estava com outra mulher.

— Você tem alguma carona para casa? — Perguntou a enfermeira, entregando-me vários pequenos quadrados de papel. Olhei para as prescrições, me perguntando como eu iria seguí-las, sem ninguém descobrir.

Eu balancei minha cabeça. — Eu vou tomar o ônibus.

Quando o sangramento abrandadou e eu pude ficar de pé sem tremer, eu estava descarregada. Exausta e enjoada, empurrei pela porta da frente da clínica e parei. Em pé no estacionamento coberto de neve, inclinando-se contra a sua pickup e fumando um cigarro, meu irmão.

Vendo-me, Cage amaldiçoou, jogou o cigarro fora, e caminhou rapidamente em direção a mim. Eu tentei me encolher para longe dele, mas ele sempre foi mais rápido do que eu, maior e mais forte, e agarrou num puxão os meus ombros. — Quem? — Ele exigiu. — Eu quero saber quem fez isso, agora mesmo porra.

Segurando meu abdômen, eu fiquei boquiaberta. — O que você está fazendo aqui? — Exigi fracamente.

— Tegen me disse. — ele silvou. — Agora me responda caralho!

Tegen? Tegen!

— Como é que Tegen sabia? — Eu gritei, minha dor transformando-se de repente em mortificação e terror que o meu pai ou Eva conheciam tão bem. Será que todo o clube sabe? O mundo inteiro?

— Ellie — disse ele, ficando mais irritado a cada segundo. — Ela estava preocupada com você e me chamou esta manhã. Ana... Aquela puta do caralho deixou escapar e quando Ellie não pôde conversar com você, ela me chamou.

Apertei os olhos. — Isso ainda não explica como Tegen descobriu.

— Eu estava na porra do chuveiro e ela atendeu meu maldito telefone de merda.

— Ela vai dizer para alguém! — eu chorei.

— Não, ela não vai, tenho a certeza disso. Agora, me diga quem diabos fez essa merda com você para que eu possa encontrá-lo e caralho... Matá-lo.

— Pare com isso! — Eu assobiei. — Não é da sua conta.

— Como, não é caralho! — Ele gritou.

— Cage. — Eu suspirei. — Apenas me leva para casa, ok? Estou muito cansada.

Ele soltou uma série de palavrões. — Então você não vai me dizer, não é? Vai proteger algum - me desculpa - burro filho da puta que deixou você lidar com essa merda toda sozinha?

— Ele não sabe. — eu sussurrei.

Os entediados olhos castanhos de Cage miraram dentro de mim, me observando atentamente. Eu soube o momento exato em que ele juntou dois e dois. Todo o seu comportamento mudou e sua expressão tornou-se dura e violenta.

— Você na cama com um irmão, Danny? Porque se você é a mãe, o pai é...

— Cage!!! — eu gritei — Não se atreva a dizer-lhe qualquer coisa! O que eu faço não é da conta dele! Ou da sua!

— Foda-se! — ele gritou, girando para longe de mim, passando as mãos pelos cabelos. — Você! Você com a porra de um irmão!

— Por que Tegen estava em seu quarto enquanto você estava tomando banho? — Eu exigi, a única razão pela qual Tegen estaria no quarto do meu irmão ocorreu de repente para mim. — Será que Dorothy precisa saber que você está enroscado com sua filha menor de idade?

Suas narinas se dilataram descontroladamente, sua mandíbula trancou, Cage se parecia em cada polegada o nosso pai, a última pessoa de quem eu queria ser lembrada no momento.

—Eu vou descobrir. — ele fervia. — Quem quer que seja, eu vou descobrir.

Não, ele não o faria. Não havia mais nada para se descobrir. Ripper estaria muito longe.

—Você realmente vai continuar a gritar comigo na frente de uma clínica de aborto? — Perguntei. — Poderíamos pelo menos chegar ao carro?

Cage deixou cair a cabeça para trás enquanto suspirava com raiva. Quando ele olhou para mim, sua expressão se suavizou consideravelmente.

— Porra cara, minha irmãzinha podia ter me contado isso — disse ele em voz baixa. — Eu nunca poderia deixá-la passar por toda essa merda sozinha.

Pegando minhas mãos, ele enfiou os grandes dedos nos meus e apertou. — Isto é o que os irmãos mais velhos fazem porra! — Ele disse, me puxando em direção ao seu carro. — Eles acolhem suas irmãzinhas quando caem merda.

Eu não disse nada enquanto ele abria a porta do passageiro, e me ajudava enquanto eu subia no interior.

— Você precisa de alguma coisa? —Perguntou.

Eu puxei minhas receitas da minha bolsa e entreguei a ele. — Só isso — eu sussurrei.

Balançando a cabeça, ele empurrou os papéis no bolso e fechou a porta.

Eu o vi caminhar ao redor da frente do caminhão, grande e largo, forte e alto, pronto para enfrentar o mundo se fosse preciso.

Eu poderia dizer-lhe. Eu poderia confiar em alguém com o que tinha acontecido. Eu poderia finalmente desabafar a minha consciência culpada.

Eu simplesmente não podia confiar nele para não contar a nosso pai. Talvez ele mantivesse o silêncio sobre o meu relacionamento com Ripper, mas o que eu tinha feito para Nikki...

Ele diria.

Eu não tinha certeza de qual seria a reação do meu pai, mas ele, sem dúvida, culparia Ripper pela coisa toda quando não era culpa dele. Era minha. Eu tinha lutado com ela e afastado a arma para longe dela, eu puxei o gatilho, e eu a matei.

Enquanto Cage subia no caminhão, e se afundava no assento eu fechei os olhos. Eu não poderia dizer uma palavra. Eu carregaria este segredo para o túmulo, mesmo que isso significasse que teria de arcar com o peso da

responsabilidade sozinha. Mesmo que isso significasse a minha lenta, mas certa e absoluta ruína.

• • •

Apertando os dentes, Ripper levantou o pneu e ergueu-o para cima da borda do veículo quando seu celular começou a vibrar. Virando-se, ele puxou o celular do bolso do macacão e viu que era Deuce chamando.

Jesus Cristo.

Por que eles não paravam?

Por que não podiam deixá-lo em paz?

Seu telefone tocou, sinalizando uma mensagem de voz. Sibilando para fora uma respiração pesada, Ripper seguiu pela garagem e se dirigiu para fora.

— Jacobs! — Phil Marinetti, o dono do loja de auto peças gritou:

— Onde diabos você está indo?

— Pausa. — gritou e chutou a porta aberta.

Acendendo um cigarro, ele se inclinou contra a parede, pegou seu telefone, e ouviu a sua caixa de mensagens.

— Ripper, é Deuce. Tenho uma perola sobre Jimmy. Dizem que ele está fora, em Cali. Então, cara, o emprego está lá se você quiser. Me dê um telefonema.

E...

— Hey, Ripper, é o Cox, só queria saber onde diabos você está, cara.

E...

— Ei, idiota. Aqui é o Hawk. Apenas checando essa porra, tendo certeza que você ainda está respirando.

E antes que ele soubesse o que estava acontecendo, o telefone começou a tocar suas mensagens salvas. Todas de Danny.

—Por favor, por favor, me ligue de volta. Eu não posso respirar Ripper, eu não consigo pensar direito e eu não posso comer ou dormir, tá tudo fodido. Eu sinto tanto sua falta... Por que você foi embora?

Ele rapidamente pressionou o botão desligar e empurrou o telefone de volta no bolso. Terminou o cigarro, e caminhou de volta para dentro da lojá e de volta ao velho Chevy no qual ele estava trabalhando.

Ripper estava em casa, em Cali há vários meses, limpando a antiga casa de seus pais, à venda, e em seu trabalho de merda, na garagem de Marinetti. Ele guardou o carro, coçou a cabeça, colocou a moto na garagem, e depois de fechá-la, ele estava dirigindo em torno de sua picape velha.

Ele parou perto de uma loira que o lembrava pra caralho de Danny.

Ele estava tentando mover a porra do carro adiante.

Mas nenhum desses filhos da puta de volta a Montana iriam deixá-lo.

E Danny...

Jesus Cristo.

Ela o estava matando. As mensagens de voz foram piorando. Ela estava ficando pior.

Já por duas vezes, depois de ouvir suas mensagens, ouvir a dor crua em sua voz, ouvir as suas lágrimas, como um interrupitor violento de emoções que é aceso, ele quase voltou. Quase.

Mas ele não podia.

Eventualmente, ela iria superá-lo. Ela tinha que fazer isso. Aquele era o ponto de toda a merda dessa besteira.

Ele deixou-a, pois assim ela mudaria após o que tinha acontecido com Nikki, se recomporia e encontraria um cara legal, um que não tivesse um passado digno de um filme de terror, que poderia dar a ela tudo o que ela merecia. Um cara que ficaria bem ao lado dela, que merecesse uma porra de mulher tão bonita quanto ela era, por dentro e por fora.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

Foda-se esse cara, ele não queria que ninguém a tomasse, caralho.

Ele realmente tinha que obter um novo número de telefone.

Ficaria mais fácil, ele prometeu a si mesmo. Eventualmente, depois de ter passado tempo suficiente, ela o deixaria ir. Então, ele não estaria em um estado constante de ansiedade, pronto para transportar sua bunda de volta para Montana cada vez que ela ligasse. Ele esperaria.

Ah foda-se, ele a queria de volta.

Xingando, Ripper pegou uma catraca de ar e voltou ao trabalho.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Deuce olhou através do clube para onde Danny estava deitada em um dos sofás de couro, olhando fixamente para o teto. Seu cabelo estava uma bagunça, a maquiagem dos olhos borrada, ela ainda estava com as roupas de ontem, uma camiseta preta e calça jeans preta folgada. As mesmas roupas que usara no dia anterior e no dia antes desse.

Ele viu quando Dirty se aproximou do sofá e deu-lhe um tapinha no joelho. Ela levantou os pés para cima, permitindo que Dirty senta-se ao lado dela, colocou suas pernas sobre seu colo, e voltou a olhar para o teto. Não era como se ele fosse tocá-la, ou mesmo prestar atenção em tudo. Em vez disso, o cara apoiou os cotovelos em cima da parte de trás do sofá, seu olhar em uma posição vigilante pelo bar.

Deuce virou-se para Eva. — Ela ainda não está falando com você?

Eva olhou para Danny, depois de volta para ele e apertou os lábios, balançando a cabeça.

Ele suspirou. —E quanto ao semestre da primavera? Ela concordou em se inscrever?

— Não, querido, ela se recusou. Então, não tão educadamente me disse "Saia de perto de mim caralho".

— Jesus Cristo! — ele murmurou, passando as mãos pelos cabelos. — O que diabos há de errado com ela? Ela não está pendurada com seus amigos, e a única pessoa pra quem ela não está cagando é Cage. Ele não está dizendo merda nenhuma, e caramba, se esse filho da puta não sabe o que realmente está acontecendo.

— Ele está protegendo-a — disse Eva calmamente. — É o que os irmãos mais velhos fazem.

— Sim, bem, ele não está fazendo um trabalho muito bom. Ela está ficando bêbada e fumando com os meninos, caralho, eu posso sentir o cheiro dela. Nenhum deles adimite, mas eu sei que sim porra. Ela está sempre no clube, seja dormindo ou pendurada em volta de Dirty e Bucket.

— Eles nunca iriam machucá-la.

— Sim. — ele trincou fora. — Eu sei. Mas não é exatamente o tipo de melhores amigos que eu quero para minha garotinha porra. Não sei como ela pode mesmo estar perto de Dirty, cheirando o cheiro dele.

— Eu acho ambos cheiram mal. — ela sussurrou.

Deuce cortou os olhos para ela, franzindo a testa. — Baby. Não é engraçado.

— Eu não disse que era.

— Eu poderia tacá-lo no chuveiro — sugeriu. — Então seguro ele, enquanto você despeja um balde de detergente de louça sobre sua cabeça.

Eva sorriu ironicamente. — De alguma forma eu não acho que vá superar isso muito bem.

Sim, ele não pensava assim também, mas estava cansado de ficar sentado, sem fazer nada, vendo sua filha mais velha definhando, sem saber por que ou como corrigir isso.

Ele era um amaldiçoado filho da puta, tinha que ser. Assim quando a merda começou a ficar melhor com Eva, ele pensou que tinha tido a chance de colocar sua família de volta nos eixos, sua filha mais velha tinha plantado picuinhas com aquela cara de louca pela cidade.

Com seus olhos ainda em Danny, Deuce viu quando ela puxou um maço de cigarros do bolso do jeans. Merda, ela estava fumando agora?

— Danielle!!! — ele gritou incapaz de se conter. Esta merda foi demais. Ele queria saber o que diabos estava acontecendo e ele queria saber dessa porra agora.

O clube ficou em silêncio enquanto todos os olhos se voltaram para ele. Todos com exceção os de Danny.

— Deus! Caramba. — ele rosnou.

— Deuce... — Eva sussurrou, colocando a mão em seu braço. — Eu não acho que este é o melhor...

— Foda-se! — ele disparou de volta, afastando-se dela. — Eu não vou deixar essa merda ir mais longe.

Ele andou pela sala, parando ao lado do sofá onde Danny estava deitada, e olhou para Dirty. O cara atirou-se e correu pelo bar, mas os olhos de Danny ficaram apontando para o teto.

— Danny!!! — ele rosnou. — Meu escritório. Agora.

Sem resposta.

— Você me ouviu? — Ele gritou. — Leve o seu traseiro para o meu escritório!

Ela ainda não olhou para ele. Nem sequer pestanejou.

Mesmo enquanto a sua ira subia, suas entranhas estavam doendo. Ele queria sua filha de volta. Sua saltitante, facilmente agradada filha que nunca calava a boca, que estava sempre vestindo aquele rosa de merda ou algo ridiculamente brilhante.

—Tudo bem — ele mordeu fora. — Você quer fazer isso bem aqui, na frente de todos, tudo bem menina.

Danny virou a cabeça levemente em direção a ele e seu peito se apertou. Olheiras rodeavam seus olhos. Ela parecia magra e a expressão em seu rosto... Lembrou-o de Eva nos meses depois de ela ter matado Frankie. Dor. Tristeza. Perda.

— O que você quer? — Disse ela, seu tom liso, desprovido de emoção.

— Que porra eu quero? Eu quero que você tire a sua bunda do sofá e vá pra porra de um chuveiro, Danny, você cheira pior do que Dirty!

— Ei! — Dirty murmurou do bar. Deuce ignorou.

— Então eu quero que você tenha a sua bunda até a escola e assine a inscrição para o semestre da primavera!

Revirando os olhos, ela se virou. —Não — ela disse.

Ele já estava lutando para manter o controle, mas, caramba, estava tornando-se muito difícil.

—Não — ele mordeu fora. — Você gosta de viver comigo sem pagar aluguel? Você gosta de refeições grátis, roupas grátis, tudo grátis porra? Você não consegue manter seu traseiro funcionando, você está por sua conta!

— Que seja. — disse ela, e assim, quando ele estava prestes a perfurar um buraco na parede atrás do sofá, Cage de repente estava em seu rosto, empurrando-o para trás.

— Pai, deixa ela sozinha.

Ele empurrou seu filho no peito e olhou para a versão de vinte e dois anos de idade, de si mesmo. — Deixar ela sozinha? Ela é minha filha, não sua, e eu não vou embora só pra deixá-la em paz porra.

Danny caiu na risada, sem nenhum humor. — Por que não, papai? — Ela zombou. — Você é tão bom nisso.

Antes que ele pudesse explodir, Cage estava em seu rosto novamente. — Pai, eu estou pedindo pra você deixá-la sozinha. Ela não precisa dessa merda agora.

• • •

Encolhendo-se, Eva assistiu Deuce e Cage encarando um ao outro, tanto quanto suas expressões assassinas, perguntando quem iria desferir o primeiro golpe. Eles eram da mesma altura agora, grandes e amplos, Cage apenas ligeiramente mais magro do que Deuce, mas igualmente forte.

O clube ficou em silêncio, imóvel, esperando a explosão pai/filho e tudo o que sabiam que estava prestes a acontecer.

Os dois não decepcionaram. Eles rasgaram um para o outro, gritando insultos, ambos tentando botar o outro no chão. E por tudo isso, todo o clube foi obrigado a ouvir a história de vida de Danny enquanto os dois homens mais próximos a ela violentamente refaziam tudo o que Cage tinha decidido que Deuce e Christine tinham feito de errado ao longo dos anos. E foi muita coisa.

De uma mãe bêbada batendo nela, para competições de torcida e ginástica as quais ninguém tinha ido, e até mesmo um mapa de sal, em sua terceira série do projeto de estudos sociais que Deuce havia prometido fazer com ela, mas nunca teve tempo. Cage continuou atacando, sem poupar detalhes, até mesmo trazendo à tona o fato de que Danny havia falado com ele, o irmão dela, sobre quando ela teve sua primeira menstruação, porque ela não tinha mais ninguém.

Toda mulher dentro do clube se encolheu e Deuce, que tinha ouvido tudo aquilo rigidamente, perdeu a cabeça.

— Você está no meu maldito clube, seu merda! Você precisa filtrar suas besteiras antes.

— Eu estou pouco me fodendo sobre o seu clube! Você faz o que tem que fazer, pai, e se eu precisar, vou levar Danny pra longe de você e do seu clube de merda!

Aparecendo ao lado de Eva, Blue assobiou baixinho. — Tenho que entregá-lo para o menino. — disse ele em voz baixa. —Ele está falando com as bolas pra Deuce.

— Eu odeio vocês! — Danny gritou, de pé, empurrando entre os dois. — Eu odeio vocês dois e eu odeio NOSSA FAMÍLIA FODIDA!

—Você me odeia? — Cage exigiu, agarrando-lhe o braço e trazendo o nariz com nariz contra ela. — Você me odeia caralho? — Ele rosnou.

— Se você odeia a nossa família, Danny! — Deuce gritou: — Você pode dar o fora dela!

Olhando para o seu pai, os olhos de Cage se arregalaram de raiva. — Que tal você dar o fora do seu clube de merda!

Eva suspirou. Isto estava rapidamente saindo em uma espiral fora de controle.

— Seu merdinha! — Deuce gritou, atingindo ao redor de Danny para golpear Cage de surpresa. — Falar merda para mim é uma coisa, mas falar merda sobre o clube? Este é o seu clube de merda também!

— Foda-se!!! — Cuspiu Cage. — Eu tinha um caralho de um clube muito antes deste! Era chamado de "O papai nunca está em casa, a mamãe está bêbada e chorando em seu quarto, e Cage e Danny só tem um ao outro no clube"!

Ok, isso não estava mais em espiral, a família West agora havia perdido qualquer tipo de controle.

— Mick — Eva chamou, rapidamente atravessando a sala em direção ao caos. — Pegue um deles. — Ela apontou para Bucket. — Você, pega o outro! E alguém, por favor, pegue a Danny!

— Deixe sua irmã ir — disse Mick, agarrando o braço de Cage.

— Não é da sua conta! — Cage rosnou.

— Não! — disse Eva, parando ao lado de Deuce. — Não é da conta dele, mas é da minha, e Cage, você precisa deixá-la ir.

— Não até que ela retire essa besteira sobre me odiar!

— O que você é? — Eva gritou. — Tem cinco anos de idade? Isso não está ajudando!

— Foda-se, Eva! — Danny gritou. — Nós não somos da sua conta!

— Cale a boca! — Deuce berrou enquanto Cage empurrava para fora do aperto de Mick e batia com o punho no rosto do cara.

— Eu disse que isso não é da sua conta, Mick!

— Seu merda do caralho! — Deuce rugiu, se lançando para Cage.

— Alguém tire a Danny daqui! — Eva gritou, bobamente, enquanto pai e filho insultavam um ao outro.

ZZ chegou até Danny primeiro, tirou-a pra fora de seus pés, e jogou-a por cima do ombro.

— Leve-a para o quarto dela! — Eva exigiu. — E a mantenha lá!

Ela esperou até ZZ desaparecer na esquina, então se virou para Mick. — Você está bem?

Esfregando o queixo, Mick bufou. — Foxy, você sabe que não é a primeira vez que um desses idiotas me dá um soco. Não vai ser a última também. Funciona no sangue deles.

Suspirando, ela virou-se para a bola vestida de couro e membros voando e grunhidos de dor de pai e filho. — Alguém quer me ajudar aqui?

Não surpreendentemente, ninguém respondeu.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Pela segunda vez, eu bati as palmas das minhas mãos contra o peito de ZZ e tentei empurrá-lo para fora do meu caminho. — Deixe-me sair do meu quarto! — Eu exigi.

Ele deu às minhas mãos um olhar divertido antes de olhar para mim. — Desculpe, Danny, a dona da casa disse para mantê-la aqui e é isso que eu estou fazendo.

— Foda-se! — Eu gritei, girando em torno dele, varrendo o meu braço sobre minha cômoda, enviando tudo nela voando pelo quarto. — Eu preciso sair daqui!

E eu saí. Eu queria sair da minha família, sair do clube, de Montana, sair da depressão sem fim e dos pesadelos. Mas quanto mais eu sonhava em fugir, mais difícil parecia encontrar a energia para fazer qualquer coisa sobre isso.

— Onde você vai? — Perguntou ZZ calmamente. — Como você vai chegar lá?

— Cale a boca! — Eu assobiei quando peguei uma das minhas ridículas almofadas rosa e chicoteei-a por toda a sala. — Você realmente acha que eu preciso de você me dizendo o quão patética eu sou?

—Eu não acho que você é patética, Danny, acho que existe alguma coisa te machucando ferozmente.

O próximo travesseiro que eu joguei, este roxo e difuso, bateu-lhe no rosto quadrado. Ele o pegou do chão e examinou-o de perto. — Por que isso é felpudo? — questionou. — Qual a graça?

Amaldiçoando, eu me joguei de bruços na minha cama. — Vá embora!

— Não é possível. Ordens são ordens.

Virei a cabeça para que ele pudesse me ver olhando para ele. — Ordens são ordens. — Eu o imitei. — Você é uma boa ovelhinha.

Para minha irritação, ZZ começou a rir, balançando a cabeça enquanto enfiava a mão no bolso e tirava seus cigarros. Ele ainda estava rindo quando tomou sua primeira tragada e acabou engasgando com ela.

— Há! — eu cuspi, sorrindo maldosamente para ele.

—Você sabe... — disse ele, olhando-me com olhos escuros e cheios de sabedoria. Eu me senti como se pudesse arrancar sua cabeça com um garfo. — Você sempre pode falar comigo. Diga-me por que você está agindo como uma maníaca do caralho. Parece-me que você precisa de alguém para conversar.

— Sabe o que você poderia fazer? — Eu atirei de volta. — Você poderia dar o fora do meu quarto!

— Desculpe, querida — disse ele, balançando a cabeça. — nada vai me fazer sair até que seu velho ou Foxy venham me dar o passe-livre.

Eu olhei para ele, meus pensamentos em uma bagunça violenta, só capazes de se concentrar no que havia de errado com a minha vida e em como eu poderia torná-la pior. Eu estava no piloto automático, destinada à destruição, sem bilhete de regresso. Não importava o quão desesperadamente eu queria

pegar outro caminho além desse fodido, para voltar para o que era bom, quando eu era feliz, eu não sabia como.

— Nada — eu zombei, me empurrando para cima da minha cama. — Absolutamente nada, né?

Eu deliberadamente passei os olhos para cima e para baixo em seu corpo. E era um impressionante corpo. ZZ tinha uma sólida musculatura, que se mostrava debaixo de sua camiseta branca simples e suas calças de couro de forma adequada. Coragem estava tatuada me seu bíceps direito em letrás grandes, em negrito, e abaixo dele, em seu antebraço, lia-se Cavalheiro.

Seu cabelo castanho escuro estava puxado para trás em um rabo de cavalo, mostrando seus pequenos brincos de argola, e em volta do seu pescoço havia uma tira de couro preto, idêntica às que havia em cada um dos pulsos. Ao todo, ZZ era um grande pacote sexy de homem, que eu estava prestes a experimentar e explorar.

Mas, por mais sexy que ZZ pudesse ser, ele não era burro. Longe disso. Ele me viu fodendo-o com os olhos, e seus lábios se contraíram.

— Não vai funcionar. — disse ele.

— Por quê? Você não acha que eu sou bonita?

Ele bufou. — Eu teria que ser cego ou apenas mudo em linha reta, mas eu gosto de minhas mulheres um pouco menos... Maduras.

Dei de ombros ao insulto ao mesmo tempo em que ele me cortou. Eu queria tomar banho. Não, eu queria querer tomar banho. Eu queria desejar um monte de coisas. Eu só... não consegui descobrir como .

—Tudo bem — eu disse, encolhendo os ombros com indiferença, agarrando o fundo da minha camiseta e levantando-a sobre a minha cabeça. Joguei-a pelo chão em meu quarto e observei os olhos de ZZ caírem para os meus seios nus.

— Coloque sua camisa de volta. — disse ele, em tom cansado, mas o aperto sutil em sua mandíbula o entregou.

— Que tal eu fazer isso em vez disso? — Empurrei as minhas calças jeans e roupas íntimas e chutei para o lado. Nua, eu olhei para ZZ. — Ainda nada que eu possa fazer?

Ele tomou uma longa tragada extra no cigarro antes de responder. — Não. — ele disse com firmeza. — Coloque a porra da sua roupa antes que seu velho entre aqui e veja você agindo assim.

— Como se eu me importasse!

— Você se importa comigo? — Ele disparou de volta. — Se alguém vem aqui e vê essa merda, eles vão ter a ideia errada e eu vou levar a culpa por isso. Você quer que seu pai atire em mim? Muito obrigado. Se o seu pai me pegar, é melhor você estar na frente e no centro do meu funeral caralho, chorando de verdade mesmo.

Eu fechei os olhos, estremecendo através das palavras semelhantes de ZZ e da memória dolorosa que ele tinha despertado dentro de mim, e lutei contra o aumento dos meus sentimentos.

— Então é melhor se apressar. — eu assobiei. — E me foder antes que alguém entre aqui dentro!

Murmurando maldições, ZZ largou o cigarro no chão e esmagou-o com a ponta da bota. Em seguida, ele chegou até suas costas e puxou a arma de seu coldre. Depois de colocá-la para baixo na minha mesa, ele começou a vir para mim, já tirando suas roupas.

Minha raiva se transformou em pânico. Oh Deus, por que eu estava fazendo isso? Por que eu estava agindo como uma vadia maluca? O que havia de errado comigo? Por que eu não poderia pará-lo? Apenas desligá-lo? Eu não queria ter relações sexuais com ZZ mais do que eu queria estar batendo em minha família.

Mas tudo doía. Cada batida de coração era uma faca no meu peito, cada respiração era mais dolorosa do que a última. Doía diretamente nos meus ossos, congelando meu sangue e esticando os músculos, fazendo-me doer... Tanto... Tanto.

E eu não poderia fazê-lo parar.

— Você quer foder... — ZZ sussurrou, agarrando meus bíceps e me empurrando. Eu tropecei, tentando manter-me com ele quando ele começou a me forçar para trás. — E eu vou foder você, Danny. O seu corpo é um que vale à pena chutar.

Eu queria gritar, não, eu não queria que isso acontecesse, mas eu não podia, minha dor mantinha minha boca fechada, exigindo que eu continuasse a me machucar, a minha dor me dizia que eu merecia isso, eu merecia pior do que isso.

— Mas, primeiro — ele murmurou. — Você vai tomar um banho.

Eu gritei quando a água fria cravou contra a minha pele, não percebendo até aquele momento que ele me apoiou no box verticalmente para o chuveiro.

— Deixe-me sair daqui! — Eu gritei, me debatendo violentamente enquanto ele me segurava sob o jato de água, agora morna. Mas ele não o fez. ZZ manteve-se firme, meus socos, tapas, e chutes não o perturbando em nada. E eu ainda continuava, atingindo-o cada vez mais duro até que eu estava chorando, soluçando incontrolavelmente, implacavelmente batendo nele e o pior foi que...

Ele deixou.

Ele apenas ficou lá e aguentou.

E quando tudo acabou, quando eu torci a última lágrima do meu corpo exausto, quando eu não podia mais ficar em meus próprios pés, ele me envolveu em uma toalha, me pegou e me enfiou na cama.

— Você não iria fazer sexo comigo — eu sussurrei, piscando sonolenta para ele. — Você iria?

— Não — ele sussurrou de volta, tirando uma mecha de cabelo molhado dos meus olhos. — Eu não iria.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Sete meses mais tarde...

Ouvindo Cannibal Corpse, Ripper puxou o carro para fora da Porto Freeway em Wilshire Boulevard. Ele estava indo bem. Parou de beber bebidas destiladas, parou de fumar maconha, e o trabalho era sólido. Ele tinha feito um par de hits para Deuce na banda, o que lhe valeu um bom dinheiro, e ele estava transando com uma puta chamada Colleen ou Colette ou o que quer que fosse, que ele gostava bastante. Gostava de como ela tinha uma buceta, ele tinha um pau, e se ele continuasse com as luzes apagadas, ele não teria que ver um rosto que não era o que ele queria ver. Coloque dois e dois juntos e acrescente a isso, não sentir a necessidade de espaço para outra buceta no momento.

Sim, ele era um idiota. Mas tinha que fazer o que um cara tinha que fazer, certo?

É. Tanto faz. Ele estava tão cheio de merda, que não era nem mesmo uma merda mais, ele estava em linha reta até mijar fora da própia bunda.

Merda! Ele não estava indo bem. Estava só... Indo.

Mal.

Quanto mais tempo passava, mais Ripper se encontrava pensando em um monte de coisas. Sobre sua vida antes do clube, a sua vida com o clube, Frankie. Até mesmo Eva.

Todo esse tempo livre longe de tudo o que ele conhecia tinha colocado um monte de merda em perspectiva para ele. Gostava de como ele tinha sido capaz de ficar longe de Frankie.

— Eva explodiu o meu maldito telefone, cara.

Ripper ouviu Frankie saltar de pé, ouviu seus passos calçados com botas pesadas cruzarem o chão, ouviu uma porta ranger aberta, então se fechar.

Levou um momento para perceber que ele estava sozinho.

Eva tinha salvado sua vida e ele não tinha feito nada, além de culpá-la. Talvez inconscientemente, ele sempre soube que era Eva quem o tinha salvado, talvez a estivesse culpando por isso, por salvar sua vida.

De qualquer maneira, ele era um babaca de primeira classe.

Mas, principalmente, ele pensava sobre Danny e por que ela tinha parado de ligar para ele.

Incomodava-o em primeiro lugar. Ele pensou que algo poderia ter acontecido com ela, e ele não sabia como perguntar a qualquer pessoa sem fazê-los desconfiar do por que ele estar perguntando. Mas, então, Deuce tinha mencionado casualmente ela algumas vezes, então ele sabia que ela ainda estava respirando. E como tudo quando se tratava de Danny, ele deixou-a partir.

E se mudar porra.

Era melhor que ela se esquecesse dele e do que tinha acontecido.

Sim, era melhor. Ele só tinha que se manter dizendo isso a si mesmo.

Ligando a seta, ele fez uma direita na rua de seus pais e Cox, aquele filho da puta estúpido, estava de pé no meio de seu caminho, sorrindo para ele.

— Santo inferno. — disse ele, rindo.

Ele mal tinha desligado o caminhão quando Cox surpreendeu o inferno fora dele e puxou-o para um abraço forte.

— Foda-se! — Cox rosnou, apertando-o com força. — Foda-se por me fazer procurar por você.

Eles se separaram.

— Cara. Cabelo legal.

Rindo, Ripper passou a mão sobre a cabeça raspada e encolheu os ombros. —Não tem que lavar tanto.

Cox bufou. — Legal.

— Sim, e você? Tatoo legal pra caralho. — Disse ele, apontando para a nova tatuagem de Kami que Cox tinha no pescoço. — O que é agora, sua terceira dela?

Cox deu de ombros. — O que eu posso dizer? Ela gosta de olhar para si mesma.

Ele começou a rir. — Cara, eu preciso de uma bebida. Quer uma bebida?

— Depende... — disse Cox. — Eu não posso ir à clubes de stripper. Kami soube da última vez caralho. A cadela pode cheirar uma mentira a uma milha de distância e eu não vou ficar trancado para fora daquela vagina por duas semanas inteiras novamente, porra. Eu juro, Ripper, a mulher é psicótica. Psicótica e louca e...

Ripper levantou a mão.

— Obrigado por compartilhar porque, realmente, eu dou dois foda-ses sobre sua mulher maluca, mas eu só estava falando das cervejas que eu tenho guardadas na geladeira.

Cox riu. — Vamos fazer isso.

Uma vez que ambos tinham uma bebida e estavam sentados, Cox bateu com a mão em cima da mesa e sorriu para Ripper. — A razão pela qual eu estou aqui, cara, é que o Prez vai se casar na próxima semana.

— E daí?

— E daí? Esse é o Prez e eu sei que você foi falar com ele. Eu sei que ele não disse merda nenhuma sobre você estar em casa para o casório, mas nós dois sabemos que Prez e você sabem que ele quer você lá, caralho.

Com o pensamento de ver Danny novamente, o estômago de Ripper apertou em antecipação. Mesmo assim, ele balançou a cabeça. — Não, eu já expliquei essa merda toda para você!

O punho de Cox veio com força sobre a mesa. —Você não explicou nada! Você disse que estava fodido e saiu. Você não explicou tudo o que está fodido para mim, e eu estou te dizendo, é hora de ir para casa porra.

Ripper não pode deixar de sorrir. — Sentiu falta de mim, hein? Ou será que Kami sentiu minha falta?

Pela primeira vez desde que Cox e Kami estavam sérios, Cox, na verdade sorriu para uma de suas memórias com Kami.

— Cara — disse Cox: — As coisas tem se alinhado em casa. As coisas estão bem entre Prez e Foxy, e tudo o que diabos você pensa que está superando, você pode voltar para casa e superar por lá. Onde estamos. Sua família, porra. Tendo você de volta.

— Então... Todo mundo está bem?— ele perguntou lentamente, só realmente se preocupando com uma pessoa em particular.

Cox fez uma careta. — Prez e Foxy estão bem, mas eu tenho certeza de que Hawk enlouqueceu, anda agindo como um ermitão bravo e odiando Jase de um modo feroz, por algum motivo que ele está recusando compartilhar com o resto de nós.

Parecia que Hawk ainda estava difícil até para D.

— Então...— Cox continuou — houve a treta com Danny e sério, irmão, eu pensei que Deuce ia ter que trancá-la, ela estava péssima.

Ripper manteve seu olhar sobre a cerveja, mesmo quando todo o seu corpo estremeceu com atenção à menção do nome de Danny.

— O que houve de errado com Danny? — Ele perguntou em voz baixa, pegando a etiqueta da sua cerveja.

Cox balançou a cabeça. — Quem sabe? Ela só parou de falar... Começou a ficar bêbada e chapada e, veja só, passando o tempo com Dirty. Ela estava fazendo cenas, chorando e gritando para todos. Cara, eu nunca vi uma boa menina se tornar mal assim tão rápido, caralho.

Ripper engoliu em seco, sentindo-se mal do estômago.

— Ela está bem agora? — ele perguntou com voz rouca.

Cox levantou seu ombro. — Ela está melhor. Ela não é a mesma, mas está indo para a faculdade agora e ela e ZZ são tudo um para o outro.

Tudo parou. Guinando em uma parada repentina. Inclusive seu coração.

— O quê? — Interrompeu Ripper. — Danny e ZZ, o quê?

Cox bufou. — Sim, cara, Danny e ZZ. Apaixonados. Louco para caralho, né?

Cristo. Jesus Cristo. Caralho. Não. NÃO. Ah Deus, não. Ele deixou de sentir-se doente, com a certeza de que ele ia vomitar.

— Nem me pergunte como aqueles dois se juntaram porque eu não sei, mas Prez está lidando com ele. Ele não está feliz, mas está muito melhor do que quando Danny estava agindo como louca. Ele sabe que foi por causa do ZZ que ela parou de descarregar toda a sua porra de vida, sobre aquela bosta total.

Não. Não. Não. Apenas... Não.

— E ZZ vem tomando algumas batidas muito ruins, o que é uma coisa incrível se você me perguntar.

Ripper não estava ouvindo mais. Ele estava muito ocupado tentando se lembrar de como respirar. Ele queria que Danny seguisse em frente, esquecesse-o, para viver com um cara que seria bom para ela, para dar-lhe toda a merda que ele não podia... Ele queria...

Há quanto tempo ele foi embora? Cerca de um ano? Um ano filho da puta e ela já estava na cama com um de seus irmãos. Apaixonada? Eles estavam apaixonados porra?

Ela mentiu. A cadela tinha que ter mentido. Ela nunca o amou. Ele tinha sido um idiota para pensar que com dezoito anos de idade, com um pé ainda no berço, ela teria sido capaz de qualquer coisa que não fosse o desejo egoísta para preencher o buraco dentro dela que sua família fodida havia causado.

Então, sim. Ele tinha conseguido o que queria. Só que agora ele sabia a verdade.

Ele nunca tinha tido isso para começar.

— Ripper?

Ele teve de limpar a garganta várias vezes antes de responder. —Sim?

— Você vai voltar comigo, certo?

Eles olharam um para o outro.

— Por que diabos não iria? — ele engasgou, então pegou sua cerveja e bebeu o restante do conteúdo em um só gole.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Uma semana depois...

— Danny... — ZZ sussurrou em meu ouvido. — Acorda, bebê. Eu quero você pra caralho.

Bocejando, estiquei-me languidamente, permitindo que ZZ laçasse meu estômago. Espalhando minhas pernas, ele próprio se situou atrás de mim e começou a empurrar para dentro.

Eu gemia baixinho enquanto me estendia para ele, apreciando a queima de prazer quando ele sentou-se totalmente. Espalhando minhas pernas mais distantes, eu cavei meus dedos nos travesseiros e arqueei os quadris para cima, empurrando para trás contra ele. Uma de suas mãos desceu sobre a minha própria, bloqueando nossos dedos.

Foda-se — ele grunhiu, movendo-se lentamente para dentro e para fora de mim. — um anjo com asas é quente pra caralho, baby.

Eu sorri contra o travesseiro. Meu anjo com asas era minha mais nova tatuagem, ocupando quase toda as minhas costas. Levou oito sessões separadas,

mas as asas fortemente detalhadas e muito bem feitas, enroladas em torno de minha cintura, terminando no meu umbigo, valeram a pena. Eu simplesmente amei.

— Mais duro, Z — Eu gemia, contorcendo-me sobre ele.

Seus quadris se chocaram contra os meus, uma e outra vez, cada vez mais duro, mas...

Ele nunca era o suficiente. Sexo com ZZ sempre era bom, mas faltava alguma coisa. E não importa o que eu fizesse para preencher o buraco, nada funcionava. Na maioria das vezes, eu não terminava.

— Pare! — eu disse, ficando de joelhos, afastando-me dele. Eu deslizei para baixo na cama de costas e segurei meus braços para ele. Sorrindo, ele cobriu meu corpo com o dele e empurrou de volta para dentro de mim, gemendo muito.

— Vá devagar — eu sussurrei, passando os braços ao redor de seus ombros e as pernas em torno de sua parte traseira, segurando-o perto.

Eu mantive meus olhos bem fechados enquanto ZZ começava seus golpes lentos, imaginando um homem diferente em meus braços, movendo-se dentro de mim, me amando.

Mas não importava o quão duro eu tentava fingir, a realidade sempre acabava ganhando.

Ripper havia ido embora.

Puxando para fora de mim, ZZ rolou para o lado. — Foda-se, isso foi bom. Te amo, baby.

— Eu também te amo! — eu sussurrei, escovando meus lábios em seu ombro. —Vou pegar algo para beber, você quer?

Ele não me respondeu. Ele estava roncando, já dormindo ainda com o preservativo. Revirando os olhos, eu rastejei por cima dele e pulei para fora da cama, dirigi-me ao banheiro para me limpar.

Depois de encher um copo vazio com água da torneira, encostei-me a porta do banheiro e estudei-o.

Eu nunca tive qualquer intenção de estar com outro homem nunca mais, e depois do meu incidente embaraçoso com ZZ, eu certamente nunca esperei acabar com ele. Eu ainda nem sei como isso aconteceu. Ele meio que começou a integrar-se em minha vida. Assistir televisão comigo, fazer refeições comigo, achando desculpas para falar comigo sobre coisas aleatórias, sem sentido, coisas que eu sabia que ele não estava interessado, e para ser honesta, nem eu. Não mais. Na verdade, eu tinha pouco interesse em algo além de dormir, comer, e claro, respirar. Esse era um passo importante.

Então, um dia, no meio de um filme de terror particularmente horrível, ele me beijou. Foi um beijo horrível, lábios estranhos e um gosto que eu não reconheci, pertencente a uma boca que eu não amava. Depois de alguns segundos emocionalmente brutais, eu tive que me afastar. Mas ZZ não me deixou ir.

— Eu quero ser o seu homem — ele sussurrou.

Lutando contra as lágrimas, eu olhei para as minhas mãos.

O meu homem. Ele não poderia ser meu homem, ninguém poderia.

Eu já tinha o meu homem...

E o perdi.

Não haveria mais ninguém. Era um fato que eu podia sentir dentro de mim, que fazia o meu corpo doer em memória.

— Já falei com o seu pai, Danny.

Surpresa, eu olhei para ele e vi pela primeira vez os olhos pretos e o grande corte em seu rosto. Sempre tão consumida pelos meus pensamentos, eu de alguma forma, olhei para o fato de que ZZ tinha sido espancado.

— Oh meu Deus! — eu sussurrei. — Ele fez isso com você?

ZZ riu. — Eu estou bem, baby. Valeu a pena, de qualquer forma, se isso significa que eu vou conseguir o que quero.

Eu. Ele queria a mim. Ele tinha tomado uma surra apenas pela oportunidade de me convidar para sair.

Ripper nunca quis...

Ripper nunca quis dizer ao meu pai.

— Beije-me outra vez. — eu disse com a voz rouca enquanto minhas lágrimas floresciam. E ele fez.

E continuava horrível. E errado. Mas, em vez de parar, eu o beijei mais duro, eu o segurei mais apertado, e o encorajei a me tocar com força.

Eu continuei a torturar o meu coração já quebrado, eu fiz doer, mais e mais, até que eu achei que não poderia suportar a dor por mais de um segundo.

E então ele estava dentro de mim.

Como uma bala rachando fora do gatilho, em um instante, a dor foi embora.

Em seu lugar... Um entorpecimento silencioso.

Nós estivemos juntos desde então.

Será que eu o amo?

Eu o amava como eu amava... O meu irmão.

Não era culpa dele. Ele era um homem bom, gentil e generoso, e ele realmente se importava comigo. Mas não importa quanto tempo passasse, cada vez que eu subia na parte tráseira de sua Moto e colocava meus braços em torno de seu corpo...

Parecia errado.

Ele não era Ripper.

Afastando-me com um suspiro, eu peguei um par de calças de moletom de ZZ e me empurrei para elas, amarrando-a firmemente. Pesquisando através da cama, eu encontrei a minha camisola preta e coloquei-a sobre a minha cabeça. Agarrando os cigarros de ZZ, acendi um, empurrei o pacote em minha cintura, peguei as chaves do armário, e me dirigi para a porta.

Um barulho me cumprimentou no corredor, uma mistura de gritos alegres e vidro tinindo.

Conhecendo os meninos e sua capacidade exorbitante para o álcool, eu percebi que a festa de casamento tinha começado um dia antes.

Na metade do corredor de volta, eu parei, verificando à direita, depois à esquerda, certificando-me de que eu estava sozinha antes de desbloquear a porta de Ripper e deslizar silenciosamente dentro. Depois de trancar a porta atrás de mim, eu joguei minhas chaves e cigarros em sua cama desfeita, deixei as luzes acesas, e me dirigi para seu banheiro.

Mais três tragadas e meu cigarro estava apagado e jogado no sanitário. Despi-me rapidamente, liguei o chuveiro e entrei, suspirando feliz sob a água quente.

Ele deixou o seu shampoo e sabonete para trás, então aqui era o único lugar em que eu ainda podia encontrar um pedaço de Ripper. Nem mesmo sua cama cheirava mais a ele, e assim eu aproveitava este pequeno recuo ao passado, sempre que a oportunidade de escapar surgia.

Eu lavei meu cabelo primeiro, respirando o aroma acentuado, limpo de seu shampoo e condicionador 2 em 1. O pequeno pedaço de sabão que havia permanecido, eu deslizei por cima em meus braços e pernas, para cima e para baixo do meu corpo, lentamente, mais lento, até que eu podia sentir o despertar do aquecimento de excitação no fundo da minha barriga.

O sabão escorregou pelos meus dedos enquanto eu pressionava a palma da mão contra a parede e deslizei a outra entre as minhas coxas.

"Porra ... Porra, Danny, foda-se ... Eu vou foder você tão duro ... você vai gritar, baby ... "

"Eu quero sua buceta, baby, me dê essa bela buceta porra!"

Aqui, agora, eu poderia imaginar tudo o que eu queria. Eu não tinha a realidade de ZZ pra me bater no rosto. Aqui eu estava cercada por nada além de Ripper e minhas lembranças dele.

Aqui, eu não tinha nenhum problema pra gozar.

Retratando o seu grande corpo bonito, coberto de cicatrizes, e tatuagens, carregado com os músculos pesados, eu gritei enquanto meus dedos aumentavam o ritmo.

Eu estava tão perto, quase lá e eu precisava terminar, precisava mais do que precisava da minha próxima respiração.

Era tudo que eu tinha.

A cortina de chuveiro de repente se rasgou com um estalo audível. Assustada, eu me virei, quase perdendo o equilíbrio e fiquei cara-a-cara com...

Ripper.

Poof ... ele desapareceu.

Poof ... ele estava de volta.

Assim mesmo. Parado ali na minha frente, parecendo o mesmo de sempre. Bem, ele estava maior, o pescoço e os braços estavam mais grossos, sua roupa mais apertada. Sua cabeça foi raspada, e apenas uma camada de penugem loira permaneceu, mostrando duas longas cicatrizes no lado direito de seu crânio que eu nunca tinha conhecido.

Mas continuava Ripper.

Estava de pé ali, olhando para mim como se o ano passado não tivesse sido um trecho longo e amargo de agonia insuportável.

Eu tentei falar, dizer alguma coisa, me mover, mas tudo o que saiu foi uma grande exalação de ar estremecido e um pequeno guincho patético.

• • •

Todo mundo estava feliz em vê-lo. Mais do que feliz. Merda, estavam em êxtase. Depois de quase uma hora de abraços e tapinhas nas costas e tiros suficientes para dar-lhe mais do que um bom zumbido, Ripper tinha finalmente conseguido esgueirar-se para longe.

O primeiro sinal de algo errado era o cheiro fresco de cigarros que o saudou dentro de seu quarto. O segundo, o chaveiro da Hello Kitty e um pacote quase cheio de cigarros em sua cama. O terceiro, o chuveiro funcionando.

Ele sabia. Ele sabia que estava lá dentro. Havia apenas uma cadela associada a este clube que ostentava aquela besteira de Hello Kitty.

Que diabos ela estava fazendo em seu quarto, no seu banheiro, e em seu chuveiro?

Ela estava lá com Z? Foda-se, aquela insolente.

Ele caminhou em direção ao banheiro, o som de gemidos suaves o parou em seu caminho. Quase um ano se passou, mas ele reconheceu imediatamente o orgasmo de Danny se aproximando. Ciúme cru e o ódio doentio o inundaram.

Eles estavam transando no seu chuveiro?

Isto era uma piada? Será que Deus o odiava tanto assim?

Ou apenas Danny?

Cruzando o quarto minúsculo, ele imaginou suas mãos sufocando a vida fora dela...

Ele rasgou a cortina de chuveiro e todo o seu sangue drenou diretamente para os pés.

Ela parecia... Diferente.

Além da expressão de completo prazer que inicialmente o espancou na cara, antes que ela virasse, ela estava mais magra, menos musculosa, e parecia mais suave.

E cansada. Ela parecia completamente exausta.

E ainda assim, bonita pra caralho.

Ripper olhou para ela, seus olhos azuis arregalados de surpresa, ela arfava, seu corpo encharcado com a respiração pesada, suas pernas finas trêmulas.

Ele não tinha certeza de quem se moveu primeiro. Mas isso não importa, ambos estavam se movendo, colidindo com o outro e ele tomou o controle imediato, envolvendo sua mão ao redor de seu pescoço, empurrando-a contra a parede do chuveiro quando ele escancarava suas calças. Com os braços em volta do seu pescoço, ela ergueu-se do chão e trancou as pernas ao redor de sua cintura.

Totalmente vestido, todo molhado, cheio de raiva fervente, ciúmes e uma reprimida necessidade por ela, ele encontrou sua entrada e em um único golpe, prendeu a si mesmo dentro dela. Seu seguinte grito de dor enviou um pico perversamente emocionante de prazer diretamente através dele.

Eles estavam brigando mais do que estavam transando.

Ele podia ver e sentir... Porra, ele poderia provar a raiva irradiando dela. Sim, bem, foda-se ela, ele estava puto pra caralho também.

Ele estava frenético, desesperado, porra, impensado. Cada um deles gritando fisicamente por mais, pois o máximo só poderia começar a partir do outro.

Amplificando-se, ele se alimentou dela, sem se importar que sua cabeça estava batendo repetidamente contra a parede, sem se importar que suas unhas tinham ultrapassado a pele e estavam em seu caminho para perfurar seus músculos, sem se importar que em vez de beijá-lo, ela estava mordendo-o sem contenção e sangue enchia sua boca.

Agarrando um punhado de seu cabelo, ele puxou a cabeça para um lado e afundou os dentes em seu pescoço, um tremor assolou todo o seu corpo enquanto ela gritava contra o ombro dele, de novo e de novo e de novo.

Mas ela não tentou detê-lo. De fato, mais tarde, quando ele parou para pensar realmente sobre o que tinha acontecido, ele percebeu que, quanto mais ele a machucasse, mais ela iria machucá-lo, quanto mais dor melhor.

Isso não era amor. Era ódio. E amor.

Essa linha fina havia sido destruída.

Mutilada.

Ele queria tirar a porra dos dentes dela.

Não, ele queria levá-la para a cama e transar com ela do jeito que ele costumava fazer. Se sentir do jeito que ele costumava se sentir quando ele estava dentro dela. Não gostava disso, nunca assim. Esta merda não passava de uma saída para a raiva, a mágoa e um vazio esmagador.

Ele queria chorar.

Em vez disso, ele gozou.

— Foda-se! — ela gritou, empurrando-o. — Saia de mim Ripper! Puxe para fora!

Ele tropeçou para trás, inclinou-se, gemendo, enquanto ele continuava a gozar.

— Seu idiota! — ela sussurrou, chutando-o na panturrilha. — Você gozou em mim!

— Desculpe, vadia. — Ele trincou fora, olhando para ela enquanto endireitava o corpo. — Não pretendia mijar em todo o território de Z.

Ele deveria ter esperado que depois da maneira como eles tinham acabado de transar, que somente um comentário errado e ela iria para o exame de balística, mas ele ainda estava em choque por encontrá-la em seu chuveiro, por transar com ela e, em seguida, gozar apenas alguns segundos depois.

No momento em que se separou dele, suas unhas foram certeiras em seu rosto, seus pés escorregaram para baixo dele e desceram ambos duro. Xingando, ele tentou agarrá-la, mas ela estava se debatendo, toda molhada, e ele não podia

obter uma boa aderência sobre ela. Por fim, ele simplesmente desistiu, e ficou ali, no chão do banheiro, tentando proteger o rosto até que ela se cansou.

Pelo menos esse era o plano até que algo que ela disse entre suas crises de xingamento e uma histeria absurda chocou a merda fora dele.

Com força renovada nascida de uma raiva de parar o coração, ele agarrou-a, jogou-a descuidadamente sobre o chão da banheira, fixou os braços acima da cabeça, e montou-a e agarrou-lhe o queixo com força suficiente para machucar, forçando-a a olhar para ele.

— Que porra é essa que você disse?

— Que eu te odeio!

Ele apertou mais forte e ela gemeu.

— Responda-me! — ele rosnou.

— Eu estava grávida — ela sussurrou. — E eu tive um aborto. Feliz?

Ele estava feliz? Ele estava feliz porque ela matou seu filho, porra? Nunca uma vez durante as cinco bilhões de mensagens de correio de voz psicóticos que ela tinha deixado, ela mencionou estar grávida ou ter tido um aborto. Ele teria voltado para casa. Ele teria vindo pra casa porra.

Soltando-a, ele ficou de pé. — Saia! — ele rosnou. — Cai fora do meu quarto!

Tremendo de raiva, Danny virou e pulou para seus pés. — Você me deixou — ela veementemente acusou. — Você me deixou porra!

— Tudo o que você fez caralho, foi me ligar o tempo todo, e nem uma vez você mencionou que estava grávida! Nem uma única vez!

— Você me deixou!

— É tudo o que sabe dizer? — Ele gritou quando se abaixou para pegar sua roupa. Empurrando-a para ela, ele a empurrou para trás, para fora do banheiro e de seu quarto. — Saia! — Ele rugiu, então bateu e fechou a porta do banheiro.

Ele esperou até que ouviu a porta do quarto abrir e fechar, em seguida, caiu de joelhos. Grávida. Grávida. Ela estava gravida, porra. E ela matou o bebê. Ela tinha matado seu bebê.

O bebê dele.

Jesus, ele ia vomitar.

Cambaleando para seus pés, Ripper enviou o seu punho na porta do banheiro, em seguida, a bota, então o punho de novo e sua bota de novo, e de novo e de novo até que ele estava cansado de bater na porta e virou-se apenas para ser saudado com seu fodido reflexo no espelho.

— Foda-se — ele rugiu quando o punho disparou. O espelho ficou quebrado com o impacto.

Quebrado.

Assim como sua vida de merda.

Ele ia ficar para o casamento, mas depois iria colocar quilômetros de estrada entre ele e Danielle West. E, desta vez, quando ele saísse, iria jogar seu telefone celular em um lago e ter certeza de que ninguém, nem mesmo Deuce, fosse capaz de encontrá-lo nunca mais.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Deuce não ia mentir. Com seu cabelo puxado para trás com força, vestido com suas calças, uma camiseta branca e limpa, e seu corte de Cavalheiro, ali de pé no meio de um gazebo decorado com flores filhas da puta, ele se sentiu malditamente desconfortável. Não ajudava que Mick, Cox e Ripper estivessem rindo dele, e de pé em frente a eles estavam Kami, Danny, e Dorothy, todas em vestidos pretos que combinavam também rindo dele.

Sim, muito engraçado, porra. Aposto que eles não pensariam que era engraçado se ele puxasse a Glock e os deixasse de joelhos. Com exceção de Danny. Ele não iria atirar em seu bebê. Só olhar para ela com seu olhar intenso até que ela fugisse. Não que ela não fosse, porque ela nunca teve medo dele. Sua menininha mal-humorada, durante o ano passado, tinha desenvolvido a personalidade de resistente-como-prego de sua mãe. Engraçado que Danny ser do jeito que ela era não o incomodava tanto quanto Christine.

Respirou fundo, mudando desconfortavelmente, ele olhou para o ministro, uma mulher mais velha com longos cabelos brancos, vestida de vestes brancas e roxas, sorrindo serenamente para ele.

Ele se conteve antes que rosnasse para ela.

Por que diabos ele estava se casando?

Mais uma vez?

Porque ele com certeza fodeu tudo da última vez. Ele não sabia coisa alguma sobre como ser um bom marido. Tudo o que sabia, tudo o que ele já tinha conhecido, era como ser um provedor. Para certificar-se que as pessoas que amava estavam a salvo, bem alimentadas, e quentes, e no caso de Danny e agora Eva e Ivy, cuidando de suas merdas também. Embora, ele descobriu a pilha de sapatos gigante em seu hall de entrada, foi bom trocar pela mulher que ele tinha em sua cama.

Mas um marido...

Ele não sabia o que fazia um marido. O que diabos maridos fazem, afinal? Ele com certeza não tinha feito direito com Christine. Ela queria muito mais dele do que ele tinha estado disposto a dar. Em seguida, ele sabia como dar. Ela queria o dobro, a sua vontade, ser dona dele.

Ah, Jesus... ele não poderia fingir ser alguém que não era. Ele não poderia colocar um anel no dedo de Eva. Ele não podia fodê-la como se ela fosse Christine. Como ele fez com tudo.

— Prez — Mick sussurrou, inclinando-se.

Sua cabeça virou para a esquerda. — O quê? — Ele rosnou.

Os lábios de Mick contraíram. — Nada, Prez, só pensei que talvez você quisesse assistir sua vadia caminhando até o altar. — O queixo de Mick puxou para a esquerda e o olhar de Deuce seguiu.

De repente, ele não deu dois foda-ses sobre como ele ia se sair como um marido ou quantos erros ele iria cometer, se iam ser muitos, porque, bem... Era nisso que ele era o melhor.

Não, ele não se importava com mais nada no mundo, exceto por sua mulher, a criança mais doce que já conheceu, a mais inteligente também, uma criança que tinha se transformado na mulher mais sexy que ele já tinha visto.

Uma mulher que ele amava não só de todo o seu coração, mas com seu corpo e alma. Uma mulher que, uma e outra vez, o deixava em seus malditos joelhos, tinha que rezar para um deus que não acreditava, apenas para que ele pudesse mantê-la ao seu lado.

Uma mulher cujo sorriso filho da puta fez o mundo e sua vida parecerem um pouco habitável. Mesmo às vezes valia a pena.

No braço do Pregador estava sua Eva. Seu longo cabelo macio pendurado em ondas marrom escuro, a maquiagem estava mínima, e seu vestido era um vestido sem alças, simples, de algodão branco, que terminava em seus joelhos. Seu olhar viajou por suas pernas macias e sedosas a seus pés e seu peito apertou. Chucks Preto. E não apenas qualquer Chuck preto, mas seu par mais antigo. Maltrapilho, arranhado na frente, chegando a rebentar pelas costuras, os mesmos que ela estava usando a primeira vez que ele a beijou. De volta para quando ela era muito jovem para ele e ele perdeu o controle completo de si mesmo e seu melhor julgamento.

Eva deu uma parada no último degrau do gazebo e olhou para ele, seus grandes olhos cinzentos brilhando, os lábios melados contraindo algo feroz, tentando não sorrir enquanto o Pregador olhava para cima, para ele. Deuce olhou de volta. Se o pai dela queria uma briga, ele iria obter uma.

— Hey, Prez. — Cox riu. — Você vai querer ir buscá-la, certo?

Oh. Certo.

Ele caminhou para frente, tomando todas as três etapas de uma vez, e agarrou Eva para longe do Pregador e começou a arrancá-la de volta até as escadas. Quanto mais rápido eles pudessem obter essa merda, mais rápido ele poderia tê-la sozinha. E trabalhar na criança número dois.

O Pregador puxou-a para trás e os dois passaram um bom minuto olhando para o outro.

— Você vai ser sempre minha menina. — O Pregador sussurrou, dando a Eva um beijo na bochecha, atirando punhais com os olhos para ele.

Sim, porra, certo, ele pensou, arrastando Eva pelos degraus. Eva era dele. Toda dele. Não seria nenhum homem, nem mesmo seu pai, que deveria estar pensando o contrário.

— Eu tenho um sutiã... — Eva sussurrou, incapaz de lutar contra seu sorriso por mais tempo. — É a minha coisa nova.

Ele não se conteve e começou a rir. Ela era tão malditamente... Perfeita.

— Algo velho — continuou ela, apontando para seus pés.

— Algo emprestado. — Ela pegou a etiqueta de sua corrente dos Cavaleiros de ouro em volta do pescoço. A única que tinha Deuce inscrito atrás.

— Emprestado para sempre, porra. — disse ele com a voz rouca. Não havia nenhuma maneira de ela devolver. Seu sorriso cresceu.

— Meu vestido é branco — ela continuou. — E eu estou usando suas boxers azuis.

A festa de casamento inteira caiu na gargalhada.

— Oh, Evie. — Kami suspirou. — Eu lhe disse para não fazer isso!

— Porra — ele murmurou, agarrando-lhe o braço e girando-a para a ministro. — Vamos acabar com esta porra de circo.

Ainda sorrindo, embora em relação a Eva, estranhamente, a ministro trouxe-os para mais perto. — Prontos? — perguntou o ministro.

— Foda-se, sim. — disse ele com a voz rouca. — Esta vadia é minha.

Desta vez, todos em todo o quintal irromperam em gargalhadas. Exceto por Eva. Ela estava olhando para ele, com um sorriso largo, os olhos moles. Malditos olhos, afogando-o em nada, além de Eva.

— Eu, Eva Fox, aceito você, Cole West, como meu amado marido — Eva suavemente repetiu. — Para ter e manter você, para honrá-lo, para respeitar você, para estar ao seu lado na tristeza e na alegria, nos momentos bons e nos maus, e para amar e cuidar de você sempre. Eu prometo isso, baby, do fundo do meu coração, por todos os dias da minha vida.

Deuce olhou para ela, queimando com uma enorme quantidade de emoções que ele era impotente para desligar. Queimava porque sabia que ele nunca se cansaria dela. Queimava porque ele queria pegá-la, levá-la para dentro do clube, despi-la, e tê-la de novo só para ter certeza que ela nunca iria deixá-lo. Queimava, porque depois de toda a merda pela qual eles tinham passado através da dor, da perda, da angústia, da brutalidade do mal que os fez questionar tudo o que tinham pensado ser verdade e tinha quase os impulsionado para o bem, ele sabia que faria qualquer coisa por ela. Roubaria qualquer coisa, mataria qualquer um, seria qualquer um.

Até mesmo a porra de um marido.

— Baby— Eva sussurrou, sorrindo. — É a sua vez.

Ele olhou para o ministro esperando, depois de volta para Eva. — O que ela disse. — ele resmungou. Então ele se virou para seus convidados.

— Isso é tudo. — ele gritou. — Esse aqui sou eu e essa é a Eva caralho, e este é o nosso caminho porra, e quem não gosta, quem tem algo fodido a dizer, pode obter a merda fora do nosso caminho!

A multidão: seus garotos, seus familiares e amigos, e até mesmo o Pregador irromperam em aplausos e risadas felizes.

— Você pode beijar sua esposa. — disse a ministro, sacudindo a cabeça.

Ele não perdeu tempo. Ele pegou sua mulher, sua esposa, sua Eva e levantou-a do chão e esmagou-a entre seus braços. Suas pernas enrolaram em sua cintura, os braços ao redor de seu pescoço, e suas bocas juntas.

— Olha a hora porra! — Blue gritou de seu lugar no bar pouco antes de Born to be Wild explodir pelos alto-falantes externos e abafou os aplausos.

Eva se afastou rindo, lágrimas de felicidade rolando por suas bochechas. Ele fechou a mão em um punho e correu os dedos pelo lado de seu rosto.

— Aqui está. — ele sussurrou.

— O quê? — Ela sussurrou de volta.

— Você, Eva. Apenas você porra.

Os dois se viraram para ver quando Kami se jogou do outro lado do corredor nos braços de Cox. Ao lado deles, Dorothy escondeu o rosto entre as mãos, o véu de cabelo vermelho protegendo-a da vista, e começou a chorar.

Mick revirou os olhos. — Idiotas — ele murmurou. — Eu estou cercado por idiotas.

E Danny... Ele fez uma pausa para estudar a sua filha mais velha.

— Mamãe! — Ivy gritou, irrompendo da multidão, lançando-se para Eva. Eva se afastou dele para abaixar e pegar a sua filha quando ela vacilou para subir as escadas e os braços de sua mãe.

Deuce olhou para Danny, preocupado com a expressão estranha em seu rosto. Ele seguiu sua linha de visão até...

Ripper?

Eles pareciam estar tendo algum tipo de concurso de encarar, o resto do mundo esquecido, nenhum vencedor à vista.

Que porra é essa?

— Hey, Danny! — Disse ZZ, aparecendo ao lado de sua filha, assustando-a. Ela se virou para ZZ.

— Você quer dançar?

Danny atirou um último olhar para Ripper, voltou-se para ZZ, e assentiu. Deuce assistiu-os andar já pensando em quantas maneiras diferentes ele ia bater em ZZ até a morte, então levantou os braços para seu ex-sargento.

— O que foi isso? — Ele rosnou.

Ripper olhou-o corajosamente. — O que foi isso o quê?

Suas narinas se dilataram. — Você. Danny. O que. Foi. Isso.

— Baby! — disse Eva, firmando-se entre eles. — Eu quero dançar.

Claro que ela queria. Ela sempre esteve tentando convencê-lo a fazer coisas estúpidas como dançar. E por alguma razão ele estava sempre fazendo isso, mesmo que ele odiasse aquela merda.

— Mais tarde. — ele prometeu a Ripper, e permitiu que sua nova esposa arrastasse-o para fora.

— Quando é que podemos dar o fora daqui? — Ele perguntou.

Rindo, ela colocou os braços em volta do seu pescoço e colocou seu belo corpo contra o dele. — Eu te amo, Deuce. — Ela riu. — Muito, muito, muito.

— Baby... — disse ele em voz baixa, segurando-a com firmeza. — Sim, porra.

— Só mais uma coisa... — disse ela.

— Sim?

— Você é meu.

Ele sorriu. Ele com certeza era.

• • •

Com Deuce o mais longe de Ripper possível, Eva agradeceu à Deus que ela interrompeu os dois antes que Ripper dissesse algo com raiva, sangue seria derramado. O cara parecia amarrado, dor e fúria profundamente gravados em suas feições, e ele não tinha parado de olhar para Danny desde o café da manhã. Gritante, realmente. Ele não estava mesmo tentando escondê-lo. Foi uma maravilha ninguém ter notado ainda. Embora...

Ela olhou ao redor do gramado lotado, seus olhos pousaram em Cox, que também parecia estar mais preocupado com Ripper e sua violência, do que Kami em tê-lo para dançar com ela.

Danny não estava agindo menos óbviamente também. E Deuce não era estúpido. Nem ZZ. Se Danny e Ripper não tivessem cuidado, alguém ia colocar dois e dois juntos: um, aqueles odiosos e carentes olhares que os dois estavam dando um ao outro, e dois, o ato repentino e inexplicável de Ripper

desaparecendo, e BOOM, a confusão que se seguiria na esteira da descoberta que ia ser pior do que se uma bomba atômica tivesse explodido. Deuce saberia de imediato por que Danny tinha desmoronado, e sua raiva não seria apenas decorrente do caso secreto, mas culparia Ripper pelo estado emocional que Danny teve que superar.

Além disso, o fato de que Deuce tinha sido forçado a aceitar ZZ como uma parte da vida de sua filha. Isso por causa de Ripper, Danny não estava apenas pendurada em torno do clube, ela era a garota do ZZ agora. Era algo que Deuce nunca tinha procurado e só tinha lidado com isto porque sabia que ZZ era a única razão pela qual ele tinha visto alguma parte de sua filha de volta.

Houve tantas vezes em que Eva queria dizer a Deuce o que ela sabia, ou dizer a Danny que ela sabia por que estava sofrendo, mas o momento nunca pareceu certo. As brigas da família tinham sido intermináveis, nem Cage, nem Danny, nem Deuce poderiam estar na mesma sala e não começar a discutir...

Ela não tinha ideia do que Danny teria feito. Ela não queria pressioná-la mais, e não tendo nenhuma experiência prévia com inconsoláveis adolescentes, ela estava em perda.

Então, ela não disse nada e a matou fazer isso, manteve a distância, a menos que fosse necessário a sua interferência. Eventualmente, as coisas começaram a se estabelecer. Danny nunca mais seria a mesma garota corajosa, coberta da cabeça aos pés de rosa e brilho de dezesseis anos de idade que conhecera alguns anos antes, mas a menina havia se recuperado o suficiente para começar a se mover para frente de novo e, por sua vez, tinha Cage e Deuce.

Pelo amor de Danny, era uma coisa muito, muito boa Ripper ir embora amanhã. Embora Deuce o tenha convencido a voltar para o clube, não que ele já tivesse estado verdadeiramente fora dele, Ripper não estava retornando ao seu antigo status de sargento-de-armas. Ele seria nômade. Dorothy já havia substituído o roqueiro territorial na parte de trás de sua calça com um remendo nômade, ou seja, Ripper não estaria jurando nenhuma lealdade a qualquer ao clube de cavaleiros em qualquer lugar do país, mas ainda assim seria aceito como membro pleno.

Levou um monte de discutissão entre os dois homens e um aumento significativo no patrimônio líquido, mas Ripper tinha finalmente acordado, mais do que provavelmente só por lealdade a Deuce e ao clube. E, apesar de Deuce querer o retorno de 100 % de Ripper, isso não foi uma perda completa.

Deuce tinha empregos em todo o país que precisavam de adiministração, e se houvesse qualquer coisa que Ripper era bom, era em cuidar das coisas.

Apenas não suas próprias coisas.

Como Danny.

Sentindo as mãos de Deuce descendo pelas costas, parando em seu traseiro para apertar firmemente, Eva sorriu.

— Você está pronto para Belize? — Ela sussurrou, segurando-o com mais força.

Ele resmungou. — Babe, eu estou pronto para levá-la para dentro e fodê-la até que você estej a barriguda com outra criança.

— Tudo bem. — disse ela, sorrindo. — Mas, depois disso, não está animado?

Ele parou de dançar e se afastou dela. — Você está falando sério caralho? Quer ir para Belize?

Lutando contra sua risada, ela balançou a cabeça. — Kami reservou nossos bilhetes meses atrás. Nós voamos esta noite.

Com os olhos apertados, Deuce franziu o cenho. — Não.

— Sim.

— Não.

— Sim.

— O que diabos eu vou fazer em Belize? — Ele gritou.

Ela encolheu os ombros. — Sem filhos, eu em um dos milhares de biquínis minúsculos que Kami me fez comprar, muita bebida, muito sexo...

— Babe...— ele interrompeu. — Você poderia calar a boca depois de sem filhos.

Ela soltou uma gargalhada. — Deuce. — ela suspirou, segurando seu estômago. — Mas você disse que queria mais.

— Eva...— ele resmungou baixinho. — Eu quero caralho. Só de pensar em você engravidando, engordando com o meu filho... me faz duro pra caralho. Não quer dizer que eu não precise de uma pausa de Ivy choramingando e Danny atordoada e Cage apenas sendo uma porra de idiota.

Mordendo o lábio, ela olhou para ele. Como ela poderia já ter pensado em deixá-lo? Isso, ele, eles, finalmente em paz, tinha valido a pena esperar, valeu a pena, a tragédia, o sofrimento aparentemente interminável. Ele valia tudo.

Cada coisa.

— Baby — ele sussurrou. — Não é possível olhar para mim desse jeito e esperar que eu mantenha meu pau dentro da calça.

— Baby, não mantenha-o sempre nas calças — ela sussurrou de volta. — Isso não é comigo.

Eva viu suas pupilas dilatarem, suas narinas, e não pôde conter a resposta natural do seu corpo. Sua capacidade de afetá-la instantaneamente e de forma tão completa sempre foi verdade. Desde o primeiro encontro, muito antes de a atração sexual entre eles criar raízes e nunca se deixar ir, ela sempre foi atraída por ele, cativada por ele.

Ela sempre foi dele.

Ela sempre seria dele.

Capítulo Vinte e Oito

— Cara — Hawk sussurrou, cutucando Ripper no braço com seu garfo. — Você precisa parar.

Ripper desviou o olhar de Danny e ZZ para encarar Hawk.

— Foda-se, seu hipócrita de merda — disse ele — Vá se foder.

Ele não podia esperar para dar o fora daqui. A única razão pela qual ele ainda estava aqui era porque Dorothy lhe pedira para ficar para o café da manhã. Que deveria ter sido rápido e indolor. Só que ele não contava ter que sentar-se no lado oposto da mesa, em frente a ZZ e Danny, forçado a assistir o irmão maltratá-la.

Ela era uma maldita prostituta filha da puta. Deixando ZZ tocá-la depois que ele a fodeu.

Hawk deu de ombros. — Os rapazes sabem, irmão. Eles andam falando a noite toda sobre a maneira como vocês dois ficaram olhando um para o outro, achando que é por causa da Danny que você partiu. A única razão de Z não ter percebido isso é porque ele é está sempre em seu pescoço.

Ele não dava a mínima para quem sabia. Ele estaria fora daqui em breve e se Deuce acontecesse de descobrir e depois o achasse abaixo do nível, que se foda, ele estaria mais do que feliz em deixar o cara acabar com o seu sofrimento.

— Tenho que te dizer, Ripper, ninguém está feliz a respeito de você desrespeitar Prez assim.

— Ah, sim — ele atirou de volta — Você é quem fala, idiota.

Hawn balançou a cabeça. — Não é a mesma coisa, irmão, e você sabe disso.

— Foda-se você — ele rosnou. — Ela matou a minha criança porra e você está derramando sobre desrespeito.

As sobrancelhas de Hawn se uniram em uma linha muito fina. — Oh merda — ele inalou.

— Sim — Ripper cuspiu. — Assim você pode ver...

Hawn o esfaqueou com seu garfo. Mais uma vez. — Que porra não era para você, seu idiota. Foi por Danny. Merda, fez sentido agora. Ela estava agindo feito louca por aquilo que tinha feito. Ninguém sabia o que diabos estava errado.

Os lábios de Ripper ficaram pálidos. — Se ela tivesse me dito, eu teria voltado para casa.

O rosto de Hawk ficou franzido com a dúvida. — Você tem certeza disso, cara? Quero dizer, se isso é verdade, por que você saiu em primeiro lugar?

Sim, ele estava certo, era isso o que Hawk achava...

Foda-se.

O irmão tinha razão. Ele a tinha deixado para que ela tivesse uma vida melhor, uma sem segredos e memórias ruins e... Ele.

Ele poderia voltar? Para o seu filho? Para ela?

É. Sim, porra, ele poderia.

Acontecia, visto que, Hawk só conhecia metade da história. Ele não tinha a menor idéia de que Danny tinha matado Nikki. Ninguém sabia, exceto ele e Danny.

Oh, foda-se.

Cox sabia que Nikki estava morta. E se o que Hawk disse foi verdade, que os meninos tinham descoberto sua merda, então...

Ele olhou para onde Cox estava sentado, Kami no colo, tentando comer ao seu redor.

Ele olhou para seu amigo até que Cox olhou para cima e pegou seu olhar.

E sim, Cox sabia. O filho da puta tinha descoberto isso. Ao que parece, ele não estava feliz com ele também.

Sentindo-se doente, Ripper levantou-se rapidamente, fazendo com que a cadeira raspasse ruidosamente contra o chão. Todos na mesa de irmãos, suas esposas, seus filhos... Todos olharam para ele e a sala ficou em um silêncio desconfortável.

Ele sentiu os olhos de seus irmãos sobre ele, sentiu a tensão que emanava de todos ao redor da mesa, e sabia que Hawk tinha razão. Com exceção de algumas pessoas, os que ainda não sabiam, no entanto, ninguém estava feliz com ele.

Talvez ele devesse ter se importado com isso. Importava que seus irmãos, sua única família, homens com quem trabalhou lado a lado por anos, eliminados por um fio, e por um triz morreria protegendo, acreditasse que ele era um pedaço de lixo. Mas não.

Ele só tinha olhos para uma pessoa.

E ela estava se recusando a olhar para ele.

Ele nunca deveria ter saído.

Mas fez. Ele não poderia trazê-la de volta e não poderia consertar as coisas. Não havia nada que pudesse fazer, exceto adicioná-la à sua longa lista de erros.

Ele limpou a garganta. — Estou fora — disse.

Dorothy sorriu para ele. — Vejo você em breve?

Todo mundo olhou para outro lugar.

— Claro — murmurou.

E foi embora.

• • •

Ripper estava saindo.

Mais uma vez.

E eu senti como se estivesse morrendo.

Mais uma vez.

Meu estômago começou a agitar e meu corpo ficou úmido.

Isso não poderia acontecer.

Isso não poderia acontecer novamente.

Ele não podia sair.

Ele não podia me deixar, mais uma vez.

— Eu tenho que ir ao banheiro — eu sussurrei para ZZ que rapidamente se levantou, dolorosamente ciente dos olhos de Hawk, em mim.

Assim que eu tinha atravessado a cozinha, eu comecei a correr, a correr pelo corredor, através da sala da frente, e me atirei com força pela porta da frente, tropeçando para fora na luz solar.

Ripper já estava em sua moto, parou no portão, socando o código.

Como se pudesse me sentir lá, ele fez uma pausa e virou-se.

E o meu coração se partiu pela milionésima vez desde a noite do baile.

Estava tudo lá, tudo o que ele estava sentindo, tudo o que eu precisava saber, escrito em todo o seu rosto.

Ele me amava.

E ele me odiava.

Eu fiquei lá por um longo tempo, muito tempo depois da poeira de sua Harley levantar no seu caminho e depois assentar.

Eu perdi alguma coisa naquele dia, um pedaço de mim que ainda estava lá, de pé no estacionamento, olhando depois o homem que eu amava.

Em três palavras eu posso resumir tudo que eu aprendi sobre a vida: ela continua.

Robert Frost

Capítulo Vinte e Nove

A vida continua.

Se não há mais nada neste mundo que você pode contar, você pode contar com isso.

A vida vai continuar.

Com ou sem você.

Antes de você, depois de você, completamente em volta de você, a vida sempre faz exatamente isso.

Ir adiante.

Após Ripper sair, a vida continuou. O mundo não deixou de girar, o sol não esqueceu de seu dever todas as noites a oeste e subir novamente todas as manhãs no leste. As estações do ano ainda iam e vinham. Tudo, todos, continuavam.

Até mesmo eu.

Quando meu pai e Eva voltaram para casa de sua lua de mel, ele estava de volta aos negócios, como de costume, só que meu pai estava em casa muito mais. Assunto resolvido.

E a vida apenas continuou.

Danny D. Tinha casado.

Cage tinha uma namorada, uma garçonete da cidade, durante uma semana inteira.

Kami engravidou e, nove meses depois deu à luz a seu segundo filho e de Cox, Diesel. Tegen se formou no colegial. Nem mesmo 24 horas após a sua formatura, ela estava em um avião em direção a San Francisco, onde ela conseguiu uma bolsa integral para San Francisco State University e um estágio em um pequeno jornal. Ela não voltou para o Natal, ou férias de primavera ou no verão seguinte.

Bucket foi preso, levado para a prisão fora do estado, sob a acusação de assalto.

Então, Dorothy ficou grávida.

Jase não deixou sua esposa. Além de Dorothy, ninguém ficou surpreso.

Hawk saiu. Virou nômade como Ripper, e nunca mais voltou.

Anger, uma de duas perspectivas, 18 anos de idade, e metade nativo americano, estava indireitado. Pelo que eu sabia dele, como Dirty, ele também tinha sido apropriadamente apelidado. Principalmente, eu tentei evitá-lo e seus acessos de raiva.

E assim, Ripper aparecia periodicamente. Ele aparecia do nada, ficava por um dia ou dois, e então, depois de forma aleatória, ele desapareceria novamente.

Nós nunca nos falamos. Nós mal nos olhamos. Mas houve momentos em que não procurar foi tão insuportável, como prender a respiração por muito tempo e por isso eu desistia e olhava. E todas as vezes que olhei, ele estava olhando para mim.

A dor que se seguia aqueles breves olhares era indescritível. E sempre levava semanas para curar.

E ainda... a vida continuou.

Eventualmente, dois anos se passaram, durante os quais eu continuei com a escola, e fiz um esforço precioso para passar mais tempo com minha família, ou sozinha com ZZ, e menos tempo no clube.

E, em seguida, três semanas após eu completar vinte e um anos, durante um dos muitos churrascos de verão dos Horsemen, a vida desabou até parar.

CAPÍTULO TRINTA

Ripper olhou para Danny. Encarou ZZ ajoelhado na grama em frente a ela, pedindo-lhe para casar com ele.

Ele estava indo para sacudir sua merda longe.

Todos esses idiotas ao seu redor não observaram isso, mas eles estavam prestes a serem pulverizados com sangue, ossos e cérebro quando sua cabeça decidiu explodir, que foi em cerca de cinco fodidos segundos.

Cinco...

Quatro...

Três...

Dois...

Um...

Foda-se ele.

Casada.

ZZ estava pedindo Danny para se casar com ele.

Ah, foda-se. O que estava acontecendo com ele? Tudo dentro dele, de repente, sentia-se todo fodido e errado. Seu coração começou a bater mais rápido e sua pele irritada começou a formigar. O ar em volta dele estava carregado, abafado, tornando-se difícil respirar. Sentia-se tonto, seu nariz ardia, e seu estômago se apertou dolorosamente.

Antes que começasse a rasgar seu próprio corpo em pedaços, só para ter todos esses malditos sentimentos desconfortáveis e indesejaveis indo embora, ele agarrou Anabeth e puxou-a contra ele. Ela respondeu de imediato se enrolando sedutoramente em torno de seu corpo.

Sentindo-se dez vezes um idiota, ele manteve seu olhar sobre Danny quando apalpou o traseiro de Anabeth.

Os belos olhos azuis de Danny estavam cheios de dor e seu olhar caiu para ZZ.

Ele parou de respirar. Ela ia dizer sim.

Diga alguma coisa, seu cérebro gritou. Detenha-a!

PORRA, detenha-a!

Mas ele não fez.

Nunca fez.

Porque era um covarde inútil, que não a merecia.

Assim, ele apenas ficou lá como um idiota, empurrando sua amiga, e observando com alarmada fascinação seus lábios se separaram e...

FODA ESSA MERDA.

Foda-se o clube e o código, e foda-se a irmandade.

Ele daria tudo por ela. Por sua mulher. Porque, merda, ela certamente foi sua, e iria para o inferno e voltaria dez vezes antes de perde-la para sempre.

Ele empurrou Anabeth de lado, com o pé direito se moveu, e...

— DANNY — ele rugiu. — BEBÊ!

Mas ninguém o ouviu. Suas palavras foram abafadas pelo estampido do projétil sendo descarregado e os gritos horrorizados que se seguiram.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Eu olhei através do gramado, incapaz de me mover, apesar do fluxo frenético de tráfego, pessoas discutindo, os policiais andando, crianças chorando...

Eu só fiquei ali, olhando para o lugar onde não há muito tempo Dorothy estava deitada na grama. Baleada.

Na cabeça.

Havia muito sangue.

E tudo que eu conseguia pensar era em sua barriga inchada, com seu bebê inocente dentro.

O que aconteceria com o bebê?

Sentindo-me doente, coloquei minha mão sobre meu estômago apertado e cavei meus dedos na pele. Isso realmente aconteceu?

Dorothy ia morrer? Seu bebê?

A bala não a tinha matado, pelo menos não ainda, e tinha sido levada para o hospital e seu atirador, a esposa de Jase, Chrissy, tinha sido levada para a prisão, ainda gritando incoerentemente por Jase. Eu não sabia onde estava Jase. Ou no hospital ou na cadeia.

Eu esperava que estivesse no hospital.

Havia muito sangue.

— Danny?

Reconhecendo a voz de Ripper, não me incomodei de virar. — Sim — sussurrei.

— Todo mundo está ou indo embora ou para o hospital — disse em voz baixa. —Você vem?

— Onde está o ZZ — perguntei.

Com o canto do meu olho, assisti Ripper endurecer. —Hospital — disse com firmeza. — Com Jase. Disse que ele estava indo, não é?

Eu balancei a cabeça distraidamente. Sim, ele tinha. Eu acho. Deus... havia muito sangue. E eu estava congelando.

Olhando para cima, notei o sol ainda brilhando, no alto do céu e fiz uma careta. Por que estava tão frio?

— Danny — Ripper entrou na minha frente, bloqueando o sol e o sangue na grama.

Olhei para ele. — O que você quer? — sussurrei. O que ele queria? Não deveria estar em seu caminho para o hospital ou fora da cidade, o que?

— Você está tremendo — ele trincou fora. — Estou tentando fazê-la parar de olhar fixamente o maldito sangue e ir para dentro.

Pisquei. — Não sou inexperiente em ver sangue, Ripper — eu disse suavemente. — Ou balas — acrescentei — Ou... bebês mortos.

Ele visivelmente vacilou e imediatamente me senti mal. Não deveria ter dito isso, nem sei por que eu tinha, mas não parecia estar no controle de mim mesma. Estava em choque e tremendo.

E egoisticamente pensava sobre minhas próprias tragédias no lugar da que tinha acabado de ocorrer na minha frente. Durante a minha proposta de casamento...

Oh meu deus.

Olhei para a minha mão esquerda, no dedo anelar. O anel era simples, mas elegante, uma banda de ouro branco com o que imaginei fosse um diamante de dois quilates, corte da princesa, e circulado por uma linha fina de chips de diamante.

Era lindo.

Eu o odiava.

O que estava acontecendo?

Deus, o que diabos estava acontecendo?

DANNY! BEBÊ!

A voz de Ripper subitamente ecoando na minha cabeça, retornando imediatamente as minhas memórias. Assustada, olhei em sua direção. Ele deu uma olhada em mim e sabia o que eu estava pensando, sabia que o tinha ouvido gritar.

Tudo nele me dizia que queria me fazer soltá-lo, deixá-lo ir, para não fazer o que já sabia que eu ia fazer.

Tremendo, estendi a mão e agarrei a sua. Ele respondeu imediatamente, engolfando minha mão dentro de sua muito maior, infinitamente mais quente.

— O que você ia dizer? — Eu sussurrei.

Ele balançou a cabeça. — Danny, vamos para dentro, bebê, lá está quente.

— Não! — Eu puxei a minha mão da dele. — Diga-me o que você ia dizer!

Sua boca achatou. — Será que isso importa? — Ele perguntou, acenando rapidamente para a minha mão com o anel.

Minhas entranhas apertaram e lutei contra a vontade de gritar com ele, para vencê-lo sem sentido. Será que isso importa? O que estava errado com ele? Ele não queria que me casasse com ZZ assim como eu.

Ele ainda me amava.

— Diga— eu exigi, recusando a deixá-lo me deixar mais uma vez, todos os ossos do meu corpo de repente protestando contra esse pensamento.

— Pare com isso — ele assobiou.

— Foi você quem começou!

— Ainda assim caralho! Deixe de criancice — ele rosnou. — Pensa sobre si mesma. Preocupada consigo mesma quando tudo ao seu redor, a merda toda está indo de mal a pior.

— Você realmente vai fazer isso? — Eu chorei, já não me importava com quem me ouvisse, que soubessem sobre nós. — Especialmente agora? Vai continuar correndo de mim? De nós? Porque eu não posso! Droga, Ripper, eu não posso! Não depois disso!

Eu não podia. Não depois de assistir Dorothy levar um tiro na cabeça, tudo porque se recusou a deixar ir o homem que amava, um homem que poderia ter morrido apenas para manter. De pé em frente a mim estava o homem que eu amava e não queria passar mais um segundo dolorido sem ele.

— Caralho! Você vai vomitar essa merda em mim! — Ele gritou. — Agora, porra agora? Logo após Z colocar um anel na porra de seu dedo?

— Pare com isso! — Gritei, sentindo sua raiva indo embora novamente. Recuando. Sabendo que no momento que saísse, iria montar em sua moto e colocar Montana e eu em seu retrovisor. E não podia, porra! Não poderia, deixar isso acontecer.

— Pare de ignorar isso! A mim! Pare com isso! Admita! Porra admita que você me ama!

— Sim — gritou, agarrando meu bíceps e balançando-me com força. — Caralho! Eu te amo, mulher! Só te amava e não parei nunca!

Apesar de sua pegada dolorosa causar hematomas nos meus braços, ou que estivesse me tremendo tanto que podia sentir meu cérebro chacoalhar dentro do meu crânio, senti um alívio imediato inundar a mim. Ele me amava. E agora, parecia ser a única coisa que importava para mim.

— Não importa, porém, não é? Porque você não deu dois foda-se pra mim! Provou isso quando, em vez de dizer-me sobre o meu bebê, você ficou com Z, caralho! Você poderia ter me dito sobre o bebê, Danny! Você deveria ter me dito sobre o bebê!

Lágrimas queimaram nos meus olhos.

— Não chore cacete! — Ele gritou, me apertando novamente. — Não se atreva a chorar porra!

— Você me deixou! — chorei. — Você me deixou aqui sozinha! Eu precisei de você e você me deixou!

— Você é de Z agora! Você é a sua bosta de noiva e eu tenho o direito de ser amado por você!

— Eu sempre *fui* sua — eu sussurrei. — Ripper, eu *sempre* fui sua.

Seus traços apertaram, fechou os olhos, e tremeu levemente.

— Droga, Danielle — sussurrou com voz rouca. — Deus! Caralho! Caramba!

• • •

Ripper, sempre fui sua.

Ripper olhou para o rosto coberto de lágrimas de Danny, seu corpo tremia não de raiva, mas de necessidade. Ele a queria de volta mais do que jamais quis algo. Queria mais do que ele queria a porra de seu olho, na verdade, poderia ter o outro olho se ela quisesse.

Foda-se ele, que a amava. Amava cada parte mínima dela. Cada centímetro de pele impecável, todas as células que formavam quem e o que ela era. Ele amava seus olhos e sua boca, amava seus seios, as pernas, todos os dez dedos dos pés. Adorava estar dentro dela, amava apenas estar em sua presença. Amava foder com ela e se soubesse então que Deuce não o assassinaria, mas aceitaria realmente Danny estar com um de seus meninos, teria lançado luz aos seus sentimentos há muito tempo. Nikki nunca teria sido pega de surpresa ao encontrar Danny com ele, Danny nunca teria tido que atirar em Nikki, e ele nunca teria partido. Seria o homem que tomaria porrada diariamente e cada uma delas iria valer a pena, valeria a pena, porque isso significaria que seria o homem que iria para a cama à noite com Danny em seus braços.

Não ZZ.

Nunca ZZ.

Algo solidificou dentro dele, a parte que tinha sido quebrada e sentia dor estava inteira novamente. A parte dele que, por um curto período de tempo, tinha experimentado o que significava ser verdadeiramente feliz, e queria desesperadamente de volta.

Uma rápida olhada ao redor do gramado lembrou-lhe que não estavam sozinhos, e os retardatários restantes estavam abertamente escancarando os dois. Mick e Adriana, Cox e Kami, Dirty, um par de prostitutas do clube, e Eva. Seu olhar pegou o da velha senhora de Deuce, e, surpreendentemente, não havia nenhuma reprovação em seus olhos. Apenas lágrimas. Para Dorothy ou para Danny ou ambos, ele não sabia.

— Por favor, Ripper — Danny sussurrou. — Não me deixe novamente.

Ele não respondeu, em vez disso, lançou os braços e agarrou sua cintura, levantando-a contra ele. Levando-a, atravessou o gramado, assumidamente frente a reunião dos olhares de todos que estavam olhando. Ele não se importava mais. Estava pouco se fudendo. Estava farto de ficar com raiva. Estava cansado de desejar.

Ele lidaria com ZZ.

Falaria com Deuce.

Mas, primeiro, iria pegar de volta sua mulher.

Uma vez dentro do clube, foi direto para o seu quarto, onde, uma vez dentro, a porta foi trancada atrás dele, a colocou na cama e ficou de pé sobre ela.

Ela não disse nada, apenas olhou incrédula para ele, lágrimas pesadas escorrendo pelo rosto, o peito subindo e descendo com respirações profundas, duras. Caiu de joelhos a frente dela, a dor de longa data sentindo sua falta, precisando dela, ainda irradiava dentro dele, tornando-o incapaz de enfrentar mais um segundo.

— Danny — engasgou, desviando o olhar. — Sinto muito, querida, estou...

Estremeceu surpreso, quando ela se inclinou para frente para pressionar os lábios contra seu pescoço, e um arrepio o atravessou. Sem querer, os olhos fecharam.

— Sem falar — ela murmurou.

Sentiu as mãos em seus bíceps, suas unhas cavando em sua pele enquanto agarrou-o com força, e então algo macio e quente roçou seus lábios. Novamente, sentiu beijá-lo.

Ela soltou um suspiro trêmulo cheio de lágrimas. — Eu senti tanto sua falta — admitiu em voz baixa fazendo seu coração inchar. — Eu nunca parei de pensar em você, penso em você todo o...

Ele não a deixou terminar. Seus olhos se abriram e ele estava em cima dela. Empurrando-a para trás, se colocou sobre ela e segurou o lado de seu rosto. Inclinando a cabeça para a esquerda, preparando-se para beijá-la, olhou para suas feições perfeitas, queridas. Olhos grandes azuis, um nariz bonitinho e largo, lábios cor de rosa perfeitos, se separaram um pouco enquanto respirava para dentro e para fora... esperando por ele.

O jeito que ela sempre teve.

... E ele a beijou.

E beijou-a.

Porra beijou.

Beijou apaixonadamente.

Beijou-a do jeito que estava querendo beijá-la desde que a deixou.

— Foda-se — ele murmurou entre beijos. Sufocando, beijos quase violentos que estavam ficando ainda mais exigentes.

Ah, Deus, a estava tocando agora e era tão gostosa quanto se lembrava, macia, a pele lisa moldada firmemente sobre os músculos bem tonificados.

— Eu quero você — ela suspirou suas palavras quase inaudíveis sobre as batidas do seu coração.

Ele fechou os olhos. — Sim, querida— respondeu asperamente e deslizou sua língua para dentro de sua boca.

Ele a beijou novamente, com mais força, e segurou firmemente em seu cabelo.

Suas unhas arranharam seu pescoço. — Eu te amo — ela chorou baixinho, sem fôlego, mas não menos exigente. — E eu quero você... Agora... Agora.

• • •

— Oh, Deus — eu respirei. Isto estava realmente acontecendo. Ripper estava em casa, eu estava em seu quarto, na sua cama, e ele estava quase dentro de mim.

— Preciso de você bebê — Ripper murmurou, empurrando minhas pernas mais distantes. — Preciso de você assim caralho!

— Sim — sussurrei, arqueando meus quadris para ele. — Por favor...

— Amor, Caralho, isso — murmurou. — Faltou isso.

— Amor... o que — eu ofegava.

— Você me implorando, baby — ele sussurrou, provocando-me com a sua dica. — Você me implorando pelo meu pau —continuou, empurrando dentro de mim.

Oh Deus, era tão bom, me consumindo, me enchendo até a borda.

Era por isso que, quando comecei a chorar, não tinha a menor ideia do porquê.

Não eram apenas lágrimas, era uma cachoeira feia, imparável estremecendo o corpo com soluços, soluços sem fôlego.

Foi de repente demais. Eu. Ele. Dorothy e Jase. ZZ. O clube. Todos e tudo. Muita dor e tristeza, anos dela, uma tragédia após a outra, muitas más recordações de momentos desperdiçados passados ansiando, desejando algo que pensei que tinha perdido para sempre. Muito esforço gasto tentando preencher o vazio dentro de mim, um buraco que tinha crescido muito grande, muito profundo, e não importava quantos novos momentos e memórias tentei jogar em pás dentro dele, manteve-se sempre vazio.

Agora ele estava aqui. Eu estava em seu quarto, na sua cama, e ele estava dentro de mim.

Como isso tinha acontecido? ZZ estava de joelhos na minha frente, me pedindo para casar com ele e agora...

Não fazia qualquer sentido.

Será que o amor faz sentido?

Oh Deus, era demais.

Mas como a maioria das coisas que envolvem Ripper e eu, sempre impulsivo, confuso e confuso, dando um novo significado a romance turbilhão.

Apressado, impetuoso, éramos como raios e tornados em uma onda de excitação e agitação, tornando rápidos, decisões precipitadas, sentindo, só sentindo, nunca pensando, o tempo todo indo de cara em um redemoinho agitado de turbulência e não nos importando com quem sofria ao longo do caminho.

Era demais.

Eu estava ciente de Ripper deixando meu corpo, senti o calor dele desaparecer, e eu chorei ainda mais, a perda de seu toque agitava memórias indesejadas.

Em seguida, ele estava de volta, deslizando as mãos por baixo de mim, me pegando e me embalando contra seu peito. Enterrei-me dentro dele, agarrando-o tão duro quanto podia, chorando ainda mais, sem saber de nada, mas era a dor que tinha tentado por tanto tempo para ignorar, veio tudo de uma vez rompido a superfície e descobri que tinha para onde ir.

— Eu não posso fazer isso — chorei. — Eu não posso... eu não posso.

— Shhh — ele sussurrou, acariciando meus cabelos encharcados de lágrimas. —Você não tem que fazer nada, baby, nada mesmo.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Esfregando uma mão em seu rosto, exausto por passar a noite no hospital, Deuce, seguiu ZZ e Tap, para dentro do clube e encontrou Blue, Mick, Adriana, Cox e Kami sentados no bar, compartilhando uma garrafa de uísque.

Seguiu seu caminho e escorregou para o banco ao lado de Kami. Tap tomou o assento ao lado dele e ZZ dirigiu-se para o corredor, atras de Danny, adivinhou. Ele tinha visto seu Jeep na frente quando chegaram.

— Como está Dorothy? — perguntou Kami. — E o bebê?

Ele suspirou. — O bebê está saudável. E D acabou de sair da cirurgia. Eles conseguiram remover a bala e agora estão mantendo-a em uma porcaria de coma, algo a ver com inchaço.

— E Jase — perguntou Cox. — Ele está bem?

Não. Jase parecia a porra de um náufrago. Entre Dorothy levar um tiro, quase perdendo seu filho, Chrissy sendo levada para a cadeia e ser interrogado pela polícia, Jase não estava definitivamente bem. Ninguém estava. Dorothy, Deuce considerava um dos seus meninos, tinha certeza de que há tempo

suficiente, e Chrissy era a velhinha de Jase, o que significava que ela também era da família.

Nada disso estava bem.

Cristo, estava transando com a exaustão.

— Ele vai dar um jeito — disse.

O pequeno grupo ficou em silêncio. Ninguém precisava falar, todo mundo já sabia que o outro estava pensando.

— Alguém ligou para Tegen? — Adriana sussurrou entre lágrimas. — Para dizer a ela... Que... t... — Ela parou e cobriu a boca com as mãos. Mick puxou a banqueta para perto dela e cruzou os braços em volta dela.

— Até onde eu sei, Cage a chamou ontem à noite — disse Deuce. — A menina está provavelmente a caminho daqui, enquanto falamos.

Adriana acenou com a cabeça bruscamente.

Falando de Tegen...

— Onde estão os meus filhos? — ele perguntou a ninguém em particular, sentindo uma enorme necessidade súbita de ver cada um de seus rostos. — E Eva? Ela está em casa?

No início parecia que ninguém ia responder-lhe.

Finalmente, Kami disse calmamente: — Na casa de Eva. Com Ivy.

— Cage — ele perguntou, levantando uma sobrancelha para as expressões estranhas de todos ao redor do bar.

— Dormindo — disse Cox, sacudindo o polegar por cima do ombro. — Foi há cerca de uma hora antes de você chegar.

— Tudo bem — disse Deuce lentamente, estudando cuidadosamente os rostos sombrios ao seu redor. Algo não estava bem e não tinha nada a ver com Dorothy e Jase.

— Yo — ZZ gritou, andando pelo corredor até a sala principal. — Alguém viu Danny? Não consigo encontrá-la em qualquer lugar.

Sim, algo certo como merda não estava bem.

Deuce girou em seu banco. — O que diabos você quer dizer com 'Alguém viu Danny? — Seu Jeep está lá fora na frente, você é o homem dela, então estou pensando que isso significa que você deve saber onde diabos ela está.

ZZ colocou as palmas das mãos para cima. — Prez, fica frio, acabei de voltar também, ok? E ela não está em seu quarto. Ou no meu.

Sentindo o que sabia ser pânico, desnecessário, decorrente do que tinha acontecido com D, mas também sabendo que nunca pode se ter muito cuidado quando se tratava de sua família, Deuce pulou seu banquinho e saiu para o corredor, gritando o nome de Danny.

— Espere! — Kami gritou, correndo atrás dele. Ela se esquivou até ele e veio derrapando até parar a poucos metros a sua frente. — Vou chamá-la — disse ela, sem fôlego, levantando seu celular.

Ele olhou para ela. Que porra é essa?

— O que está acontecendo? — perguntou, olhando para trás em direção ao bar e Cox. — Onde está minha filha porra?

Em vez de lhe responder, Cox olhou para a esposa. — Kam — disse ele em voz baixa. — Não.

Kami acenou para ele. — Ele está tocando — disse ela, seu celular pressionado no ouvido.

Foda-se essa merda. Agarrando o telefone celular de Kami, colocou contra sua orelha e continuou pelo corredor.

Três segundos depois, ouviu o toque de Danny. A canção de Lady Foo-Foo, ou alguma merda.

Ele parou de andar e se virou para a direita, olhando incrédulo para a porta em frente a ele.

— Merda— Kami sussurrou atrás dele.

— Foi você que chamou, caralho! — Cox murmurou.

Deuce olhou por cima do ombro e encontrou todos eles, Kami, Cox, Mick, Adriana, e ZZ parados lá. Mesmo Blue tinha deixado o bar para se juntar a eles no corredor. O que era praticamente inédito. Blue não deixava o bar por muito. Ele não tinha certeza se o velho idiota ainda dormia.

— Que porra está acontecendo? — perguntou ZZ, pegando o telefone da mão de Deuce. O cara colocou o telefone na cara de Kami. — Chame de novo — ele exigiu.

Nervosa, Kami pegou o telefone e olhou para Cox.

Cox balançou a cabeça. — Faça isso, Caralho! — disse. — O irmão merece saber.

Enquanto a breve troca ocorreu, Deuce estava congelado, em estado de choque. Danny estava no quarto de Ripper? O que o filho da puta estava pensando?

O telefone de Danny começou a tocar de novo, mudou sua atenção e viu como ZZ virou em direção a porta de Ripper, sua expressão mudando rapidamente de raiva confusa a choque imediato.

E Deuce sentia por ele. Realmente. Por mais que odiasse Danny estar com um de seus meninos, ZZ era um homem decente que amava sua filha.

— Que porra é essa! — ZZ rugiu, se lançando para a porta de Ripper.

Deuce o pegou, agarrando pelo pescoço e jogou-o contra a parede oposta.

— Prez! — ZZ gritou, tentando se libertar. — Solte-me!

— Por que? — Ele perguntou calmamente. — O que você vai fazer? Uma tempestade, entrar com as armas? Eu sei que ela é sua namorada, mas é minha menina em primeiro lugar, e não vou deixar você fazer alguma coisa estúpida que poderia feri-la.

Virou-se para a turma do gargarejo. — Eu sei que vocês idiotas sabem de alguma coisa, por isso é melhor alguém começar a falar, caralho!

— Desculpe, Prez — disse Mick, dando um passo à frente quando ninguém mais o fez. Enrolando sua mão em um punho, o seu vice-presidente bateu na porta de Ripper.

— Nós não sabemos muito, apenas que Ripper e Danny têm alguma merda profundamente enraizada entre eles.

As sobrancelhas franziram. Eles tinham?

ZZ, ouvindo isso, se esforçou mais e ele foi forçado a apertar o controle sobre a garganta de seu filho. — Enrole-o — ele rosnou.

— Foda-se — ZZ brigava. — Você está enrolando porque não é a sua velha senhora lá com a porra do Ripper!

Não brinca. Mas era sua filha lá com o puto do Ripper e não estava muito mais feliz do que ZZ estava no momento. A única diferença entre ele e ZZ era que Deuce estava tentando manter a calma. O que tinha acontecido ontem tinha feito bastante dano. Ao clube, a sua família, não precisava de mais uma tragédia.

— Ripper — Mick gritou, batendo mais forte na porta. — Saia dessa porra e venha aqui fora!

Deuce respirou fundo e tentou preparar-se para a bagunça que a porta estava prestes a revelar, mas tudo o que ficava vendo era Danny na cama com Ripper e...

A porta se abriu e na entrada estava Ripper, vestindo apenas seus couros, no meio de puxar em uma blusa branca. Ele deu uma olhada para as pessoas que estavam no corredor, suas expressões variando de pena ao nojo, e congelou.

— Onde ela está? — ZZ gritou, lutando com o aperto de Deuce.

— Ah, foda-se — Ripper murmurou. Cruzando os braços sobre o peito, o cara encostou-se no batente da porta. — Danny — disse ele, olhando por cima de seu ombro. — A merda caiu no ventilador, baby.

ZZ visivelmente abalou-se no aperto de Deuce e, foda-se, sim, que sentia por seu filho, mas ele estava muito ocupado tentando manter sua própria merda dentro de si.

Ripper tinha quebrado o código. Levou a mulher de outro irmão... Para a cama. Levou sua filha para a cama. Em uma tentativa de não atirar ZZ para o lado e bater Ripper na porra do chão, agarrou ZZ ainda mais apertado e se manteve firme.

Não foi fácil.

Envolta em apenas um lençol, Danny apareceu ao lado de Ripper, os lábios trêmulos e os olhos cheios de lágrimas e, Jesus, o peito apertou.

Porra! Ripper... Danny...

Foda-se ele.

Não sabia o que diabos fazer. Sua filha e dois de seus rapazes...

Que porra é essa que ele fez?

— Que porra! — ZZ se enfureceu.

Ripper imediatamente avançou, posicionando-se na frente de Danny. Era uma manobra de proteção. Muitas vezes se pegou fazendo com Eva, mesmo quando não havia nenhuma ameaça.

— VOCÊ ESTÃ MORTO, idiota! — ZZ rugiu. — VOCÊ ME OUVIU, Ripper? VOCÊ ESTÁ MORTO Caralho!

— Ouvi o que disse, irmão — disse Ripper uniformemente. — O mundo maldito ouviu.

— Irmão? — ZZ gritou. — Você não sabe o que a palavra significa!

— Mickey — Adriana sussurrou, puxando a mão de Mick. — Nós deveríamos ir.

O olhar de seu VP chamou por Deuce e deu um leve aceno de cabeça. As coisas estavam ficando feias. Ele podia precisar de ajuda.

Mick ficou, mas moveu a velha senhora a poucos metros de distância e Cox fez o mesmo com Kami. Enquanto isso, Blue acendeu um cigarro.

— Você não entende — Danny sussurrou enquanto duas lágrimas deslizaram pelo seu rosto. — Eu o amo, Z.

ZZ ficou rígido. — O quê? — Ele perguntou com voz rouca e Deuce podia sentir a garganta de horas extras de trabalho do cara debaixo de sua palma. — Desde quando, caralho, que você ama Ripper?

Deuce olhou para a filha. Ele também queria saber desde quando ela amava Ripper. E então iria matar Ripper. Devagar.

— Isso aconteceu há muito tempo atrás — Danny sussurrou. — Foi antes de você, Z.

— Ele é a razão caralho — ZZ brigou. — É por isso que você estava tão malditamente confusa! E você é a razão pela qual ele saiu, você!

Os olhos de Danny cairam aos seus pés descalços. — Sim — ela sussurrou e os pulmões colapsaram. Ele era um idiota total. Como não percebeu essa merda? Juntos? Ela estava olhando-o no rosto, por quanto tempo agora?

Ripper foi embora.

Danny se perdeu na merda.

Ripper e Danny encarando um ao outro em seu casamento.

... E porra, as violentas mudanças de humor de Danny sempre coincidindo com as recaídas de Ripper.

Ah, Cristo. Ele era um pai de merda. Um presidente de merda. Tudo merda. Ele estava tão envolvido em sua própria porcaria, que ainda não tinha visto o que estava acontecendo bem debaixo do seu nariz, porra. Em seu clube.

A auto-repugnância ligou-o imediatamente de volta à ira. Ripper, seu sargento e malditos braços, tinha não apenas o desrespeitado, fazendo qualquer merda que estava fazendo com Danny, ele manteve segredo. Essa merda não ficou em seu clube. Seus meninos sabiam disso.

Você os prende a si, você os torna familia. Irmãos.

Você não desrespeita seus irmãos.

— Você nunca foi sincera comigo — disse ZZ asperamente. — Eu nem mesmo... Foda-se, eu não te conheço!

A cabeça de Danny abocanhou. — Não — ela sussurrou. — Você me conhece, você sabia.

O lábio superior de ZZ se curvou em um rosnado. — Não, Danny, você só comeu outro cara com o meu anel em seu dedo, por isso não caralho! Não jogue pra mim.

— Nós não transamos — Ripper cuspiu com raiva. — Então você pode parar de falar merda.

Os olhos de ZZ o encararam cheios de ódio. — Ah, é? — Ele zombou. — Então, o que, vocês estavam apenas falando e decidiram que seria muito melhor sem roupa?

— Eu acho que conversar é melhor sem roupas — Cox comentou. — Só estou dizendo.

Deuce acrescentou Cox à lista de porcarias que ele logo estaria colocando para fora.

— Eu não disse isso— Ripper trincou fora. — Eu disse que não fodemos, nunca disse que eu não tentei.

Se ele não estivesse ocupado segurando ZZ, Deuce teria esmagado a cabeça de Ripper através da parede. Em seguida, a sua própria. Isso tinha sido uma vista que poderia ter ido cinco vidas, sem nunca obter um vislumbre.

Todo o seu corpo agora tremendo de raiva acumulada, ZZ voltou-se para Danny. — Você é uma fudida puta — disse ele em voz baixa, propositadamente pontuando cada sílaba com um duro acento venenoso.

Deuce viu vermelho e apenas reagiu. Com a mão ainda envolta no pescoço de ZZ, ele puxou-o para frente, em seguida, bateu-o contra a parede. —

Isso é um aviso — ele rosnou. — Da próxima vez que você chamar minha filha de puta vou acabar com você, entendeu caralho?

— Ela não é uma prostituta, Prez? — ZZ gritou, olhando para ele. — Então como diabos você chama uma cadela que concorda em se casar com um homem e um par de horas mais tarde está na cama do seu irmão?

— Ela não é uma prostituta — Ripper rosnou, uma expressão que Deuce estava muito familiarizado. Era a mesma que Ripper tinha antes de pegar um filho da puta corta-lo em pedaços, e enviá-lo direto ao encontro de seu criador. Letal era a única maneira de descrevê-lo.

Seus dois meninos se entreolharam, ZZ com o peito arfando, pronto para derrubar Deuce e avançar, e Ripper, esticando o pescoço para o outro lado, estalando os dedos, esperando impacientemente por ele. Querendo ele.

Certo. A merda estava indo de mal a pior rapidinho se não conseguisse separar estes dois idiotas, muito longe um do outro. Em seguida, ele precisava de Danny para colocar alguma lógica nessa porra.

Então... ele e Eva iriam ter uma conversa séria sobre permitir a Ivy acesso ao clube. No momento em que Ivy tivesse a idade de Danny, ele estaria muito velho para estar segurando seus filhos brigando por sua filha. E Deus sabe o que seria. Ivy parecia um cruzamento entre Danny e Eva. Tão bonita como sua esposa e filha mais velha, Ivy iria superar as duas. Não era bom.

Jesus. Por que não podia ter tido meninos? Todos rapazes. Porra! Um pouco como Cage. Toda uma série de filhos em quem poderia jogar preservativos e sair com ele.

— Oh Jesus — Mick sussurrou, seus olhos correram para ele, seguindo seu olhar para o final do corredor. Jase estava ali, sua camiseta branca e jeans ainda manchados com o sangue de Dorothy, com lágrimas escorrendo pelo rosto, segurando uma arma em sua mão.

— Jase — Cox respirava. — Calma.

O braço de Jase levantaram para a frente e apontou a arma para Cox. — Não se mexa porra — ele sussurrou com voz rouca. — Não fale porra.

Ninguém se moveu. Ninguém disse uma palavra.

E Jase caiu de joelhos. Sua mão trêmula, trouxe o cano da arma para sua testa.

Deuce largou a mão da garganta de ZZ e se afastou dele.

— Jase — disse Deuce silenciosamente, tentando manter a calma. — Você tem quatro filhos que precisam de você, irmão, não faça isso porra.

Jase deixou escapar um soluço de asfixia. — Eu ia sair, Prez, quase deixei aquela cadela um milhão de vezes, mas me senti tão culpado pelas crianças e eu tentei fazer o certo por eles e, em vez disso fodi tudo. Só o que faço é estragar tudo.

— Eu a amo — Jase sussurrou. — Ela é muito boa, sabe? Eles não sabem se vai sobreviver, Prez, e... E eu não quero ficar aqui sem ela.

Usando o polegar, Jase puxou o martelo.

— JASON! — Cox rugiu, correu pelo corredor. — Não se atreva!

O boom de um tiro ecoou e sacudiu todo o corredor enquanto Cox lutava com Jase pela arma e venceu. Ele jogou a peça fora e puxou Jase em seus braços.

— Não, filho da puta — Cox murmurou, segurando firme Jase. — Você não vai morrer porra. Você me entendeu? Você. Não. Morrerá.

Todas as três mulheres estavam chorando, Danny foi enrolando nos braços de Ripper, Adriana e Kami foram embrulhando em torno de si, e ambos Blue e Mick estavam olhando para o corredor para Cox e Jase, suas expressões uma mistura entre chocada e triste.

Ele olhou ao redor do corredor procurando ZZ e não conseguia encontrá-lo. Ele deveria se importar onde ZZ tinha ido, devia se importar que seu menino estivesse confuso.

Mas estava muito cansado.

As costas de Deuce bateram na parede e deslizou lentamente pelo gesso até a bunda encostar no chão.

— Mickey — ele sussurrou. Movendo-se até ele, Mick se abaixou na sua frente.

— Eu cuidarei de tudo, Prez — disse Mick. — Fique firme.

Certo. Como se ele estivesse indo para algum lugar. Puxando seu telefone, chamou a esposa.

— Hey, baby — Eva fungou. — Você está bem?

— Não — ele disse suavemente. — Eu preciso de você caralho.

— Cinco minutos — disse ela sem hesitação. — E você me terá.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

— Lá está ela— eu disse, apontando.

Cage seguiu o meu dedo para o fluxo de pessoas inundando o terminal rodoviário.

— Essa não é Tegen— disse ele, franzindo a testa.

Eu olhava. Sim, essa era Tegen... Mais ou menos. Ainda esguia, com felinos olhos verdes e maçãs do rosto marcantes. Mas era aí que a semelhança terminava.

Seu cabelo vermelho longo tinha sido tingido alguns tons mais escuros e separado em dezenas de rastas grossos, entrelaçados com grandes contas de madeira que ela tinha puxado para trás em um lenço azul escuro. Usava sandálias surradas, marrom veludo boca de sino com cintura baixa e um top preto apertado que mostrava seu piercing no umbigo e braços fortemente tatuados até o estômago.

Seu pescoço e os pulsos estavam carregados de jóias artesanais, orelhas, nariz e lábios foram todos furados, seus furos de orelha esticados e grandes o suficiente para caber o meu dedo mindinho.

— Puta que pariu — Cage respirava quando ela parou em frente a nós.

— Danny — ela me cumprimentou friamente, recusando-se a olhar para Cage.

Estendi a mão para ela, mas deu um passo deliberado para trás, desviando do meu abraço. Assustada, eu deixei cair os braços e olhei para Cage, sem saber o que fazer.

Cage avançou. — Te...

Tegen chegou para trás. — Não me toque — ela sussurrou, então me jogou uma de suas malas com estampas paisley quando empurrou passando por mim. — Vamos lá! — Ela estalou por cima do ombro. — Quanto menos vejo desta cidade de merda do caralho cheio de motociclistas cuzões e suas mulheres patéticas, melhor!

A boca de Cage caiu.

— Cage — eu disse lentamente. — O que exatamente aconteceu entre você e Tegen?

Ele cortou os olhos para mim. —Nada — murmurou.

— Cage...

Ele suspirou. —Eu posso ter... Você sabe... Dado umazinha... E ela pode ou não ter dito que me amava.

Fechei os olhos.

— E então posso ter dito que era só sexo... E que ela não era o meu tipo... Embora tenha adorado o que ela faz...

— Hey! Não me dê um soco — ele lamentou, esfregando o braço.

— Seu idiota! — Eu fervia.

— Eu! — Ele gritou. — Quem é você pra falar, caralho?! Onde está o ZZ, irmãzinha? Por que ninguém ouviu falar dele em dois dias, enquanto você fica sentada toda linda na porra do colo de Ripper?

— Cale-se — assobiei. — Eu não estou sentada no colo de ninguém!

E eu não estava. De fato, durante os dois dias que se passaram desde que ZZ e meu pai tinham me encontrado no quarto de Ripper, Ripper e eu não nos falamos. Na verdade, ninguém estava falando muito nos dias de hoje. Todo mundo estava ou no hospital com Dorothy, ou na casa de Jase que ainda pensava em suicídio. Jase e os três filhos de Chrissy, todos adolescentes, tinham ido para Billings para ficar com os avós, e ninguém confiava nele para ficar sozinho por qualquer período de tempo.

Eu também não precisava ser lembrada do que tinha feito para ZZ. Estava fazendo um bom trabalho de culpar-me sobre isso tudo por minha conta.

Já por duas vezes, Ripper e eu tinhamos começado errado, nós ficamos juntos em um ataque de sobrecarga emocional tumultuada. A primeira vez tinha terminado horrivelmente. E desta vez...

Desta vez, tinha despertado para o caos.

Parecia ser um tema recorrente para nós.

Agora, não sabia o que ia acontecer. Sabia o que eu queria que acontecesse, mas ao mesmo tempo me sentia culpada por querer isso.

Mas não ia correr atrás dele. Algo havia mudado dentro de mim desde a nossa noite juntos. Sim, eu o amava, sabia que iria sempre amá-lo, mas não estava mais disposta a jogar a minha vida para ele me deixar novamente.

Se ele saisse, saiu. Se ficasse... Bem, quem sabe? Eu certamente não ia me manter jogando com ele apenas para perdê-lo.

E nunca mais ia enganar outro homem deixando pensar que o amava.

Perspectiva é uma cadela quando te dá um tapa na cara, após o fato.

— Você está entre irmãos, Danny — Cage rosnou. — Papai não vai deixar que fique assim.

Eu olhei para ele. — O que ele vai fazer? Atirar em mim?

— Não em você — Cage revidou. — Em Ripper.

— Ele não vai — eu disse.

Com a sobrancelha levantada, Cage bufou. — Como pode ter tanta certeza?

Eu só tinha. Ambos Cage e meu pai já tinham batido em Ripper quase até a morte, mas os dois pararam antes de chegar longe demais. Bem... Ripper tinha jogado Cage do outro lado da sala depois de permitir-lhe um par de bons socos, mas que não foram nem aqui nem lá.

Eu não estava presente em sua briga com o meu pai nem eu sei a causa disso, mas quando meu pai apareceu no meu quarto e bateu a porta atrás dele, sem dizer nada, seu longo cabelo voando solto de seu rabo de cavalo, suas narinas dilatadas, com os punhos cerrados coberto de sangue...

Eu sabia.

Eu sabia que ele sabia de tudo.

Vários momentos de tirar o fôlego se passaram antes que ele finalmente falasse.

— Você sabe por que a mantive longe do clube, Danielle?

Danielle. Não era bom.

— Porque sou uma garota — sussurrei.

— Não — ele rosnou. — Porque você era melhor do que essa merda. Caralho boa demais para ele. Sabia desde o primeiro dia. Dei uma olhada em você e sabia que tinha isso em você para dar o fora daqui e fazer algo de si mesma.

Eu não disse nada. Eu não tinha nada a dizer. Meu pai nunca disse nada parecido com isso para mim antes.

— Sabia que ia ser Cage que me seguiria para o oeste para fazer uma vida decente para si. A garota que ia me orgulhar, não por me seguir nessa vida, mas para fazer algo fora.

— Papai — sussurrei, precisando dizer alguma coisa, qualquer coisa, antes de explodir em lágrimas. — Eu sinto muito, eu...

— Não — ele disse rispidamente, sacudindo a cabeça. — Eu sinto muito. Eu sou mais velho, você era minha responsabilidade e eu estraguei tudo. Agora você é como o resto deles. Já esteve com eles por um tempo agora. Tem meu amor garota e sangue em suas mãos. E esta merda é minha culpa.

Então ele virou-se, abriu a porta e saiu.

Bati minha mão sobre a boca, abafando um soluço com dores agudas no meu peito, tornando a respiração difícil e dolorosa.

Ele não me odeia. Nem sequer odeia Ripper. Ele não era mesmo louco. Ficou decepcionado. Eu o havia decepcionado.

Ele estava infinitamente pior.

— Danny — Tegen berrou. — Você percebe que eu tenho uma mãe na porra do hospital com um buraco no seu crânio!

Estremeci quando todos dentro da estação olharam boquiabertos para Tegen.

— Vamos — eu disse, batendo a bolsa de Tegen contra o peito de Cage. — Antes que Tegen comece a arejar a roupa suja de todos do clube no meio da estação de ônibus.

Cage fez uma careta. — Que tal você levá-la de volta ao clube. Eu acho que prefiro andar.

— Bem-vindo ao meu mundo — disse, puxando-o para frente. — Nós fizemos as nossas camas, Cage. Agora, quer chegar a mentir para si mesmo?

Cage franziu o cenho para mim. — Quando você ficou tão inteligente caralho? O que aconteceu com a minha irmã, sempre falando coisas estúpidas e vestindo merda-de-rosa o tempo todo? Gostava mais dela.

O que aconteceu com ela?

Ela teve um caso com um homem 14 anos mais velho do que ela e, em seguida, cometeu o erro de se apaixonar por ele.

Ela matou uma mulher.

Ela teve que abortar seu filho.

Ela permitiu que um homem que não amava se apaixonasse por ela. Um homem bom e decente que tinha merecido uma mulher dez vezes melhor do que ela. Então ela tinha quebrado seu coração.

Dando de ombros, eu dei o meu irmão um sorriso triste.

— O que aconteceu? Cage... Porra a vida aconteceu.

Fundindo para fora uma respiração, Cage olhou para o teto e balançou a cabeça.

— Caralho é verdade, irmãzinha. Caralho! Verdade.

• • •

Dentro do clube, Ripper olhou por cima do controle da tv, observando como Cox se aproximava lentamente do sofá em que estava ligado na casa nos últimos dois dias.

— Yo — disse ele.

Cox caiu ao lado dele. — Yo.

Silêncio.

— Basta falar logo, cara. — Ripper suspirou. — Seja lá o que for.

Limpando a garganta, Cox se mexeu na cadeira de frente para ele. — Irmão, eu tenho mantido minha boca fechada um longo tempo, sobre Nikki,

sobre Danny e Hawk me contou sobre o bebê, ainda assim me mantive quieto. Mas vendo como todos os seus segredos sujos estão vindo ao conhecimento público, agora eu tenho que dizer esta merda.

Grande. Onde diabos estava Hawk, afinal? Sabendo como o irmão se sentia sobre Dorothy, teria pensado que ele arrastou a bunda dele de volta para Montana agora.

— Então cuspa fora — disse, olhando para Cox.

— Jogue limpo com o Prez — disse Cox. — E eu não me refiro apenas sobre você e Danny, quero dizer, vamos lá, porra seja franco. Diga o que aconteceu com Nikki, com Danny, diga a ele caralho que você não sabia sobre o bebê, diga-lhe tudo isso.

Ele queria rir, mas seu lábio partido estava impedindo isso. — Cara — disse, balançando a cabeça. — Como você acha que fiquei todo roxo? Você acha que me bati até a morte?

Cox piscou. — Eu pensei que Cage e você...

— Sim — ele interrompeu. — Então Prez. Duas vezes.

Ao contrário de seu desentendimento com irmão boxeador-feliz de Danny, Ripper não tinha lutado quando Deuce tinha chegado nele. Na verdade, não tinha realmente lutado quando Cage tinha batido nele também. Era maior do que Cage, e porra, muito mais forte, mas conseguiu, por que o irmão precisava bater nele, então o deixou por pra fora um pouco dessa raiva antes de jogá-lo pela sala.

Mas Deuce. Ripper sabia que merecia pior do que uma surra de Deuce.

Especialmente depois que disse tudo.

Ele tinha começado com Frankie, Deuce disse como ele tinha tentado se matar tentando escapar do filho da puta louco, e os miseráveis anos que se seguiram.

Contou-lhe como tinha culpado Eva por tudo de ruim que aconteceu. Então lhe disse que foi Eva quem inadvertidamente salvou sua vida.

Contou-lhe sobre a noite do baile de Danny, o que tinha acontecido no lago, e os meses seguintes. E disse a Deuce o quanto a amava.

Ele contou-lhe sobre a morte de Nikki, que tinha sido Danny que tinha matado ela tentando salvar sua vida. Disse-lhe suas razões para sair, que tinha sido tudo por Danny.

E então ele disse a Deuce sobre a gravidez.

Disse tudo. E apesar de tudo, sentado atrás de sua mesa, observando-o impassível, Deuce não disse nada.

Quando Ripper terminou contando sua vida de merda, Deuce se levantou e, lentamente, atravessou a sala. Agarrando-o pelo colarinho da camiseta, esmurrou seu rosto.

— O que diabos você quer que eu diga, Ripper? Você estava com minha filha nas minhas costas caralho! E por quanto tempo, sem eu saber, e tenho certeza que não queria saber, caralho.

— Ela era legal — disse rapidamente.

— Sim — disse Deuce. — Como legal?

— Legal o suficiente — Ripper murmurou, olhando para suas botas.

— Ótimo. Puta que pariu! Ouça, cabeça de caralho, se você machucá-la novamente, ou fizer uma coisa maldita que a faça até um pouco triste, vou bater na porra da sua bunda. Se fizer isso uma terceira vez colocarei você no chão.

Assustado, Ripper olhou para cima. — Você está bem com a gente estar juntos?

— Porra — Deuce murmurou. — Você é estúpido? Não, eu não estou bem com isso, odeio, pra caralho, mas o que eu vou fazer? Expulsá-lo? Levá-lo como quando você era nada além de um adolescente arrogante e burro que queria ir para festas mais do que queria trabalhar, sempre ficando em apuros com suas protitutas, gostava de suas mulheres sujas e sujo significava negócio sujo. E então você ficaria deprimido, bêbado, miserável uma merda como depois do que

aconteceu com Frankie... Mas porra, irmão, você está comigo há dezoito leais anos agora e isso significa que você é da família.

Família. Jesus, estava prestes a chorar na frente de Prez.

— Eu a amo — disse Ripper calmamente.

Afirmação do caralho.

Sim, ele amava Danny, mas isso não era nem a metade disso. Ela mudou-o de maneira que nem mesmo ele poderia compreender.

Não mais raivoso, havia se tornado lentamente uma versão mais suave de si mesmo.

Estava velho, antes de Frankie, mas mais ainda.

— Cristo — disse Deuce. — Eu preciso de um cigarro. Esta merda é pior do que um tiro. Primeiro Z, agora você.

Ripper se encolheu. ZZ.

— Eu a amo — Ripper repetiu, desta vez com mais força. — E eu não vou machucá-la.

As narinas de Deuce queimaram. — Quer dizer que você não vai machucá-la novamente. Porque com certeza já o fez uma vez. E eu estou pensando que um idiota como você não vai ser capaz de ser bom nisso.

— Eu vou. Se ela me deixar.

Deuce o olhou com os olhos apertados. — O que diabos isso significa?

— Significa que se deixar-me levá-la para minha cama, e colocá-la na parte de trás da minha moto, nunca vou deixá-la fora da minha vista, nunca mais.

Os olhos de Deuce estreitaram.

Huh. Talvez mencionar Danny estar em sua cama não fosse a melhor coisa a dizer a seu pai.

— Você vai fazer toda essa merda?

Os olhos de Ripper voaram longe. Estava Deuce realmente perguntando se ele se casaria com Danny?

Casar? Danny?

Ele?

— Sim — respondeu asperamente Ripper. — Foda-se sim, farei toda essa merda.

— O que significa que você está de volta, sargento.

Ele quase se engasgou com a surpresa. Não só foi Deuce dizendo que poderia se casar com Danny, mas o queria de volta como seu braço direito.

— Sim — ele sussurrou.

— E ZZ?

Ripper engoliu. Isso ia ser difícil.

— Vou tentar fazer isso também.

E ele, faria todo o possível para corrigir o que tinha fodido. Se o irmão nunca mais voltasse.

— Bom — Deuce rosnou. — Agora, está pronto caralho?

É. Adoria ter sua bunda chutada. Foi um grande tempo de merda.

— Sim, Prez, eu estou pronto. Você faz o que tem que fazer.

Deuce olhou para ele.

— Maldito Pregador — Deuce murmurou, quebrando o silêncio, balançando a cabeça. — Maldito filho da puta.

Ripper não tinha ideia do que Pregador tinha a ver com algo disso, mas logo parou se perguntando porque Deuce tinha começado a a conversa sendo amoroso com ele. Duas vezes. Em seguida, o deixou sangrando no chão do escritório, enquanto saía correndo, gritando por Eva. Ripper levou quase três

horas só para arrastar-se para fora do escritório e sentar no sofá. Um sofá no qual não havia deixado em dois dias. Além de vários dedos quebrados e um bastante desagradável inchaço por todo o corpo, estava bastante certo de que tinha um par de costelas quebradas e uma concussão leve, toda a cortesia das porradas que levara.

Mas todo esse peso que estava transportando, especialmente nos últimos três anos, tinha ido embora.

Sumiu. Porra, se foi.

E ele queria Danny de volta.

Foda-se, ele estava ficando com Danny de novo.

Cox olhou para ele. — Sério? Droga.

Ripper fez uma careta. — Você realmente acha que eu deixaria Cage bater em mim?

Cox sorriu. — Desgraçado é quase tão grande como o grande filho da puta.

— Foda-se. O irmão é dez anos mais jovem do que eu. Eu tinha que fazer isso.

Rindo, Cox deu um tapa nas costas dele. — Você fica desta vez, certo? Vai acabar com essa putaria e consertar de novo?

Ele estava prestes a responder quando a porta da frente do clube se abriu e uma ruiva magra invadiu. Cage veio em seguida, olhando com uma mistura entre miserável e assustado. Danny foi a última, carrancuda enquanto arrastava dois grandes sacos florais.

— Puta merda — Cox respirava. — Ou fomos invadidos por hippies ou isso é... Tegen.

Uma vez que não havia qualquer outra ruiva magra que Cage e Danny tinham sido enviados a coletar, tinha que ser Tegen. Mas com certeza não se

parecia com a quatro-olhos, de cabelos crespos, a merdinha tagarela de que se lembrava.

— Pela última vez Danny, não vou ficar em sua casa, porra! — Tegen gritou quando desapareceu no interior da cozinha.

A testa de Ripper levantou. Okay. Então, ainda era um merdinha tagarela.

Respirando profundamente, Cage olhou por onde ia, os olhos arregalados e suplicantes. — Ajuda — ele sussurrou.

Cox bufou. — Foda-se. Eu tenho cadelas loucas o suficiente para lidar. Entre Kami e Maria Catherine me enchendo de sol e, porra, Anna sempre pedindo por mais dinheiro...

Ripper parou de ouvir. Danny tinha desistido de arrastar a bagagem de Tegen através do quarto e agora estava muito quieta, olhando para ele. Tudo o que ela estava pensando, sentindo, querendo, estava claro como o dia em seu rosto.

Você vai sair?

Seu olhar jamais deixou aqueles belos olhos azuis.

Não.

É mesmo?

Sim, querida, realmente.

Por que não?

Ele olhou para si mesmo. *Não posso exatamente sair do sofá, posso?*

Ele viu quando ela apertou os lábios, lutando contra um sorriso.

Poooorra. Ele queria ir com ela. Tocá-la, cheirá-la, abraçá-la porra aqui no meio do clube, na frente de seu irmão, na frente de Cox, na frente de todo o mundo, porra. Então ele queria levá-la para a cama, transar com ela até a morte,

transar com ela mais um pouco, fazer-la dormir e transar com ela mais um pouco.

Porra, ele teve que ajustar seu pênis.

Observando-o, as bochechas de Danny ficaram um tom claro de rosa, se ela estava corando de excitação ou vergonha de qualquer forma, era um bom sinal.

Falando em bons sinais, a visão de seus mamilos endurecendo sob o top com listras brancas estava classificado bastante bem acima em sua lista.

Foda-se. Ele tinha que fazer alguma coisa. Ele a queria de volta em sua cama. Hoje a noite. Agora.

Eu quero você, menina bonita.

Ela chupou o lábio inferior dentro de sua boca e mordeu. *Por quanto tempo?*

Segurando seu olhar com o dele, *para sempre porra.*

— Oh meu Deus, é sério?

Tegen ficou do lado de fora da cozinha, uma cerveja em uma das mãos e um sanduíche na outra, seu olhar se estreitou alternando entre Danny e ele.

Ela deu um sorriso desagradável para Danny que ele não apreciou. — Você e Ripper, hein? O que aconteceu com ZZ? Você cansou dele?

Danny, que tinha ido duro, virou-se para encarar Tegen. — Não fale sobre coisas das quais você não sabe nada.

Tegen se manteve sorrindo. — Sério? Então, vocês dois não estavam apenas fodendo um ao outro com os olhos?

— Tegen — disse Danny lentamente, seus dentes trincados. — Eu sei que você está sofrendo, mas...

— Oh, cale-se — Tegen zombou. — Você sabe tão bem como eu que esses idiotas não podem mantê-lo em suas calças. E esse é um dos piores. Você sabe

que ele fodeu Kami outro dia, né? Antes dela e Cox. Ele provavelmente fodeu Eva também. Espero que você esteja pensando em fazer o teste regularmente.

— Eu vou derrubá-la — disse Cox.

Embora Ripper se ressentisse de ser acusado da porra com Eva, estava chateado que a cadelinha tivesse trazido Kami, bem como dando a entender que ele tinha doenças, não disse nada. Principalmente porque Tegen estava certa. Tinha sido um dos piores. Mas Danny já sabia disso. E, tanto quanto a opinião feminina era que ele veio por ela, o único que importava estava pronta para jogar para baixo Tegen por falar merda. Ela não poderia estar falando com ele, mas com certeza, merda, ainda se importava. Isso era um bom sinal. Agora ele só tinha que levá-la a falar novamente.

— Você não precisa ir ver sua mãe? — Cage rosnou.

A expressão de Tegen virou gelo frio. — Filho da puta — ela cuspiu. — Eu pensei que tivesse te dito que você não deve falar comigo.

Surpreso, Ripper olhou para Cage e porra, o cara parecia meio louco, um pouco confuso, com muita raiva, talvez com um toque homicida e sim, definitivamente havia uma quantidade saudável de batalha de furiosa luxúria por ela.

Que diabos estava acontecendo?

— Pare com suas besteiras — Cage fervilhava, com os punhos cerrados.

Tegen soltou uma alta risada sem humor. — Por quê? O que você vai fazer Cage? — Ela balançou a cabeça, sorrindo. — Nada. Você vai fazer nada, porque você está cheio de merda. Na verdade, você é uma merda. Uma pilha grande e gorda de motociclista de merda.

Ripper e Cox se entreolharam. Droga.

— Vai explodir irmão — Cox sussurrou.

Tensão no ar, talvez. O irmão estava prestes a enfrentar Tegen no estilo homem das cavernas e transar com ela bem na frente de alguém.

— Não, cara— ele sussurrou de volta. — Olhe para ela, é difícil até para aquela vadia. Quem diabos sabia que ele tinha se sentido assim por Tegen todo esse tempo?

Sim, quem sabia? E realmente, quem se importava?

Não ele.

Este clube de merda estava cheio de segredos e foi ficando em linha reta até esgotar.

— Tegen.

Todos se viraram para olhar para Deuce.

— Você vai acabar com essa besteira agora e ir ver sua mãe. Eu não estou pagando um apartamento em Cali para que você possa chegar em casa e agir como uma idiota, cagar em todo mundo só porque te apetece caralho. Você me entendeu?

Tegen bufou. — Sim — disse ela. — Whoop-dee-caralho-doo. Mal posso esperar para ver a minha mãe em coma. Minha maldita idiota, mãe em coma por conseguir levar um tiro, porque era estúpida o suficiente por se apaixonar por um dos seus babacas. Esperemos que vá morrer, sem ter posto para fora a sua miséria, e eu não vou ter que continuar assistindo ela jogar toda a sua vida fora por um homem que não dá duas fodas por ela.

Todo mundo estava de boca aberta olhando para Tegen que, mesmo depois de seu discurso, foi casualmente dando uma mordida de seu sanduíche.

— É isso mesmo, filhos da puta — ela disse com a boca cheia de sanduíche. — Eu disse isso. — Então, girando nos calcanhares, se dirigiu para o corredor.

Deuce começou a andar, mas Cage o interceptou. — Isso é minha culpa — disse, empurrando o pai para trás. — Eu vou lidar com isso.

— Filho da puta — Deuce murmurou, olhando para ele. — Dez dólares que ele fodeu a idiota tagarela. Desgraçado filha da puta do caralho não pode

mantê-lo em suas calças de merda. Boqueteiro iria foder um buraco na parede. Provavelmente já o fez.

— Prez — Cox chamou, rindo. — Você se lembra de sua formatura, ela nunca chegava em casa e fomos procurar por ela. Encontrei-a no banheiro das meninas na escola, as calças em torno de seus tornozelos, rosto no vaso.

Ripper não pode se segurar e começou a rir. Isso tinha sido uma merda engraçada.

— Porra — disse. — Essa merda foi incrível.

— Foi nojento — Danny interrompeu, seus olhos nele. — E embaraçoso. Você sabe que ela tinha três encontros naquela noite, certo? — Ela balançou a cabeça. —Nojento.

— Pra você tudo é nojento — Deuce murmurou, seu olhar acusador bloqueando Ripper.

Ignorando-o, Ripper olhou para Danny, sem saber o que diabos dizer, mas emocionado que tinha falado com ele. Ela segurou seu olhar, seus sentimentos confusos claros como o dia. Ela ainda achava que ele ia embora. Ela não confiava nele. Não só isso, não confiava em si mesma. Sentia que seu amor por ele estava nublando seu julgamento.

Então tentou transmitir o quão determinado estava a fazer as pazes com ela. Que iria esperar até que estivesse pronta. Ele não queria esperar, queria saltar em cima dela, mas iria esperar. Eles poderiam ir tão lento quanto ela precisasse e iria corrigir essa merda entre eles e tentar, maldição, nunca, nunca foder tudo novamente.

Engolindo em seco, ela cobriu a boca com as costas da mão e se afastou dele. Deuce pegou o leve movimento, estreitou os olhos com preocupação, então virou-se para ele e olhou para cima.

— Bom — disse Cox, olhando de Deuce para ele e de volta para Deuce. — Tempo bom para ter uma porra de cavalheirismo em alta.

— Yo — Tap chamou, entrando na sala. — Jase chamado. D acordada.

— Porra — Deuce respirou, passando as mãos pelos cabelos. — Finalmente, uma boa notícia do caralho.

— Sim — disse Tap. — Mas temos problemas.

— O quê?

— Ela não se lembra de porra nenhuma.

— E daí? — Disse Cox. — Quem iria querer lembrar que levou um tiro na cabeça? Eu não.

— Idiota — Tap murmurou. — Ela não se lembra de nada. Qualquer um. Nada. Nem mesmo o nome dela caralho.

— Ela está viva — disse Deuce, já caminhando para o corredor, provavelmente para pegar Tegen. — Vamos nos concentrar nisso.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

— É muito raro que uma lesão grave como esta não resulte em algum tipo de dano permanente. E determinar a extensão dela é algo que pode levar meses ou até mesmo anos.

— Danny — Ivy gritou, saltando na cadeira da sala de espera do meu lado, balançando o meu celular no ar. — Eu bati o nível treze!

— Shh! — eu sussurrei, tentando ouvir o que o médico estava dizendo para Jase.

— A idade também é um fator. — continuou ele. — Indivíduos em sua adolescência e juventude têm uma tendência a se recuperar mais rápido do que uma mulher de trinta anos.

— Ótimo! — Jase rosnou. — Mas que porra é essa sobre a memória dela? Ela ainda não sabe quem diabos eu sou!

Meu pai colocou a mão no ombro de Jase e em seu outro lado, Eva passou o braço pelo dele. Jase estremeceu através de sua próxima respiração, antes de se concentrar de volta ao médico.

— Ela tem muita sorte de estar viva, Sr. Brady. Noventa por cento das pessoas que sofrem ferimentos de bala no cérebro morrem quase que imediatamente. No caso da Sra. Kelley, a bala percorreu todo o caminho através de seu cérebro, mas por sorte não passou pelo tronco cerebral. Neste momento, tanto quanto podemos dizer apenas a sua memória foi afetada, enquanto que a maioria dos sobreviventes deste tipo de lesão não só sofrem perda de memória, mas a dificuldade de leitura e problemas com a coordenação das mãos e dos olhos, algumas terminando em um longo prazo de reabilitação ou cuidados de enfermagem.

Jase já estava agitado com o aparecimento de Tegen no hospital. Ela lançou um olhar para Jase, marchou até a sala das enfermeiras, e muito altamente afirmou que ele não era da família e sob nenhuma circunstância ele estava autorizado a ver sua mãe.

E agora o médico não estava dizendo a ele o que ele queria ouvir, e isso estava piorando seu humor.

Eu tinha que dar crédito à esse médico por enfrentar uma sala cheia de motociclistas emocionalmente carregados e segurar a barra.

— Você mencionou reabilitação mais cedo... — disse Eva, olhando preocupada para Jase. — É algo que poderia ajudar com a memória dela?

O médico concordou. — Mas eu não quero puxar o gatilho da arma. Sua perda de memória pode ser devida ao inchaço da cirurgia. Enquanto ela se recupera, ela pode relembrar o que esqueceu. Nós vamos ter que esperar e ver.

— Esperar e ver? — Jase repetiu, se empurrando para longe do meu pai e de Eva. — Esperar e ver, caralho?

Meu pai passou o braço em volta do peito de Jase e puxou-o para trás. Jase empurrou para longe dele e virou-se. — Foda-se! — ele gritou. — Foda-se!

Suspirando, o meu pai chegou para ele novamente:

— Ja...

— Onde diabos ele está?

Minha cabeça se virou para a direita. O que foi agora?

Os ocupantes da sala de espera ficaram em silêncio enquanto assistiam Hawk rugir pela sala. Ainda vestindo sua jaqueta, coberto de poeira da estrada, sua barba crescida significativamente, ele devia ter estado na estrada por algum tempo. Ele provavelmente tinha ido diretamente para o clube, descobriu sobre Dorothy, e veio direto para o hospital.

No momento em que Hawk cruzou o olhar com Jase, todo o seu corpo ficou tenso. A próxima coisa que eu sabia é que ele estava correndo, fechando rapidamente os vinte metros entre Jase e ele, e todo mundo estava se afastando.

— Chame a segurança! — O médico gritou na direção do posto de enfermagem.

Hawk abaixou a cabeça e mirou em Jase, enviando ambos voando para trás, para dentro do elevador. Ivy gritou, pulou no meu colo, e enterrou o rosto no meu peito. Eu passei meus braços em torno dela e virei meu corpo para longe da luta.

— Seu merda! — Hawk rugiu, enviando o seu punho no rosto de Jase. Seu nariz quebrou com o impacto, um audível estalo retumbante que me fez encolher na cadeira. E ele continuou. Com cada soco que Hawk desferia, o sangue do nariz quebrado de Jase pulverizava tudo em um raio de dez metros.

Dois seguranças vieram correndo pelo canto ao mesmo tempo em que meu pai e Mick estavam tentando erguer Hawk pra fora de Jase, sem muita sorte.

Foram necessários quatro homens para arrastar Hawk e, mesmo assim, todos os quatro estavam lutando para manter um bom domínio sobre ele.

Com uma mão cobrindo o nariz quebrado, e a outra o segurando na parede, Jase lutou para ficar de pé.

— O que tem de errado com você? — Ele gritou, com a voz abafada pela mão.

— O que tem de errado comigo? — Hawk gritou. — Você quase conseguiu que Dorothy morresse. Você quase matou a porra da minha filha! Isso é o que tem de errado comigo caralho!

A mão de Jase caiu para longe de seu rosto. — O que você disse?

— Danny! — disse Eva desesperadamente, agarrando a cintura de Ivy e puxando-a do meu colo. — Deixe-me levá-la.

Agarrando Ivy, Eva se dirigiu rapidamente para as portas da frente, enquanto Hawk conseguia arrancar um braço livre tempo suficiente até acertar o cotovelo em um dos guardas de segurança na face. O homem foi tropeçando para trás e Hawk usou a distração para se libertar. Meu pai se lançou para ele, mas acabou perdendo-o por um simples fio.

Jase se viu preso contra o elevador por sua garganta.

— Faça as contas, idiota.— Hawk assobiou. — Nove porra de meses atrás, onde diabos você estava?

Eu rapidamente contei os meses na minha cabeça e meu queixo caiu. Esse não era o bebê de Jase. Jase e Bucket tinham estado em uma viagem através do México há mais de um mês, se não mais.

— Não — Jase sussurrou. — Não, ela não iria...

— Não? Sim, cara. Ela vem para mim faz anos, chorando por você. E se você ainda está tendo dúvidas, eu sei que você estava usando proteção com ela, e eu, eu não estava nem mesmo tentando me proteger. Eu soltei a minha carga dentro dela cada porra de vez, sabe por quê? Por quê? — Hawk rosnou. — Eu estava tentando derrubá-la. Quer saber por quê? Porque eu estava tentando fazer com que ela ficasse longe de você porra!

A saliva voou da boca de Hawk e parou no rosto de Jase enquanto ele continuava deitado em cima dele. Mas Jase não poderia me importar menos. Aturdido, incapaz de falar, ele só podia olhar sem piscar para Hawk.

— Apenas um maldito dia — Meu pai murmurou, agarrando o meu pulso, assustando-me quando me arrancou cadeira acima. Corri para manter-me enquanto ele me puxava em direção à entrada do hospital.

— Apenas um maldito dia eu gostaria de não ter que lidar com besteiras.

Ele esmurrou a porta e me puxou para fora. Fazendo uma pausa, ele examinou o estacionamento. Encontrou Eva e Ivy sentadas na porta traseira de seu caminhão, ele encaminhou-se para elas.

— Papai! — disse eu, tentando me ver livre de seu aperto.

Ele me ignorou.

— Papai! — Eu gritei. — Pare!

Ele parou tão rápido que eu bati nele.

— O quê? — Ele exigiu.

— Eu te amo — gritei. — Isso é tudo!

Ele piscou. — O quê? Por que você está me dizendo essa merda?

Eu dei-lhe um pequeno sorriso. — Porque é verdade. E mesmo que eu seja uma grande decepção para você, eu pensei que talvez com toda essa porcaria que você está lidando, você precisava ouvir isso.

Os olhos azuis, idênticos aos meus próprios, rodeados por pequenas linhas gravadas finamente na pele bronzeada, olharam de volta para mim.

— Você não é uma decepção. — disse ele em voz baixa. — Eu nunca disse isso.

Dei de ombros com indiferença. — Eu posso ler entre as linhas.

— Jesus, Danny, eu nunca disse isso caralho, o que eu quis dizer foi...

Ele soltou um arrastado suspiro de frustração.

— Não importa o que eu quis dizer. O que está feito está feito caralho, e você é minha filha e merdas acontecem porra e, apesar de toda essa merda, eu

ainda estou orgulhoso de você, querida. Você conheceu o inferno de cabeça e saiu viva. Não são muitos os filhos da puta lá fora que podem dizer isso.

Ele suspirou de novo. — Você quer ser parte do clube, eu não vou te impedir. Você quer ser a garota do Ripper, eu não vou te parar. Você tem vinte e um, uma mulher adulta que tem cometido seus próprios erros já há algum tempo e está se saindo muito bem.

— Você está bem comigo e com Ripper? — Eu sussurrei, chocada. — Quero dizer... Mesmo depois de tudo... O que eu fiz para ZZ?

Ele bufou. — Se estou feliz que você e Ripper foram furtivos pelas minhas costas? Porra nenhuma. Estou gostando do fato de que minha filha foi forçada a matar uma vadia? Não. Estou feliz que até agora você já botou pra correr dois dos meus garotos da alta posição? Não. Se devia ter me dito que estava grávida? Sim, querida, você deveria ter falado caralho. Mas Jesus, Danny, quem sou eu para estar julgando alguém? Eu tenho o meu quinhão de erros também. Eu passei muito tempo querendo uma mulher da qual eu me mantive fugindo, e eu não quero isso para você.

Meu queixo caiu. Quem era esse homem?

— Querida, nós vivemos em uma fossa de merda rodeada de filhos da puta idiotas, mas se você encontrar algo bom e verdadeiro, algo que você possa depositar em você mesma quando todo o resto estiver desmoronando ao seu redor, o que quer que seja, eu estarei bem com isso.

Ele sorriu. Um sorriso verdadeiro, cheio de covinhas.

— Só não diz que eu falei isso pro Ripper. Eu quero que o menino borre as calças cada vez que eu olhar pra ele.

Meus lábios se dividiram em um sorriso que eu não podia conter mais, a menos que eu pudesse parar de respirar.

— Aí está! — disse ele em voz baixa, estendendo a mão e correndo os dedos pela minha bochecha. — A minha menininha Danny.

E assim, eu tive o meu pai de volta.

A vida não pode sempre seguir o caminho que você tinha planejado, você pode não ter a família perfeita, você pode não ser o mais bonito, mas isso não significa que não pode fazer o melhor que você puder.

Meu pai não era perfeito, muito longe disso. Ele cometeu um monte de erros e eu não tinha dúvida de que ele ia cometer muitos mais. Mas ele era meu e eu não o trocaria por nada no mundo.

• • •

No estacionamento do clube, eu me sentei dentro do caminhão muito tempo depois que meu pai, Eva, e Ivy tinham entrado. Estava só pensando.

Sobre mim.

Sobre Ripper.

Sobre tudo.

Eu chorei um pouco. Sorri. Fechei os olhos e apenas apreciei o sol no meu rosto.

Eu sabia quem eu queria.

Eu sabia que ele me queria.

Se eu acreditava que ele iria ficar? Sim, eu acreditava.

E meu pai tinha me dado a sua bênção.

Tudo estava a céu aberto agora.

Sem mais segredos.

Era hora de parar de reviver o passado, era hora de deixar ir minhas memórias dolorosas e fazer novas, melhores.

Com Ripper.

Rindo, eu pressionei a minha mão contra a minha boca.

Eu ia ser a garota do Ripper.

E talvez... Um dia eu seria sua esposa.

Meu estômago de repente ficou cheio de borboletas, eu fechei meus olhos e ri alto.

Erik e Danielle Jacobs.

Danielle Elizabeth Jacobs.

Perfeito.

Mais do que perfeito.

Era lindo.

Eu pulei para fora do caminhão, de repente desesperada para encontrar Ripper. Para começar a minha vida, a nossa vida, neste exato segundo.

— Bem, você é adorável.

Assustada, eu me virei. Uma mulher negra curvilínea e alta estava a poucos metros de mim, com a cabeça inclinada para um lado, sorrindo.

Havia muito poucos afro-americanos que viviam em Miles City, a família de Ellie era uma dessas. Em uma cidade onde todo mundo conhecia todo mundo, eu soube imediatamente que essa mulher não era daqui.

O que podia significar três coisas. Ou ela era uma associada do clube, ou ela conheceu um dos meninos em alguma viagem e estava passando para uma conversa, ou...

Ela se mexeu e sua jaqueta jeans se abriu um pouco, revelando uma arma no coldre de cada lado do seu corpo.

Eu recuei alguns passos e seu sorriso se alargou.

— Segurança reforçada — disse ela. — Não foi fácil entrar aqui.

Ou... Ela estava aqui por menos do que razões honrosas. Sim.

— Hum... O meu pai... — eu gaguejei, meu coração na minha garganta. — Você quer que eu o chame?

— Quem é seu pai, querida? — Ela murmurou, seu tom açucaradamente doce.

— Deuce — eu sussurrei. — Meu pai é Deuce.

Seu sorriso se transformou em um sorriso cruel e meu estômago deu um salto livre.

— Ele está lá dentro? — ela perguntou, apontando para o clube.

— Sim — eu sussurrei, lutando contra a vontade de correr. Esta mulher podia parecer calma, mas havia algo em seus olhos...

Algo que me disse que correr seria uma ideia muito ruim.

— Eu vou precisar de um favor, então. Da filha de Deuce.

Ela olhou por cima da minha cabeça, para o clube. — Você vai na frente e pega o seu pai para mim, você pode fazer isso?

Eu balancei a cabeça.

— Bem, querida — disse ela, sorrindo. — É agora que você vai.

Tremendo, eu me virei para ir, me preparando para fugir...

Quando dor irradiou pela parte de trás do meu crânio e minha visão ficou turva.

Então preta.

E então eu estava caindo... Caindo...

E então, não havia nada mais.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Deuce olhou para as imagens de segurança, sentindo náuseas. Estava acontecendo tudo de novo. Alguém que amava tinha sido tirado de debaixo do seu maldito nariz.

Pela quinta vez consecutiva, viu como Mama Vi sorriu para Danny, então Danny, parecendo assustada, virou-se, e então, a cadela negra puxou a arma e bateu a coronha de sua arma na parte de trás do crânio de sua filha.

Os olhos de Danny se arregalaram...

Seu peito ficou apertado pra caralho.

E ele viu quando sua filha caiu no chão.

Respirando rapidamente pelo nariz, com o coração batendo na garganta, ele apertou seu aperto na barra superior, mais e mais até que a madeira começou a ranger, rachando sob suas mãos.

— Essa cadela vai para o inferno — disse ele em voz baixa, tentando respirar em meio à dor esmagadora no peito.

— Eu vou fodê-la com um taco de beisebol em cada maldito buraco que ela tiver, então eu vou cortá-la em pedaços, começando com os pés, trabalhando no meu caminho para cima, tendo certeza de que ela vai permanecer viva tanto quanto possível.

Ninguém disse uma palavra.

— Eu quero ouvir o grito dela — continuou ele, ainda olhando para a tela do computador, observando como Mama Vi agarrava o braço de Danny e arrastava-a para fora e longe da vista das câmeras.

— Eu quero gravar seu grito enquanto ela estiver sangrando para que eu possa ouvi-lo depois que ela estiver morta.

— Baby — disse Eva suavemente, deslizando o braço em volta de sua cintura. —Nós vamos pegá-la de volta.

Sim, eles iriam. Sua graça salvadora era saber que Danny estava, de fato, viva. Se Mama Vi a quisesse morta, Danny teria sido morta no segundo em que o contato havia sido feito, senão antes. A cadela queria algo e ela escolheu a filha para obtê-lo.

Mas ele não era estúpido. Danny era apenas uma alavanca, um peso morto assim que Mama Vi conseguisse o que queria. E o que ela queria era ele. Ele estava jogando este jogo tempo suficiente para conhecer um V de vingança quando via um. Enquanto Mama Vi estivesse ocupada, era culpa dele que ela tivesse perdido seu irmão e seu negócio. Ele foi até Preacher, ele ia colocar as rodas em movimento.

E ela o queria morto.

E uma vez que ela o tivesse, Danny estaria morta também.

Virou-se para os seus meninos, além de ZZ, cada um deles estava aqui. Até mesmo Jase e Hawk. Eles não estavam falando um com o outro, mas eles estavam aqui. Porque não importava a besteira, um irmão era um irmão e você não abandona seu irmão ou sua família.

— Adeque a boca e dê o fora. Ela tem que estar escondida em algum lugar na cidade. Você recebe o vento de qualquer coisa, um sussurro de algo que não é certo porra, faça um check-in, em seguida, verifique.

Enquanto seus filhos se dispersavam, ele virou-se para o único homem que tinha ficado para trás. O único que parecia tão maníaco quanto ele se sentia.

Afastando-se de Ripper, ele puxou o celular e cigarros de seu bolso. Ele colocou o telefone no balcão em frente a ele e acendeu um cigarro. Inspire. Expire. Inspire. Expire.

Ele chupou essa merda de respiração em tempo recorde e acendeu o cigarro número dois.

Lá pelo número cinco, ele estava pronto para saltar para fora de sua pele.

— Por que diabos ela não ligou?

Deuce não respondeu. Ambos sabiam por que ela não tinha chamado. Ela estava jogando o jogo do medo. Tornando-os loucos com a espera, querendo-os mais focados em obter Danny de volta do que qualquer outra coisa. Então ela iria usá-la contra eles.

E estava funcionando.

Foda-se.

Ele tinha que mantê-lo juntos.

Tinha...

O telefone começou a vibrar.

O nome de Danny piscou na tela.

— Eu tô no jogo — ele rosnou, batendo em resposta.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Meu corpo estava pesado e lento, minha visão ficou turva, minha cabeça latejava e meus ouvidos zuniam, tentei focar no ambiente ao meu redor. Estava escuro e eu não conseguia ver muito, mas eu podia sentir o cheiro de tudo. E onde quer que eu cheirasse, havia urina e fezes e mais alguma coisa que eu não reconheci. Algo que cheirava como um cruzamento entre carne podre e... Uma caixa de areia... E um tipo de cheiro doce. Doce de uma maneira ruim, como uma putrefação, uma doçura doentia.

Quanto mais eu inalava aquele ar, mais enjoada eu me sentia, e logo eu estava amordaçada e depois respirando cada vez mais rápido, tentando não vomitar. Foi quando eu tentei me mexer, tentei rolar em mim mesma, e cobrir o nariz e a boca com a mão.

E descobri que eu não podia.

Meus pulsos estavam amarrados juntos.

Confusa, eu tentei levantar meus braços e, minhas pernas ficaram em seu lugar. Agora entrando em pânico, eu tentei levantar meus braços novamente em

direção a minha cabeça, puxando mais forte desta vez e mais uma vez as minhas pernas puxaram.

Eu estava amarrada.

Por que eu estava amarrada?

— Querida, eu não me moveria muito se fosse você. O último homem que esteve em sua situação ainda está lá. Ou o que resta dele, de qualquer maneira. Alguns animais mortos também.

Eu sacudi em direção a voz familiar, percebendo imediatamente o que tinha acontecido. A mulher no estacionamento, o medo, a dor explodindo em minha cabeça...

E com as minhas memórias, veio a consciência do que me rodeava, e de repente eu podia sentir tudo. A superfície viscosa sob meu rosto, a dor lancinante na parte de trás da minha cabeça, meu cabelo emaranhado, aderindo a meu pescoço e... Oh Meu Deus, o cheiro.

"O último homem que esteve em sua situação ainda está lá. Ou o que resta dele, de qualquer maneira. Alguns animais mortos também."

Oh Meu Deus. Oh Meu Deus, não, não! Oh Meu Deus, o homem ao qual eu estava deitada próxima e aquele cheiro... Oh Meu Deus!

O que era aquilo na minha perna? Era algo rastejando em mim?

Meu estômago se agitou e mais lágrimas queimaram nos meus olhos enquanto eu lutava com o meu corpo, sabendo que se eu vomitasse, eu iria acabar me encontrando na mesma situação, juntamente com tudo o mais, e quem mais estivesse deitado naquele chão.

— Por que você está fazendo isso? — Eu murmurei, a boca seca, minha língua ralando dolorosamente contra o céu da minha boca.

— Não é nada pessoal contra você, querida, você parece ser uma boa menina. Muito bonita também. Mas é o seu pai que eu estou querendo.

— Ele vai te dar o que você quiser! — eu botei pra fora. — Ele tem dinheiro. Ele vai...

— Eu não quero o dinheiro dele, querida, ele é eu o quero. Há quase três anos atrás, seu pai matou o meu irmão mais velho. É hora dele pagar por isso.

— Você vai me matar? — Eu sussurrei, já sabendo a resposta.

— Como eu disse, querida, não é nada pessoal.

Não era nada pessoal? Ela estava falando sério? Ela me bateu e me sequestrou, tudo para que ela pudesse chegar ao meu pai, para matá-lo. Se ela planejava me matar na frente dele ou depois que ela o matasse, eu não sabia. De qualquer maneira, era pessoal. Era muito pessoal, porra.

E se o meu pai fracassasse qualquer que fosse seu plano, porque agora eu sabia que ele já deveria ter um, eu ia morrer. Era isso, eu teria apenas 21 anos.

E tudo em que eu conseguia pensar era que em todos os meus 21 anos de vida, eu só cheguei a passar uma semana disso tudo com Ripper. Momentos secretos aqui e ali, espalhados por todo o nosso verão juntos, e uma solitária semana de solteira.

Como isso era justo?

Ele tinha acabado de voltar para mim.

Tudo estava no lugar.

E agora, eu ia perder tudo.

O primeiro sinal de que algo estava muito errado era o meu ritmo cardíaco. Eu já estava apavorada, o meu pulso acelerado, mas algo mais estava acontecendo. De repente eu estava queimando, suando e tremendo, minha cabeça já doendo começou a martelar, cada vez mais duro. Era como se eu pudesse sentir meu coração batendo em cada membro, batendo cada vez mais rápido.

Eu comecei a girar, a escuridão da sala, a incapacidade de ver o agravamento da náusea revolta. Eu precisava virar o meu corpo, precisava

mover-me, precisava de algo, precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa, isso não podia estar acontecendo, não podia acabar assim, não antes de eu realmente ter uma chance de viver.

Eu não conseguia respirar. Eu não conseguia respirar. Meu peito estava martelando, minhas costelas pareciam rachaduras e meu coração batia forte, explodindo, e eu não conseguia respirar. Eu estava sufocando, pela falta de ar, sufocando pela bile subindo na minha garganta.

Desesperada, tentei me mexer, puxando dolorosamente meus pulsos e tornozelos, as amarras me escoriavam, queimando minha pele, e ainda assim, só piorava, a minha necessidade de fugir, fugir, fugir, a minha necessidade de viver...

Eu tinha que viver.

Eu tinha que vê-lo.

Eu tinha que dizer a ele que eu o amava.

Eu tinha que viver.

• • •

Ripper arrancou para cima no mesmo grupo de condomínios à beira da cidade, onde ele viu Mama Vi pela última vez. Desligando seu motor, ele tirou o pé do estribo lateral e olhou ao redor. O trecho de edifício degradado estava escuro, o gramado ainda coberto, nada tinha mudado desde a última vez que ele esteve aqui. E ele não viu nenhum sinal de Mama Vi ou Danny.

E agora?

Este era o lugar onde a cadela havia dito para Deuce encontrá-la. Então, onde diabos ela estava? Seu plano não iria funcionar se ela tivesse mentido sobre sua localização e, se esse fosse seu plano, iria foder com Deuce, levar Danny, matá-la fora do local e, em seguida, jogar o corpo dela.

Foda-se! Ele iria vomitar.

Aquela cadela louca tinha sua garota. Aquela vadia louca, fodida da cabeça, estava com sua Danny.

E tudo o que ele conseguia pensar era em Frankie, o que Frankie tinha feito para ele, e do que Mama Vi era capaz, de fazer, e provavelmente fez... com Danny.

Mantenha sua merda junta.

Mantenha a porra da sua merda junta.

Com a mão trêmula, tirou o telefone do seu bolso e mandou uma mensagem para Deuce.

Não tenho nada. Indo para dentro. Espere pelo meu sinal.

Ele colocou o telefone de volta e levantou-se de sua moto.

Ele estava no meio do caminho quando a porta da frente do primeiro condomínio se abriu e Mama Vi saiu e sorriu para ele. Toda lábios vermelhos e dentes brancos. Ele queria vomitar.

— Largue os brinquedos.

Olhando para ela, ele tirou suas duas nove milímetros de seus bolsos, sua lâmina de sua bota, e atirou- as para o lado.

— Menino branco, você me acha idiota? Eu disse para largar seus brinquedos. Telefone também.

Merda.

— Não tem nada mais. — disse ele, depois de jogar seu telefone de lado.

— Mmm-hmm. — ela murmurou, obviamente, não acreditando nele. — Não estava esperando você, cara de cicatriz.

— Sim.— ele rosnou. — Mas é a mim que você tem.

— Isso não é nada bom, querido. Você é apenas mais um pedaço de carne que eu vou fatiar até chegar aos ossos.

— Onde está a Danny? — Ele exigiu.

Ela encolheu os ombros. — Por aí. Onde está o Deuce?

Ele cerrou os dentes. Onde estava Deuce? Felizmente, ele tinha dez segundos de distância para rasgar o coração dessa cadela para fora através de seu rabo. Mas com toda a probabilidade ele ainda estava no meio da estrada à espera da mensagem de texto que Ripper não poderia enviar.

— Onde. Está. Danny? — ele repetiu, esticando as orelhas, tentando pegar qualquer ruído que pudesse estar vindo de trás de Mama Vi.

Inclinando a cabeça para um lado, ela lhe deu um sorriso preguiçoso.

— Você está tremendo, querido. Isso é pessoal para você?

Merda. Foda-se. Merda.

Segurando uma obscenamente longa unha vermelha, ela murmurou mmm-hmm para ele, seu dedo balançando para frente e para trás como um maldito pêndulo.

— Eu tenho a sua garota aqui dentro, não é?

Ele estava fodido. Ele fodeu todo o seu plano de ataque em linha reta para a merda em poucos segundos. Ele estava tão malditamente enfurecido, que tinha perdido a única vantagem que tinha. De que ele não era Deuce e que não amava Danny.

Só que ele perdeu. E ele não podia esconder isso. Preocupação, medo angustiante, uma necessidade desesperada para vê-la, tocá-la, merda, saber se ela ainda respirava, isso tudo estava irradiando para fora dele em ondas grossas, palpáveis, sufocantes.

Então, e agora? Era mais do que provável que ele tinha acabado com Danny e matado a ele mesmo.

Então, sim, e agora?

Pensando rápido, ele disse a primeira coisa que lhe veio à mente.

— Deuce não está vindo, ninguém está. — Ele disse à ela. — Ele não arriscaria o clube por esta merda.

MamaVi perdeu o sorriso. — Você está mentindo.

Abrindo os braços, ele sacudiu a cabeça. — Eu queria estar. Ele não queria nem que eu viesse. Mas você está certa, é a minha garota que você tem e é por isso que estou aqui.

Aconteceu rápido, muito rápido. Ela se afastou, desaparecendo dentro do condomínio escuro, deixando-o momentaneamente assustado. Levou segundos preciosos para o seu cérebro calcular o que havia acontecido e então ele estava se lançando para suas armas e telefone.

Mas ele não foi rápido o suficiente, e Mama Vi apareceu empurrando Danny através da porta, assim que ele foi se endireitando.

— Deixe-as cair — ela cuspiu.

Ele deixou-as cair.

Esta era a segunda vez que ele estava testemunhando uma arma sendo apontada para Danny.

E duas vezes era demais.

Ripper escaneou Danny rapidamente, procurando por ferimentos. Ela estava uma bagunça. Coberta de sujeira da cabeça aos pés, tremendo e chorando.

Ele se concentrou em seus pulsos amarrados e a longa extensão de corda recém-cortada que Mama Vi estava segurando em suas mãos. Ela amarrou Danny. Ela tinha amarrado Danny como a porra de um maldito porco e agora a cadela estava segurando sua mulher na coleira, como se fosse um cão de merda.

Ser amarrada como um animal, ser humilhada, ver Danny assim, saber como ela se sentia, saber que ela estava com medo, estava matando-o. Demorou até a última gota de força de vontade que ele tinha para não atacar Mama Vi.

Se ele não conseguisse matá-la nesta vida, ele iria encontrá-la na seguinte. E ela sofreria.

— Eu perdi tudo! — Mama Vi vaiou, empurrando Danny para a frente. — Minha equipe, meu irmão, tudo... E se eu não conseguir chegar a Deuce, o mínimo que posso fazer é cumprir minha promessa a você.

— Cadela — ele rosnou. —Você já cumpriu.

Ela riu. — Você acha?

Ripper foi rapidamente perdendo a esperança de que Danny fosse sair dessa viva. O plano A falhou, o Plano B não funcionou, e agora tudo o que restava era a esperança de que seus irmãos estivessem ali, em algum lugar, esperando para atacar.

Caso contrário, os dois estavam fodidos.

— Você a quer? — Perguntou Mama Vi, acariciando o cano de sua arma para cima e para baixo no rosto de Danny.

Ele a queria. Ele queria Danny em mais maneiras do que esta cadela jamais saberia, nunca seria capaz de entender.

— Sim — ele disse, sua voz embargada.

Sorrindo, ela apontou para o gramado, cheio de ervas daninhas lamacentas embaixo dele. — Implore.

Implorar.

Ele não sabia nada sobre como implorar. O que ele diria? Por favor? Foda-se isso. Danny merecia mais do que apelos vazios.

Especialmente se essa fosse a última vez em que ele estaria com ela.

Ele caiu de joelhos.

— Eu te amo — ele murmurou, seus olhos em Danny. — Você quer que eu implore, eu vou implorar, caralho. Eu vou fazer o que eu tiver que fazer, se isso significa que ela vai continuar respirando.

Danny se engasgou com soluços e uma nova onda de lágrimas a invadiu.

— Deixe-a ir — suplicou ele. — Você é difícil até para o sangue, se você quer alguém para culpar, culpe a mim. Eu não vou fugir.

Ele olhou fixamente para Danny. — Eu não vou fugir — ele repetiu.

A respiração de Danny saiu em estremecidos jorros. — Não...— ela gemeu sem fôlego. — Ripper... Não...

— Isso não é doce? — Mama Vi zombou. — Estou sentindo algumas vibrações reais de Romeu e Julieta.

Ripper captou o pequeno movimento, o deslizamento do polegar de Mama Vi ao longo do gatilho de sua arma com precisão assassina. Nem mesmo Danny, cuja orelha estava não mais do que alguns centímetros da arma, ouviu o clique silencioso, que apenas um coveiro letalmente hábil poderia manejar.

Ele viu, ele sabia o que estava prestes a acontecer, sabia que não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

No meio de seu terror, houve uma súbita sensação de paz. Danny ia morrer, sim, mas não havia qualquer lugar no inferno ou na terra em que ele viveria um dia sem ela. Ou Mama Vi ia matá-lo depois ou ele faria isso sozinho.

E, mesmo sabendo que tudo estava acabado, sabendo que estava acabado aqui, mas também sabendo que iria seguir Danny em qualquer lugar, que, mesmo na morte, ele sabia que eles nunca realmente estariam separados, ele encontrou sua paz.

O que eles tinham era uma verdadeira eternidade, do tipo de contos de fadas idiota.

Então, ele olhou para Danny, sustentou seu olhar, certificando-se que ela sabia tudo, tudo o que sentia, tentando dizer a ela que nada disso, nem uma porra de segundo tinha sido um erro. Que ele faria tudo de novo, tudo isso, mesmo ter ido até Frankie se isso significava que ele iria acabar no seu baile de formatura, e ela iria acabar em sua cama, e a vida dos dois mudaria para sempre.

Ele mudou para sempre. Um homem melhor.

Ela tinha feito isso.

— Eu amo você, menina bonita.

O queixo dela tremeu.

— Eu também te amo.

Lá estava.

Tudo o que importava.

Danny.

Ele.

E a paz.

Ele estava tão consumido por ela, pronto para morrer ao seu lado, que ele nunca os viu chegando.

O que, no final, funcionou muito bem. Porque ele estava tão focado em Danny e Mama Vi estava tão voltada para ele, que ela nunca os viu chegando também.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Com sua bota pressionada firmemente nas pequenas costas de Mama Vi, Deuce assistiu quando Ripper saiu pelo gramado, sua filha se jogou nos braços do homem, com os braços em volta do seu pescoço.

Tap entrou na frente dele. — Se afaste um minuto, Prez. — disse ele, olhando para Mama Vi, sua boca curvando-se lentamente em um sorriso. — Deixe-me ter o primeiro.

— Foda-se — Deuce murmurou. — Esta cadela precisa ter a merda fora dela.

— Sim — disse Tap, seus olhos nunca deixando Mama Vi. — Mas primeiro eu vou mostrar-lhe o que diabos acontece quando alguma vadia do caralho acha que pode mexer com o meu clube.

Deuce sabia o que estava prestes a acontecer. E, normalmente, ele iria colocar um fim nisso. Seus meninos sempre quiseram um pouco mais, sangue ou simplesmente loucura, toda a adrenalina que necessitavam de uma tomada, mas tinha a certeza de que sempre voltavam para o clube ou um bar para isso. Mas quando esta cadela apareceu, ele não teve um pingo de dúvida sobre o que

aconteceria com ela, desde que ela tivesse um caminho longo e doloroso até a morte. Então, desta vez, ele iria deixá-los jogar.

— Você só quer fodê-la — disse Cox, acendendo um cigarro. — Não minta.

Tap encolheu os ombros. — Isso também.

— Eu estou dentro — disse Dirty, aparecendo ao lado da torneira. Ele se ajoelhou ao lado de Mama Vi e pegou um punhado de seus cabelos, puxando sua cabeça para cima. —Não deixe que a falta de bigode engane você, bebê — disse ele, sorrindo. —Eu estou sempre procurando por um gang bang.

— Não há nada que você possa fazer para mim— ela sussurrou — que já não tenha sido feito.

O sorriso de Dirty cresceu mais amplo. — Jura? Ouviu isso, Tap? Acho que nós vamos ter que ser criativos.

— Irmão, eu sou todo criatividade.

— Tenham ela— disse Deuce. Agarrando suas mãos atadas, ele puxou-a para seus pés e empurrou-a para frente para os braços de Dirty — Mas sou eu quem vai colocá-la na cova.

Dirty não perdeu tempo rasgando a camisa de Mama Vi. Então estava puxando sua calça jeans para baixo, e atrás dela Tap estava desabotoando sua calça.

— Vá em frente e grite, cadela — Tap rosnou, agarrando-lhe o pescoço, apertando com força e forçando-a a se curvar.

Deuce virou e Mick estava ao lado dele.

— Prez?

— Sim?

— Você está bem?

Não. Mas essa merda vem com o território. Esta vida não é para os fracos.

— Sim.

Se juntando a eles, Cox passou um braço sobre os ombros de cada um. — Ele está bem — Cox demorou. — Só puto porque o Ripper vai estar chamando ele de pai em breve.

Deuce uma cotovelada no intestino de Cox. — Vai se foder.

— Todos nós vamos ter que passar por isso, Prez.— Mick disse rindo. — Minhas meninas estão crescidas, e uma delas já é casada. É parte de ficar velho.

— Nenhuma das suas meninas está apaixonada pelo Ripper.

Mick deu um arrepio falso. — Você é um homem melhor do que eu — brincou.

— Nós ainda podemos chutar a bunda dele. — Cox sugeriu. — Eu estou sempre pronto para chutar o traseiro do Ripper.

Deuce bufou. — Ele tem muito disso agora, é melhor deixá-lo ter um tempo com Danny antes de começar a quebrar sua bunda de merda.

Cox inclinou os olhos para ele e sorriu.

— Você está me fazendo perder Kami — disse ele com um suspiro dramático.

— Cale a boca! — Mick rosnou. — Você é um babaca.

— Ah, é? — Cox ameaçou. — E se eu levar a sua senhora para uma porra de cavalgada? Você está bem com isso, meu velho?

Mick avançou e Cox saiu correndo.

— Quem é o babaca agora, babaca? — Cox riu sobre seu ombro. — Acho que é você, vadia!

— Você não me chamou de vadia! — Mick rugiu, perseguindo-o.

— Vadia! Porra, eu chamei sim! Vadia!

Deuce enfiou a mão no bolso e tirou seus cigarros. Balançando um fora, ele acendeu e deu uma bela, longa e relaxante tragada.

Então ele pegou seu telefone.

— Baby? — Eva respondeu ao primeiro toque. — Será que você a encontrou?

— Está tudo bem, temos ela e ela está bem.

— Oh, Deus! — ela respirou. — Graças a Deus.

— Eva... — disse ele com a voz rouca. — Eu tenho que te dizer uma coisa.

— Hmm?

— Seu velho, querida, o que ele disse para mim, ele estava certíssimo. Esses babacas acenderiam fogo em si mesmos, se eu não estivesse aqui para despejar um balde de água sobre eles.

Eva começou a rir e ele sentiu o peito soltar e o seu corpo quente.

— Merda, querida...

— O quê?

— Nada — Ele suspirou. — Só... Que...

Por um momento, nenhum dos dois falou, e ele se viu segurando a respiração apenas para que ele pudesse ouvir a dela.

— Eu também te amo — ela sussurrou.

— Babe — disse ele em voz baixa. — Sim.

EPÍLOGO

Na minha varanda, equilibrando dois sacos de compras, minha bolsa, minha extraordinariamente grande barriga e minhas chaves, eu tentei bravamente encontrar o caminho da chave que me deixaria entrar, permitindo-me colocar esses sacos insanamente pesados, colocar meu pijama, e ir direto para a cama. Olhei para os sacos. O que era tão pesado assim, mesmo? Pão? Leite?

Tanto faz. Tudo era pesado ultimamente e eu estava sempre cansada.

Como a maioria das mulheres que está no nono mês de gravidez.

Embora, eu tivesse um pouco de sorte. Em vez de ganhar dezenas de quilos de peso ao longo dos últimos nove meses, tudo o que eu tinha ganhado era uma barriga gigante, enquanto a maioria do meu corpo permaneceu basicamente o mesmo.

A gravidez tinha sido planejada. Depois do meu sequestro, Ripper se recusou a assumir a nossa relação a qualquer outra velocidade diferente de relâmpago.

Nós nos casamos em um mês, uma cerimônia ridiculamente pequena no tribunal da cidade, e naquela noite ele começou a tentar me engravidar. Casada aos vinte e um anos e grávida aos vinte e dois. Era oficial. Eu era uma menina de cidade pequena estereotipada.

Mas eu era a senhora Ripper.

E eu amava cada segundo disso.

— Merda!

Mudando os sacos em meus braços, eu tentei ver onde minhas chaves caíram, mas tudo que eu podia ver era a minha barriga.

Chorando de frustração, eu me virei, pronta para vomitar tudo em meus braços para fora da varanda, e correr direto para a grande parede sólida que era Ripper.

— Woa! — disse ele, rindo enquanto pegava os sacos de mim e colocava no chão da varanda. Pegando as chaves, ele se levantou e entregou-as para mim.

Soprando um suspiro frustrado, eu olhei para ele. — Por que a porta está trancada? Onde você estava?

— Está frio, bebê. — disse ele, estendendo a mão para escovar uma mecha de cabelo suado da minha testa. — Eu estava fora, no galpão.

— Fazendo o quê? — Eu exigi, embora eu já soubesse. Ele estava coberto de suor, grama, e lascas de madeira.

— O de sempre — disse ele calmamente. — Fodendo putas e matando os filhotes.

Revirando os olhos, eu me afastei dele, e desta vez com sucesso para destravar a porta. Ripper pegou os mantimentos e me seguiu para dentro.

Jogando minha bolsa na mesa da cozinha, eu me deixei cair na cadeira mais próxima e gemi.

— Eu me machuquei — eu reclamei dramaticamente. — Em todos os lugares. E eu estou morrendo de sede.

Ripper sorriu. — Eu cuido disso, baby.

Depois de colocar os sacos no balcão, ele se dirigiu para a pia, sem camisa, suado e sujo, e eu não pude deixar de sorrir. Ele tinha mudado tanto que às vezes eu nem sequer o reconhecia. No começo pensei que ele estava exagerando, porque ele estava com medo do meu pai, mas quanto mais o tempo passava, percebi que, não, não tinha nada a ver com meu pai em nada. Ele tinha mudado.

E eu o amava muito mais por isso.

— Você parou pelo clube? — ele perguntou, colocando um copo de água gelada na minha frente, então dobrando seu grande corpo na cadeira ao meu lado.

Agarrando o vidro, eu bebi quanta água eu pude, faltava ar, quando eu acabei.

— Sim. — eu respirei.

— Você viu Jase?

Eu balancei a cabeça. Todo mundo estava preocupado com Jase. Quase um ano se passou desde que Dorothy tinha sido baleada e sua memória ainda não havia retornado. As crianças de Jase tinham voltado para casa, Chrissy tinha sido julgada e condenada por tentativa de assassinato em primeiro grau e condenado à prisão perpétua com possibilidade de liberdade condicional, o que significava que ela poderia acabar servindo apenas dez anos de uma sentença de prisão perpétua. Eu não sabia como eu me sentia sobre isso. Por mais que eu gostasse de Chrissy, ela tentou matar Dorothy.

Quanto ao relacionamento de Dorothy com Jase, era inexistente. Ela não veio mais ao clube e se recusava a ver qualquer outra pessoa além de Eva, Kami, ou eu. Todo o mês Tegen voltava para casa para visitar ela e seu irmão, um rapaz pequeno e adorável, Dorothy tinha dado o nome de seu próprio pai, Christopher Michael Kelley.

E Hawk ...

Ele havia tomado o lugar de Ripper. Ainda nômade, ele tinha voltado à estrada e iria retornar periodicamente, mas nunca ficava mais do que alguns dias de cada vez. Eu sabia que ele via seu filho de vez em quando, mas apenas como Jase, Dorothy não queria nada com ele.

E ZZ... Ele nunca mais voltou. Tive a sensação de que meu pai tinha falado com ele algumas vezes, poderia mesmo saber onde ele estava, mas eu não perguntei. ZZ tinha ido por minha causa e eu sabia que não tinha direito a qualquer informação sobre ele ou o seu paradeiro. Mas onde quer que estivesse, eu esperava que ele estivesse feliz.

Ele merecia ser feliz.

— Ele está... bem. — eu disse. — Ele estava bêbado, como de costume.

Ripper fez uma careta. — Vai beber até morrer.

— Você não fez isso — eu disse suavemente.

Ele olhou nos meus olhos. — Não. — ele disse, em voz baixa. — Eu não.

— Eu te odeio! — murmurei, sorrindo para ele. — Você me fez ficar gorda.

Ele bufou. — Dificilmente. Não sei como você conseguiu, mas eu acho que meu bebê tem feito sua bunda mais quente, porra. E por falar em bunda...

Levantando-se, Ripper inclinou-se sobre mim e colocou um braço em torno de minhas costas e debaixo da minha axila. A outra ele deslizou sob os joelhos e, em seguida, ele estava me levantando.

— Eu não quero! — eu gemia, enrolando meus braços ao redor do pescoço dele. — Eu estou muito cansada.

— Não, você não está. — ele rosnou, mordiscando meu pescoço. — Quantas vezes tenho que te dizer, você não tem que tomar essa decisão?

— Oooh — eu provoquei. — Porque você é o grande homem motociclista malvado que toma todas as decisões.

— Com certeza.

Ele me colocou suavemente na cama e começou a tirar as minhas calças de yoga sobre meus quadris e pelas minhas pernas.

— Sem calcinha??? — ele murmurou. — Por que diabos você não está vestindo roupa de baixo?

— Hum, Olá. — eu disse. — As pessoas já estão olhando para o bebê gigante que cresce dentro de mim. Eu não preciso do embaraço adicional de linhas de roupas íntimas também.

Ripper piscou. — Você está falando sério, caralho? Você está preocupada com linhas de roupa de baixo?

Eu não respondi e ele começou a rir.

— Foda-se, bebê! — disse ele, tirando seu jeans. —Você é malditamente louca.

Eu tentei pensar em alguma coisa para dizer, um retorno espirituoso, mas ele moveu-se rapidamente para a cama e agora estava entre as minhas pernas e empurrando para dentro de mim.

Limpar o pensamento não era mais uma opção.

— Peitos! — ele gemeu, agarrando a barra da minha blusa rosa brilhante. — Eu quero ver seus peitos, bebê.

— Não! — eu respirei, empurrando a mão dele. — Não olhe para a minha barriga.

Ele parou de se mover. — Por que diabos não?

— As estrias — eu disse, franzindo o nariz.

Ele olhou para mim. — As estrias... — repetiu ele. — Esta merda de novo?

— Eu as odeio — eu sussurrei, sentindo-me envergonhada. — Elas são feias.

— Uh-uh. — disse ele, batendo em minhas mãos. Demorou alguns minutos, mas eventualmente ele manobrou minha blusa e sutiã. Imediatamente cruzando os braços sobre o peito, olhei para longe dele. Talvez tenha sido ridículo, mas as várias marcas vermelhas irregulares que tinham aparecido no meu estômago eram feias para mim. E eu não queria que Ripper me encontrasse desprevinida de qualquer maneira.

Agarrando meu queixo, ele me obrigou a olhar para ele.

— Todas as cicatrizes contam uma história, menina bonita. — disse ele, me liberando para traçar as marcas no meu estômago. — E as suas estão me dizendo o quão saudável e perfeito para caralho o meu filho vai ser.

Uma lágrima escorreu pelo canto do meu olho. — Cale a boca! — eu sussurrei.

— E a minha... — disse ele em voz baixa, agarrando minha mão, arrastando minha mão em seu rosto e, em seguida, seu peito. — Conta a história de como eu te encontrei.

Mais lágrimas. Ele nunca iria parar de deixar de me surpreender.

— Eu te amo! — eu sussurrei.

— Sim, querida. — ele respirou, puxando para fora de mim, em seguida, empurrando para dentro novamente. — Eu também te amo.

Ele começou a se mover mais rápido e eu fechei os olhos, esquecendo-me das estrias, esquecendo-me de tudo, e simplesmente deixando as sensações ditarem as regras.

Eu podia sentir tudo... O cabelo espinhoso nas pernas ásperas contra a minha pele lisa... Os músculos de suas costas tensos, se juntando, e liberando a cada estocada de seus quadris... Seu hálito quente em meus seios, amortecendo a minha pele... A carne cicatrizada do peito se esfregando sobre o meu estômago inchado, aumentando a minha sensibilidade.

— Ah, baby porra! — ele murmurou. — Isso é tão bom.

— Ripper — Eu choraminguei.

Ele bateu em mim e meus olhos reviraram.

— Eu te amo! — eu respirei, agarrando os lençóis. — Eu te amo...

E eu o senti dentro, duro e cheio em mim, acariciando, se movimentando, me enchendo, enquanto seus quadris continuamente encontravam os meus, batimentos cardíacos, depois de batimentos cardíacos, depois de batimentos cardíacos.



Aviso Um



Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidades de redes sociais, principamnete facebook.

Quer baixar os livros do PL ? Entre no grupo de pate-papo, entre no forum ou blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL, ou envie por email a quem pedir

Postagens de livros no fascebook pode acarretar problemas ao PL !

Ajude-nos a preservar o grupo !

Aviso Dois

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão!

Se quiser conversar com ela informe que leu os arquivos no idioma original, mas por favor, evite tocar no nome do PL para autoras e editoras!

Ajude-nos a preservar o seu grupo de romance!

A equipe PL agradace!

Aviso Três

Cuidado com Comunidades/Foruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamentes!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a digulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta(o)